



25 anos do Curso de Letras Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília

Organizadores

Fausto Pinheiro Pereira
Kaoru Tanaka de Lira
Kimiko Uchigasaki Pinheiro
Kyoko Sekino
Marcus Tanaka de Lira
Yūki Mukai
Yuko Takano

Organizadores

Fausto Pinheiro Pereira
Kaoru Tanaka de Lira
Kimiko Uchigasaki Pinheiro
Kyoko Sekino
Marcus Tanaka de Lira
Yūki Mukai
Yuko Takano

**25 anos do Curso de Letras
Língua e Literatura Japonesa
da Universidade de Brasília**

Araraquara
Letraria
2025

Universidade de Brasília – UnB

Reitora: Rozana Reigota Naves

Vice-reitor: Márcio Muniz de Farias

Instituto de Letras – IL

Diretora: Gladys Plens de Quevedo Pereira de Camargo

Vice-diretora: Flávia de Oliveira Maia Pires

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET

Chefe: Cesário Alvim Pereira Filho

Vice-chefe: Marcus Tanaka de Lira

Curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília

Coordenadora: Kyoko Sekino

Vice-coordenadora: Kimiko Uchigasaki Pinheiro

Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

25 anos do Curso de Letras [livro eletrônico]: Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília / organização Fausto Pinheiro Pereira...[et al.]; ilustração [capa] Tsuruko Uchigasaki. - Araraquara, SP: Letraria, 2025
PDF.

Vários autores.

Outros organizadores: Kaoru Tanaka de Lira, Kimiko Uchigasaki Pinheiro, Kyoko Sekino, Marcus Tanaka de Lira, Yūki Mukai, Yuko Takano.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5434-117-2

1. Ensino superior 2. Intercâmbio educacional 3. Japonês - Estudo e ensino 4. Literatura japonesa - História e crítica 5. Universidade de Brasília (UnB) I. Pereira, Fausto Pinheiro. II. Lira, Kaoru Tanaka de. III. Pinheiro, Kimiko Uchigasaki. IV. Sekino, Kyoko. V. Lira, Marcus Tanaka de. VI. Mukai, Yūki. VII. Takano, Yuko. VIII. Uchigasaki, Tsuruko.

25-254704

CDD-495.607

Índices para catálogo sistemático:

1. Japonês : Estudo e ensino 495.607

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Sobre a capa

Artista plástica: Tsuruko Uchigasaki, artsuru.blogspot.com



A área de Japonês da UnB dedica este livro à querida Alice sensei.

Conselho editorial

Paula da Costa Caffaro (UFRJ)

Roberto Pinheiro Machado (UFRGS)

Sumário

- 11 Prefácio
- 12 Prefácio (tradução)
- 14 Introdução

CAPÍTULO 1

- 18 Os 25+18 anos de História da Língua Japonesa na UnB
 Kaoru Tanaka de Lira (UnB)
 Marcus Tanaka de Lira (UnB)

CAPÍTULO 2

- 33 Trajetória histórica das atividades extensionistas do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura
 Fausto Pinheiro Pereira (UnB)
 Yuko Takano (UnB)

CAPÍTULO 3

- 58 UnB Idiomas – Curso de Japonês no Programa Permanente de Extensão
 Kimiko Uchigasaki Pinheiro (UnB)

CAPÍTULO 4

- 74 O programa Idiomas sem Fronteiras – Japonês na Universidade de Brasília (2015 – 2019)
 Kyoko Sekino (UnB)

CAPÍTULO 5

- 91 O histórico e a contribuição do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na formação acadêmica e profissional em Letras-Japonês na Universidade de Brasília
 Yûki Mukai

CAPÍTULO 6

- 102 História dos Convênios na Curso de Língua Japonesa e Respectiva Literatura
 Yûki Mukai (UnB)
 Marcus Tanaka de Lira (UnB)

CAPÍTULO 7

- 115 A presença da Língua Japonesa nos Centros Interescolares de Línguas do Distrito Federal: relatos de sua história
Yuko Takano (Universidade de Brasília)
Daniel dos Santos Machado (CIL Sobradinho)
Dennis Henrique Alves (CIL São Sebastião)
Edson Teixeira do Nascimento (CIL Ceilândia)
Érica Cristina Macedo da Silva (CIL Recanto)
Fábio Justino Ornelas (CIL Taguatinga)
Geanne Alves de Abreu Morato (CIL Sobradinho)
João Paulo Santos (CIL Paranoá)
Pedro Martins Lopes (CIL Guará)
Priscila de Freitas Montagnane (CIL Brazlândia)
Veryanne Couto Teles (CIL Gama)

CAPÍTULO 8

- 151 O percurso do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura: a contribuição dos egressos do Centro Interescolar de Línguas SEE/DF na formação dos alunos
Yuko Takano (UnB)

CAPÍTULO 9

- 169 História e Organização do Laboratório de Recursos Megumi Kuyama
Ana Paula Villar Wang (UnB)
Kaoru Tanaka de Lira (UnB)
Marcus Tanaka de Lira (UnB)

TRANSLATED CHAPTERS

CHAPTER 10

- 186 The 25+18 Year History of Japanese Language at UnB
Kaoru Tanaka de Lira (UnB)
Marcus Tanaka de Lira (UnB)

CHAPTER 11

- 201 History of Agreements in the Japanese Language and Respective Literature Course
Yûki Mukai (UnB)
Marcus Tanaka de Lira (UnB)

ARTIGOS COM OS ESTUDANTES

CAPÍTULO 12

- 214 *A polícia da memória*: uma alegoria aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial
Nátalia Cardozo (UnB)
Kimiko Uchigasaki Pinheiro (UnB)

CAPÍTULO 13

- 232 Língua Japonesa de Sinais: uma visão geral
Gustavo Henrique Torres de Goes (UnB)
Victória da Silva Sousa (UnB)
Yuko Takano (UnB)
Fausto Pinheiro Pereira (UnB)

CAPÍTULO 14

- 246 Análise da beleza da personagem Yôkihi (Yang Guifei) 楊貴妃 no filme de Kenji Mizoguchi
Raphael Morbeck Esteves (UnB)
Kimiko Uchigasaki Pinheiro (UnB)

CAPÍTULO 15

- 263 *Marugoto*: uma análise quantitativa de suas imagens e análise dos recursos visuais do livro didático de japonês, *Marugoto*
Bruno Barbosa Malzoni (UnB)
André Nogueira de Alcântara (UnB)
Kyoko Sekino (UnB)

CAPÍTULO 16

- 286 Uma proposta de análise do artigo da paz da constituição japonesa
Ianne de Angel Jesus Torres (UnB)
Kimiko Uchigasaki Pinheiro (UnB)

CAPÍTULO 17

- 296 Reconstruindo o Japonês: reconstrução da fonética do japonês antigo através de comparações entre a língua japonesa e a coreana
Anna Benedicta Gomes de Sousa (UnB)
Marcus Tanaka de Lira (UnB)

CAPÍTULO 18

- 308 Adaptação Lexical: um estudo sobre a incorporação de palavras japonesas na língua portuguesa
Manuela Peres Rios (UnB)
Marcus Tanaka de Lira (UnB)

- 322 **SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)**

Prefácio

日本語・日本文学科創設25周年記念書籍への寄稿序文（案）

（ポイント） ・ 文章全体の長さ ・ 分かりにくい単語や表現の有無 ・ 翻訳→校閲の主体

この度は、ブラジリア大学日本語・日本文学科の創設25周年、おめでとうございます。同学科と繋がりのある機関として、序文寄稿のご依頼をいただき、大変光栄に存じます。

1997年に創設されたブラジリア大学日本語・日本文学科は、ブラジルにおける日本語教育と日本研究の重要な役割を担ってきており、開講から今年こうして25周年を迎えられましたことを大変嬉しく思います。これも、担当の先生方および関係者の皆様の継続的なご尽力の賜物です。

国際交流基金は1975年にサンパウロに事務所を開設し、ブラジルでの活動をはじめました。したがって、来年の2025年で50周年となります。我々は日本とブラジル両国の文化交流を使命としておりますが、両国の交流において、ブラジルの各大学での日本語や日本研究の専攻はとても大切です。

ブラジリア大学と国際交流基金は、長年にわたり協力してまいりました。特に日本語教育と日本研究の分野で顕著な実績があります。振り返りますと、日本語・日本文学科創設以前の時期（1970年代）から支援を始め、初期は教材の寄贈、講師謝金の助成を行いました。その後、講演やシンポジウムといったイベントへの助成や共催の実績が増えました。訪日プログラムでは、日本研究のフェローシップに加えて、日本語教師向けの日本語教授法の研修、日本語学習者向けの日本語研修に参加する人も多くなりました。

この他にも多くの実績があり、数え上げると切りがありません。ここ数年では、「国境なき言語」プロジェクトの支援も行っています。これらの協力を通じて、日本語教育と日本研究の分野におけるブラジリア大学のプレゼンスが強固になるのを見守って来ました。この事実は、年を追うごとに、ますます明確になって来ています。

現在、コロナ禍を乗り越え、ブラジリア大学を含めた多くの教育機関が対面での授業を増やしています。この状況の中で、ブラジリア大学の日本語・日本文学科が益々発展していくことを願います。

国際交流基金サンパウロ日本文化センターは、これからも、ブラジリア大学と協力して、日本語教育や日本研究の分野を含め、日本とブラジルの文化交流事業を実施してまいります。今後も共に頑張りましょう。

Prefácio (tradução)

Parabenizamos o curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília (UnB) por seu 25º aniversário. Sendo uma instituição que possui vínculos com o curso, a Fundação Japão tem a honra de ser convidada a contribuir com este prefácio.

Fundado em 1997, o curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília tem desempenhado um papel importante no ensino da língua japonesa e nos estudos japoneses no Brasil. É com imensa alegria que recebemos a informação de que neste ano (2023), comemora-se o 25º aniversário deste curso. Acreditamos que isso foi possível devido ao esforço dos professores e colaboradores.

A Fundação Japão iniciou as suas atividades no Brasil em 1975, com a abertura de um escritório em São Paulo. Portanto, em 2025, comemoraremos o nosso 50º aniversário. A nossa missão é promover o intercâmbio cultural entre o Japão e o Brasil, e para isso, os cursos de graduação em língua japonesa e estudos japoneses nas universidades brasileiras são muito importantes.

A Universidade de Brasília e a Fundação Japão têm se cooperado mutuamente por muitos anos. Em particular, obtivemos realizações notáveis nos campos do ensino da língua japonesa e dos estudos japoneses. Fazendo uma retrospectiva, relembramos o início de nosso apoio à Universidade de Brasília, na década de 1970, antes do estabelecimento do curso de Língua e Literatura Japonesa. Nos primeiros anos, doamos materiais didáticos e subsidiávamos os honorários dos professores. Posteriormente, houve um aumento de ofertas de bolsas e copatrocínios para eventos. Com o aumento de ofertas de bolsas para estudos japoneses (*fellowship*), capacitação em métodos de ensino de japonês para professores de língua japonesa e capacitação em língua japonesa para alunos de língua japonesa, muitas pessoas participaram de nossos programas no Japão.

Houve inúmeras realizações conjuntas que não conseguiremos mencionar neste espaço. Nos últimos anos, também apoiamos o projeto “Idiomas sem Fronteiras”. Por meio dessas atividades, vimos observando cada vez mais a presença desta instituição na área do ensino da língua japonesa e dos estudos japoneses. E a cada ano que passa, esta presença se torna mais concreta.

Hoje, depois de superar as dificuldades causadas pela pandemia da COVID-19, muitas instituições, incluindo a Universidade de Brasília, estão voltando à modalidade de cursos presenciais. Nesse contexto, esperamos que o curso de Língua e Literatura Japonesa desta instituição continue sempre se aprimorando.

A Fundação Japão em São Paulo continuará realizando atividades junto a esta universidade para implementar projetos de intercâmbio cultural entre o Japão e o Brasil, inclusive nas áreas de ensino da língua japonesa e estudos japoneses. Vamos seguir trabalhando juntos.

国際交流基金サンパウロ日本文化センター 所長

田村 大吾

Daigo Tamura | Diretor Geral da Fundação Japão em São Paulo

Introdução

O curso de graduação em Letras – Língua e Literatura Japonesas da Universidade de Brasília celebrou seus 25 anos em 2023. É uma conquista significativa, que reflete nosso compromisso com a formação de professores do ensino de língua japonesa. Com o objetivo de promover uma expansão qualitativa e quantitativa nessa área, apresentamos este livro.

No passado, a equipe dos docentes organizou outros livros que aproveitaram momentos de reflexão sobre o que foi realizado, conquistado, superado, mantido ao longo dos anos. Nesses livros, foram registradas e publicadas as memórias de cada docente e discente, não apenas como um documento histórico, mas também de reconhecimento e divulgação do curso. Destarte, oferecemos este livro ao público geral que tem interesse em conhecer a história dos 25 anos do curso.

Apresentamos aqui um breve conteúdo do livro. Ele está organizado em duas partes principais: na primeira, são apresentados registros históricos, realizações e atualizações do curso e na segunda, uma coletânea de artigos adaptados a partir das monografias dos discentes que defenderam recentemente seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Após esta Introdução, o capítulo 1, *Os 25+18 Anos de História da Área de Japonês na UnB*, escrito pelos professores Kaoru Tanaka de Lira e Marcus Vinícius Tanaka de Lira, apresenta a trajetória completa do curso. Este capítulo não aborda apenas o curso de licenciatura, autorizado pelo Ministério da Educação, em 1997, mas também a fase anterior, quando o curso era oferecido como o de extensão de línguas estrangeiras, iniciado pela professora Alice Tamie Joko com o apoio da Fundação Japão. O texto detalha o desenvolvimento do curso ao longo das últimas décadas. A tradução em inglês desse capítulo encontra-se no capítulo 10 deste volume.

Os mesmos autores, junto com a aluna de graduação, Ana Paula Villar Wang, também relatam a aquisição e organização de um espaço para os recursos didáticos e culturais, conhecido atualmente como Laboratório de Recursos Megumi Kuyama, localizado no Instituto Central de Ciências (ICC). O capítulo X, *História e organização do laboratório de recursos*, aborda a história desse laboratório, que sofreu diversas transformações e está na esfera final de estruturação para atender os alunos do curso. No texto, destaca-se o trabalho de organização de livros, uma tarefa que exige tanto habilidades de leitura em japonês quanto conhecimento de catalogação com o uso de ferramentas eletrônicas auxiliares. Por meio deste relato, percebemos esforço despendido na construção, com a expectativa de que o laboratório esteja em pleno funcionamento em breve.

Do segundo ao oitavo capítulo, os autores apresentam aspectos relevantes e de destaque ao longo da trajetória do curso. No capítulo 2, *Trajetória histórica das atividades extensionistas do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura*, escrito pelos professores Fausto Pinheiro Pereira e Yuko Takano, discute-se o desenvolvimento das atividades extensionistas, um componente importante na formação acadêmica e docente. Essas atividades foram inseridas na vida acadêmica do discente com o objetivo de estimulá-lo a observar a realidade sob a perspectiva do público geral, alinhando-se ao papel social esperado da universidade. Os autores apresentam uma variedade de atividades já implementadas por docentes e discentes, explicando sua importância e diferenciando-se das disciplinas curriculares. Essas atividades têm sido motivadoras para o discente, promovendo um trabalho colaborativo e o desenvolvimento de uma função social, na qual ele adquire a noção de responsabilidade e assume um papel social de futuro docente. Da mesma forma, os capítulos 3 e 4, *UnB Idiomas – Curso de Japonês no Programa Permanente de Extensão* e *O programa de Idiomas sem Fronteiras – Japonês na Universidade de Brasília (2015 – 2019)* escritos pelas professoras Kimiko Uchigasaki Pinheiro e Kyoko Sekino, respectivamente, apresentam programas que oferecem cursos de língua japonesa abertos ao público, tanto para a comunidade acadêmica da UnB quanto para a sociedade em geral. Esses programas atraem pessoas interessadas em aprender o idioma.

Esses quatro capítulos expõem as áreas de concentração do curso e as estratégias da expansão, promovendo-o como uma referência e consolidando-o como único curso superior que ensina a língua e literatura japonesas no Centro-Oeste do Brasil.

Já no capítulo 5, *O histórico e a contribuição do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na formação acadêmica e profissional em Letras-Japonês na Universidade de Brasília*, pelo professor Yūki Mukai, apresenta uma formação continuada e avançada para o discente, voltado ao aprimoramento tanto acadêmico quanto profissional. O autor explica uma breve história do programa de pós-graduação em Linguística Aplicada (PPGLA), que possui duas linhas de pesquisa: Ensino, aprendizagem e formação de professores de línguas e Língua, cultura e sociedade. O Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET), ao qual pertence o curso de Letras em Língua e Literatura Japonesa, possui outro programa de pós-graduação, o de tradução (Pós-Trad), ramificado do PPGLA pelo surgimento do campo disciplinar, Estudos da Tradução. Os formados no curso de japonês buscam uma aprendizagem continuada nesses programas de pós-graduação.

O capítulo 6, *História dos convênios no curso de Língua Japonesa e Respectiva Literatura*, por sua vez, trata dos convênios internacionais que o curso de japonês possui até o ano atual. Os autores, professores Yūki Mukai e Marcus Tanaka de Lira, apresentam os acordos

e entendimentos sobre a cooperação e os convênios internacionais com as instituições japonesas, visando estreitar e fortalecer o estudo e a pesquisa no nível superior. O capítulo explica o processo pelo qual o curso vem conquistando os convênios e conseguindo enviar diversos estudantes para as universidades parceiras, promovendo a aprendizagem abrangente e aprofundada no Japão. Como o texto trata as informações importantes que merecem a atenção de outras universidades japonesas que buscam convênio conosco, sua tradução para o inglês está disponível no capítulo 11.

A relação do nosso curso com a Educação Básica por meio dos institutos de ensino de línguas estrangeiras da rede pública do Distrito Federal, é exposta nos capítulos 7 e 8: *A presença da Língua Japonesa nos Centros Interescolares de Línguas do Distrito Federal: relatos de sua história* e *O percurso do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura: a contribuição dos egressos do Centro Interescolar de Línguas SEE/DF na formação dos alunos*. O primeiro é coautoria de dez professores ativos dos Centros Interescolares de Línguas (CIL), que também são os egressos do nosso curso. Esse texto traz à tona informações gerais sobre os CILs, as conquistas realizadas na ampliação do ensino de japonês nas escolas da rede pública, além de desafios e dificuldades enfrentadas no cotidiano e no longo prazo. O segundo, correspondente ao primeiro, é apresentado pela professora Yuko Takano que acompanhou todos os passos na construção dos CILs e formação de professores nas últimas décadas. Destaca a importância do trabalho dos nossos egressos, que trazem conhecimento e prática para a rede pública, não apenas como um mercado de trabalho, mas como um espaço ativo para o desenvolvimento do ensino de língua japonesa como língua estrangeira. O progresso é sustentado pela discussão profícua, fundamentada na prática de ensino e aprendizagem da língua, envolvendo professores, alunos e a própria Secretaria da Educação do DF, que decide a política do ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras na comunidade brasiliense. Os CILs refletem nosso trabalho e a prática na formação de professores, e nos retroalimentam constantemente. A autora enfatiza o crescimento recíproco entre ambas as partes, visando um ensino de qualidade e a formação de professores conscientes da realidade.

Após a apresentação dos principais textos sobre a história do nosso curso – uma trajetória de realizações em termos de enraizamento e desenvolvimento institucional –, seguem textos traduzidos em inglês dos capítulos 1 e 6. Em seguida, apresentamos uma nova seção com trabalhos recentemente produzidos por nossos alunos, como monografias do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). A partir do capítulo 12 ao 18, alguns alunos recém-formados, junto com seus respectivos orientadores, apresentam suas monografias reescritas em forma de capítulo de livro, relatando as pesquisas realizadas. Na elaboração

de monografias, que envolvem pesquisa e escrita acadêmica, todos os alunos do curso tomam iniciativa na leitura teórica e metodológica, na coleta de dados, na aquisição de conhecimento textual, além de seguirem as normas da ABNT, com base na autonomia. Os trabalhos expostos neste livro são apenas alguns recém-produzidos, sendo importante mencionar que há muitas outras monografias aprovadas com notas de excelência.

Ao concluir esta introdução, a coordenação faz questão de mencionar que todos os passos tomados e os frutos gerados do nosso curso tiveram início na semente plantada pela fundadora do curso, professora doutora Alice Tamie Joko, que se aposentou no dia 23 de maio de 2024. Graças à professora e ao apoio inicial da Fundação Japão, o curso hoje está consolidado e é composto por professores da área, todos com título de doutor. O apoio recebido da Fundação Japão ao nosso curso é essencial e ocorre de várias formas, como doação de livros, capacitação do professor, ensino de língua e cultura aos alunos universitários brasileiros, subsídios para congresso e apoio a projetos, entre outros. O prefácio deste volume foi escrito e dedicado por Daigo Tamura, atual diretor do Centro Cultural da Fundação Japão em São Paulo. O curso mantém a parceria com a Fundação Japão, almejando retribuir com a competência adquirida ao longo das últimas décadas. Nossa perspectiva futura é bastante positiva, e acreditamos que o curso continuará crescendo com qualidade de ensino e pesquisa, além de entusiasmo e seriedade. Em nome do curso, agradecemos à iniciativa da professora Alice e ao apoio da Fundação Japão, almejando uma cooperação mútua e contínua para o aperfeiçoamento de nosso curso.

Julho de 2024, Brasília-DF

Kyoko Sekino, coordenadora do curso

CAPÍTULO 1

Os 25+18 anos de História da Língua Japonesa na UnB

Kaoru Tanaka de Lira (UnB)
Marcus Tanaka de Lira (UnB)

Não se faz um quarto de século de história, diplomando quase três centenas de alunos, com apenas um par de mãos. A cada noite, além de algumas manhãs, tardes e fins de semana, nossa história vai sendo feita não só pelo corpo estudantil que se propõe a mergulhar num bravo mundo novo de ideogramas, silabários e regras gramaticais, mas por servidores, estagiários, assistentes das mais diversas naturezas e, como seria de se esperar em uma instituição superior de ensino, os professores. E tem sido assim que, ao longo dos últimos 25 anos, quase 100 mãos nos elevaram para que pudéssemos conhecer melhor o mundo através da língua japonesa. A história a seguir conta não só os 25 anos de história do curso a partir das primeiras aulas de licenciatura, mas o que poderíamos chamar de seus 18 anos de “pré-história”, indo de 1979 até 1997, e que foram fundamentais para sua criação.

| A gênese da área na UnB

No início, eram a Universidade de Brasília, a Embaixada do Japão no Brasil e a Fundação Japão – e a Fundação estava com a Embaixada, e a Universidade era o destino. Essa foi a gênese da área de estudos japoneses na UnB, em 3 de março de 1979, com uma reunião entre membros da UnB e da FJ, mediada pelo então adido cultural japonês no Brasil, Minoru Hirano¹.

A ideia da criação da área não surgiu *ex nihilo*, sendo fruto de um contexto. O diretor do Instituto de Comunicação e Letras (ICL) durante a época da reunião, Lytton Leite Guimarães (1976-1979), explicou, em palestra comemorativa ao 55º aniversário do Instituto de Letras (IL), que a UnB já estava buscando ir além das línguas europeias tradicionais. Após conversas malsucedidas com as embaixadas da extinta União Soviética e da Arábia Saudita, a UnB obteve um retorno mais positivo da Embaixada do Japão, devido à forte presença de imigrantes na região, que se imaginava ser, à época, o público-alvo de um curso de japonês ensinado como língua de herança.

É preciso entender melhor esse contexto antes de continuarmos com a história da área, já que parece ter sido um dos fatores fundamentais em sua criação. Houve um considerável apoio governamental, por parte do Brasil, para a vinda desses imigrantes à região. Sua presença no DF, por exemplo, já era prevista desde a idealização de seu cinturão verde em 1957 (Joko-Veltman; Torreão; Sugimoto, 2008, p. 108) e, nas comemorações do cinquentenário da imigração japonesa ao Brasil no ano seguinte, o então presidente da Associação Além-Mar de Okinawa, Ichiro Inamine, ao visitar as obras da construção da

¹ Devido à dificuldade de obtenção de documentos e dados de outras fontes, a maior parte das informações sobre o período pré-graduação foram retiradas de Joko (2008), sendo avisado sempre que houver referência a outra fonte.

nova capital, chegou a investir, com o apoio do deputado estadual Paulo Nakandakare, no envio de famílias oriundas de Okinawa ao Distrito Federal (Ogassawara, 2008, p. 38). Durante as décadas de 50 e 60, foram surgindo ao longo do cinturão verde escolas de língua japonesa, localizadas onde havia descendentes, como Brazlândia, Vargem Bonita e Taguatinga. Na década de 70, até chegou a ser criado um curso de língua japonesa como língua de herança no templo budista da Asa Sul, voltado primariamente aos filhos dos descendentes, mas a iniciativa durou apenas 4 anos (FEANBRA, 2008, p. 231).

Era nesse contexto que se sugeriu, com essa reunião inaugural, o começo de um curso de língua japonesa na nossa instituição de ensino superior. Após inserção do processo de criação nos trâmites burocráticos da universidade, a iniciativa recebeu um parecer favorável do então chefe do Departamento de Letras e Linguística (LEL), Ulf Gregor Baranow, em 31 de maio de 1979. Dada essa primeira permissão, a questão agora era colocar as engrenagens em movimento para que o ensino de língua japonesa fosse iniciado.

Em 18 de julho do mesmo ano, seguindo o acordado, o departamento submeteu uma aplicação para professores visitantes de língua japonesa à Fundação Japão (Application for Visiting Lecturers of Japanese Language), mencionando ao Decanato de Graduação em um despacho interno que, se o curso de extensão fosse bem-sucedido, poderiam ser oferecidas também disciplinas de graduação. Foi assim aberta a trilha que seguiríamos nos anos seguintes.

Se tomarmos a instalação do curso de extensão de língua japonesa por parte da Fundação Japão como o movimento primordial que catapultou a licenciatura atual ao seu *status* de existência corrente, podemos começar então com as mãos da professora Alice Tamie Joko e sua designação como responsável pelo projeto.

Seu alçamento à coordenação do projeto se deu em 5 de agosto de 1980, após consulta da sede da Fundação Japão em Tóquio ao Centro de Estudos Japoneses na Universidade de São Paulo, em que o diretor Teichi Suzuki recomendou a então coordenadora do Laboratório de Línguas da USP. Assim, a professora foi designada a uma nova posição em Brasília onde deveria coordenar o início das atividades de extensão em língua japonesa na capital federal.

Sem desconsiderar todo o mecanismo burocrático interno da universidade que possibilitou as boas-vindas à nova área de conhecimento na instituição, é preciso reconhecer que sem esse primeiro impulso por parte da decana do curso, Alice Tamie Joko, as rodas jamais teriam começado a girar rumo ao futuro.

Com o início do convênio entre a Fundação Japão e a Universidade de Brasília, em agosto de 1981, começaram as aulas de língua japonesa como parte de um programa de extensão ministrado pela decana da área, atuando no papel de professora e coordenadora. No ano seguinte, já houve o pedido para o oferecimento também de disciplinas de graduação em complemento ao curso de extensão, com as disciplinas dos dois primeiros anos de curso (Língua Japonesa 1, 2, 3 e 4) sendo aprovadas pelo Decanato de Graduação em 26 de abril de 1983.

| 1985: Novos rumos

1985 foi um ano de mudanças não só na história nacional, indo da eleição de Tancredo Neves à aprovação da emenda que estabeleceu as eleições diretas para presidente e a organização do primeiro *Rock in Rio*, mas também na UnB, com os novos ares alterando a história do curso. Foi nesse ano que uma crise quase levou à extinção da área e mudou todo o cenário até então existente.

O programa de extensão precisava ser renovado bienalmente a partir de 1981, o que ocorreu sem maiores problemas em 1983. Na segunda renovação, entretanto, prevista para 1985, a Fundação Japão indeferiu o pedido. Com isso, a Fundação cessaria o envio de recursos financeiros para a manutenção do curso e levaria possivelmente à extinção das aulas de língua japonesa, fosse para a extensão ou para a graduação. Após apenas 4 anos, os esforços iniciais estavam prestes a serem perdidos.

Assim, o Departamento de Letras e Linguística (LEL) foi forçado a retirar a oferta das disciplinas, causando um alvoroço no corpo discente. A então chefe do LEL, Stella Maris B. de F. Ricardo, levou ao reitor Cristovam Buarque um abaixo-assinado dos alunos com mais de cinco centenas de signatários, exigindo a continuação da oferta. Entre os argumentos oferecidos para a manutenção do ensino da língua, estava a sua importância estratégica para a UnB e o interesse científico dos linguistas da instituição. Com isso, foi criada de maneira provisória uma vaga de professor visitante e a universidade se comprometeu a contratar o professor que ministraria as aulas ao fim do período de renovação – sendo essa a contrapartida da UnB.

Fortuitamente, com anuência do Ministério da Educação (MEC), a Universidade de Brasília realizou um concurso para quadro permanente da área de japonês, resultando na contratação da fundadora do curso. E, dada a ampliação, segundo registros internos da área, se juntou ao curso de extensão também seu primeiro professor substituto, Marcus Vinicius Marques (1986-1991 / 1992-1994), que, em 1984, havia finalizado todos os cursos

de língua japonesa ofertados na extensão. Entre suas contribuições que permanecem vivas na área estão as disciplinas optativas de Cultura Japonesa 1 e 2, oferecidas pelo Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET). Após o desmembramento do LEL nas grandes áreas das Letras, foi o LET que, junto com o Departamento de Teoria Literária e Literatura (TEL), passou a abrigar as disciplinas do futuro curso de licenciatura.

E isso não era tudo. Durante o fim da década de 1980, os ex-alunos do curso de extensão já começavam a se destacar no mercado de trabalho, trazendo mudanças ao panorama do ensino da língua japonesa no Brasil. Em 1987, existiam 25 escolas de língua japonesa no Distrito Federal e na região Sudeste do país (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) com 89 professores, até então todos imigrantes ou seus descendentes. A partir deste ano, o Instituto Midori de Língua Japonesa, que três anos antes havia começado a ensinar japonês ao público do Plano Piloto no Clube Nipo-Brasileiro, contratou três ex-alunos da Universidade de Brasília, tendo sido, segundo os registros disponíveis, três dos quatro primeiros professores de língua japonesa do eixo DF-Sudeste sem qualquer ascendência japonesa até então (FEANBRA, 2008, p. 233-235). Assim, a língua japonesa que até então era ensinada como língua de herança, começava paulatinamente a ser ensinada como língua estrangeira, e o curso passava a oferecer novos rumos à sociedade local.

A crise de 1985, que poderia ter levado ao fechamento do curso, levou, portanto, à ampliação do curso graças à formação de parcerias e à atuação da universidade. As grandes cooperações não terminariam por aí, sendo apenas um prólogo de 1993, que viria a se tornar o *annus mirabilis* da área.

| Da cooperação à concepção

Durante os anos de 1991 e 1992, a professora Alice Tamie Joko havia passado um ano fazendo pesquisa na Fundação Japão, período no qual traduziu o material que estava sendo utilizado nos cursos, o *Nihongo Shoho* (Primeiros Passos em Japonês), da Fundação Japão. Reformadas assim as bases do curso, o então reitor João Cláudio Todorov, após consulta com a coordenadora da área, perguntou como seria possível fazer a ampliação do alcance do ensino de japonês na UnB. Devido à alta demanda pelas disciplinas de língua japonesa, se concluiu que seria justificável e necessária a ampliação do curso – o que haveria de ser feito através da criação de um curso de graduação.

Politicamente, ainda era um período de transição, pós-*impeachment* do presidente Fernando Collor e pré-Plano Real no governo Itamar Franco, sem abertura de novos cursos pelo MEC. Uma exceção era aberta extraordinariamente aos cursos noturnos de licenciatura,

sob o entendimento de que a formação de professores traria retorno à comunidade. Decidiu-se, assim, que seria criado o curso noturno de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura.

Ainda em 1993, segundo registros do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UnB, se juntou à área de maneira permanente, em 1993, a professora Megumi Kuyama (1993-2002) e, no ano seguinte, através de um auxílio da Fundação Japão, foi contratado mais um professor substituto, Ronan Alves Pereira (1994-2017).

Foi em 14 de abril de 1993 também que, de acordo com a Resolução nº 80 da reitoria da UnB, sob a supervisão do reitor Antônio Ibañez Ruiz, foi criado o Grupo de Acompanhamento Permanente de Licenciaturas (GPAL) que produziu documentos como o Projeto Acadêmico Orgânico dos Cursos Noturnos de Licenciatura (1993) e a Implementação do Projeto Acadêmico Orgânico dos Cursos de Licenciatura (1997).

Como consequência dessa política de expansão, os três professores da área que lecionavam no momento foram então nomeados também pelo Instituto de Letras (IL) para elaborar o projeto do futuro curso, culminando na sua aprovação na 266ª Reunião do Conselho Universitário, realizada dia 1º de novembro de 1996, junto com outros novos seis cursos. Segundo a então diretora do Instituto de Letras, Stella Maris B. de F. Ricardo, que advogou pela criação do curso na reunião, entre os argumentos para a aprovação estava a grande presença de imigrantes e seus descendentes na região, a existência de apenas quatro outros cursos de língua japonesa em instituições de ensino superior à época, e a possibilidade de se criar um mercado de trabalho e introduzir o ensino de língua japonesa em escolas de ensino médio e fundamental.

Com a aprovação, 1º de março de 1997 ficou sendo o marco inicial de suas atividades.

Foi em 1993 também que, após outro concurso, o professor Ronan Alves Pereira entrou para o quadro permanente. Da elaboração do plano pedagógico à sua implementação (1993-1997), o país passou por tantas mudanças quanto o curso, indo do sucesso do Plano Real ao sucesso do Tetra, com a criação do curso sendo mais um gol de placa do curso de Língua Japonesa e Respectiva Literatura rumo ao futuro.

| E da criação à ação

Nos primeiros anos de curso, houve uma ampliação do quadro de professores substitutos para poder cobrir todas as disciplinas do novo curso. No ano da sua criação, o curso teve a contribuição da professora Célia Mitie Tamura Tanno (1997-1999) e, nos anos seguintes,

Kaoru Miyake (1998-1999 / 2002-2004), Yüki Mukai (1998-2000/ 2003-), Donatella Natili (1999-2000 / 2010-) e Yuko Takano (1999-).

Também é válido apontar que, apesar de o curso poder formar professores sem que seja necessário sair do Brasil, há oportunidades de bolsa para que os alunos complementem seus estudos no Japão, através de parcerias com agências e instituições de ensino superior japonesas. Seguindo as regras para aplicação nos cursos de língua e cultura japonesas de 12 meses em universidades japonesas, em que alunos do primeiro ano costumam ser barrados, a UnB começou a enviar os primeiros intercambistas já em 1999, com a Universidade de Nagóia sendo a primeira e mais frequente instituição de destino. O histórico está mais bem detalhado no capítulo 6, História dos Convênios na Curso de Língua Japonesa e Respectiva Literatura, escrito por Marcus Tanaka de Lira e Yüki Mukai.

O último ano do milênio passado apresentou mais um marco na história do curso. Desde 1990, a Universidade de São Paulo organizava anualmente o Encontro Nacional dos Professores de Língua, Literatura e Cultura Japonesa (ENPULLCJ), mas se tornara um evento itinerante desde 1998, indo para outras universidades. No ano 2000, quando chegou a vez de a UnB organizar o XI ENPULLCJ, a universidade fez jus a seu caráter inovador e acolhedor, buscando sempre novas parcerias, lançando conjuntamente o I Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil (I CIEJB). O batismo de fogo do curso na realização de um evento de alcance internacional provou a maturidade da área de estudos japoneses no centro-oeste.

Além disso, seguindo o fluxo do currículo do curso, foram defendidas no ano 2000 as primeiras monografias feitas por alunos da licenciatura. Os temas pesquisados passavam pelas áreas de literatura e outras artes, cultura, tradução e ensino. Desde então, a pesquisa se tornou parte integral e fundamental da formação das alunas e alunos que passam pelo curso.

| O novo milênio

Com o nascer do novo milênio, o curso foi agraciado com mais um professor substituto, Ricardo da Silva Alves (2001-2003), mas também foi surpreendido por um momento de luto, com o prematuro óbito da professora Megumi Kuyama em 2002. Insubstituível, jamais saberemos como teriam sido suas contribuições futuras à área de estudos japoneses, mas suas pesquisas sobre a Variante Brasileira da Língua Japonesa viriam a ser no futuro o ponto de partida de várias outras pesquisadoras do curso. Além disso, o ano também viu a primeira grande expansão para auxiliar o curso em sua marcha adiante.

Como novos professores substitutos entraram Sachio Negawa (2002-2014), que logo se tornou membro efetivo e, num marco do curso, Simone Keiko Yoshida (2002-2002) e Fausto Pinheiro Pereira (2002-2003 / 2008-), começaram a lecionar no curso que os formou. Em 5 anos, portanto, começava um processo de autossuficiência do curso, em que os alunos por si formados viriam a inspirar as gerações futuras.

Por fim, além do estabelecimento da Associação Brasileira de Estudos Japoneses (ABEJ), em 2002, integrando as diferentes áreas de japonês do país, o ano trouxe a conquista do Penta em Yokohama, levando imagens do Japão a todo o território brasileiro regularmente ao longo do ano.

Em 2003, a professora Yuko Takano entrou para o quadro permanente, e como substituto vieram os professores Patrício Pereira Marinho (2003-2005 / 2009-2011) e Kyoko Sekino (2003-2005 / 2007-). No ano seguinte, o professor Yüki Mukai também entrou para o quadro permanente e a professora Haruka Nakayama (2004-2007), nos quadros da universidade desde 1986, foi transferida da Faculdade de Ciências da Informação ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Ainda em 2004, também entraram como temporários os professores Ilka Hitomi Joko (2004-2006) e Merlin Calenda di Tavani (2004-2004 / 2008-2010).

Em 2005, o curso de japonês da Universidade de Brasília mostrou mais uma vez sua verve inovadora de fomento à pesquisa. Após uma reedição do CIEJB na UFRGS, o evento cessou de ser correalizado com outros Encontros Nacionais de Professores de Língua, Literatura e Cultura Japonesa (ENPULLCJ) pelas outras universidades. Ao receber pela segunda vez o ENPULLCJ, após apenas meia década, a universidade realizou o III Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil (III CIEJB). Ao fazê-lo, não só a universidade conseguiu estabelecer uma parceria de realização com a Fundação Japão, como também estabeleceu de vez o caráter multinacional do evento. Desde então, todos os ENPULLCJs seguintes foram realizados em conjunto com o CIEJB.

Não fosse o parágrafo acima o suficiente, no ano de 2005 o curso ainda recebeu os novos professores substitutos Alisson Torreão de Freitas (2005-2006) e Kimiko Uchigasaki Pinheiro (2005-2006 / 2014-), com esta última se tornando efetiva do curso em 2015.

Outro passo transformador rumo à inovação do curso foi a realização do I Fórum de Estudos Japoneses do Centro-Oeste, por iniciativa da professora Yuko Takano. Além de servir como vitrine dos trabalhos realizados pelo curso e mostrar oportunidades profissionais e acadêmicas disponíveis aos egressos, a primeira edição teve como objetivo discutir com representantes do corpo discente o Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Desde então,

tem sido parte do calendário acadêmico, e mais detalhes sobre as atividades de extensão estão disponíveis no capítulo Trajetória Histórica das Atividades Extensionistas do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura, escrito por Yuko Takano.

Os anos de 2006 e 2007 viram mais professores substitutos contribuindo com o curso, como Edson Teixeira do Nascimento (2006-2007), Vanessa Cristina Zerbinato Velasques (2006-2008), Aiko Tanonaka Ogassawara (2006-2008), Fabiane Nakagawa dos Santos (2007-2008), Ilze Maria Teixeira Maeda (2007-2008), Ernesto Atsushi Sambuichi (2007-2007 / 2011-2012) e Kaoru Tanaka de Lira Ferreira (2006-2008 / 2011-2013 / 2019-).

É importante ressaltar que todos estes mencionados no parágrafo anterior são egressos do curso e, nos dois últimos casos, junto com Cacio José Ferreira, outro diplomado do curso, a UnB levaria seu espírito pioneiro ao início do curso de licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade Federal do Amazonas, no qual eles foram 3 de seus 4 primeiros professores efetivos. Essa é outra história de grande importância para a difusão da língua japonesa na região Norte do país, mas que pode ser melhor contada por seus participantes, restando à Brasília a satisfação de poder ter sido parte de mais uma história de sucesso na área de estudos japoneses no Brasil.

Ademais, a segunda década de história do curso traria ainda mais conquistas.

A consolidação da segunda década

O início da segunda década do curso foi importante não só por coincidir com o centenário da imigração japonesa ao Brasil, tomando como ponto de partida a chegada do navio Kasato Maru ao porto de Santos, no estado de São Paulo, em 1908. Além desse marco histórico que fez do Brasil o lar da segunda maior população de origem japonesa do mundo (após o próprio Japão), o curso também continuou a crescer e se consolidar.

A primeira grande mudança se deu em relação ao marco embrionário do ensino de língua japonesa na UnB, o ensino de japonês como curso de extensão. Até 2008, as atividades de extensão de ensino de língua na UnB eram feitas pela Escola de Línguas da universidade. A mudança ocorreu quando, em junho, o Decanato de Extensão (DEX), o Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) e o Instituto de Letras (IL) criaram o Programa Permanente de Extensão UnB Idiomas, que viria a ser criado no ano seguinte. Essa melhor institucionalização dos cursos de ensino de língua na universidade tem fortalecido processos que possibilitem o financiamento de atividades de pesquisa, ensino e produção científica no departamento de línguas estrangeiras. Mais uma vez, o curso de japonês fez parte

desse crescimento da universidade, tendo uma secretaria específica à língua dentro do programa.

Os anos seguintes viram um crescimento também no quadro de professores. Não só com novos professores substitutos, como Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka (2008-2010 / 2012-2013 / 2015-) e Zauder de Castro (2009-2009), mas também foram aprovados em concurso para o quadro permanente os já citados Kyoko Sekino, Fausto Pereira e Donatella Natili, além da chegada de Tae Suzuki (2009-2015), filha do Teiichi Suzuki que havia sido instrumental na nomeação da coordenação no início do curso. No caso da professora Natili, se tratou da efetivação, em 2010, da primeira de duas vagas previstas ao curso no Departamento de Teoria Literária e Literatura (TEL), continuando a expansão da licenciatura nos diferentes departamentos do Instituto de Letras. O curso também pôde contar, a partir de 2010, com a professora Kaori Sato, na posição de jovem voluntária da JICA, auxiliando no oferecimento de disciplinas até o ano seguinte.

2010 testemunhou também a primeira década de existência do CIEJB com seu retorno à Universidade de Brasília para o VIII CIEJB correalizado com o XXI ENPULLCJ, consagrando o sucesso da iniciativa do curso. O tamanho, entretanto, levou à necessidade de se tornar o evento até então anual para a realização de 2 em 2 anos vigente atualmente.

O passado recente

2011 foi o início de uma década que trouxe o Japão mais uma vez aos lares brasileiros com imagens do acidente nuclear causado pelo tsunami devido ao terremoto de Tohoku. No curso, o período começou trazendo e os anos seguintes trouxeram mais professores substitutos como Rafael Leandro Pinho (2011-2012), Valdeilton “Tama” Lopes de Oliveira (2011-2012 / 2016-2017), Augusto Profeta dos Reis (2012-2014), Saori Nishihata (2013-2015) e André Willian Marques de Oliveira (2013-2013). Outra contribuição foi a vinda de Michele Eduarda Brasil de Sá (2013-2018), que havia trilhado o início do curso da UFAM, já citado anteriormente.

Também foi durante este período que o curso de japonês partiu para novos rumos, com o início da presença de professores da língua nos cursos de pós-graduação da UnB.

O passo inicial foi dado com o professor Yūki Mukai fazendo parte do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) a partir de 2011. A partir de então, na área de linguística aplicada, tem sido possível que os nossos egressos possam seguir seus estudos em uma das três grandes áreas das Letras, abrindo as portas para que no futuro também tenhamos professores nas pós-graduações de literatura e linguística descritiva.

Assim, não só o corpo docente estendeu a possibilidade de pesquisa e estudo para seus alunos, como o fez de forma integrada com seus pares na universidade, olhando para fora e realizando a troca de ideias e conceitos com pesquisadores de outras áreas.

Em meados da década passada, Brasília – assim como o resto do país – foi palco de grandes eventos internacionais com ações no Centro-Oeste, tais como a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas do Rio (2016). O curso de japonês também alçou novos voos durante o período, trazendo inéditas possibilidades.

Uma delas foi o ritmo enérgico de publicações de livros por parte do curso. Livros como *A língua japonesa no Brasil: reflexões e experiências de ensino e aprendizagem*, organizado por Yūki Mukai, Alice Tamie Joko e Fausto Pinheiro Pereira, em 2012, e *O Japão no caleidoscópio: estudos da sociedade e da história japonesa*, por Ronan Pereira, em 2013, possibilitaram acesso da comunidade externa à produção do curso com a série “Japão em Foco”, democratizando cada vez mais o conhecimento gerado. Hoje a série já conta com 7 volumes.

A quantidade de vagas ofertada para calouros também aumentou 40%, em 2014, com 28 vagas passando a ser ofertadas no vestibular para a licenciatura em comparação às 20 vagas que costumavam ser ofertadas durante os 17 anos anteriores.

Com o retorno ao Japão de Sachio Negawa (2014) e a aposentadoria de Tae Suzuki (2015), o ano de 2015 viu também a convocação de Kimiko Uchigasaki Pinheiro e Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka, após concurso público no qual também fora aprovada Kaoru Tanaka de Lira Ferreira, que integraria o quadro quatro anos mais tarde. Até a data, essa foi a última renovação do quadro permanente do curso.

2016 viu também o início do oferecimento de aulas de japonês no programa Idiomas Sem Fronteiras, inicialmente do Ministério da Educação (MEC) e, a partir de 2019, parte da Rede Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior). A Universidade de Brasília fez parte dessa iniciativa como uma das instituições de ensino superior envolvidas no projeto.

No mesmo ano, foi lançado o Edital nº 23 da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, que abriu um concurso público para carreira no magistério público no DF com habilitação em língua japonesa. Isso permitiu a abertura de cursos de língua japonesa nos Centros Interescolares de Língua, os CILs.

Essas não foram as únicas conquistas do curso durante o período. Ainda no ano de 2016, o curso foi avaliado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC), como parte das frequentes avaliações do Ministério da Educação

em relação à qualidade dos diferentes programas nacionais de ensino superior, obtendo a nota máxima (5). Ou seja, a excelência do curso foi reconhecida não apenas dentro da área de estudos japoneses, mas de forma geral dentro do vasto campo de ensino superior brasileiro.

Não fosse isso o bastante, também neste período, mais professores substitutos contribuíram com a Marley Francisca de Lima (2014-2015), Gabriel de Oliveira Fernandes (2015-2017), Débora Habib Vieira da Silva (2016-2018), Ítalo Silva Bernardes (2017-2019), Suzana Sumire Niho Garbin (2018-2020), Égon Lucas Alves Neves (2019-2021), Wanderson Tobias Rodrigues e Camila Regina Ferracioli Pimentel (2017-2018). Pimentel, refazendo os passos de seus *senpais*, ou veteranos, também se tornou posteriormente um nome oriundo da UnB na UFAM, aproximando os laços entre as instituições.

2019 e 2020 também foram um marco no curso de pesquisas no âmbito da graduação, com a conclusão da primeira e da segunda iniciações científicas, em linguística descritiva e linguística aplicada respectivamente, abrindo novas portas para pesquisas entre os estudantes além dos trabalhos finais de curso, que vêm sendo defendidas semestralmente há duas décadas.

| O pós-pandemia

Com a pandemia da COVID-19, o curso de japonês se viu numa situação até então ímpar. De acordo com o rodízio de universidades com áreas de estudos japoneses, seria a vez de a UnB organizar o ENPULLCJ/CIEJB. O diferencial, neste caso, foi que, com a pandemia da COVID-19, nenhuma das atividades presenciais poderiam ser desenvolvidas em 2020, ano para o qual o congresso estava previsto. Não só os processos de confinamento e quarentena no Brasil e no exterior impossibilitavam atividades locais, como a organização de um congresso internacional também era impensável.

A fim de se preparar para a nova realidade, o congresso foi atrasado em alguns meses e, em 2021, foi realizado o primeiro ENPULLCJ/CIEJB inteiramente *on-line*, com transmissão simultânea de até seis eventos em canais públicos, em plataformas como Facebook e YouTube. Apesar de sua exibição ao grande público, permitindo acesso a todos e quaisquer interessados, a organização do evento encontrou soluções para que não houvesse o risco de ataques mal-intencionados. O curso, mais uma vez, inovou na área de pesquisa: se, da primeira vez, o CIEJB permitiu a vinda de pesquisadores do mundo inteiro com o primeiro congresso internacional, desta última vez, o CIEJB esteve disponível à comunidade acadêmica do mundo inteiro. Mais uma vez, a licenciatura em japonês da UnB buscou focar

no seu papel de polo difusor de conhecimento, dando à pesquisa um foco tão importante quanto a extensão, cujas atividades têm uma função primordial no curso.

Durante o período da pandemia e pós-pandemia, o curso recebeu mais dois professores substitutos, Angélica Louise de Souza Alencar (2022-) e Joshua Ferreira Sabino (2022-), possibilitando a continuação das atividades mesmo durante um período tão desafiador quanto a pandemia.

| Parcerias e o futuro

Por fim, é importante mencionar que, desde seu início, o curso tem cooperado com diferentes institutos e centros da universidade para ensino e pesquisa do Japão. Em 1986, já com a contratação de Marcus Vinicius Marques, foi criada a disciplina Política do Extremo Oriente, no Departamento de Relações Internacionais – REL.

O curso de japonês também foi instrumental na criação do Núcleo de Estudos Asiáticos, em 1987, no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, tendo sido coordenado por professores do curso como Ronan Alves Pereira (1999-2003) e Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka (2016-2022), e por ex-alunas que estudaram as disciplinas optativas do idioma frequentando outras habilitações, como Stella Maris Figueiredo Bertinazzo (1995-1999) e Maria Cláudia Candeia de Souza (2022-). Mesmo a vice-coordenação do núcleo é frequentemente ocupada pelo curso de japonês, como no caso da atual vice Kaoru Tanaka de Lira Ferreira (2022-).

Em palestra ao curso de japonês, em 2019, o ex-coordenador Lytton Leite Guimarães detalhou a forte integração do NEASIA com o curso, com iniciativas de um retroalimentando o desenvolvimento do outro. Ao que tudo indica, parte do futuro se encontra aí.

Na última dessas iniciativas cruzadas, por iniciativa de Alice Tamie Joko e capitaneada por Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka, foi a vinda da Cátedra JICA Chair ao NEASIA, de forma a fomentar a área de estudos japoneses fora do curso de Língua Japonesa e Respectiva Literatura, focando em estudos da história da modernização econômica do Japão, dentre outras possibilidades de pesquisa que visem o desenvolvimento do Brasil. Só o tempo dirá o que o futuro reserva para esse crescimento da área de estudos japoneses na UnB fora do curso.

Novos desafios também devem surgir com a mudança no perfil do corpo discente. Por um lado, há a diferença na questão de ancestralidade. Para tomarmos como base, comecemos com o corpo discente, entre os quais encontramos as primeiras gerações

que lidaram com o ensino de língua japonesa no Brasil. Delas, 43,75% dos professores (efetivos e substitutos) da história do curso apresentavam alguma ascendência japonesa. E, segundo o egresso da primeira turma de licenciatura Fausto Pereira, os primeiros alunos eram majoritariamente descendentes. Mas entre os 281 egressos da licenciatura a partir de então, contabilizados ao longo destes últimos 25 anos, o número de descendentes cai para 23,84%. E, entre os 244 alunos ativos que estão atualmente matriculados no curso, a proporção daqueles que tem alguma origem japonesa cai para 6,97%. A mudança contínua do ensino de língua japonesa como língua de herança para formação de professores em língua estrangeira, visto desde a época do hoje finado Instituto Midori, seguiu, portanto, sendo uma marca da área de estudos japoneses no Distrito Federal.

Por outro lado, a formação de professores oriunda da licenciatura não só tem capacitado os quadros dos cursos de extensão, como o UnB Idiomas e o Andifes-ISF, como também possibilitou em boa parte o ensino de japonês nos Centros Interescolares de Língua (CILs), trazendo calouros com conhecimento prévio da língua. Vale apontar que, em 2020, apenas um de todos os professores dos 7 CILs não era egresso do curso.

O impacto dos egressos do curso no ensino de língua japonesa no DF é mensurável não só entre os professores, mas entre os alunos. Como métrica, é possível analisar o número de participantes do JLPT, o Exame de Proficiência em Língua Japonesa (日本語能力試験). Salvas as devidas proporções, de acordo com os dados oficiais da Fundação Japão, 5,85 em cada 100 mil pessoas no DF participaram de ao menos uma das últimas duas edições do JLPT cujas estatísticas foram publicadas (dezembro de 2021 e/ou julho de 2022). Essa é a maior frequência dentre todas as unidades da federação que aplicam o exame, vindo posteriormente o Amazonas (2,63 em cada 100 mil) e São Paulo (2,42 em cada 100 mil). Com exceção do nível mais alto, o N1, em que o DF fica em segundo lugar após o Paraná (0,25 em cada 100 mil no Paraná contra 0,22 em cada 100 mil no Brasil), a liderança na frequência de candidatos se mantém nos outros níveis, sejam eles avançados, como o N2 (0,6 em cada 100 mil), ou introdutórios, como o N5 (2,24 em cada 100 mil).

Naturalmente, não é possível dizer que todos os participantes no DF sejam egressos ou tenham estudado com egressos do curso de japonês da UnB (ou mesmo que não tenham vindo do entorno). Mas, dado o impacto do curso em Brasília e nas cidades-satélites, é impossível desconsiderar o papel da licenciatura na popularização do exame, já que a obtenção da aprovação nesse exame é condição *sine qua non* para indicação nos convênios de intercâmbio que a UnB possui com as diversas instituições de ensino superior japonesas. São conquistas como essa que fortalecem o *status* de Brasília como um polo de importância para o ensino do idioma no país.

Levando em consideração tudo descrito acima e que ainda há de ser escrito na história do ensino de língua japonesa na Universidade de Brasília, se pudéssemos voltar no tempo e contar aos presentes da FUB, da Fundação Japão e da Embaixada do Japão no Brasil sobre tudo que aconteceu depois daquela reunião de 3 de março de 1979, talvez nem os mais otimistas conseguiriam imaginar o quão longe nós chegamos.

Referências

FEANBRA. Instituto Midori. *In: HAYASHI, S. Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e Cinquentenário da Presença Nipo-Brasileira em Brasília*. Brasília: FEANBRA – Federação das Associações Nipo-Brasileiras do Centro-Oeste, 2008. p. 231-239.

JOKO, A. T. A área de Japonês da Universidade de Brasília. *In: HAYASHI, S. Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e Cinquentenário de Presença Nipo-Brasileira em Brasília*. Brasília, BR: FEANBRA – Federação das Associações Nipo-Brasileiras do Centro-Oeste, 2008. p. 137-139.

JOKO-VELTMAN, I.; TORREÃO, A.; SUGIMOTO, F. M. 1957: Ano 1 da Imigração Japonesa no Distrito Federal. *In: HAYASHI, S. Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e Cinquentenário da Presença Nipo-Brasileira em Brasília*. Brasília, DF: FEANBRA – Federação das Associações Nipo-Brasileiras do Centro-Oeste, 2008. p. 103-110.

OGASSAWARA, A. Dos primeiros tempos até os anos 50. *In: HAYASHI, S. Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e Cinquentenário da Presença Nipo-Brasileira em Brasília*. Brasília: FEANBRA – Federação das Associações Nipo-Brasileiras do Centro-Oeste, 2008. p. 17-39.

CAPÍTULO 2

Trajetória histórica das atividades extensionistas do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura

Fausto Pinheiro Pereira (UnB)
Yuko Takano (UnB)

O curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura (doravante Letras-Japonês) sempre se preocupou com ações extensionistas, preconizando o tripé da Instituição Ensino-Pesquisa-Extensão, por meio de Projetos de Atividades Integradoras de Extensão. Nesses termos, os saberes são compartilhados através de ações de Extensão para reconhecimento e divulgação das atividades do curso com os setores da sociedade, bem como da comunidade interna e externa da Instituição. A Nova CNE/CES, de 2018, no Art. 6º nos seguintes incisos, aclara a importância da formação holística e transformadora do discente:

- I. a contribuição na formação integral do estudante, estimulando sua formação como cidadão crítico e responsável;
- II. o estabelecimento de diálogo construtivo e transformador com os demais setores da sociedade brasileira e internacional, respeitando e promovendo a interculturalidade;
- III. a promoção de iniciativas que expressem o compromisso social das instituições de ensino superior com todas as áreas, em especial, as de comunicação, cultura, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção, e trabalho, em consonância com as políticas ligadas às diretrizes para a educação ambiental, educação étnico-racial, direitos humanos e educação indígena.

O curso de Letras-Japonês, desde sua criação, preconizou as ações extensionistas, com intuito de coadunar às demandas da sociedade, buscando novas experiências e perspectivas de pesquisas em diversas áreas de estudos japoneses. O percurso dos alunos nessa rica experiência extensionista aflora o interesse de pesquisa dos alunos e, ao mesmo tempo, desperta o interesse das comunidades internas e externas para a língua, literatura, cultura, entre outros aspectos da Terra do Sol Nascente.

A inserção da UnB na jornada para a internacionalização e globalização requer novos olhares e propostas sobre os estudos das diversidades de línguas, cujo objetivo é o acolhimento das abordagens plurais, seja na língua, na cultura ou em outras instâncias do saber.

As ações extensionistas visam a autonomia das ações por parte dos alunos, ou seja, que atuem como protagonistas das ações, nas quais o corpo docente atua na mediação e orientação, com o objetivo de buscar continuamente a inovação tecnológica e a criatividade profissional. Não obstante, simultaneamente busca-se otimizar o trabalho de grupo, de colaboração, de cooperação e de acolhimento para enfrentar os desafios pessoais, acadêmicos e burocráticos, baseados no compromisso para a “solução de problemas”.

A organização e a sistematização das atividades de Extensão direcionam para os objetivos propostos do curso de Letras-Japonês de articular ensino-extensão e pesquisa. Nesses termos, privilegiamos diferentes conjunturas e perspectivas no ensino-aprendizagem, bem como na iniciação de pesquisa científica, que convergem no processo formativo do aluno.

As atividades aprimoram a convivência dos alunos nas suas áreas de conhecimento, através de: planejamento das ações no contexto atual e real; aplicação dos projetos de extensão e avaliação das ações. Sendo assim, as ações fortalecem os valores do processo de formação profissional e educativa, contribuindo, igualmente, para a transformação social. As atividades referidas neste estudo foram desenvolvidas de forma, preferencialmente, presenciais, mas, em decorrência do contexto da pandemia-COVID, foram utilizadas ferramentas midiáticas como: as plataformas virtuais do Teams, Discord, Google Meet, Skype, StreamYard e Zoom, entre outros meios.

O ambiente extensionista protagonizado pelos alunos direciona para maior comprometimento tanto individual quanto grupal e também agrega ao fomentar para os alunos do curso a vivência e a análise dos processos de ensino-aprendizagem da língua e literatura japonesa, e temas relacionados.

Nos 25 anos do curso foram realizadas diversas atividades extensionistas. Nesta oportunidade, elencaremos atividades agrupadas nos tópicos:

1. Fóruns de Estudos Japoneses no Centro-Oeste;
2. Semana da Linguagem e Semana Universitária (Semuni);
3. EAC (Projeto de Ação Contínua);
4. Jornada Interinstitucional de Estudos japoneses; e
5. Congressos e outros eventos.

Falar na trajetória dos Estudos Japoneses, com foco no Fórum, é contar sobre a semente plantada nos idos de 2005, na época em que a discussão da Reforma Curricular estava eclodindo em todas as instâncias da nossa Instituição. E, para compartilhar as discussões sobre a Reforma Curricular entre os discentes, foi elaborado o Primeiro Fórum de Estudos Japoneses. Criado no embrião da nova Reforma, o Fórum de Estudos japoneses desenvolveu-se ao longo dos anos, atendendo às necessidades e conjunturas acadêmicas da época.

1. Fóruns de Estudos Japoneses do Centro-Oeste

O **I Fórum de Estudos Japoneses do Centro-Oeste**, sob coordenação de Alice Tamie Joko e Yuko Takano, surgiu da necessidade de discutir a proposta para elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Japonês (PPC), uma vez que o PPC foi discutido ao longo do primeiro semestre de 2005 com a participação de representantes do corpo discente, como a aluna Violeta Duarte Silva Passos.

Nesse sentido, os Fóruns foram instâncias de discussão e de reflexão sobre as pesquisas realizadas pelos docentes e discentes da área de Japonês do Centro-Oeste, de modo a contribuir para a formação acadêmica-profissional e continuada dos alunos de Licenciatura em Língua Japonesa.

A primeira edição desse evento, realizada no ano de 2005, mostrou-se uma ferramenta importante para fomentar a interação entre pesquisadores e estudantes da área sobre as pesquisas e ensino e, na mesma medida, incentivar a formação continuada dos egressos do Curso.

No contexto atual em que a língua japonesa é um dos idiomas oferecidos em diversas unidades do CIL (Centro Interescolar de Língua) do Distrito Federal, considera-se extremamente relevante a formação de profissionais capacitados para o ensino de língua japonesa no âmbito nacional. Além disso, em consonância com a política social brasileira que contempla a diversidade étnico-racial, ações de natureza extensionista colaboram para a divulgação multicultural e multilíngue. Nesses termos, o curso de Letras-Japonês cumpre, em parte, o seu papel.

O **II Fórum de Estudos Japoneses** foi realizado em 2006, sob coordenação de Alice Tamie Joko e Yuko Takano, em moldes semelhantes ao do primeiro evento, porém, com a inclusão da apresentação dos alunos de Letras-Japonês, que promoveram um momento cultural japonês, o evento “Tanabata Matsuri” – Festival de Estrelas.

O Festival é comemorado no dia 7 de julho no Japão e é uma das maiores festas populares do Japão, baseado em uma história de amor que teve início na Corte Imperial do Japão há cerca de 1.150 anos, envolvendo a “Princesa Tecelã” Orihime e o “Pastor do Gado” Kengyu, também chamado Hikoboshi, personificações das constelações Vega e Altair, respectivamente, ficam separados por todo o ano, reencontrando-se no céu apenas em 7 de julho.

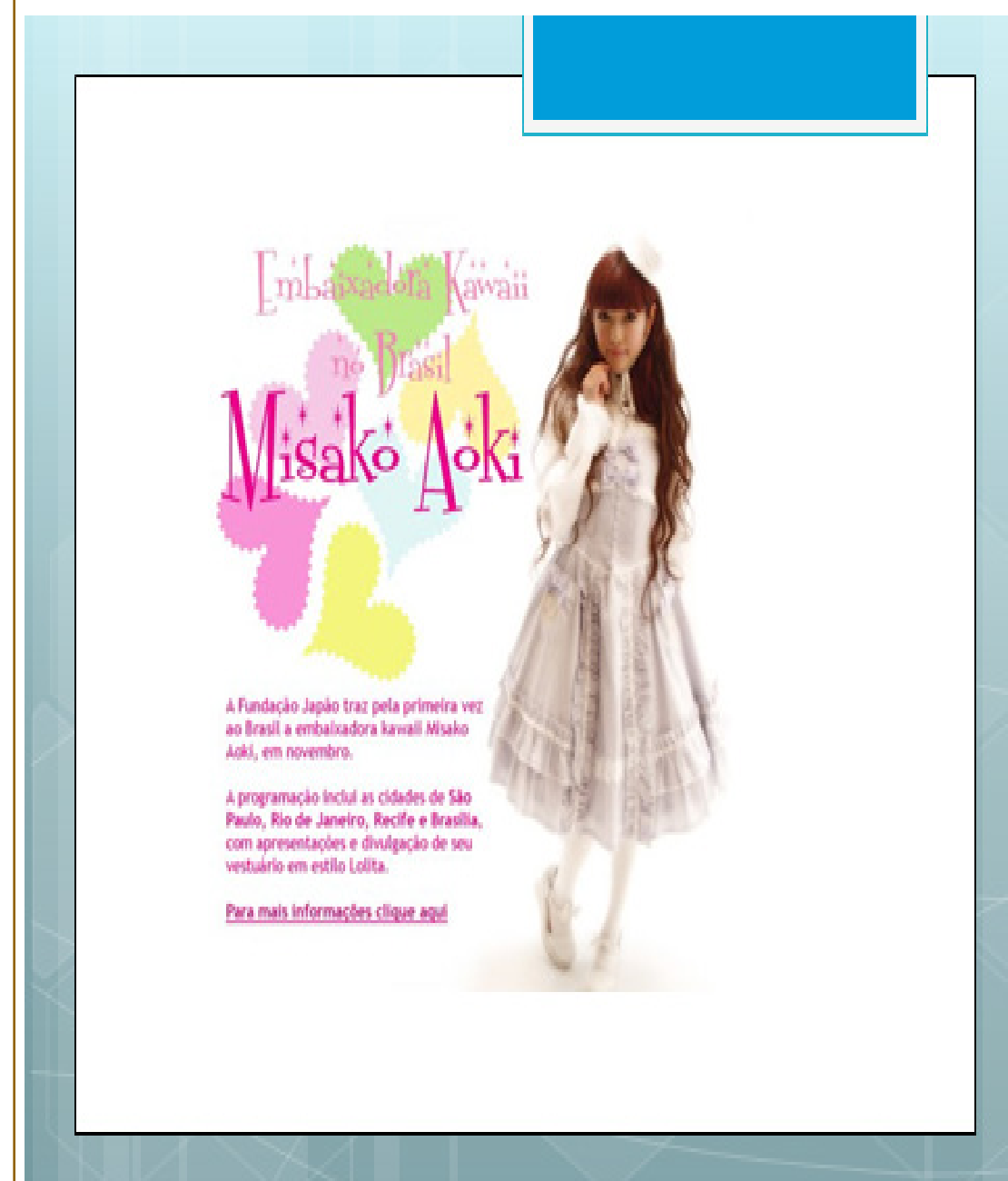
O **III Fórum** foi realizado, em 2007, sob coordenação de Alice Tamie Joko e Yuko Takano, na ocasião da Semana da Linguagem, um evento promovido pelo Instituto de Letras. Nesta

oportunidade, a área de Japonês aplicou oficinas culturais e oficinas de Línguas. No que se refere às oficinas culturais, houve sessões de cinemas japoneses com discussões; *origami* (dobradura de papel); *shodou* (caligrafia) e karaokê. Nas oficinas de língua japonesa, as atividades foram de aulas experimentais de expressão escrita; expressão oral e, também, a apresentação da história do Japão e a formação dos silabários (katakana e hiragana) e dos ideogramas *Kanji*.

No ano de 2008, foi realizado, sob coordenação de Alice Tamie Joko e Yuko Takano, o **IV Fórum**, com formato similar ao do ano anterior, ou seja, as atividades foram realizadas para coadunar com a proposta da Semana da Linguagem. Não obstante, nessa época, os alunos do curso de Japonês apresentaram uma nova proposta de ensino-aprendizagem, a criação de uma plataforma que atendesse as necessidades dos alunos de Letras-Japonês. Surgiu a ideia da criação do sistema *on-line* – o Projeto “ELO” do Japonês que foi implantado sob a orientação e supervisão das professoras Alice Tamie Joko e Yuko Takano. O projeto, iniciado em 2008, foi apresentado à comunidade interna e externa para avaliação do uso do sistema midiático para auxiliar no ensino-aprendizagem da língua japonesa apresentado na proposta.

Após o início do projeto, foram verificados os primeiros frutos, com a sua assimilação pelo Departamento de Língua Estrangeira e Tradução. Em 2013, o aluno André Sueda Limone, um dos participantes do projeto “ELO” de japonês, fez uma pesquisa de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) com o título de “Em busca do elo perdido: um estudo sobre o projeto ELO e plataformas *online* de ensino de língua japonesa, vantagens, problemas e uma visão para o futuro”. Sueda conclui: “Por fim, apoiado no conceito emergente de gamificação, o presente trabalho pretende trazer reflexões e propostas para a construção de uma visão de futuro em educação a distância de língua japonesa”.

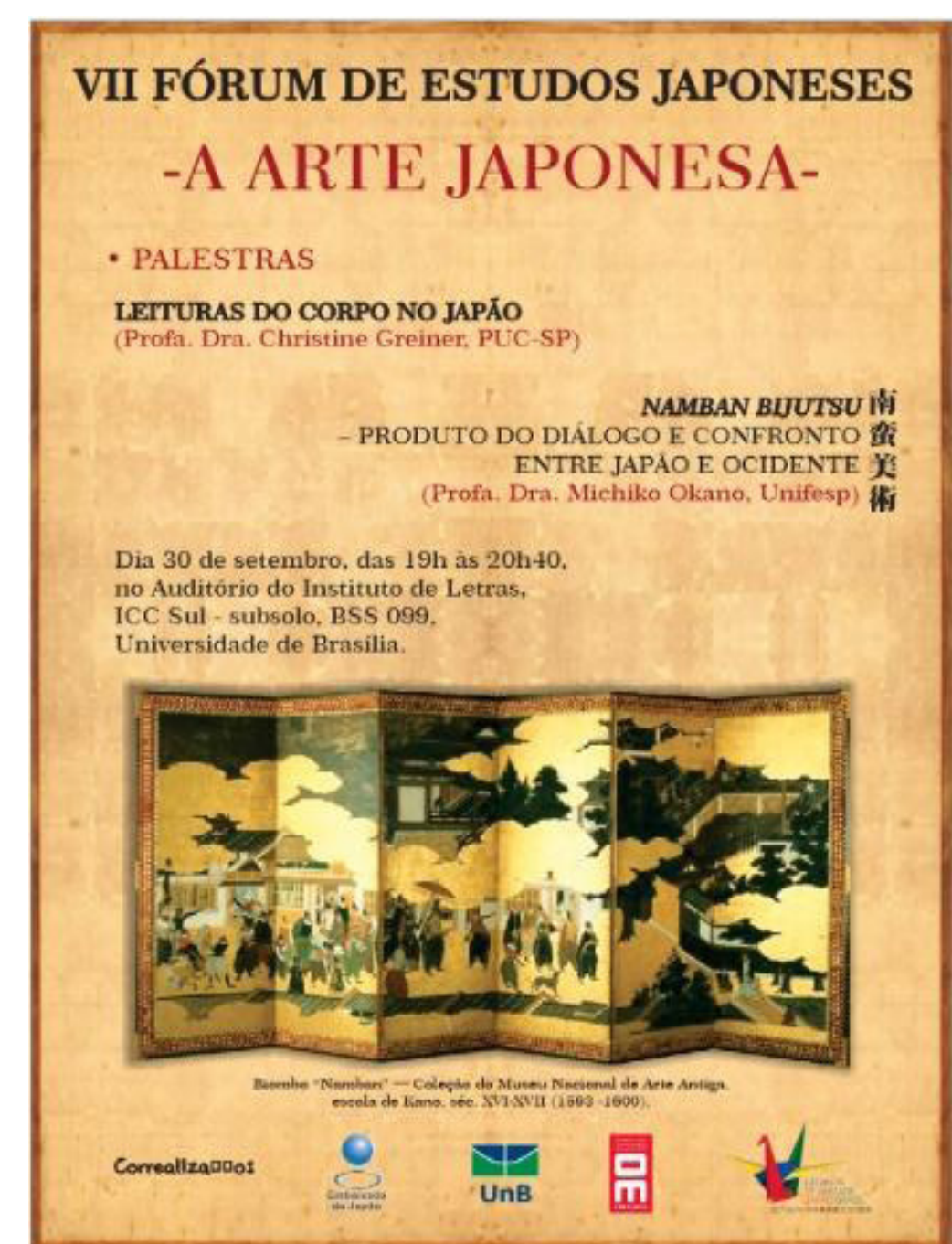
Em 2009, sob a coordenação de Ronan Alves Pereira, o curso de Letras-Japonês promove o **V Fórum**. Nesta oportunidade, tivemos a conferência da professora Donatella Natili, que apresentou duas conferências a respeito de Literatura Japonesa Moderna e Contemporânea. Nesse Fórum, contamos com a presença da “Embaixadora Kawaii” Misako Aoki. A “Embaixadora Kawaii”, em 2009, foi convidada a participar de um desfile, no *shopping center* ParkShopping, localizado no Distrito Federal, e veio prestigiar o curso de Japonês com uma palestra sobre o estilo urbano de se vestir, com vestidos no estilo vitoriano e acessórios que as jovens do Japão começaram a aderir. No Japão, os jovens aderiram à nova “moda”, “as jovens Lolitas”, que foi muito prestigiada e copiada.



O **VI Fórum** foi realizado sob coordenação de Yuko Takano, na Semana Universitária, em 2013, nos dias 5, 6 e 7 de novembro. Nessa oportunidade, a programação foi elaborada para atender vários segmentos de pesquisa sobre a língua e a literatura japonesas. Contamos com as conferências do Exmo. Ministro João Pedro Correa Costa (MRE); e do Prof. Dr. Yasumitsu Onishi (professor visitante da Universidade de São Paulo). Tivemos palestra e simpósios com o título de “Diálogos Institucionais: estudos japoneses no Centro-Oeste”, com a participação dos professores do curso de Letras-japonês e contamos com o professor Marcel Farias de Souza (FEF-UFG) e Nanahira de Rabelo, analista do Ministério de Planejamento e Orçamento. Tivemos sessões de pôsteres que permitiram aos alunos do Curso apresentarem trabalhos acadêmicos, incluindo resultados obtidos em Trabalhos de Conclusão de Curso. O último dia do evento foi destinado para apresentar e debater com os alunos de Letras-Japonês sobre o novo Fluxograma de Letras-Japonês.



O **VII Fórum de Estudos Japoneses**, intitulado “A arte japonesa”, foi realizado, sob a coordenação de Ronan Alves Pereira, no dia 30 de setembro de 2014. Contamos com as palestras de Professoras Doutoras de outras Instituições que prestigiaram o evento com pesquisas que se referem à “arte” e suas dimensões de Greiner – PUC-SP, com a palestra “Leituras do corpo no Japão” e da Profa. Dra. Michiko Okano – Unifesp com a palestra “Nanban Bijutsu: produto do diálogo e confronto entre Japão e o Ocidente”.



Em 2016, foi realizado o **VIII Fórum**, sob coordenação de Alice Tamie Joko e Yuko Takano. Nessa ocasião, foram enfatizados estudos “multidisciplinares” em que as pesquisas de estudos japoneses foram coadunadas com outras pesquisas nacionais e internacionais.

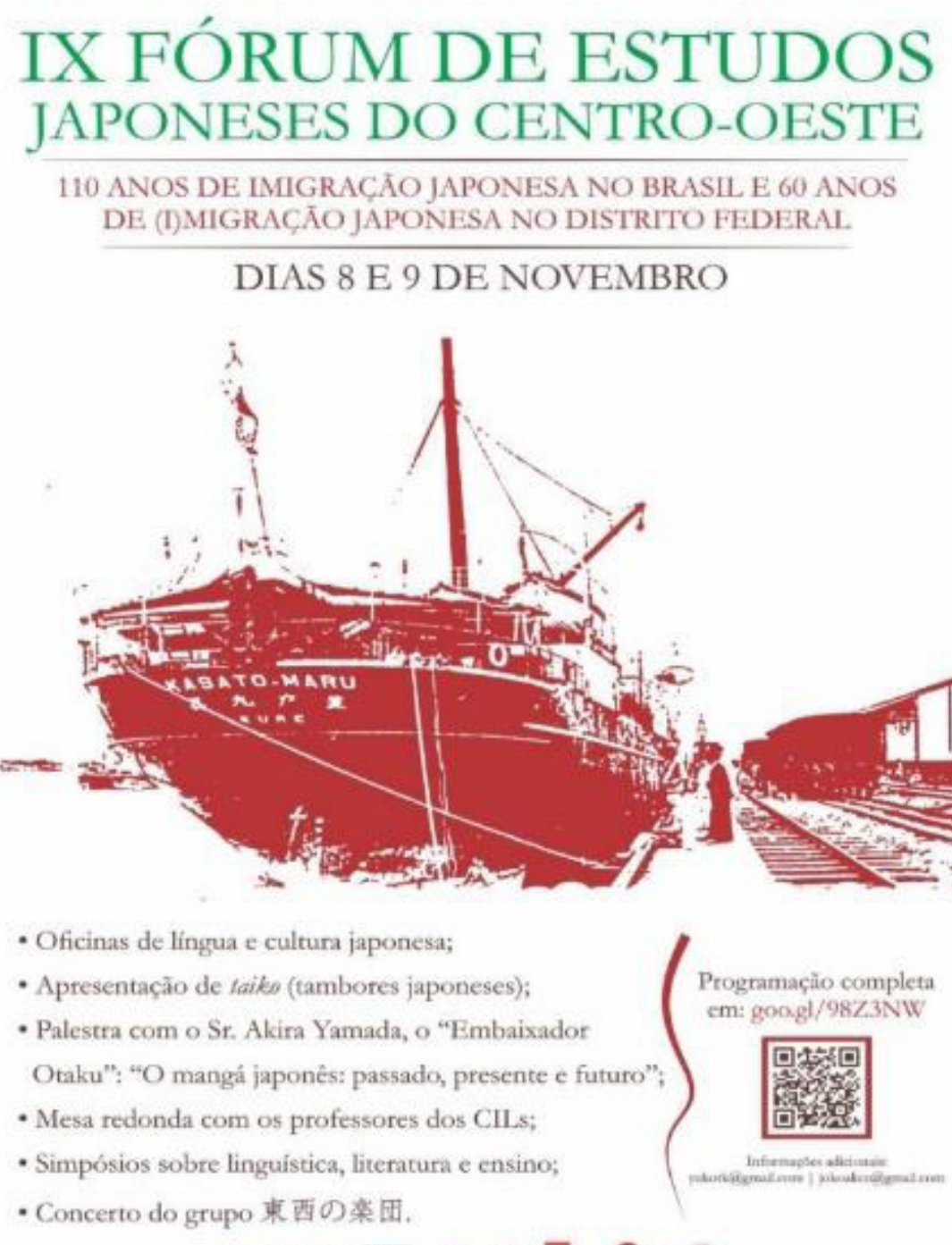
O VIII Fórum teve como objetivo congrega pesquisadores do Centro-Oeste para discutir, refletir e debater sobre as pesquisas realizadas nas áreas de língua, cultura e literatura japonesa, com foco principal no ensino-aprendizagem e na formação continuada. Através de diálogos com outras instituições acadêmicas e com os diversos pesquisadores da área, o Fórum tornou-se espaço para discutir e compartilhar as pesquisas sobre aspectos da literatura japonesa, da imigração japonesa, e da língua japonesa.

O VIII Fórum foi um evento realizado em parceria com o **II SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOCIOGEOLINGÜÍSTICOS: as variações e o bilinguismo em Línguas Naturais: convergências e confluências** e **VIII FÓRUM DE ESTUDOS JAPONESES NO CENTRO-OESTE: realizações, tendências, perspectivas e formação continuada**.



Em 2018, foi realizado o **IX Fórum**, celebrando 110 anos de imigração japonesa no Brasil, sob coordenação de Kimiko Uchigasaki Pinheiro e Yuko Takano. O evento foi realizado nos dias 8 e 9 de novembro de 2018, conjuntamente com a UnB-Idiomas. No primeiro dia, contou com a Conferência do Embaixador do Japão Akira Yamada sobre aspectos da cultura popular do Japão. Foram realizadas também palestras e mesa-redonda sobre “O papel da língua japonesa nos CILs do Distrito Federal”, com a participação de professores dos Centros Interescolares de Línguas (CILs), além de oficinas de língua, cultura, literatura, entre outros, para alunos dos CILs e comunidade externa e interna.

No segundo dia do evento, as atividades foram focadas para o Curso, com a realização do simpósio “Diálogo docente-discente”.



IX FÓRUM DE ESTUDOS JAPONESES DO CENTRO-OESTE
 110 ANOS DE IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL E 60 ANOS DE (I)MIGRAÇÃO JAPONESA NO DISTRITO FEDERAL
 DIAS 8 E 9 DE NOVEMBRO

Programação completa em: goo.gl/98Z3NW

Informações adicionais: yuko@idgma.com | kimiko@idgma.com

- Oficinas de língua e cultura japonesa;
- Apresentação de *taiko* (tambores japoneses);
- Palestra com o Sr. Akira Yamada, o “Embaixador Otaku”: “O mangá japonês: passado, presente e futuro”;
- Mesa redonda com os professores dos CILs;
- Simpósios sobre linguística, literatura e ensino;
- Concerto do grupo 東西の楽団.

Logos: UnB, IDGMA, FAPESP, FAPESP, FAPESP, FAPESP, FAPESP

Em 2019, foi realizado o **X Fórum de Estudos Japoneses no Centro-Oeste: caminhos da formação acadêmica de Letras-Japônês**. Nesse Fórum, foi privilegiada a instância do saber com foco nas oportunidades de carreira profissional, intercâmbios e pesquisas acadêmicas.

Nesta edição, o curso de japonês promoveu ação para discutir e debater assuntos de várias instâncias do saber. Oportunizou o encontro e a interação com os pesquisadores, professores de língua japonesa e discentes da área e alunos do Ensino Público, privilegiando o tripé ensino, extensão e pesquisa que norteia uma instituição pública de ensino superior.



X FÓRUM DE ESTUDOS JAPONESES DO CENTRO-OESTE
 VIVÊNCIA ACADÊMICA E OPORTUNIDADES DE PESQUISA

PROGRAMAÇÃO
 22 DE NOVEMBRO
 AUDITÓRIO DO IL - 18H

PALESTRA
 Uma breve história da Língua Japonesa:
 Introdução à Linguística Histórica
 Marcus Tanaka de Lira

PALESTRA
 Experiências de ex-intercambistas no Japão

APRESENTAÇÃO
 Oportunidades de Pesquisa:
 Trabalhos acadêmicos do curso de Letras - Língua e Literatura Japonesa

INSCRIÇÕES VIA SIEC

Logos: UnB, IDGMA, FAPESP, FAPESP, FAPESP, FAPESP, FAPESP

Através das diversas edições do Fórum de Estudos Japoneses do Centro-Oeste, compartilhamos as discussões com a comunidade externa, interna e com os pesquisadores para tratar de assuntos referentes à cultura, literatura, ensino e linguística. Contamos também com a participação dos nossos egressos que atuam no Centro Interescolar de Línguas,

os quais são os parceiros colaboradores para fomentar a discussão sobre a formação continuada.

A necessidade de criar instância de reflexão/discussão urge, devido à conjuntura política educacional do Distrito Federal que, no ano de 2016 – no Edital nº 23 – SEE/DF, abriu o primeiro concurso público para vagas em cargos de carreira – Magistério público, com habilitação na língua japonesa. A institucionalização da categoria de professor de língua japonesa no CIL foi uma conquista protagonizada pelos professores de língua japonesa do Projeto Piloto do CIL, todos egressos do curso de Letras-Japonês da UnB. Em consonância à política social brasileira e da Universidade de Brasília, o Curso defende a diversidade étnico-racial, com objetivo de promover ações que privilegiam os aspectos multiculturais bem como o incentivo ao multilinguismo. Nesses termos, faz-se necessário investir na formação dos nossos discentes para que o ensino-aprendizagem atenda ao novo perfil de alunos e à nova demanda da sociedade, em plena transformação.

O Fórum de Estudos japoneses do Centro-Oeste é uma atividade organizada por Comissão científica e por Comissão organizadora compostas por professores do Curso de Letras-Japonês da Universidade de Brasília. A formação holística de corpo discente de língua japonesa do curso de Letras-Japonês é parte da proposta pedagógica do curso de Letras-Japonês, sendo assim, de suma importância fomentar a interação entre os alunos e professores do Curso de Letras-Japonês da UnB, com os professores egressos e com alunos do ensino médio do Centro Interescolar de Línguas e das Escolas Públicas do Ensino Médio e Fundamental. Ao mesmo tempo, promove, através dessas ações, o contato com a comunidade interna e externa que têm interesse nos assuntos referentes aos estudos japoneses.

2. Semana da Linguagem e Semana Universitária (Semuni)

Outro elemento importante da atuação do Curso de Letras-Japonês em extensão está relacionado à atuação em eventos promovidos conjuntamente com outros cursos da Universidade de Brasília. É o caso da participação na Semana da Linguagem dos eventos da Semana Universitária.

O Curso de Letras-Japonês, em 2007, participou da **Semana da Linguagem**, sob coordenação de Alice Tamie Joko e Yuko Takano, em evento promovido pelo Instituto de Letras. Nesta oportunidade, conforme citado no III Fórum, realizamos ações tais como: oficinas culturais e oficinas de línguas. No caso das oficinas culturais, tivemos sessões de cinemas japoneses com discussões; *origami* (dobradura de papel); *shodou* (caligrafia) e

karaokê. Nas oficinas de língua japonesa, as atividades foram de aulas experimentais de expressão escrita; expressão oral e apresentamos também a história do Japão e a formação dos silabários (katakana e hiragana) e dos *Kanji*.

Na **Semana da Linguagem**, em 2008, sob coordenação de Alice Tamie Joko e Yuko Takano, foram aplicadas as ações similares do ano anterior, com a adição da participação maior dos alunos do curso de Letras-Japonês, que apresentaram uma proposta de ensino-aprendizagem, com o uso midiático, ou seja, a criação de uma plataforma que atendesse as necessidades dos alunos de Letras-Japonês.

Como ação da **Semana Universitária da UnB de 2018**, sob a coordenação de Yuko Takano, foi realizado o evento: **Vivência do Ciclo Pedagógico: Licenciatura em Letras-Japonês**. Nesse, os licenciandos do curso de Letras-Japonês tiveram a oportunidade de vivenciar a realidade das escolas públicas do Distrito Federal, especificamente no caso dos alunos, das disciplinas Estágio Supervisionado do Japonês 1; Estágio Supervisionado do Japonês 2 e Metodologia da Língua Japonesa. Nessa ocasião, eles aplicaram oficinas e também tiveram contato mais direto com a rotina escolar da rede pública de ensino – Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia do Curso de Japonês (CILC).

Os alunos do CILC experienciaram as atividades culturais e de língua japonesa, preparados pelos alunos do curso de Letras-Japonês da UnB. Esta proposta coaduna com o interesse do Projeto apresentado pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) que visa fortalecer ações voltadas para a formação dos nossos alunos. As atividades desenvolvidas foram: oficinas de língua japonesa e cultura japonesa; apresentação do curso de Letras-Japonês da UnB; e jogos interativos de língua japonesa e cultura japonesa.

Simultaneamente ao evento principal, diversos *workshops* foram realizados, apresentados a seguir.

Inicialmente, foi realizado o **I Torneio de Oratória em Língua Japonesa**, sob a coordenação de Alice Tamie Joko. Esta ação proporcionou aos alunos da UnB, Unb-Idiomas, escolas da comunidade nipo-brasileira e escolas públicas do Distrito Federal a oportunidade de aprimorar sua capacidade de expressão oral em público e fomentou o intercâmbio entre alunos de língua japonesa.

Outra ação realizada foi o **Workshop de leitura das obras literárias de autores japoneses**, sob coordenação de Kimiko Uchigasaki e Kyoko Sekino. Nesta ação, foi realizada a leitura de literatura (original e/ou traduzida) de autores japoneses como Ryûnosuke Akutagawa, Yasunari Kawabata, Kenzaburo Ôe, Soseki Natsume, Haruki Murakami e Yûki o Mishima, sendo uma atividade aberta para toda comunidade interessada.

Dado o crescente interesse demonstrado por alunos e por membros da comunidade em literatura japonesa, foi uma oportunidade que permitiu dar maior visibilidade em relação a autores modernos e contemporâneos.

Por último, foi realizado o **Workshop sobre o Método de Apresentação para alunos avançados/professores**, sob coordenação de Yüki Mukai. Esse *workshop* foi voltado a pessoas de nível avançado em língua japonesa (a partir de B1 autoavaliado) para este curso, e ofereceu um método de resumir uma história assistida em vídeo e de apresentar oralmente esse resumo. Sob a coordenação de uma instrutora da Fundação Japão e uma professora do UnBIdiomas, o método trabalhado envolveu diversas atividades: seleção de vídeos, método de preparação (vocabulário, contexto sociocultural e gênero discursivo), estruturação de um resumo oral e apresentação. Por meio desse processo, todos os alunos fizeram uma apresentação oral no fim do curso e discutiram o método.

Na Semana Universitária do Instituto de Letras de 2019, o Curso de Letras-Japonês realizou o evento: **Vivência do ciclo pedagógico: aplicação de oficinas da cultura e da língua japonesa**, sob a coordenação de Yuko Takano. A proposta da ação didático-pedagógica proporcionou aos alunos do curso de Letras-Japonês, especificamente das disciplinas Estágio Supervisionado do Japonês 1, Estágio Supervisionado do Japonês 2 e Metodologia da Língua Japonesa, uma oportunidade de vivenciar a docência, utilizando métodos e técnicas diversificados para ensino-aprendizagem da língua japonesa. A aplicação de oficinas e *workshop* contribuíram para o processo "ação-reflexão-ação" dos alunos do curso de Letras-Japonês. As atividades propostas foram:

- Workshop;
- Oficinas de Língua e Cultura Japonesa;
- Vídeo Interativo; Kanji/shodou;
- Vestimenta: kimono/yukata;
- Gíria Japonesa;
- Karaokê;
- Dias festivos e
- Jogos Interativos.

Outro evento realizado foi **Ciclo acadêmico: mostra de trabalhos científicos do curso de Letras-Japonês**, sob a coordenação de Yuko Takano. Nessa, foi realizada a ação acadêmico-científica em que os estudantes e os egressos do curso de Letras-Japonês

participaram de “mostra científica” no formato de apresentação de *banners* e pôsteres dos trabalhos nas áreas de cultura, literatura, ensino e aprendizagem e de formação continuada de professores.

Também foi apresentado o evento **Uma breve história da Língua Japonesa: introdução à Linguística Histórica**. Essa ação foi realizada por Marcos de Lira Ferreira Tanaka, que proferiu uma palestra sobre a descrição da história da língua japonesa, com um panorama da evolução conhecida da língua e o ensino de ferramentas para reconstrução de estágios mais distantes da língua.

Outro evento foi **Vias didático-pedagógicas do Curso de Japonês: CILS (Centro Interescolar de Línguas do Distrito Federal de Sobradinho) & Letras-Japonês (UnB)**, sob a coordenação de Yuko Takano. Esta ação proporcionou aos alunos do curso de Letras-Japonês, especificamente das disciplinas Estágio Supervisionado do Japonês 1, Estágio Supervisionado do Japonês 2 e Metodologia da Língua Japonesa, a oportunidade de vivenciar a rotina escolar do Centro Interescolar de Línguas da rede pública de ensino. Os alunos dessa escola experienciaram outra forma de aprendizagem, através de métodos e técnicas diversificados aplicados pelos futuros docentes.

Por último, nesse ano foi realizado o **Workshop de Leitura das Obras literárias de Autores Japoneses**, sob a coordenação de Donatella Natili. Esta ação de extensão propôs despertar aos participantes interesse à leitura das obras literárias japonesas. A leitura da literatura de países asiáticos, no caso o Japão, promoveu a discussão sobre a diversidade literária, cujo estudo desperta o senso crítico sobre uma estética diferenciada e, com isso, amplia o olhar de ver e compreender o mundo. Além disso, possibilita discussões sobre os contextos históricos distintos, e multiculturais. Neste sentido, essa ação foi relevante, por favorecer um caminho de transformações em conjunto no modo de refletir sobre as literaturas de outras etnias.

Em 2020, o Curso de Letras-Japonês participou da **Semana Universitária do Instituto de Letras**. Em decorrência das restrições trazidas pela pandemia de Covid-19, as ações de 2020 foram realizadas de maneira remota, através de plataformas *on-line*. Com essa experiência, inicial, foi constatada a viabilidade de realizar eventos de maior escala em plataformas integralmente virtuais.

A primeira ação foi **Bem-vindos!! Youkoso**, sob coordenação de Fausto Pinheiro Pereira. Nesta atividade gravada, foram apresentadas as linhas gerais do curso de Letras-Japonês: breve história da língua japonesa na UnB e da criação do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura. Foram apresentados o currículo do curso, as ações

extensionistas, os projetos, as pesquisas, entre outras ações. Esta ação foi realizada de forma remota/síncrona, usando a plataforma StreamYard.

Outra ação foi **História das Línguas coreana e japonesa**, sob coordenação de Marcus de Lira Ferreira Tanaka. Foi uma ação síncrona em que foram explicadas as origens das línguas coreana e japonesa. Foram apresentados os aspectos de similaridade entre essas línguas. Esta ação foi realizada de forma remota e síncrona, usando a plataforma StreamYard.

Além disso, foi apresentado o **Panorama geral do Projeto de Extensão de Ação Contínua (PEAC) da área de japonês**, sob a coordenação de Alice Tamie Joko, Yuko Takano e Egon Lucas Alves Neves. Esta ação foi gravada e foi feita a apresentação do PEAC da Área de Japonês, que se iniciou em 2019 de forma presencial, conforme apresentado no item 3 (Trajetória de ações extensionistas: PEAC - Projeto de Ação Contínua) deste artigo. E, para dar continuidade à ação, os alunos de Letras-Japonês, sob supervisão das Profas. Alice Tamie Joko e Yuko Takano realizaram na época da pandemia de COVID-19 de forma remota, utilizando a plataforma Zoom.

Outra atividade foi **Introdução à escrita japonesa**, sob coordenação de Yuko Takano e Joshua Sabino. Nesta atividade gravada, foi apresentada uma breve história da escrita japonesa de **hiragana, katakana e kanji**. Utilizou-se o canal YouTube.

Por último, foi realizada a **Vivência acadêmica de língua e cultura japonesa: mitologia, festivais e Quiz Game**, sob coordenação de Yuko Takano. Esta Oficina foi realizada no formato síncrono pelos alunos Estagiários de Japonês 1 do Curso de Letras-Japonês que estavam atuando no Centro Interescolar de Línguas do Recanto das Emas. Esta ação foi realizada de forma remota e síncrona, utilizando a plataforma Teams.

Na **Semana Universitária do Instituto de Letras**, foram comemorados os 40 anos de presença da língua japonesa na Universidade de Brasília. Na ocasião, foi lembrado o histórico do ensino de língua japonesa na Universidade de Brasília. No início, a língua japonesa era lecionada como parte de projeto de extensão, passando a ser oferecida como disciplina optativa de língua. Finalmente, em 1997, nasceu o curso de Licenciatura em língua japonesa e respectiva literatura.

Na SEMUNI de 2021, a área de Japonês promoveu várias atividades, dentre elas, a comemoração dos 40 anos. Nesta ação, convidamos egressos, professores e alunos a participarem de mesa-redonda para discutir o passado, o presente e o futuro do curso de Letras-Japonês. Esta ação foi realizada no formato remoto/síncrona, na plataforma StreamYard. Ao total foram realizadas sete atividades.

Inicialmente, foi apresentado o **Project Yume**, sob a coordenação de Yuko Takano. A proposta desta ação foi realizada pelos integrantes do “Project Yume”, formado por uma conexão entre músicos brasileiros e nipo-descendentes, visando explorar sonoridades de instrumentos presentes na cultura japonesa como *shamisen*, *shakuhachi* e *koto* em consonância com os instrumentos tais como: piano e flauta transversal piccolo, relacionando a musicalidade com a obra cinematográfica de Akira Kurosawa. Esta ação de extensão teve como objetivo despertar interesse aos estudos da cultura japonesa pela perspectiva da musicalidade e cinematografia japonesa.

Outra atividade foi **Experiência de uma leitura cênica da peça Kantan**, sob a coordenação de Kimiko Ushigasaki. Nesta ação, contamos com a presença dos alunos do curso de Letras-Japonês para apresentação cênica da peça de “Travesseiro dos sonhos (Kantan) de Yûki o Mishima. Esta ação foi realizada no formato remoto e síncrono, na plataforma StreamYard.

Além disso, foi realizada a atividade **Vivência acadêmica japonesa: Mitologia, Festival e Quiz game**, sob a coordenação de Yuko Takano. Nessa ação, foram realizadas três oficinas de cultura japonesa, pelos alunos do Estágio Supervisionado de japonês 1, com os temas Mitologia, Festival e *Quiz Game*. As ações foram realizadas no formato remoto e síncrono, na plataforma StreamYard.

Outra atividade foi **Chá da tarde – um momento de visitar os assuntos histórico-culturais do Japão**, sob coordenação de Kyoko Sekino. Este *workshop* abordou assuntos referentes aos aspectos culturais do Japão, incluindo a importância da cultura/arte do chá no Japão. A cerimônia do chá – Sadô – é de forte inspiração artística e tem como proposta ajudar na harmonia espiritual e na busca da paz interior. A ação foi realizada no formato remoto e síncrono, na plataforma StreamYard. Além dessa, foi realizada a ação **Visão geral da tipologia de dicionários japoneses**, sob a coordenação de Fausto Pinheiro Pereira. Nesta ação, foram apresentadas as diferenças de tipologia entre os dicionários japoneses e ocidentais, neste caso o do português, além de características únicas verificadas em dicionários japoneses. A ação foi realizada no formato remoto/síncrono, na plataforma StreamYard.

Sob a mesma coordenação, foi realizada a **Apresentação do curso de Licenciatura em Letras-Japônês**. Em comemoração aos 40 anos, nesta atividade gravada em YouTube, mostrou-se a trajetória do curso de Letras-Japônês ao longo dos 24 anos.

Por último, foi realizada a ação **TCC Letras-Japônês**, sob coordenação de Yuko Takano e Yûki Mukai. As pesquisas monográficas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)

realizadas pelos alunos foram divulgadas na plataforma YouTube. Elencamos a seguir as monografias contempladas:

- Estratégia de aprendizagem autônoma de ideograma da língua japonesa;
- Kaguya-hime: um paralelo entre o silenciamento de Kaguya e os abusos sofridos pela mulher moderna;
- O cinema japonês como mídia de representação histórica;
- Dialetologia em sala de aula: o ensino para estudantes de língua japonesa.

3. PEAC (Projeto de Ação Contínua)

A seguir, veremos outra modalidade de atuação de extensão. **O Projeto Extensionista de Ação Contínua (PEAC)** é uma das vertentes que permite fortalecer o vínculo entre universidade e comunidade externa, em especial interessada em temas relacionados a estudos de língua, cultura e literatura japonesa, ao mesmo tempo que é reforçado o vínculo com outras instituições que atuam no ensino da língua japonesa, como diversas unidades dos Centros Interescolares de Língua (CIL) do Distrito Federal.

A primeira ação desse tipo é **Oralidade em foco: vamos falar em Japonês**, sob coordenação de Alice Tamie Joko e Yuko Takano. A área de Japonês promoveu uma Ação de Extensão piloto na habilidade da expressão oral – o título do projeto “A oralidade em foco: vamos conversar em japonês”. O curso foi realizado pelos alunos do curso de Japonês, com o apoio dos Intercambistas japoneses sob orientação, coordenação e supervisão das profas. Alice Tamie Joko e Yuko Takano. A duração do curso foi de 1 (um) mês, sendo realizado entre os dias 10 de novembro e 10 de dezembro de 2018. Após a conclusão do curso que foi realizado com êxito, foi elaborada uma ação PEAC (Projeto de Ação Contínua) no sistema SLEX.

Outra ação é o curso **Ciclo de Letramento através de Literatura Japonesa**, sob coordenação de Kimiko Uchigasaki Pinheiro. O curso teve como objetivo apresentar um conjunto de obras representativas da literatura japonesa moderna, com especial enfoque na prosa, de modo a suscitar a reflexão acerca do fenômeno da intertextualidade – citação, alusão, referência, paródia, reescrita dos mitos. E, ainda, proporcionou um estudo crítico num contexto em que a cultura literária é o produto de emulação das literaturas ocidentais, dialogando com uma vasta tradição literária japonesa para desenvolver sua força artística autônoma e original, em 2019.

Outra ação realizada foi o **Festival da expressão oral**, sob coordenação de Alice Tamie Joko e Yuko Takano. O Festival foi realizado em 2019, com parcerias entre UnB, UnB-idiomas, Escolas de Língua das comunidades e Associações e dos Centro Interescolar de Línguas (CILs), com intuito de congregar os alunos e professores destas instituições a participarem do evento de Extensão.

Outro evento foi **Poesia Perspectiva Musical** sob coordenação de Kyoko Sekino. Este evento, realizado em 2019, focou na discussão sobre o ensino-aprendizagem da língua, utilizando a poesia e a ópera sob perspectiva da fonologia vetorial, sobretudo a integração dos sons musicais e das línguas. Com intuito de atender a comunidade externa e interna, alunos de pós-graduação, alunos de graduação, egressos e pesquisadores interessados no ensino de língua e de literatura. Nesta oportunidade, foram proferidas palestras pelo Prof. Dr. Christopher Bochmann, da Universidade de Évora, e o Prof. Dr. Zoltan Paulinyi, do Departamento de Música da Universidade de Brasília.

Sob a mesma coordenação, temos **O letramento através de literatura**. Este evento, realizado em 2019, objetivou focar no ensino de língua estrangeira, utilizando obras literárias para compreensão oral e desenvolvimento da oralidade da língua alvo. Para atender a comunidade externa e interna, alunos de pós-graduação, alunos de graduação, egressos e pesquisadores interessados no ensino de literatura, o professor Dr. Atsuhiko Wada, da Universidade de Waseda (Tóquio), proferiu duas conferências.

Outra ação relacionada à literatura japonesa foi **Literatura Japonesa Moderna: um panorama do século XX**. Nesta oportunidade, convidamos a profa. Dra. Lica Hashimoto da Universidade de São Paulo (USP) a ministrar curso de dois dias sobre as obras representativas da literatura japonesa. Participaram da ação, realizada em 2019, a comunidade externa e interna, alunos de pós-graduação, alunos de graduação, egressos e pesquisadores interessados no ensino de literatura.

Voltando o foco ao ensino, temos o evento **Vivência do ciclo pedagógico: aplicação de oficinas da cultura e da língua japonesa**, sob a coordenação de Yuko Takano. A proposta da ação didático-pedagógica, realizada em 2019, proporcionou aos alunos do curso de Letras-Japonês, especificamente das disciplinas Estágio Supervisionado do Japonês 1, Estágio Supervisionado do Japonês 2 e Metodologia da Língua Japonesa uma oportunidade de vivenciar uma experiência da docência baseada na utilização de métodos e técnicas diversificados para ensino-aprendizagem da língua japonesa. Aplicação destas oficinas e *workshops* contribuíram para “ação-reflexão-ação” dos alunos do curso de Letras-Japonês.

4. As Jornadas Interinstitucionais de Estudos Japoneses

Expandindo o envolvimento da Universidade de Brasília com outras instituições, temos as jornadas institucionais. As Jornadas foram realizadas em comemoração aos 60 anos do Instituto de Letras e 25 anos do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura – Letras-Japonês. Para a comemoração dos 25 anos da criação do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura, o Curso de Letras-Japonês promoveu as Jornadas Interinstitucionais de Estudos Japoneses. Iniciamos a **I Jornada** em outubro de 2021 e durante o ano de 2022 foram realizadas as outras Jornadas. E, finalmente, para comemoramos o ciclo dos 25 anos do curso, na **VIII Jornada**, tivemos dois dias de eventos que foram realizados no início de 2023. Veja a seguir as Jornadas e os respectivos cartazes:

I Jornada Interinstitucional de Estudos Japoneses do Brasil: estudos linguísticos e comunidade Nikkei, sob coordenação de Leiko Matsubara (USP), Alice Tamie Joko (UnB) e Yuko Takano (UnB). Nesta oportunidade, foi realizada, em parceria com a Universidade de São Paulo (USP), a mesa-redonda sobre o aspecto linguístico da comunidade nipo-brasileira. Contamos com as pesquisadoras da USP, UnB e Universidade Estadual de Campinas. Esta ação foi realizada, em 2021, de forma remota/síncrona, utilizando a plataforma Teams.



II Jornada Interinstitucional de Estudos Japoneses do Brasil: ensino, pesquisa na literatura japonesa, sob coordenação de Kimiko Uchigasaki e Yuko Takano. A II Jornada Interinstitucional: uma roda de conversa sobre Ensino e pesquisa na Literatura Japonesa foi uma ação realizada, em 2022, em parceria com a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Amazonas. Discutiu-se sobre pesquisa e ensino da literatura dessas universidades. Esta ação foi executada na modalidade remota e síncrona, através da plataforma Teams.

III Jornada Interinstitucional de Estudos Japoneses: Ensino e Pesquisa em Literatura Japonesa, sob coordenação de Kimiko Uchigasaki e Yuko Takano. A III Jornada Interinstitucional: Ensino e Pesquisa na Literatura Japonesa foi uma ação realizada em 2022, em parceria com a Universidade de São Paulo e Universidade Federal do Amazonas. Discutiu-se sobre pesquisa e ensino da literatura dessas universidades. Esta ação foi executada na modalidade remota e síncrona, através da plataforma Teams.



IV Jornada Interinstitucional de Estudos Japoneses do Brasil: diálogo sobre estudos de Língua de Herança da comunidade nikkei do Brasil e do Japão, sob coordenação de Kaoru Tanaka de Lira Ferreira e Yuko Takano. A IV Jornada foi uma ação realizada em 2022, em parceria com a Universidade do Japão e com a Associação Nikkei. Foi um evento de abrangência Internacional que trata de uma temática pouco estudada pelos pesquisadores nikkeis – os estudos sobre “Herança Linguística”.



Pesquisas que tratam desse assunto são de suma importância para que seja colocada em pauta a valorização da Política Linguística dos (i)migrantes. O diálogo proposto neste evento pretendeu discutir com a comunidade nikkei e pesquisadores a necessidade de ampliar as “vozes” nos trabalhos desta natureza.

V Jornada Interinstitucional de Estudos Japoneses do Brasil: vivência acadêmica Letra-Japonês, Centro Interescolar de Línguas do Curso de Língua Japonesa e UnB-Idiomas, sob coordenação de Alice Tamie Joko, Kimiko Uchigasaki e Yuko Takano. A ação foi realizada em em parceria com as escolas do Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia, Recanto das Emas, Gama e Sobradinho, em 2022. As oficinas foram aplicadas pelos alunos dos Estágios Supervisionados de Japonês. Os temas foram: literatura; língua; cultura; linguística aplicada; história; língua de sinais da língua japonesa e linguística. Promovemos ações que contemplassem a acessibilidade da aprendizagem de língua estrangeira para pessoas Surdas.



VI Jornada Interinstitucional de Estudos Japoneses do Brasil: boas-vindas aos calouros de Letras-Japonês, sob coordenação de Fausto Pinheiro Pereira. Nesta jornada, tivemos a conferência da Profa. Dra. Angélica Louise de Souza Alencar, que proferiu sobre suas pesquisas realizadas no Japão (mestrado e doutorado) na área de História do Japão. E, ainda, tivemos a apresentação do curso de Letras-Japonês com ênfase na nova proposta do PPCJ (Projeto Pedagógico do Curso em Licenciatura Letras-Japonês), promovendo debates, orientações e discussões referentes ações tanto interdisciplinares quanto transdisciplinares que o novo PPCJ contempla na curricularização do curso. Esta ação foi realizada, em 2022, de forma remota e síncrona, através da plataforma Teams.

VII Jornada Interinstitucional de Estudos Japoneses do Brasil: apresentação de pesquisas da área de Japonês, sob coordenação de Kimiko Uchigasaki Pinheiro. Nesta atividade, propomos um evento com apresentação de trabalhos de monografias e projetos nas áreas de conhecimentos, tais como: literatura, língua, cultura, linguística aplicada, história, língua de sinais da língua japonesa e linguística. São pesquisas que contemplam a diversidade cultural e a acessibilidade de aprendizagem de língua estrangeira para pessoas Surdas. Esta ação foi realizada em 2022, de forma remota e síncrona, através da plataforma Teams.

Boas-vindas aos alunos do segundo semestre de 2022
Curso de Letras - Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa.

Será transmitido de forma online na plataforma Teams no dia 28 de novembro de 2022 segunda-feira às 19horas

Inscriva-se:
<https://forms.gle/4EQvV2pfXZpUFK9S7>




60 anos do IL e 25 Anos de Letras-Japonês: VI Jornada Interinstitucional:

Apresentação de pesquisas da Área de Japonês

Dia: **3 de Novembro de 2022**

Das: **19h às 22h**

Local: **Evento Online**

Inscrições pelo **SIGAA**

Link: <https://sigaa.unb.br/sigaa/link/public/extensao/visualizacaoAcaoExtensao/6675>

QR Code:



Coordenação:



Profa. Kimiko Uchigasaki Pinheiro

VIII Jornada Interinstitucional: 60 anos do Instituto de Letras e 25 Anos do Curso de Letras-Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa, sob coordenação do Curso de Letras-Japonês como um todo. A última Jornada, com o tema “60 Anos do Instituto de Letras e 25 Anos do curso de Licenciatura Letras-Japonês: 25 anos de cooperação e acolhimento – passado, presente e futuro” finalizou as ações de extensão. Durante o percurso dos eventos, foram oportunizados, através de fóruns, espaços de discussão com os pesquisadores nacionais e internacionais com temas sobre ensino-aprendizagem da língua japonesa, imigração japonesa, literatura japonesa e outros temas ligados à relação Brasil-Japão.



Através da realização das jornadas, foi atingido o objetivo principal de fomentar instâncias para o compartilhamento entre grande número de pesquisadores e comunidade interna e externa da Universidade de Brasília, de experiências e para reflexões interdisciplinares sobre questões essenciais à promoção da pesquisa em várias áreas de conhecimento.

5. Congressos, colóquios e outros

O Curso de Letras-Japonês atuou também na execução de congressos de abrangência nacional e internacional. Esses serão apresentados a seguir.

XI ENPULLCJ (Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura de Língua Japonesa) (2000), sob presidência de Alice Tamie Joko e Megumi Kuyama. ENPULLCJ teve sua primeira edição em 1990; tradicionalmente, era realizado na Universidade de São Paulo. Entretanto, de modo a não sobrecarregar a instituição e, ao mesmo tempo, fomentar a participação mais ativa de outras instituições de ensino superior envolvidas no ensino de língua japonesa, a partir de 1998, começou o rodízio entre instituições que iriam sediar o evento, sendo a primeira a UNESP, seguida da UERJ. Em 2000, pela primeira vez, a Universidade de Brasília sediou o evento.

Nessa ocasião, a Universidade pode contribuir para o desenvolvimento dos Encontros ao internacionalizar o evento, com a realização simultânea da primeira edição do Congresso Internacional de Estudos Japoneses (CIEJB).

Em decorrência disso, houve um significativo aumento em palestras e comunicações de professores e pesquisadores de instituições estrangeiras, fomentando, assim, o maior diálogo entre pesquisadores, professores e alunos vinculados a estudos japoneses.

III Congresso Internacional de Estudos Japoneses e XVI ENPULLCJ (2005), sob presidência de Alice Tamie Joko e Yuko Takano. Em 2005, pela segunda vez, a Universidade de Brasília é sede do ENPULLCJ e, simultaneamente, da terceira edição do CIEJB. Nessa ocasião, o evento novamente é marcado pela consolidação do caráter internacionalizador do evento, com decisão de integrar permanentemente o CIEJB ao ENPULLCJ.

VIII Congresso Internacional de Estudos Japoneses e XXI ENPULLCJ (2010), sob presidência de Ronan Alves Pereira e Alice Tamie Joko. Em 2010, pela terceira vez, a Universidade de Brasília sedia o ENPULLCJ em sua vigésima primeira edição, agora contando com a integração permanente do CIEJB, em sua oitava edição. A partir desse ano, verificando-se a sobrecarga nas instituições realizadoras, foi decidido em assembleia que o congresso passaria a ser realizado bienalmente.

XIII Congresso Internacional de Estudos Japoneses e XXVI ENPULLCJ (2021), sob presidência de Yüki Mukai e Yuko Takano. Essa edição do CIEJB/ENPULLCJ foi marcada por desafios decorrentes da pandemia de COVID-19. Em decorrência das limitações, a realização foi adiada para 2021, um ano após o inicialmente esperado.

Além disso, devido à impossibilidade de se realizar um evento presencialmente, foi decidido pela realização integralmente em plataformas virtuais, com a integração da plataforma StreamYard para transmissão com retransmissão para a plataforma YouTube.

Não obstante o fato de a equipe não possuir experiência anterior na realização de eventos dessa magnitude exclusivamente em plataformas eletrônicas, graças aos esforços constantes dos participantes, tanto docentes quanto da equipe de discentes assistentes, o evento foi um sucesso que não só demonstrou a viabilidade, mas também gerou o *know-how* que permite a realização futura de eventos em moldes parcial ou exclusivamente *online*.

Além dos congressos acima apresentados, temos diversos outros eventos, que listamos a seguir.

Colóquio Internacional “A interface da língua(gem) sob perspectiva sociogeolinguística e Atlas Linguísticos”, sob coordenação de Yuko Takano. Foi um evento que proporcionou um encontro entre os pesquisadores nacionais e internacionais para discutir as diversas possibilidades teóricas e metodológicas de estudos sobre a língua(gem), com ênfase nos aspectos linguísticos relacionados à variação diatópica, diastrática, diafásica e diacrônica. Este evento foi realizado em 2019.

Roda de conversa do livro *Diálogo Linguístico: Ocidente e Oriente*, sob coordenação de Alice Tamie Joko e Yuko Takano. Esta ação foi realizada, em 2022, para lançamento do livro *Diálogo Linguístico: Ocidente e Oriente*, uma produção do curso de Licenciatura em língua japonesa e respectiva literatura, com o apoio da Editora da UnB. Foi um evento realizado em parceria com a Universidade de São Paulo e a Universidade de Uberlândia.



Undoukai – Integração dos alunos do curso de Letras-Japonês, sob coordenação de Kimiko Uchigasaki Pinheiro. Undoukai é uma atividade de Gincana muito conhecida no Japão. Nesta oportunidade, pudemos realizar ações esportivas bem como a aplicação do Projeto de Licenciatura em Ação – Kanji (a escrita ideográfica japonesa). Esta ação foi realizada no Centro Olímpico, em 2023.



As vias didático-Pedagógicas do curso de Letras-Japonês & Escola Rural do Distrito Federal (PAD/DF), sob coordenação do Curso de Letras-Japonês como um todo. Objetivo geral desta ação proporcionou aos alunos do curso de Letras-Japonês, especificamente das disciplinas Estágio Supervisionado do Japonês 1 e Estágio Supervisionado do Japonês 2 uma oportunidade de vivenciar a prática docente para alunos de ensino fundamental 2 da Escola Rural do Distrito Federal. E, da mesma, forma oportunizar aos alunos da Escola Rural o conhecimento da Instituição UnB/IL/LET, bem como a língua e a cultura japonesa. Nessa oportunidade, os alunos do curso de Letras-Japonês aplicaram atividades diversas, com metodologia e técnica diversificadas para os alunos do PAD/DF. Esta ação foi realizada na UnB/IL em 2023.



Considerações finais

A atividade de extensão é parte integrante e essencial da atividade acadêmica de todos os cursos oferecidos pela Universidade de Brasília. Como explica o Decanato de Extensão da Universidade de Brasília, a extensão é “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade”.

Através da extensão universitária, há a interação entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa, num processo que permite o acesso ao conhecimento científico e fomenta o enriquecimento do pensar acadêmico ao fomentar o diálogo direto com a sociedade, que da mesma maneira se beneficia com esse contato.

Para o estudante, a participação de atividades de extensão pode ocorrer através de dois vieses. Como ouvinte, tem sua experiência acadêmica aprimorada pelo contato com novas experiências e informações. Como participante da equipe executora, tem o benefício agregado de contribuir pessoalmente para a divulgação de conhecimento acadêmico e de

refletir sobre impactos desse conhecimento para o aprimoramento da sociedade de modo geral. Em ambos os casos, a participação de atividades de extensão pode gerar créditos em extensão.

Especificamente ao aluno do curso de Letras-Japonês, as atividades de extensão configuram-se em oportunidades de entrar em contato com pesquisas sobre diversos aspectos da língua, literatura e cultura japonesa. Por outro lado, como participante executor, tem a oportunidade de identificar em primeira mão desafios e possibilidades relacionados ao ensino e divulgação de língua japonesa. Ao mesmo tempo, o contato com a comunidade geral pode estimular no aluno o interesse em aprofundar seus conhecimentos sobre aspectos diretamente relacionados com as demandas da sociedade.

Como apresentamos acima, desde a criação do curso de Letras-Japonês, verifica-se o constante empenho em concretizar a extensão universitária em diversas modalidades, como cursos, eventos, *workshops*, seminários, palestras e congressos. A abrangência das ações também foi variada, desde eventos de alcance local até internacional. Buscou-se ainda ampliar o engajamento não só com outros cursos e departamentos de nossa Universidade, mas também com outras instituições.

Através da execução de eventos extensionistas, atingiu-se o objetivo de congregar pesquisadores regionais e nacionais para debater e discutir sobre as pesquisas realizadas no âmbito da linguística, da cultura e da literatura japonesa, colocando em destaque estudos que envolvam o ensino-aprendizagem e a formação continuada.

Como perspectivas futuras, o curso de Letras-Japonês visa continuamente criar e expandir espaços para a integração Ensino/Pesquisa/Extensão com foco na discussão pedagógica e na formação de profissionais da língua/literatura japonesa, além de fomentar o engajamento e o protagonismo do aluno do Curso na execução e reflexão crítica de ações de extensão.

CAPÍTULO 3

UnB Idiomas – Curso de Japonês no Programa Permanente de Extensão

Kimiko Uchigasaki Pinheiro (UnB)

Introdução

Neste capítulo, contaremos a história da área de japonês participando ativamente no UnB Idiomas. Inicialmente, explanamos sobre a breve trajetória do UnB Idiomas, o Programa Permanente de Extensão, e em seguida mostraremos os registros da atuação dos membros da área de japonês no projeto extensionista.

Como já vimos nos capítulos anteriores, o surgimento do Curso de Graduação de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura iniciou-se com os dois cursos de extensão: Língua japonesa 1 e 2, em agosto de 1981, ou seja, o programa UnB Idiomas nasceu depois de alguns anos que os cursos de língua japonesa já estavam sendo ofertados como cursos de extensão, pois, são quatro décadas que a Universidade de Brasília atende o público interno e externo à universidade para ensinar a língua e cultura japonesa à população do Distrito Federal.

Inicialmente, os cursos extensionistas de língua japonesa tiveram recursos da Fundação Japão para manter as turmas ofertadas semestralmente, e foi coordenado e ministrado pela professora Alice Tamie Joko a partir de 1981. O projeto de extensão de oferta de língua japonesa passou por algumas fases de mudanças, sem interromper a oferta. A oferta de curso de extensão em língua japonesa proporcionou, ao longo desses 40 anos, o desenvolvimento de pesquisas em várias outras áreas, inúmeras foram as realizações profissionais, e as oportunidades que foram criadas por aprender a língua japonesa dentro e fora da universidade, para tanto favoreceu outras áreas de conhecimento, além da formação de professores de língua japonesa.

Breve história sobre o UnB Idiomas

O UnB Idiomas foi criado, no ano de 2008, pelo Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET), do Instituto de Letras (IL), da UnB, com o objetivo de reorganizar, em um Programa Permanente de Extensão – PPEX, as atividades dos cursos de idiomas que já eram promovidas pela Escola de Línguas da UnB, e que foi substituída naquele mesmo ano. A Escola de Línguas da UnB, coordenada pelos docentes do LET com a colaboração do Decanato de Extensão, foi implantada com o objetivo de fazer a aplicação da prática docente dos Estágios Supervisionados dos Cursos de Licenciatura em Línguas Estrangeiras. A implementação das atividades do UnB idiomas foi elaborada por Comissão de professores do LET, o seu Regimento Interno, sendo este posteriormente aprovado pelas instâncias do Colegiado do Departamento, pelo Conselho da Unidade, no caso o IL, e, finalmente, pela CEX/DEX em sua 448ª reunião, realizada em 25 de setembro de 2008.

Posteriormente, no ano de 2014, o Regimento Interno do UnB idiomas foi elaborado pela comissão formada pelos professores do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução e, em 2021, foi realizada a última atualização de forma a contemplar as adaptações necessárias em razão do incremento das atividades extensionistas e de novas organizações administrativas do Programa Permanente de Extensão. Conforme estabelecido em seu Regimento, o UnB Idiomas tem como finalidade essencial “atender à crescente demanda das comunidades interna e externa da UnB e de organizações públicas e/ou privadas relacionada ao aprendizado de línguas estrangeiras” (Abad, 2015). E a organização e o desenvolvimento das próprias atividades são norteadas pelas intenções seguintes:

- I. Estimular, apoiar e incentivar o aprendizado de idiomas;
- II. Desenvolver sensibilidade intercultural, por meio do ensino de idiomas;
- III. Proporcionar aos profissionais da área de Letras programas e eventos de formação continuada e atualização;
- IV. Auxiliar na realização de programas de educação para professores, com o enfoque na pesquisa em sala de aula;
- V. Revisar e desenvolver novas metodologias para o ensino de línguas, bem como discutir e sistematizar os procedimentos metodológicos utilizados na própria prática do PPEUnBIdiomas;
- VI. Elaborar e aperfeiçoar material didático a ser utilizado em sala de aula;
- VII. Fornecer oportunidade diferenciada para que os estudantes de licenciaturas do LET/IL possam desenvolver suas atividades de estágio curricular obrigatório.

O Conselho Deliberativo, formado pelos professores do quadro permanente do Instituto de Letras, estabelecido no regimento do Programa como órgão normativo, consultivo e deliberativo tem como atribuição elaborar, propor e aprovar estratégias e políticas globais para o Programa. Os objetivos estabelecidos para o Programa foram concebidos na intenção de que fossem proporcionadas as condições para o desenvolvimento de novas metodologias e técnicas de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, tanto a partir das práticas desenvolvidas no âmbito das disciplinas da graduação – Estágio Supervisionado 1 e 2, dos Cursos de licenciaturas plenas em Língua Inglesa, Francesa, Espanhola e Japonesa como também àquelas decorrentes dos estudos e pesquisas realizados no âmbito dos Programas de Pós-Graduação do LET, em especial o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA).

Além disso, os espaços didáticos oportunizados pelos cursos de línguas possibilitam um vasto campo de estudos, seja para a elaboração de novas práticas metodológicas de ensino e aprendizagem de LE, seja para aquelas destinadas à formulação ou avaliação de material didático específico para o ensino-aprendizagem de idiomas como língua estrangeira, formação de professor e formação continuada do professor de línguas. O destaque dos cursos é possibilitar acesso ao aprendizado de línguas estrangeiras no âmbito do público universitário que contempla os estudantes da graduação, da pós-graduação, os docentes e os servidores, e ainda atende o público geral externo à UnB.

[...] O UnB idiomas busca a excelência dessas práticas, construindo-se não apenas como espaço de formação de estudantes da UnB, e da comunidade externa (incluídos os servidores de órgãos e instituições governamentais), mas também como espaço de formação dos licenciandos em Letras, que têm no Programa a oportunidade de desenvolver parte das atividades das disciplinas de estágio supervisionado, e dos assistentes de ensino e pesquisa em língua estrangeira, que se dedicam diretamente às atividades acadêmicas do UnB Idiomas (Naves, 2019, p. 11).

O UnB Idiomas está organizado em 3 (três) grandes áreas de atuações para o funcionamento das atividades, as quais são desenvolvidas sob a concepção de projetos como: 1) Projeto de Cursos de idiomas do Estágio Supervisionado – PES: os Projetos de Cursos de idiomas do Estágio Supervisionado contemplam atividades voltadas para a elaboração e implementação de cursos gratuitos de línguas estrangeiras de inglês, espanhol, francês e japonês, ministrados pelos estagiários dos cursos de licenciaturas dessas línguas estrangeiras em níveis iniciais e são supervisionados pelos docentes das disciplinas de Estágio Supervisionado 1 e 2. Os cursos são oferecidos a fim de contemplar a prática da docência na formação dos licenciandos dos últimos anos dos Cursos de graduação com Licenciatura Plena de Língua Inglesa, Língua Francesa, Língua Espanhola e Língua Japonesa.

2) Projeto de Cursos abertos sequenciais de idiomas: são cursos regulares com nível básico ao avançado, voltados para a realização de cursos de línguas estrangeiras destinados a estudantes, professores e funcionários da UnB e ao público externo geral, que se realizam por meio de matrículas nas turmas específicas e mediante o pagamento de taxas de inscrição do curso semestral. No âmbito do Projeto de Cursos abertos sequenciais de idiomas, são oferecidos cursos em inglês, espanhol, francês, japonês, alemão, italiano, russo, árabe, coreano, mandarim, libras, e, ainda, cursos de línguas estrangeiras com métodos e objetivos próprios, desenvolvidos por docentes e estudantes da pós-graduação

do LET como resultado do aprofundamento de pesquisas, e que oferecem novas abordagens pedagógicas para o aprendizado de idiomas como línguas estrangeiras, tais como: Cursos de idiomas para a terceira idade; Cursos de idiomas com finalidades específicas; Cursos de idiomas preparatórios para Exame de Proficiência e Cursos temáticos de idiomas. Cursos de idiomas para a terceira idade: metodologia de ensino que privilegia a visão da língua como instrumento de inclusão, de interação lúdica e significativa, tendo como foco do trabalho em sala de aula a construção de práticas que favoreçam e estimulem as trocas entre os indivíduos de modo a garantir-lhes papel ativo nas situações do dia a dia ao tempo em que são promovidas a interação oral e escrita do idioma estrangeiro estudado. E os cursos de idiomas com finalidade específica: elaborados para atender necessidades específicas de estudo do idioma. As aulas são ministradas com enfoque em uma habilidade linguística (oral ou escrita). Cursos de idiomas para Preparatórios para Exames de Proficiência: preparação dos aprendizes por meio do desenvolvimento das habilidades linguísticas (ler, falar, ouvir e escrever) específicas para exames de proficiência dos idiomas inglês, francês, espanhol e japonês. E os cursos temáticos de idiomas: são cursos construídos com modelo exclusivo desenvolvido pela pós-graduação do LET e que se destinam a aprendizes que querem estudar o idioma estrangeiro de forma prática e divertida, a partir de temas como o cinema, a culinária, a cultura, a história, o teatro dos países ao qual se refere o idioma. Os cursos promovem um aprendizado dinâmico com foco na comunicação oral.

3) Projeto de Cursos Corporativos de Idiomas, que têm organização e abrangência distintas dos cursos regulares, e atendem o ensino de línguas estrangeiras para os profissionais das instituições que solicitam a oferta de cursos na própria instituição pública acordado com o programa de extensão.

Registro da Língua Japonesa na UnB Idiomas

Os cursos de Japonês ofertados no Programa Permanente de Extensão – PPEX completam os 40 anos de caminhada atendendo públicos internos e externos à Universidade de Brasília. Em 1980, a professora Alice Tamie Joko vem da Universidade de São Paulo, a convite da Embaixada do Japão, para ministrar cursos de língua japonesa na UnB. Dessa forma, aconteceram as primeiras turmas de japonês como disciplinas optativas na UnB, mas, antes das turmas optativas da graduação, foram abertos cursos de extensão. A partir de 1981, os estudantes, os professores e os servidores da UnB e o público geral tiveram acesso ao curso de língua japonesa no nível básico 1 ofertado com 20 vagas. Pela demanda dos estudantes interessados na língua e cultura japonesa, em 1982, foram ofertados como

disciplina optativa Língua Japonesa I, II, III, IV (detalhes nos capítulos anteriores) com aprovação em abril de 1983 pelo Decanato de Graduação da UnB.

De acordo com o relato de ex-estudante da primeira turma a terminar o curso de japonês de extensão, o oficial da chancelaria do Ministério de Relações Exteriores, senhor Marcus Vinícius Marques, as contribuições dos cursos de japonês de extensão atingiram vários locais do Distrito Federal, como em Clube Nippo, Instituto Midori (atual Escola Modelo), Templo Budista de Brasília, Associações Nippo-brasileiras (ARGAG, Vagem Bonita). Nesses locais, foram ofertadas as turmas de língua japonesa e cultura japonesa para público geral interessado. Marcus Vinícius Marques fez a especialização e mestrado com a bolsa de estudo do Ministério da Educação do Japão, e logo que voltou para o Brasil, juntou-se à professora Alice T. Joko para atender a demanda do público geral externo à UnB. Organizou ainda, juntamente com o professor e com os estudantes do Departamento de Música da UnB, o projeto extensionista o grupo de canto coral chamado de “Tanoshii tori – Pássaro Feliz”, que permaneceu durante 10 anos divulgando a música japonesa em vários locais do Distrito Federal e do Brasil.

Como mencionado anteriormente sobre a Escola de Línguas, foi um curso que surgiu a partir da necessidade de espaço de aplicação da prática docente dos estagiários na disciplina de Estágio Supervisionado dos cursos de Licenciatura em Língua Estrangeira. Após o curso de Licenciatura em Letras-Japonês ter sido implantado no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET, semestralmente, manteve-se a oferta de cursos de língua japonesa no projeto extensionista com objetivo de ensino de língua aberto ao público geral interno e externo da UnB. Durante o período de 1997 a 2008, foram ofertados cursos de língua japonesa ministrados pelos estudantes-estagiários da disciplina de Estágio Supervisionado em Japonês 2, gratuitamente, com a carga horária entre 40 a 44 horas em nível básico 1 e básico 2. Os cursos eram coordenados por um professor efetivo do Departamento – LET que resolvia as questões das matrículas e dos certificação dos estudantes junto com a coordenação do Interfoco, a atual Decanato de Extensão – DEX, pelo Sistema de Extensão – SIEX.

A partir de 2017, o Programa de Estágio Supervisionado – PES teve a participação de estudantes das escolas públicas com faixa etária de ensino fundamental e médio. Observamos o registro:

O curso do PES-Japonês tem como público-alvo alunos de dois segmentos: um é o dos alunos do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino do Distrito Federal e o outro, demais estudantes da comunidade interna e externa

da UnB. O curso de língua japonesa do Estágio Supervisionado voltado para o público interno e externo da UnB iniciou-se no ano de 2011 e o curso voltado para os alunos da rede pública do Distrito Federal, PES-Japonês, iniciou-se no ano de 2017, com a participação de alunos de uma escola pública de Brasília. O convite para participar do PES foi feito pela professora Gisela Pizarro, mas, para a sua concretização, foi fundamental o papel da professora Yuko Takano, que fez a gestão junto à Regional de Ensino daquela administração. À época, a professora Yuko Takano ministrava a disciplina Estágio Supervisionado de Japonês 2 (Joko *et al.*, 2020, p. 110).

Na pandemia de COVID-19, tivemos apenas turmas remotas, e em 2024, ofertamos cursos com turmas de estudantes com a faixa etária do ensino fundamental aos sábados pela manhã. Entretanto, os estudantes não estavam diretamente nas escolas conveniadas, como ocorria em 2017, quando vinham em transportes das escolas das cidades satélites.

A ementa, o programa, e o *syllabus* do curso foram organizados pelo professor-supervisor da disciplina de Estágio Supervisionado em Japonês 2. O material didático adotado pelos professores-estagiários estava de acordo com a orientação do professor-supervisor. Ao final do curso, os professores-estagiários elaboraram o Relatório Final de Estágio Supervisionado em Japonês 2, no qual se tem registro de todos os planos de aulas, as atividades de prática docente e as reflexões das práticas de estágio. Dessa forma, cumpriu-se o regimento de Estágio Supervisionado no Curso de Licenciatura.

Durante o período de 1992 a 2008, também foram ofertados cursos de extensão de língua japonesa em níveis, de básico 3 a básico 5, quando houvesse a demanda de estudantes nos níveis intermediários, com inscrições pagas, para atender o público geral interno e externo à UnB. Esses cursos foram ministrados e coordenados pelos professores do quadro permanente do curso de Letras-Japonês do Departamento, em conjunto com o Interfoco/DEX, e as aulas ministradas pelos professores substitutos de contrato temporário e que normalmente eram os egressos do nosso curso.

A partir de 2008, com o início do Programa Permanente de Extensão – PPEx UnB Idiomas, os cursos ministrados pelos professores-estagiários foram incorporados no Programa de Estágio Supervisionado – PES em Japonês, inicialmente chamado de PESES – Programa de Estágio Supervisionado de Espanhol, organizado e coordenado pela professora de espanhol do LET, Edna Gisela Pizarro. As turmas de PES/PESES são ofertadas para estudantes também das escolas públicas, em comum acordo com a diretoria da escola que fornece transporte para os alunos da própria escola, para que sejam transportados para o local das

aulas, ministradas na UnB. Em 2023, esses cursos de língua do PESES/PES são coordenados pelo professor efetivo do quadro do Departamento que ocupa o cargo de coordenador pedagógico da área de japonês no UnB Idiomas.

Nos cursos de Licenciatura constitui-se de 2 (dois) componentes curriculares obrigatórios de estágio supervisionado: o primeiro é o Estágio Supervisionado em Japonês 1. Nessa disciplina, os alunos fazem as observações das aulas de língua japonesa e podem realizar as observações no UnB Idiomas. Depois de cumprir com a carga horária de observação de aulas, fazem o relatório com as reflexões das experiências de análise das aulas. A segunda disciplina é o Estágio Supervisionado em Japonês 2, no qual os alunos se tornam professores-estagiários, fazendo a regência das aulas no PES.

Professores-instrutores e Coordenadores da Área de Japonês

Listamos os professores-instrutores que atuaram no Programa Permanente de Extensão nos cursos de língua japonesa no período de 2008 a 2023, sendo em sua maioria egressos do Curso de Licenciatura em Língua e respectiva Literatura. Registramos aqui alguns dos nomes dos professores² que colaboraram para ensino de língua japonesa no UnB Idiomas: Violeta Passos, Ritsuko Matayoshi, Patrício Marinho, George Moroni Teixeira Batista, Alisson Freitas, André Sueda Limone, Lázaro Rennan, Aline Freitas, Herminio Hideo Suguino, Merlin Calenda di Tava, Andre William Marques de Oliveira, Christina Massae Matayoshi, Rafael Leandro Pinho, Vanessa Cristina Zerbinato Velásquez, Yukari Nakada, Camila Nishikawa, Kilton José Rocha, Malcon Douglas, Gabriel Mota, Valdeilton Lopes de Oliveira, Saori Nishihata, Leandro Kazuo, Marley de Lima, Euler Lemes Pereira, Carolina Umebara Lopes, Camila Diniz da Silva, Solange Yumi Aoto, Lucas Akira Yassui, Suzana Sumire Negrão Niho.

Os Coordenadores Pedagógicos de Área estão subordinados diretamente ao coordenador geral do UnB idiomas e são acompanhados, orientados e avaliados pela Coordenação Geral do UnB Idiomas. De acordo com o Regimento do programa, compete às Coordenações Pedagógicas de Área: I. formar e compor banca examinadora para seleção de professores via edital simplificado; II. aprovar os calendários letivos (*syllabus*), incluindo testes de nivelamento, elaborados pela Supervisão Pedagógica de Área; III. elaborar, juntamente com a supervisão, questionários de avaliação dos cursos e tabulação dos resultados; IV. organizar eventos de cunho acadêmico e cultural; V. acompanhar as turmas (inclusive

² Esses são os nomes dos professores que conseguimos resgatar no registro do sistema do UnB Idiomas e em consultas às memórias dos colaboradores, portanto, infelizmente, pode ocorrer falta de algum nome.

com observação de aulas), tirar dúvidas, propor atividades extras como palestras, filmes, festivais etc.; VI. orientar os professores; VII. receber, da secretaria do seu idioma, e aprovar o relatório de menções, o controle de frequência, o controle de aulas e o relatório final das turmas sob sua supervisão ao final de cada período letivo; VIII. selecionar, em conjunto com as respectivas áreas do LET/IL, a metodologia a ser adotada; IX. indicar e/ou elaborar o material didático necessário para a execução do curso, observando sua atualização; X. atualizar as propostas dos cursos sob sua responsabilidade e encaminhá-las às instâncias competentes para aprovação de acordo com as normas da Câmara de Extensão/DEX; XI. zelar pelo cumprimento do calendário letivo; XII. avaliar periodicamente os professores sob sua coordenação em conjunto com a Supervisão Pedagógica de Área; XIII. realizar reuniões periódicas com os professores de sua área, com o objetivo de orientar o trabalho a ser desenvolvido; XIV. desempenhar os demais trabalhos que lhe forem designados pela Coordenação Geral, atinentes à sua área de atuação. E no início e ao final de atuação, é necessário produzir relatórios de execução das atividades propostas e realizadas durante o período de coordenação.

A partir do 1º semestre de 2013, a área de japonês incluiu uma Supervisão Pedagógica de Área para as turmas de japonês. O supervisor deve possuir amplo conhecimento no ensino-aprendizagem da língua japonesa e experiência de prática em sala de aula do UnB idiomas. Pode atuar uma carga horária na supervisão, sendo possível assumir também turmas para ministrar aulas.

Lista dos Coordenadores Pedagógicos da área de Japonês no UnB idiomas

Períodos	Docente do LET	Supervisor(a)
2008-2010	Alice Tamie Joko	----
2011-2013	Fausto Pinheiro Pereira	----
2013-2015	Yuko Takano	Kimiko Uchigasaki Pinheiro
2016-2018	Alice Tamie Joko	Valdeilton Lopes de Oliveira
2019-2021	Yûki Mukai	Valdeilton Lopes de Oliveira
2022-2023	Kimiko Uchigasaki Pinheiro	Suzana Sumire Negrão Niho.

Fonte: Elaboração própria

| Cursos Sequenciais Regulares de Língua Japonesa – 50 horas

Os cursos regulares são ofertas semestrais, e do período de 2008 até 1º semestre de 2023, a carga horária foi de 60 horas por semestre. A partir do 2º semestre de 2023, iniciou-se os cursos sequenciais regulares de 50 horas semestrais. A mudança da carga horária foi devida às dificuldades que existiam em conciliar as atividades administrativas e pedagógicas do calendário com os outros idiomas. As partes administrativas de matrículas, período de aplicação da avaliação e encerramento das aulas ocorriam de forma separada, pois, os cursos de outros idiomas têm a carga horária de 48 horas e apenas 02 idiomas tinham o curso de 60 horas, o japonês e mandarim, por isso houve a mudança de carga horária para 50 horas. Quando o curso de língua japonesa surgiu com 60 horas, foi organizado de forma a atender as necessidades de a língua ter características da escrita e conteúdo da gramática que necessitaria de mais horas e com frequências maiores de encontros do que a língua de origem ocidental para aprendizado. Atualmente, os materiais na língua japonesa estão acessíveis pelas mídias, e ao adaptá-los para essa realidade, observamos também a necessidade de mudanças na carga horária do curso que será afetado na forma de abordagem e na metodologia de ensino da língua.

São cursos ofertados semestralmente e em vários horários durante a semana e aos sábados. Com a pandemia de COVID-19, iniciou-se em 2020 ofertas de turmas na modalidade remota, na plataforma Microsoft Teams 365. O semestre do curso é dividido em aulas de 2 horas e de 4 horas. Nas turmas de aula de 2 horas, são 23 encontros de 2 horas que correspondem a 46 horas e mais 4 horas para as avaliações. Nas turmas de 4 horas aula, são divididos em 12 encontros, mais 01 encontro de 2 horas para avaliação.

Os cursos ofertados são do nível iniciante ao nível avançado, sendo a carga horária total de 750 horas. Ao seguir a orientação do conteúdo do livro didático Marugoto, possibilitamos o desenvolvimento da competência linguística em nível de B2 do estudante que conclui o curso todo.

Quadro de carga horária dos cursos regulares

Turmas e nível	Carga horária	Aulas	Avaliação
Iniciante 1 e 2	50 horas x 2 semestres = 100 horas	25 aulas de 2h, 2 vezes semanais ou 12 aulas de 4h e 1 de 2h, 1 vez por semana	2 Testes escritos 1 Teste oral 2 Testes formativos
Básico 1, 2 e 3	50 horas x 3 semestres = 150 horas		
Pré-Intermediário 1, 2 e 3	50 horas x 3 semestres = 150 horas		
Intermediário 1 e 2	50 horas x 2 semestres = 100 horas		
Pré-avançado 1 e 2	50 horas x 2 semestres = 100 horas		
Avançado 1, 2 e 3	50 horas x 3 semestres = 150 horas		

Fonte: Elaboração própria

Sobre os materiais didáticos e a abordagem de ensino nos cursos regulares

O material didático adotado pelos cursos regulares, no período de 2008 a 2015, foi o *Minna no nihongo* (shokyû – chûkyû) do nível básico e do nível intermediário. Foram trabalhados com todos os livros didáticos complementares do *Minna no nihongo* a fim de complementar os estudos da aprendizagem da escrita dos ideogramas, da composição, da oralidade da língua japonesa de forma integral.

Como já bem explicitado no capítulo anterior (Programa de Idiomas sem Fronteiras – Japonês na Universidade de Brasília) sobre o livro didático *Marugoto*, no ano de 2015 atualizamos o material didático dos cursos regulares para o *Marugoto*. O objetivo dos livros do *Marugoto* é que os estudantes sejam capazes de participar da comunicação usando o japonês em uma variedade de situações da vida real. Por esta razão, os objetivos de aprendizagem são definidos na forma de Can-Do (baseado no Japan Foundation Standard for Japanese-Language Education – JFS do Quadro Europeu Comum de Referência – QECR para a Língua: aprendizagem, ensino e avaliação) que descrevem o que os alunos

serão capazes de fazer usando a língua japonesa. Além disso, as estruturas linguísticas que serão estudadas são escolhidas com base no que é necessário para atingir o Can-Do de cada nível.

Os níveis de *Marugoto* correspondem aos seis estágios (A1, A2, B1, B2, C1 e C2). Como os seis níveis do JFS seguem o mesmo sistema de níveis do CEFR, então, pode ser facilmente comparada a habilidade na língua japonesa com a habilidade em outros idiomas.

A troca do material didático de *Minna no nihongo* para *Marugoto* teve também o intuito de promover mudanças na abordagem do ensino do professor-instrutor em sala de aula, tornando a aula comunicativa com constantes usos da língua, a fim de contemplar a experiência da comunicação na língua em sala de aula. E fazendo uma consideração, ainda os poucos estudos de análise do material com relação à abordagem de ensino-aprendizagem do *Marugoto* em sala de aula, observamos que, durante os dois anos (2022-2023) de supervisionamento das aulas dos professores-instrutores, com a prática de *feedback* após as observações das aulas, na função de coordenadora pedagógica, constatamos que se enfatiza o ensino pautado na abordagem gramatical.

| Cursos temáticos

São ofertados semestralmente diversos cursos temáticos em vários idiomas. Esses cursos podem ser elaborados por professores que desenvolvem pesquisas nos programas de pós-graduação do Instituto de Letras e podem também atender a demanda do público interessado. Aqui registramos alguns cursos que ofertamos:

- Leitura cênica do conto mukashibanashi: Momotarô (ofertado em 2012), um curso de 20 horas, com a proposta de leitura do conto, como uma proposta de ensino-aprendizagem da língua japonesa com ênfase na prática da oralidade, sendo pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PPGLA da professora Kimiko U. Pinheiro;
- Curso de Shogi – Jogo de xadrez japonês ministrado em japonês (ofertado em 2015), com objetivo de aplicação de prática de jogo em língua japonesa, com carga horária de 36 horas, ministrado pelo professor especialista em Shogi: Katsumasa Egoshi;
- Rikai: Curso de complementação (ofertado em 2016): o curso teve por finalidade discutir o ensino de língua japonesa/formação continuada dos professores em contexto do PPE UnB-Idiomas. O intuito do curso foi promover uma reflexão acerca de materiais didáticos *Marugoto* e seus recursos didáticos com carga horária de 45 horas, ministrado pela professora: Kimiko U. Pinheiro;

- Jornada didática do livro *Marugoto* (ofertado em 2016): o curso teve por finalidade discutir o ensino de língua japonesa/formação continuada dos professores em contexto do PPE UnB-Idiomas, com o intuito de promover uma reflexão acerca de materiais didáticos *Marugoto* e seus recursos didáticos. Esse curso discutiu e expôs as novas tendências no que se refere ao ensino aprendizagem de língua japonesa; com carga horária de 6 horas, ministrado pelo professor: Fausto Pinheiro Pereira;
- O videogame no aprendizado da língua japonesa (ofertado em 2016). Este curso teve como objetivo desenvolver uma pesquisa de como os alunos podem aprender a língua japonesa com uso da ferramenta de estudo: videogame, com atividades desenvolvidas especialmente para esse fim. Foi o desenvolvimento da parte prática de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PPGLA pelo professor Valdeilton Lopes de Oliveira;
- Introdução às tecnologias digitais de ensino (ofertado em 2017): este curso teve como objetivo apresentar tecnologias digitais de ensino e esclarecer como esses recursos podem ser utilizadas por professores e alunos para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem de língua japonesa. Foi ofertado com carga horária de 30 horas para o público interno e/ou externo da UnB. Este curso foi ministrado pelo professor George Moroni Teixeira Batista e foi o tema de pesquisa de mestrado e doutorado realizado no Japão do egresso do curso;
- Curso de Japonês para 3ª idade – Iniciante 1 (ofertado a partir de 2019). O curso tem como objetivo atender as necessidades do público da terceira idade. O curso de ensino de língua japonesa no nível iniciante, com ênfase na cultura japonesa, trabalha com a oralidade e compreensão oral da língua. É ofertado para o público interno e/ou externo da UnB, com a carga horária de 36 horas e o pré-requisito é a idade mínima: 50 anos.

Cursos Preparatórios para Exames de Proficiências em Língua Japonesa

São cursos preparatórios ofertados semestralmente com a carga horária de 30 a 36 horas. O objetivo do curso baseia-se na resolução de questões das avaliações dos exames de proficiências já realizadas (日本語能力試験) em todos os níveis (N5, N4, N3, N2, N1), e propõe desenvolvimento das técnicas de resolução das questões dessas avaliações que abarcam questões de habilidade de conhecimento do idioma (escrita/vocabulário/gramática), compreensão auditiva, compreensão de texto.

Cursos de Conversação em Japonês – Básico

Este curso tem como objetivo praticar a conversação com temas da atualidade, relacionados à cultura com estudantes de nível básico da língua a fim de proporcionar a apropriação da língua oral. Desenvolver a comunicação em situações simples de rotina, do dia a dia. São aplicadas estratégias de ensino com as atividades interativas em grupo, discussão de temas variados relacionados à sociedade e à cultura japonesa. É para o público interno e/ou externo da UnB com nível básico da língua japonesa, com pré-requisito: Iniciante 2 e a carga horária do curso é de 36 horas.

Cursos de Conversação em Japonês – Intermediário

Este curso tem como objetivo praticar a conversação com temas da atualidade, relacionados à cultura com estudantes de nível Intermediário a Avançado da língua a fim de proporcionar a apropriação da competência linguística oral em língua japonesa. O curso propõe o desenvolvimento da comunicação em situações mais elaboradas e complexas para aperfeiçoar e ampliar seus conhecimentos linguísticos/culturais, com foco na oralidade. É para o público interno e/ou externo da UnB com nível intermediário da língua japonesa, com pré-requisito: Intermediário 1, e a carga horária do curso é de 36 horas.

Citamos os cursos de japonês que foram ofertados no UnB Idiomas no período de 2008 a 2023, como forma de registro das atuações da área no programa de extensão.

Cursos de Formação Continuada do Professor – ENFOCO

A partir do ano de 2017, o UnB idiomas organiza, com os coordenadores pedagógicos, o Encontro de Formação Continuada – ENFOCO. O encontro ocorre antes de iniciar o semestre para que todos os professores-instrutores do UnB Idiomas possam participar da formação. São realizadas palestras e mini oficinas com temáticas atualizadas sobre ensino-aprendizagem da língua estrangeira e os palestrantes-professores são convidados para o evento. O encontro objetiva trazer reflexões sobre o ensino-aprendizagem da língua estrangeira, com o intuito de discutir as questões que emergem nas salas de aulas. E convidam professores palestrantes especializadas com propostas de metodologias, de práticas-refletivas e discussões sobre as tendências educacionais. A UnB Idiomas com a área de japonês promoveu eventos que estão registrados no capítulo 2 deste livro.

JOKO, A. T.; PIZARRO, E. G.; SONCELLA, J. B. M.; MUKAI, Y.; TAKANO, Y. O estágio supervisionado na formação docente e os desafios de ensinar e aprender línguas. *In*: NAVES, R. R.; RORTTA, J. C. G. (org.). **Trajetórias das licenciaturas da UnB**: a pesquisa na e sobre a docência. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020. p. 103-115.

NAVES, R. R. Prefácio. *In*: MALTA, G. **UnB Idiomas**: impactos, alcances e desafios de extensão em línguas. Campinas: Pontes, 2019.

CAPÍTULO 4

O programa Idiomas sem Fronteiras – Japonês na Universidade de Brasília (2015 – 2019)

Kyoko Sekino (UnB)

Introdução

O programa de Idiomas sem Fronteiras (IsF) é conhecido como um programa de apoio e internacionalização a estudantes brasileiros por meio do programa de Ciência sem Fronteiras (CsF)³, que remonta a 2012, com a iniciativa do Grupo de Trabalho – Inglês sem Fronteiras. Houve diversos desdobramentos até que se constituísse como um programa nacional que envolvesse também outros idiomas, como o Japonês, incluído nele em 2015. O movimento do programa expandiu com a participação dos governos de vários países, como França (2013), Bélgica (2015), Itália (2015), Alemanha (2015), Canadá (2015) e Japão (2016), cujos representantes assinaram o Memorando de Entendimento de acordo com seus termos de participação. A expansão do programa do IsF foi ainda mais interessante, de tal modo que se manteve sua continuidade mesmo após o término do CsF, o programa principal. O Ministério da Educação o encerrou em 2017 por falta de recursos financeiros. No entanto, o IsF, um programa que apoiava bolsistas do CsF na parte linguística, no mesmo período, continuava expandindo, assumindo outro papel: o de promover a internacionalização da universidade.

Nesta primeira parte, relata-se a participação do curso de licenciatura em Língua Japonesa e sua respectiva Literatura da Universidade de Brasília (UnB) no programa IsF, a partir do início em 2015 até o fim em 2019, período em que a própria autora deste texto foi coordenadora pedagógica da parte japonesa do programa. A Fundação Japão, a contrapartida japonesa da parceria, teve um papel crucial para o sucesso do programa IsF. Houve incentivo para que alunos do curso de Japonês no nível de estagiários ou recém-habilitados pudessem atuar como tutores. Esses tutores, por sua vez, ensinavam a língua japonesa na UnB neste programa com o auxílio pedagógico e financeiro da Fundação Japão. Relata-se nesta parte do capítulo, como foi o início do programa, sobre os tutores, cursos, método de ensino e desafios enfrentados pelos tutores e coordenador. A descrição foi feita com base na memória da autora e nos documentos sob forma de relatórios submetidos à Fundação Japão no final de cada curso.

3 Segundo o *site* do Ciência sem Fronteiras e Vieira (2019), o programa CsF tinha como meta fornecer 101.000 bolsas de intercâmbio de pesquisadores brasileiros e estrangeiros no período de 2011 a 2015. Contudo, o número de bolsas atribuído atingiu mais do que a meta em 2014. No que diz respeito ao número de bolsistas do CsF-Japonês, havia 440 pesquisadores contemplados até o ano 2015 (Morio, 2018).

Uma breve história do início do programa IsF Japonês na UnB

O professor Ronan Alves Pereira do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura deixou o cargo de coordenação do IsF-Japonês em agosto de 2015, época em que o curso em si não havia começado. A autora deste texto, Kyoko Sekino, tomou posto da coordenação pedagógica de língua japonesa do IsF em agosto de 2015. No mesmo ano, participou do primeiro encontro internacional do IsF no auditório do Senado Federal da capital do Brasil em novembro. Na ocasião, a Fundação Japão ainda não participava do encontro, embora cinco coordenadores pedagógicos de japonês das universidades federais, como UFRJ, UFPR, UFRGs, UFAM e UnB, tivessem sido convocados e notificados sobre o início do curso de japonês que aconteceria em breve, na ocasião da implementação de um novo sistema de matrícula.

Como o programa principal, CsF, visava o desenvolvimento científico com ênfase em cinco áreas de interesse, como Economia e Finanças, Biotecnologia, Biomedicina, Energia e Agricultura sustentável⁴, os coordenadores reunidos durante o encontro deliberaram que abririam o curso (experimental) exclusivamente para alunos de Engenharia, Biologia e Agronomia nas respectivas universidades. Após o acordo entre os governos do Brasil e do Japão, a Fundação Japão assumiu o apoio financeiro e pedagógico. A UnB decidiu abrir duas turmas experimentais no *campus* principal, Darcy Ribeiro, como um curso de extensão, para alunos das áreas definidas e relativas ao CsF. Em termos pedagógicos, a Fundação Japão nos providenciou o livro didático, *Marugoto A1 Katsudo* (2013), o qual se trata do cotidiano no Japão para facilitar a vida inicial do bolsista após sua chegada ao país nipônico. Escolhido o livro, a carga horária também foi definida de acordo com o *syllabus* do livro: 48 horas com duas avaliações orais. Assim, iniciou-se o programa do IsF-Japonês na UnB em 2016.

Enquanto o sistema de matrícula no nível nacional estava sendo construído, naquela época foi possível realizar o curso apenas na modalidade de extensão, o que não era sempre prático devido à burocracia interna da UnB, que exigia aprovação de cada instância a partir do colegiado do departamento. Após se viabilizar o sistema de matrícula, não somente ficou bastante fácil realizar a matrícula, mas também a anotação de presença e emissão de certificados.

4 Essas áreas de interesse foram mencionadas pelo próprio e então ministro da educação Aloizio Mercadante na sua conferência do Encontro.

Em termos da estrutura de coordenação, havia em cada universidade um coordenador geral do IsF, responsável pela parte administrativa e funcional do programa. Na época em que houve o primeiro encontro internacional em 2015, o professor Virgílio Pereira de Almeida (LET/IL) era o coordenador do IsF-UnB que nos orientava sobre a oferta do curso. Sob a coordenação geral, havia coordenadores pedagógicos de cada língua, os quais coordenavam os tutores. Estes quem, de fato, ensinavam a língua em sala de aula. A coordenação de cada língua funcionava independentemente, seguindo sempre o calendário do IsF, ou seja, a data inicial de novo curso e duração (16, 32, 48 e 64 horas). Dentre outros motivos, essa coordenação independente para cada língua aconteceu devido à parceria dos países que celebraram o Memorando de Entendimento, no qual se estipulou o tipo de apoio que se esperava. Nesse ponto, a fim de facilitar a comunicação entre a Fundação Japão e as universidades que participavam do IsF, havia um coordenador representante para cada língua. O professor Luís Maximiliano Santin Gardenal da UFPR assumia essa função durante o período do presente texto. Apesar de ser o representante dos coordenadores pedagógicos, ele assumia diversas coordenações incluindo a parte administrativa. Tal professor conciliava sua atividade entre a Fundação Japão e o comando dos coordenadores de japonês de cada universidade. Sistematiza-se o funcionamento da coordenação na Figura 1.

Figura 1 – A organização pelas coordenações do IsF



Fonte: Elaboração própria

Em seguida, descrever-se-á alguns dos focos relevantes do IsF, estes que nos beneficiaram e continuam beneficiando enormemente.

| Tutores

As cinco universidades federais que iniciaram o IsF, posteriormente integrando-se à UNESP, com exceção da UFRGS que visa a formação de tradutor, oferecem o curso de licenciatura. Além de apoiar alunos que poderiam ser contemplados com a bolsa do CsF, as universidades que adotaram o IsF se beneficiaram pelo programa, isto é: adquiriram a oportunidade de fortalecer a docência dos alunos estagiários e dos ex-alunos recém-habilitados do idioma. Os tutores de cada universidade foram selecionados por meio de um edital interno antecipado à oferta do curso. Na UnB, durante o período de 2016 a 2019, tivemos 7 tutores que lecionaram no programa. Além disso, inclui-se mais dois tutores que não conseguiram dar aulas no programa, pois tiveram a oportunidade de participar do treinamento realizado no *Kansai Center* da Fundação Japão em Osaka durante um mês. Outros treinamentos foram realizados na Fundação Japão e Centro Cultural em São Paulo, dos quais alguns tutores participaram. O investimento de recursos humanos na forma de treinamento foi tão excepcional que nos fez reconsiderar a importância da capacitação, além da formação no curso de licenciatura. Ressalta-se, também, que os participantes seguiram suas carreiras docentes ou acadêmicas ingressando em programas de pós-graduação após terminar o contrato da tutoria.

Em relação ao treinamento de tutores, os coordenadores também se reuniram anualmente com o então presidente do programa IsF, a professora Denise Abreu e Lima (UFSCar), para orientação geral do IsF, compartilhamento de informações e soluções de diversos problemas de escala nacional envolvendo todas as línguas do programa. Nessas ocasiões, participavam o diretor financeiro da Fundação Japão em São Paulo e as coordenadoras especiais do IsF, a professora Yumiko Nomura (até 2018) e a professora Aya Satomi (a partir de 2019). A discussão e o compartilhamento de conhecimento nessas ocasiões foram profícuos e importantes para a padronização do curso do IsF entre as universidades e, ao mesmo tempo, para a manutenção da especificidade regional de cada universidade. Destaca-se, especialmente, a aula *on-line* da UNESP, em 2019, a qual ocorria posteriormente ao advento da pandemia. A UNESP possui diversos *campi* no interior do estado de São Paulo e já tinha instalação de aparato para aula *on-line* e EaD. Desse modo, a coordenadora compartilhou detalhes da modalidade de aula *on-line* bem como algumas dificuldades ocorridas. A coordenadora da UFRGS, por sua vez, também relatou que a remuneração de uma das

turmas do IsF estava sendo paga pela própria universidade em virtude de atender a uma demanda dos alunos por outra universidade⁵.

Coincidentemente, durante a última reunião realizada no prédio do MEC, em 2019, antes da pandemia de 2020, a coordenadora geral nos informou sobre o fim do IsF pelo fato de que o próprio MEC encerrara o programa. Isso ocorreu pela falta de recursos para sua continuidade. Portanto, essa reunião foi a última presencial do IsF original.

Cursos

Acredita-se que o IsF gerou um impacto relativamente grande no ensino de língua japonesa nas universidades que o instauraram. As universidades participantes possuíam em sua maioria a licenciatura, o que nos remete à não participação da Universidade de São Paulo (USP), que oferecia apenas o curso de bacharelado.

Como o programa contou com o apoio financeiro e pedagógico da Fundação Japão, a introdução do uso de livro didático *Marugoto* (veja a Tab. 1 para os níveis e anos de publicação) marcou efetivamente o início da *Abordagem Comunicativa* no curso superior. O livro já tivera sido introduzido no Brasil, mas apenas em instituições particulares de ensino. Nessa abordagem, as características são encontradas não apenas nas atividades de sala de aula, mas também em seu próprio *syllabus*. A fim de entender o livro, precisou-se de um estudo sobre o conceito do *JF Standard*, o que corresponde ao *The Common European Framework of Reference for Languages* (CEFR, "Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas"). Como já está amplamente conhecido hoje, o CEFR classifica a proficiência de comunicação realizada em línguas estrangeiras principalmente as utilizadas na Europa. Ocorre a divisão em seis escalas: A1, A2, B1, B2, C1 e C2, as quais a Fundação Japão adotou para a língua japonesa.

A série de livros didáticos *Marugoto* foi elaborada a partir de 2013, seguindo a orientação do *JF Standard* com o uso de escalas de proficiências, mas dividido em dois volumes: *Katsudo* e *Rikai* em cada nível. O *Katsudo* (significa "atividade") objetiva práticas de comunicação em determinadas situações, estas selecionadas a partir da vida cotidiana do Japão, apresentando diálogos basilares para que o aluno possa praticar. O material contém expressões-alvo a serem aprendidas em cada lição, o que representa uma unidade do *JF Standard*, tendo a denominação de *Can-Do*. Assim, o método conduz o aluno a aprender o significado de um ou mais *Can-Do* e a falá-los em cada lição. O livro consiste em 18

⁵ A UFRGS delegou a um tutor que executasse uma turma, atendendo à solicitação da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) no 2º semestre de 2019.

lições e sugere duas avaliações orais. O curso, então, soma 48 horas de carga horária cumpridas em sala de aula e é realizado duas vezes por semana com duas horas por aula. A UnB recebeu 50 livros pela Fundação Japão, estes, por sua vez, foram distribuídos para cada aula e recolhidos em seu fim. A Tabela 1 apresenta a série de livros do *Marugoto* desenvolvido pela Fundação Japão.

Tabela 1 – A série *Marugoto*, ensino de língua e cultura do Japão

Título	Nível (JF Standard)	Ano	Nível
<i>Marugoto Katsudo</i>	A1	2013	Iniciante
<i>Marugoto Rikai</i>	A1	2013	Iniciante
<i>Marugoto Katsudo</i>	A2-1	2014	Elementar 1
<i>Marugoto Rikai</i>	A2-1	2014	Elementar 1
<i>Marugoto Katsudo</i>	A2-1	2014	Elementar 2
<i>Marugoto Rikai</i>	A2-1	2014	Elementar 2
<i>Marugoto</i>	A2/B1	2015	Intermediário inicial
<i>Marugoto</i>	B1	2016	Intermediário 1
<i>Marugoto</i>	B2	2017	Intermediário 2

Fonte: Elaboração própria

Método

Como o livro *Marugoto Katsudo* A1 objetiva a prática, fomos orientados pela coordenadora da Fundação Japão a evitar ao máximo a explicação estrutural ou gramatical. Sabe-se que o aluno sempre quer saber acerca do mecanismo de um enunciado como: quem, ação, tempo, número etc. Esses elementos não são somente suscitados a fim de compreender a lógica do enunciado, mas também munidos de uma vontade de aplicação desse mecanismo para dizer outra coisa fora de sala de aula. Contudo, a orientação da Fundação Japão foi mais modesta, realizada de forma que o conteúdo comunicativo coubesse dentro da carga horária definida. Observa-se também que o método fez com que o aluno se concentrasse na comunicação em si, sem atenção dispersa à gramática ou à escrita da língua.

Como foi mencionado anteriormente, o livro *Marugoto* de cada nível contempla uma parte explicativa gramatical chamada *Rikai* (significa "compreensão"). Entende-se, então, que a proposta do cumprimento de A1 é por meio de dois livros de *Katsudo* e *Rikai*, 48 horas de carga horária para cada um⁶.

A proposta de *Can-Do* também é bastante diferente para aqueles acostumados com as abordagens voltadas à gramática ou à função. Tipicamente, na abordagem gramatical se apresenta o *syllabus* como indicativos, por exemplo, de pronomes demonstrativos: これ, それ, あれ ("isso, isto, aquilo") ou interrogativos como なに、だれ ("o que, quem") etc. Já no *Marugoto*, o *Can-Do* é um *syllabus* que compreende toda a situação de recorte, por exemplo, 教室であいさつする, "cumprimentar na sala de aula". Ela envolve saudações gerais de "bom dia", "boa tarde", apresentação de nome, do país de origem e enunciado conclusivo encantador do encontro como よろしくおねがいします ("conto com você"). Desse modo, o *syllabus* é uma unidade de situação bem delimitada, apresentada com enunciados frequente e tipicamente emitidos nesta situação. A apresentação de diálogo de determinada situação envolve perguntas como "de onde você é?", almejando o desenvolvimento auditivo do aluno.

Como o recorte é limitado, números e sufixos de contagem (conteúdo nocional) em língua japonesa, que são desafios para qualquer aprendiz, são apresentados apenas no que cabe no presente contexto. Por exemplo, se o diálogo envolve 3 maçãs, apenas se apresenta りんごが3つ e não exige do aluno memorização de uma lista de números e sufixos. Percebe-se, também, que a abordagem comunicativa, desenvolvida por meio da série *Marugoto*, se preocupa com a psicologia do aluno. A proposta da Fundação Japão sobre ministração de prática não exige ao aluno em termos de domínio do conteúdo, mas apenas apresentação (mesmo com erros e interlíngua⁷). Espera-se, então, a aquisição sem exigência, o que nos remete à hipótese da aquisição de Krashen (1982). Além disso, com relação à hipótese, a não cobrança ao aluno de assimilação imediata por meio de apresentação oral nos remete à outra hipótese do pesquisador, a do *filtro afetivo*. Destarte, o método recomenda a prática em par para que os participantes se sintam amparados em termos de nível e andamento.

A partir dessa observação, pode-se dizer que o método se conforma na abordagem comunicativa, na qual se espera a aquisição a partir do diálogo de determinada situação, esta com enunciados de estruturas suficientemente curtas, claras e assimiláveis. Considerando

6 Pela sugestão feita no livro, para que se cumpra o A1 serão demandadas 96 horas.

7 A interlíngua é uma linguagem que aparece naturalmente no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras quando o aprendiz se comunica. Esta possui seu sistema pautado na interferência da língua materna do aprendiz. Na abordagem comunicativa, considera-se a interlíngua um fenômeno normal que não precisa ser corrigido forçadamente (cf. Selinker, 1972).

estas características, o método é envolvido na função sociocomunicativa, estrutura dialógica e exploração cognitiva de memória sob a abordagem comunicativa.

Outra característica que merece menção é o uso de portfólio. Os alunos o receberam individualmente, anotando seu desempenho e comentários ao fim da aula. O portfólio foi usado a partir do pressuposto de que anotações ajudariam o aluno na percepção e estabelecimento de metas. Por outro lado, o material poderia ser examinado pelo tutor como forma de se informar acerca das dificuldades dos alunos, bem como o possibilitaria criar suas próprias estratégias de ensino.

Na UnB, providenciava-se um portfólio traduzido em português, guardado em um saco plástico onde o aluno poderia armazenar suas produções também. Dessa forma, o tutor, ao iniciar a aula, distribuía o livro e o portfólio e os recolhia ao final de sua aula. Como as salas de aula não estavam fixas, a busca e a devolução de materiais oneraram o tutor especialmente quando a sala de aula estava alocada longe da coordenação.

Acrescentando mais informações neste ponto, a UnB preparou uma sala exclusiva para a coordenação do IsF onde os tutores de todas as línguas podiam preparar suas aulas e utilizar os equipamentos como som, projetor e livros didáticos compartilhados. Havia computadores para preencher listas de chamada e outras tarefas. O laboratório do IsF teve a instalação de 1^o computador com um projetor. Podendo ser usado mediante reserva antecipada, era e é um local propício para a interação multimídia.

Figura 2 – Recorte do portfólio em português. Ao final da aula, o aluno pode colorir as estrelas de acordo com a satisfação de seu desempenho.

4	Somos 3 na minha família	7	Falar um pouco sobre sua família	☆☆☆
		8	Falar da sua família, mostrando uma foto	☆☆☆
5	Sua comida predileta	9	Falar de comida que você gosta	☆☆☆
		10	Oferecer uma bebida	☆☆☆
		11	Falar do costume do café da manhã	☆☆☆
6	Onde almoçar?	12	Seu prato predileto	☆☆☆
		13	Combinar com seu amigo onde almoçar	☆☆☆
		14	Olhar o cardápio	☆☆☆
		15	Fazer um pedido no lanchonete de <i>fast food</i>	☆☆☆

Fonte: Elaboração própria

8 Nesta hipótese, Krashen distingue a aquisição da aprendizagem. A primeira é uma imersão natural na língua estrangeira por um *input* numeroso, enquanto a última é uma aprendizagem formal com regras e exercícios dirigidos para assimilação.

Desafio do tutor

Embora a abordagem comunicativa seja almejada e sempre mencionada em diversos artigos ou congressos pelos docentes universitários de língua japonesa, a maioria das universidades participantes do IsF utiliza livros didáticos mais voltados à abordagem gramatical como *みんなの日本語* (*Min'na no nihongo*) ou *日本語初歩* (*Nihongo Shoho*). Nota-se também que as publicações de aprendizagem de língua japonesa nas últimas décadas são em sua maioria de tópicos gramaticais. A partir desse fato, vislumbra-se que os cursos de ensino superior contam com uma base de conhecimento gramatical e estruturalista da língua de forma pungente. Isto quer dizer que os alunos, mais precisamente, os tutores que assumiram o ensino do IsF, depararam-se com o desafio da abordagem comunicativa. Cabe ressaltar que, dentre eles, havia tutores que já obtiveram N2 do Exame de Proficiência de Língua Japonesa que, de fato, não exige a comunicação oral dentre as habilidades linguísticas contempladas. O desafio do ensino à luz do uso do *Marugoto* somente ficou evidente quando se contrastou essas duas realidades na implementação do programa no curso superior.

Por conseguinte, ocorreram diversos momentos de intervenção da coordenação no ensino do IsF. Na maioria dos casos, o tutor apresentava em sua aula a gramática, fazia uso de tabelas de regras e exercícios gramaticais. Se por um lado, essas apresentações gramaticistas eram naturais em sua experiência como discente do curso superior, por outro, foram destoantes dos princípios da abordagem comunicativa, esta instituída pelo método do *Marugoto*. Era difícil para o tutor compreender o método de ensino com o uso do livro didático, embora soubesse do que se tratava a abordagem comunicativa. Compreende-se que essa reação conflitante era natural. Embora se precisasse redirecionar a atenção do tutor: da gramática à comunicação.

As visitas das coordenadoras da Fundação Japão bem como os treinamentos realizados em São Paulo e no Japão foram cruciais para um redirecionamento e reorientação do tutor. Ele, por sua vez, começava a aprender os enunciados usados nas unidades de *Can-Do* que apareciam em cada lição do livro com antecedência, a fim de elaborar suas estratégias de ensino. Especialmente, a mudança do papel do professor foi demonstrada e compreendida por parte do tutor em sala de aula. A docência deixou de ser categorizada por meio da imagem do professor centralizador, este, em primazia, deve assumir um caráter de facilitador. Alguns tutores, diante dos acúmulos de experiências, assumiram papéis de facilitadores, observando mais os alunos, ao invés de intuir o papel do professor como autoridade.

Outro desafio ainda gerado do conflito entre a abordagem gramatical e a comunicativa persistiu: a elaboração de prova. Havia dois momentos de avaliação durante o curso: um no meio do curso quando finalizadas as primeiras 24 horas de carga horária e outro ao final. Recomendava-se assistir à avaliação do *Can-Do* disponível em vídeos. Baseada nos materiais fornecidos pela Fundação Japão, o tutor elaborava a prova, mais especificamente, os diálogos a serem avaliados. Isso ocorria em conjunto da coordenação. Essa elaboração vislumbrou a relevância de esclarecer o contexto delimitado em que o diálogo deveria ser desenvolvido. Quanto mais o tutor percebia a importância do contexto, mais buscava recursos audiovisuais para estabelecê-lo. Percebeu-se também o tempo despendido para a elaboração da avaliação e a importância do *feedback* instantâneo durante a aplicação de prova. Compreendeu-se, portanto, que a prova não era apenas um momento de avaliação, e sim um momento de *feedback* que consolide a aprendizagem do aluno.

Apresenta-se um exemplo da prova, com a versão do professor (Figura 3), uma parte da resposta no *roleplay card* (Figura 4) e o convite do aluno ao professor para um evento (Figura 5).

Figura 3 – *Roleplay card* do tutor com respostas modelo e com a indicação dos números de *Can-Do* que apareceram no livro

Professor	Aluno	Can-do
こんにちはAlunoさん、 趣味は何ですか。 どんな（スポーツ、映画）が好き ですか/できますか。 そうですか。（私もです。いいで すね。）	（映画、スポーツ、音楽）が好きです/ できます。 （コメディ、サッカー、MPB）が好き です/できます。 サッカーをします。	28/29

Fonte: Elaboração própria

O *roleplay card* do tutor contém respostas modelo, enquanto na parte do aluno há somente contextos ou explicações sobre as situações em que se desenvolve o diálogo. Cada um responde de acordo com as pistas. Durante a prova, havia uma sucinta explicação do tutor e a resolução de algumas dúvidas dos alunos para que se esclarecesse a função e o contexto. A prova oral, então, objetiva dialogar com o aluno, em vez de buscar aprovação ou reprovação dele.

Figura 4 – Roleplay card do aluno para o diálogo exposto na Figura 2



Fonte: Elaboração própria

Figura 5 – Em um dos *roleplay card* do aluno, ele deveria realizar um convite ao professor para um evento. Havia escolha de dois eventos



Fonte: Elaboração própria

| Participantes

Em 2016, quando o IsF ainda objetivava apoiar o intercâmbio pelo CsF, a inscrição de participantes se restringia apenas às áreas definidas pela coordenação geral. Quando o encerramento do CsF foi confirmado, mas por outro lado continuou o IsF, o programa abriu a inscrição para toda a comunidade acadêmica, incluindo funcionários vinculados à instituição do ensino como curso de capacitação. A política de ofertar o curso apenas no nível *Marugoto A1 Katsudo* foi mantida a fim de evitar o conflito com cursos pagos oferecidos pela UnB, como o caso do UnB Idiomas. Embora se encontrassem problemas como, por exemplo, o certificado não ter validade para a concessão de créditos de disciplinas optativas do curso de graduação, a busca sempre foi maior do que a capacidade.

O sistema automático de matrícula foi viabilizado em 2016, o que facilitou bastante a coordenação administrar as turmas. Todavia, deixou alunos escolherem quantas matérias quisessem. Consequentemente, o sistema começou a detectar muitos casos de não comparecimento e abandono de curso. A coordenação geral renovou o sistema para restringir o número de cursos nos quais os alunos poderiam se inscrever e atribuir penalidade àquele que não comparecesse ou abandonasse o curso sem justificativa. Desse modo, a situação da inscrição se estabilizou, mantendo sempre 20 alunos por turma e oferecendo duas ou três turmas por semestre, dependendo da disponibilidade do tutor.

Como visto na sessão em que se trata do desafio do tutor, o mesmo aconteceu com o aluno: alguns desejavam sempre saber mais sobre gramática do que comunicação. Assim sendo, é interessante observar que existe a crença sobre o ensino de línguas estrangeiras estar pautada na presença de uma gramática marcante. O ensino sem ela não satisfazia certos alunos, mesmo que eles demonstrassem um bom desempenho comunicativo. Observou-se a busca do padrão tradicional no ensino, que foi relativamente persistente durante o período do IsF.

| Outras informações relevantes

Relata-se que havia dois cursos peculiares. Quando o ciclo de ofertas e o curso em si estavam consolidados com experiências de ambas as partes, da coordenação e do tutor, a busca de outras possibilidades ocorreu. Uma delas foi quando os coordenadores discutiram a estabilidade do tutor. Como o curso tinha 48 horas de carga horária, o que correspondia a 3 meses, o tutor, especialmente, já habilitado, necessitava de um compromisso profissional mais estável. Se ele se mantivesse no curso de IsF apenas 3 meses em cada semestre,

ficaria ocioso durante os outros 6 meses do ano. A fim de sanarem parte desse problema, a Fundação Japão sugeriu a oferta de curso de cultura japonesa por 12 horas para completar 60 horas por semestre, ocupando o tempo do tutor por 4 meses.

O livro *Marugoto*, de fato, é compilado com diversas imagens, as quais deveriam ser melhor aproveitadas. Especialmente, na orientação da Fundação Japão ao iniciar o curso, sugeriu-se uma discussão voltada à observação das imagens de cada bloco de lições, uma vez que poderia haver várias finalidades de contrastes, comparações, apresentações de impressão, dúvidas, dentre outros aspectos que ajudariam o aluno na construção do contexto das lições.

Baseado nisso, o IsF Japonês da UnB ofereceu em uma ocasião um curso experimental de cultura japonesa dividido por três tutores e a coordenadora com 12 horas de carga horária. A reflexão pós-curso foi bastante profícua, mas o curso não prosseguiu ofertado devido ao encerramento do IsF: o MEC já não fazia mais parte do programa, somou-se também a pandemia de 2020.

Outra peculiaridade que vale a pena mencionar é o curso de cultura japonesa para tutores na UnB. Nele, havia diversos alunos e ex-alunos que fizeram ou não a tutoria. Nesse curso, a aula foi dada integralmente em japonês por uma então professora do UnB Idiomas, Ritsuko Matayoshi, com a colaboração da professora da Fundação Japão, Yumiko Nomura.

O uso de vídeo não é uma atividade nova, entretanto, o que a professora Ritsuko e a professora Yumiko trouxeram em termos de observação da cultura por meio de um vídeo foi bastante inovador, reverberando e renovando o nosso conhecimento. A exposição do supracitado vídeo não teve acompanhamento de legenda ou de transcrição. Dessa forma, no início, não foi fácil para os participantes o acompanharem. Contudo, estímulos foram dados pelas professoras de modo que os participantes não se sentissem entediados com a exposição repetitiva. Entende-se que a análise do vídeo e o estudo preliminar das professoras para a aula devem ter sido meticulosos, assim, os estímulos estratégicos foram ensaiados para a busca de efeitos positivos do entendimento. Como evidência de sucesso, após os alunos receberem o *script* e a lista de vocabulário do vídeo, percebeu-se que eles se preocupavam ainda mais com o contexto, ou seja, cada manifestação detalhada da cultura observada no vídeo.

No fim desse curso de 16 horas durante a semana, os participantes fizeram apresentações orais sobre a cultura extraída, uma espécie de recorte do vídeo. Nenhum deles preparou textos de suas falas e, sem medo, apresentaram suas opiniões oralmente em japonês. Imersos na aula, não se preocupavam com seus erros orais e discutiam naturalmente.

A partir dessa experiência, evidenciou-se que a aula de cultura poderia ser mais aprofundada. Dessa forma, ela ajudaria a ampliar o conhecimento linguístico-cultural com estímulos estratégicos, podendo instigar a vontade e a curiosidade do aluno. Mas, isso só é possível conforme os materiais empregados na aula são analisados e estudados previamente, com cuidado pelo professor.

IsF-UnB Japonês em números

Apresenta-se aqui o número de alunos matriculados no programa.

Tabela 2 – Número de alunos matriculados no IsF Japonês na UnB

Período (ano e semestre)		Turmas	N. de matrículas	% do núm. de alunos concluídos	Observações
2016	1	1	25	70%	Experimental (ainda um curso de extensão)
2016	1	1	32	60%	
2016	2	2	40	90%	Uma turma ofertada no <i>Campus Ceilândia</i>
2017	1	3	47	94%	
2017	2	3	75	47%	Houve greve
2018	1	3	60	62%	
2018	2	3	56	73%	
2019	1	3	50	90%	
2019	2	3	70	90%	

Fonte: Elaboração própria

Durante três anos, a UnB conseguiu ofertar o curso para 455 alunos. Internamente, houve alguns problemas como greve de funcionários e de alunos, desgaste físico por conta do peso e do deslocamento de materiais e equipamentos e, por fim, a falta de espaço físico, ou seja, salas de aula.

Nas enquetes realizadas pela Fundação Japão ao final de aula, a maioria marcou seu interesse pela história, língua e turismo no Japão, elucidando sua curiosidade pela língua e cultura do país.

| Considerações finais

O presente texto refere-se ao programa IsF, o qual teve seu início e encerramento durante o período exposto. A experiência que o curso de Japonês obteve por meio da participação do referido programa foi excepcional, trazendo a implementação da Abordagem Comunicativa com *syllabus* e métodos bastante esclarecidos. O apoio da Fundação Japão foi fundamental para a realização do programa, o qual ocorreu a partir do fornecimento de recursos financeiros para aquisição de materiais didáticos. A cooperação entre a Fundação Japão e as universidades que participaram nos aclarou a importância da renovação de conhecimento. Complementou-se as experiências de cada um dos envolvidos para gerar uma nova configuração do cenário de ensino-aprendizagem de japonês fora do Japão. Os tutores de alguma forma conseguiram um maior benefício, tendo em vista os treinamentos feitos pela Fundação Japão e pela própria experiência como docente, esta última permeada de diversas situações da realidade do ensino de língua estrangeira. Essa primeira parte do IsF exposta neste texto foi encerrada pelo MEC, mas logo se deu sua continuidade sob uma nova parceria com o ANDIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior). Essa colaboração sucedeu sob uma nova configuração e na época em que a pandemia assolou o Brasil.

| Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Entenda o IsF**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://isf.mec.gov.br/programa-isf/entenda-o-isf>. Acesso em: 2 fev. 2021.

MORIO, T. Burajiru ni okeru Kikoku Ryûgakusei ni yoru Tonichimae Orientêshon no Torikumi. **Web Magazin Ryûgaku Kôryû**, Tóquio: Nihon Gakusei Kikô, v. 93, 2018. Disponível em: https://www.jasso.go.jp/ryugaku/related/kouryu/2018/icsFiles/afieldfile/2018/12/07/201812ryugakukoryu_3.pdf. Acesso em: 1 dez. 2020.

THE JAPAN FOUNDATION. **About JF Standard**. Disponível em: <https://jfstandard.jp/summaryen/ja/render.do>. Acesso em: 3 fev. 2021.

SELINKER, L. **Interlanguage**. Product Information International Review of Applied Linguistics in Language Teaching, 10. 1972. p.209-241.

VIEIRA, A. C. **Internacionalização da educação superior**: uma nova fase se inicia após o Ciência sem Fronteiras e o Inglês sem Fronteiras? 2019. 86 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35170>. Acesso em: 3 fev. 2021.

CAPÍTULO 5

O histórico e a contribuição do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na formação acadêmica e profissional em Letras-Japonês na Universidade de Brasília

Yüki Mukai (UnB)

| Preâmbulo

Este capítulo tem como objetivo apresentar um panorama histórico e contextual da trajetória do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) na Universidade de Brasília (UnB). O foco recai sobre a cooperação e missão do programa, bem como a sua relevância na sociedade, com ênfase no contexto do Curso de Letras-Japonês da mesma instituição. O PPGLA serve como um espaço essencial para a pesquisa contínua, com especial destaque no campo do ensino-aprendizagem de línguas, incluindo o ensino da língua japonesa como língua estrangeira.

A presença do PPGLA desempenha um papel fundamental ao proporcionar aos ex-alunos do Curso de Letras-Japonês a oportunidade de dar continuidade às suas pesquisas ou serem estimulados a ingressar no programa de pós-graduação. Isso possibilita a ampliação das investigações relacionadas ao ensino e aprendizado da língua japonesa. A conexão estabelecida entre os cursos de graduação e os programas de pós-graduação fortalece a interação entre pesquisa e ensino, abrindo caminho para oportunidades excepcionais de avanço acadêmico contínuo e para a realização de pesquisas inovadoras nesta área específica.

| Histórico e contextualização do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada⁹

O Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) da Universidade de Brasília (UnB), sediado no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras, teve sua origem e desenvolvimento moldados ao longo dos anos em resposta a diretrizes e recomendações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A história do programa reflete sua evolução e consolidação como um importante centro de formação acadêmica e pesquisa na área de Linguística Aplicada.

O PPGLA teve seu início como desdobramento de um programa anterior voltado ao estudo da língua inglesa, o qual posteriormente foi descontinuado. Em consonância com as orientações da CAPES, o Departamento optou por criar um novo programa integralmente, o que culminou na criação do PPGLA.

⁹ As seções sobre o histórico, cooperação e missão/objetivos do PPGLA baseiam-se no documento “Apresentação de proposta de curso novo (APCN): doutorado em linguística aplicada”, elaborado em 2022 pela Comissão da APCN de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA), composta pelos professores Dra. Joara Martin Bergsleithner, Dr. Yüki Mukai, Dra. Mariana Rosa Mastrella de Andrade, Dra. Yamilka Rabasa Fernandez e Dr. Fidel A. Cañas Chavez.

A partir de 2000, o programa foi implantado com foco no Ensino de Línguas, resultando na renovação do corpo docente e na inclusão de disciplinas relacionadas à Tradução. Os princípios fundamentais delineados no projeto inicial continuaram a orientar o programa até 2008.

No ano de 2008, ocorreu a separação dos docentes da área de Tradução para estabelecer um programa independente no Departamento. Isso marcou o início de um período caracterizado por uma definição mais precisa das áreas de atuação, um desenvolvimento que tem prosseguido desde então.

A partir de 2015, o programa passou por uma abrangente reestruturação, que englobou tanto aspectos políticos e institucionais internos quanto a renovação do corpo docente. Durante esse processo, ocorreram expansões nas instalações físicas e tecnológicas, iniciativas de internacionalização e um compromisso mais profundo com a integração social em âmbitos locais e regionais. A CAPES reconheceu esses esforços atribuindo ao programa a nota 4.0 em avaliações realizadas nos quadriênios de 2013-2016, o que possibilitou a busca pelo *status* de Programa de Doutorado em Linguística Aplicada.

O ano de 2019 desempenhou um papel significativo na trajetória do PPGLA, uma vez que marcou seu décimo aniversário e foi testemunha de um notável aumento no número de novos estudantes, bem como da participação de alunos de graduação em disciplinas de pós-graduação. Além disso, o programa admitiu novos docentes permanentes durante esse período. Essas conquistas refletem o crescimento substancial do programa, fortalecendo suas bases para a oferta do curso em escala nacional e consolidando sua posição em um patamar de excelência acadêmica.

O programa de mestrado, que amadureceu consideravelmente, se posicionou como um formador de profissionais qualificados para atuar em diferentes aspectos do ensino de línguas no Brasil. Isso é particularmente relevante, visto que a oferta de programas semelhantes é limitada na região Centro-Oeste do país. A trajetória consolidada do PPGLA enfatiza a importância de investimentos contínuos em novas áreas de pesquisa aplicada nos contextos de ensino, formação e aquisição de línguas no Brasil.

Durante o último quadriênio (2017-2020), o programa introduziu inovações, como a inclusão da disciplina "Tecnologias da Informação no Ensino de Línguas" (TI), que gerou diversas dissertações defendidas e projetos associados. Essa abordagem combina a reflexão sobre práticas educacionais inovadoras com o ensino de línguas de forma autônoma, complementando a abordagem tradicional do ensino de línguas. Além disso, a segunda linha

de pesquisa¹⁰, originalmente centrada na interculturalidade, foi expandida para abranger práticas educacionais, como discursos pedagógicos e materiais didáticos, relacionados a questões de identidade, interação e práticas discursivas.

Assim, o PPGLA desempenha um papel crucial na formação de docentes e pesquisadores na região Centro-Oeste do Brasil, atraindo também alunos de outras regiões do país e do exterior. O programa tem se destacado na disseminação do conhecimento e na formação de profissionais na área da Linguística Aplicada, com enfoque predominante no ensino e aprendizagem de línguas, formação de professores de línguas e questões relacionadas à língua, cultura, identidade e sociedade no ensino de línguas. Isso é alcançado por meio da publicação de artigos, livros e capítulos de livros, muitos dos quais em colaboração com pesquisadores de outros programas de pós-graduação. Além disso, o programa promove eventos para divulgação dos resultados da pesquisa científica na área e oferece cursos presenciais e a distância de educação continuada para professores de línguas. Destaca-se o Programa de Extensão na Formação Continuada de Professores de Línguas do Distrito Federal, que atrai docentes de escolas públicas e privadas para um enriquecedor diálogo com a pós-graduação. E esse convívio estende-se aos estudantes da graduação, que a cada edição do programa participam das disciplinas como estudantes especiais. Por essa razão, o programa foi merecedor de nota 4.0, pelo desempenho superior nos quesitos avaliados pela CAPES no quadriênio 2017-2020, mostrando um panorama de crescimento do mesmo e de maior maturidade acadêmica do corpo docente.

No que se refere à contextualização histórica do programa, o PPGLA da Universidade de Brasília assume uma posição singular no Centro-Oeste brasileiro, ao concentrar-se especificamente na disciplina acadêmica e profissional denominada “Prática do Ensino de Línguas”. Isso oferece uma perspectiva específica para a formação de linguistas aplicados, capacitando-os a aplicar as teorias linguísticas na prática da sala de aula.

Além disso, a localização estratégica do programa tem permitido a disseminação de pesquisa especializada relacionada à prática em diversas especialidades do ensino e aprendizado de línguas. Essas especialidades incluem o ensino de línguas em contextos escolares em todo o país, o ensino de idiomas em ambientes acadêmicos universitários, o ensino de línguas para tecnologias, o ensino de línguas para crianças nos primeiros anos do ensino fundamental e o ensino de idiomas voltado para a formação continuada de professores em modalidade de extensão.

A abordagem teórica adotada, baseada na Prática do Ensino de Línguas, engloba plenamente o campo da Linguística Aplicada, indo além da simples aplicação dos princípios da

10 1ª linha de pesquisa: Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores de Línguas; 2ª linha de pesquisa: Língua, cultura e sociedade.

Linguística Geral. Ela aborda questões da prática social através da linguagem, estabelecendo-se como uma área autônoma que desenvolve conceitos, metodologias e questões sociais e culturais relacionadas ao uso da linguagem.

A história e o contexto do PPGLA refletem seu compromisso contínuo com a formação acadêmica e a pesquisa em Linguística Aplicada, bem como sua contribuição significativa para o avanço da área no Brasil.

Cooperação e Intercâmbio no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

O PPGLA mantém uma extensa rede de colaborações e intercâmbios tanto em âmbito nacional quanto internacional. No que diz respeito às cooperações nacionais, o programa estabeleceu parcerias estratégicas com órgãos federais de administração, incluindo o Ministério das Relações Exteriores (MRE). Esta colaboração traduz-se em diversos cursos oferecidos para a formação de docentes no contexto do ensino do português como língua estrangeira (PLE) em várias regiões do mundo, como Guiana Inglesa, Peru, Líbano, República Dominicana, Itália, Colômbia e Paraguai. Além disso, o programa mantém vínculos com o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), contribuindo com assessorias em importantes exames nacionais e participando ativamente na liderança de iniciativas como o Projeto Idiomas sem Fronteiras (IsF), entre outras.

O PPGLA também colabora com a Secretaria de Educação do Distrito Federal, envolvendo-se em projetos conjuntos com escolas de ensino fundamental em Brasília e região, bem como com os Centros Interescolares de Línguas (CILs), um projeto exclusivo do Distrito Federal que promove o ensino de línguas estrangeiras para estudantes de escolas públicas. Além disso, o programa estabeleceu parcerias com universidades estrangeiras em países como França, Estados Unidos, Reino Unido, Portugal e Colômbia, visando o desenvolvimento conjunto de projetos acadêmicos.

No que diz respeito às cooperações nacionais, o PPGLA tem se esforçado para ampliar sua inserção social nos níveis local, regional e nacional, enquanto fortalece sua presença internacional. Nesse contexto, o programa mantém relações sólidas com diversas universidades estaduais e federais do Brasil, estabelecendo parcerias em várias formas.

Quanto aos periódicos científicos, o PPGLA é responsável por três revistas científicas eletrônicas que ampliam ainda mais sua rede de colaborações, tanto nacional quanto internacionalmente:

- a) *Horizontes de Linguística Aplicada*: fundada em 2002, esta revista de publicação semestral tem como objetivo principal divulgar trabalhos inéditos na área de ensino e aprendizagem de línguas em âmbito nacional e internacional. Ela aceita trabalhos redigidos em língua portuguesa, inglesa, espanhola ou francesa. Notavelmente, a revista alcançou uma avaliação Qualis de A4 em 2019, refletindo um crescimento qualitativo e quantitativo significativo ao longo do último quadriênio.
- b) *Revista Desempenho*: fundada em 2007, esta publicação semestral tem como foco a divulgação científica e tecnológica de discentes do PPGLA. A revista foi avaliada como B1 na última avaliação do quadriênio.
- c) *Revista História do Ensino de Línguas no Brasil (HELB)*: teve sua primeira edição publicada em 2007. Esta revista eletrônica com publicação anual aborda as diversas interseções ao longo da história do ensino de línguas no Brasil. Foi avaliada pela CAPES com QUALIS B2, contribuindo significativamente para o debate acadêmico sobre o tema.

Essas revistas não apenas fortalecem a colaboração nacional e internacional do programa, mas também enriquecem o cenário acadêmico na área de Linguística Aplicada.

| Missão e objetivos do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA)

O PPGLA tem como missão central a formação de docentes e pesquisadores, atraindo estudantes não apenas da região Centro-Oeste do Brasil, mas também de outros estados nas regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudeste, além de alunos internacionais. O programa dedica-se a oferecer uma formação de alta qualidade na área de Linguística Aplicada, destacando a linguagem como um fenômeno socialmente situado e promovendo a produção e disseminação de conhecimento científico de excelência. As principais metas do PPGLA incluem: (a) formar pesquisadores e professores de línguas competentes; (b) contribuir para o avanço científico na área por meio da pesquisa e produção intelectual; (c) disseminar o conhecimento científico por meio da realização de eventos e conferências; (d) oferecer cursos de educação continuada para professores de línguas; (e) atender às demandas sociais relacionadas ao uso, ensino e aprendizagem de línguas, com foco na região Centro-Oeste.

Uma de suas propostas imediatas é a criação de um programa de doutorado, reconhecendo a importância de formar não apenas mestres, mas também doutores na área de Ensino de

Línguas. Essa expansão visa contribuir significativamente para as instituições de ensino superior e escolas em todo o país, considerando a posição estratégica da Universidade de Brasília.

Assim, os objetivos do PPGLA englobam: (a) capacitar profissionais para abordar as necessidades do país em relação à formação de novos profissionais e ao aprimoramento constante de professores na área de ensino de línguas; (b) desenvolver pesquisas relacionadas a questões históricas e políticas do ensino de línguas; (c) abordar desafios éticos no ensino formal; (d) revisar e atualizar métodos de ensino sob a influência de abordagens e recursos digitais contemporâneos; (e) formar docentes pesquisadores para o ensino superior, com especialização na área de Linguística Aplicada; (f) equipar os alunos com competências e conhecimentos críticos para atuar na formação de quadros para instituições do sistema educacional; (g) contribuir para a produção de conhecimento acadêmico-científico na área de Linguística Aplicada e áreas afins; (h) estimular a produção científica e a reflexão nas áreas abrangidas pelo programa; (i) promover a disseminação do conhecimento na área; (j) reforçar a colaboração com instituições nacionais e internacionais; (k) democratizar o ensino de línguas, a formação de professores de línguas e as questões linguísticas, culturais e sociais na sociedade brasileira.

Em resumo, o PPGLA dedica-se à pesquisa, formação e desenvolvimento de seus estudantes, com foco em políticas de inovação, internacionalização, inserção social, questões étnico-raciais, soluções regionais e nacionais, interdisciplinaridade, autoavaliação e acompanhamento de egressos. Além disso, o programa busca fortalecer a qualidade da produção científica e técnica, gerando impacto em âmbito local, regional, nacional e internacional.

Egressos de Letras-Japonês da UnB no PPGLA

No contexto acadêmico, o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) desempenha um papel de destaque como um espaço para pesquisa contínua e aprofundamento destinado aos graduados dos cursos de Letras da Universidade de Brasília (UnB). Isso inclui o curso de Letras-Japonês, que é objeto de pesquisa nesta seção.

A área de ensino-aprendizagem de língua japonesa como língua estrangeira é contemplada de maneira significativa pelo PPGLA, oferecendo uma plataforma excelente para aqueles que desejam continuar suas investigações nesse campo de estudo.

A existência do PPGLA tem sido fundamental para possibilitar que egressos do curso de Letras-Japonês continuem suas pesquisas ou se sintam motivados a ingressar no programa,

aprofundando suas investigações no âmbito do ensino e aprendizado da língua japonesa como língua estrangeira. Essa conexão entre os cursos de graduação e programas de pós-graduação fortalece o ciclo de pesquisa e aprendizado, proporcionando oportunidades únicas para a formação acadêmica continuada e o desenvolvimento de pesquisas inovadoras.

Nesse contexto, é relevante destacar que, no período compreendido entre 2013 e 2023, um total de 10 egressos do curso de Letras-Japonês ingressou no PPGLA (vide quadro 1). Dentre esses 10, 7 concluíram com êxito o curso de mestrado oferecido pelo PPGLA, enquanto 3 não finalizaram o programa. Essa trajetória acadêmica demonstra o comprometimento e a dedicação dos egressos do curso de Letras-Japonês em buscar um aprofundamento em suas áreas de pesquisa no âmbito da Linguística Aplicada.

Quadro 1 – Egressos de Letras-Japonês da UnB no PPGLA

Nome do/a egresso/a	Título da dissertação	Orientador	Ano de conclusão/ desistência	Obs.
André Willian Marques de Oliveira	<i>É assim que eu escrevo: estratégias de aprendizagem de kanji e crenças de professores de língua japonesa em formação</i>	Yûki Mukai	2013	Concluído
Edson Teixeira do Nascimento	<i>O professor de língua japonesa (LE): crenças e ações de três professores universitários com trajetórias diferenciadas de aquisição/ aprendizagem (LM, LH e LE)</i>	Yûki Mukai	2013	Concluído
Renan Kenji Sales Hayashi	<i>Não existe material ideal, né?: crenças, experiências e ações sobre o material didático de língua japonesa (como LE) na universidade</i>	Yûki Mukai	2015	Concluído
Rafaella Kazue Gitirana Umetsu	<i>Crenças e ações de um aprendiz (descendente de japonês) no processo de aprendizagem de língua japonesa</i>	Yûki Mukai	2015	Não concluída

Tábata Quintana Yonaha	<i>O PLH no contexto de emigrantes brasileiros no Japão: crenças e ações de mães brasileiras</i>	Yûki Mukai	2015	Concluída
Valdeilton Lopes de Oliveira	<i>A aplicação do jogo jukugeemu: é possível aprender vocabulário e ideogramas de língua japonesa jogando?</i>	Yûki Mukai	2019	Concluído
Rafael Maury de Sousa e Silva	<i>História de vida: a construção da identidade de um aprendiz da língua japonesa</i>	Yûki Mukai	2019	Não concluído
Geanne Alves de Abreu Morato	Percepções e ações de professores de japonês em uma escola pública de Línguas do Distrito Federal sobre a abordagem da escola: um estudo de caso	Yûki Mukai	2020	Concluída
Alfredo Cardoso Neto	<i>Do remoto ao presencial: crenças, ações e expectativas da formação de professores de língua japonesa dos alunos da disciplina de estágio supervisionado em língua japonesa 2</i>	Yûki Mukai	2021	Não concluído
Adoniran Ribeiro Rocha	<i>Estratégias de aprendizagem e afetividades: uma análise da experiência de alunos de japonês no ensino remoto</i>	Yûki Mukai	2023	Concluído

Fonte: Elaboração própria

Obs.: “Concluído/a” indica a conclusão do programa e “Não concluído/a” indica que o/a aluno/a não concluiu o programa.

Além disso, é notável a tendência da pesquisa realizada por esses egressos, evidenciada pelos temas abordados em suas dissertações. Essas investigações abrangem uma variedade de tópicos relacionados ao ensino e aprendizado da língua japonesa, como estratégias de aprendizagem de *kanji* (ideogramas japoneses), crenças e ações de professores de língua

japonesa, material didático, abordagens de ensino, entre outros. Essa diversidade tem contribuído para o enriquecimento do conhecimento na área, oferecendo *insights* valiosos para o aprimoramento do ensino de língua japonesa como língua estrangeira.

Ainda é relevante destacar que, dentre os 10 egressos mencionados no quadro 1, 2 deles tornaram-se professores de japonês no CIL do DF, 1 é professora efetiva na área de pedagogia/atividades da Secretaria de Educação do DF, 2 concluíram o doutorado e tornaram-se, respectivamente, professor efetivo de japonês na Universidade Federal do Paraná e professora efetiva de português como língua estrangeira (PLE) na Universidade de Brasília, e 1 atua como professor particular de japonês.

Em suma, a colaboração entre o curso de Letras-Japonês e o PPGLA tem proporcionado uma base sólida para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos egressos, impulsionando a pesquisa e a produção de conhecimento na área de Linguística Aplicada, com foco no ensino e aprendizado de línguas, em especial a língua japonesa. Esse intercâmbio contínuo fortalece a formação de especialistas qualificados, capazes de contribuir significativamente para o campo do ensino de línguas estrangeiras.

Considerações finais

Até este ponto, torna-se incontestável o papel fundamental desempenhado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) na capacitação de docentes e pesquisadores, abrangendo não apenas a região Centro-Oeste do Brasil, mas também atraindo estudantes de distintas partes do país e de âmbito internacional. O programa tem se destacado notoriamente na difusão do conhecimento e na formação de profissionais especializados na vasta área da Linguística Aplicada, concentrando-se, predominantemente, nas dinâmicas do ensino e aprendizagem de línguas, na formação docente e nas questões pertinentes à língua, cultura, identidade e sua relação intrínseca com a sociedade no contexto do ensino de idiomas.

Conforme visto, o PPGLA desempenha um papel essencial também para graduados do curso de Letras-Japonês da Universidade de Brasília, oferecendo um espaço fundamental para pesquisas continuadas. Ele destaca-se ao abordar a área de ensino-aprendizagem de língua japonesa como língua estrangeira, fornecendo uma plataforma valiosa para aqueles que desejam aprofundar suas pesquisas nesse campo.

Diante do exposto, a existência do PPGLA tem sido vital para permitir que egressos do curso de Letras-Japonês continuem suas pesquisas ou se sintam incentivados a ingressar no programa, aprofundando suas investigações sobre o ensino e aprendizado da língua

japonesa. Essa conexão entre cursos de graduação e programas de pós-graduação fortalece a pesquisa e o aprendizado, oferecendo oportunidades únicas para o desenvolvimento acadêmico contínuo e pesquisas inovadoras.

Referências

Comissão da APCN de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA). **Apresentação de proposta de curso novo (APCN):** doutorado em linguística aplicada. 2022. 179 f. Proposta – Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. **Conheça o programa.** Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Disponível em: http://www.pgla.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7&Itemid=422&lang=pt. Acesso em: 21 set. 2023.

CAPÍTULO 6

História dos Convênios na Curso de Língua Japonesa e Respectiva Literatura

Yûki Mukai (UnB)

Marcus Tanaka de Lira (UnB)

De acordo com o Ranking Mundial de Universidades deste ano (Center For World University Rankings, 2023), a Universidade de Brasília faz parte de um grupo pequeno, porém influente, que compreende os 5% melhores de todas as universidades ao redor do mundo. Esse nível de excelência se deve, em grande parte, aos laços estabelecidos pela nossa universidade com diversas outras instituições de ensino superior bem avaliadas, independentemente de seu país de origem. Graças à sua natureza multinacional, o campo de Língua Japonesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília tem se beneficiado desde o início desse viés cosmopolita.

Conforme descrito no primeiro capítulo deste livro, sobre a história do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura, o próprio início de nosso campo, em 1979, ocorreu como o resultado afortunado de uma colaboração entre a Fundação Universidade de Brasília e a Fundação Japão, mediada pela Embaixada do Japão no Brasil. Desde então, Brasil e Japão têm estado ligados pelos esforços de inúmeras pessoas cujo trabalho tem sido aproximar os dois países e tornar suas respectivas línguas e culturas um pouco mais próximas uma da outra. Como a criação do campo foi brevemente delineada no capítulo sobre a história do curso, as informações ali mencionadas não serão repetidas aqui.

Para compreender melhor as colaborações que levaram ao sucesso da licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura, é necessário explicar como os memorandos da universidade com instituições estrangeiras são organizados.

| Acordos de entendimento: uma explicação geral

Deve-se fazer uma observação sobre os acordos descritos aqui: todos os memorandos assinados pela Universidade de Brasília são, por sua própria natureza, acordos gerais válidos para todos os *campi*, institutos, departamentos e programas. Isso significa que nenhum acordo individual pode ser assinado diretamente com o departamento, mas sim deve levar em consideração sua posição dentro da estrutura da Universidade de Brasília.

Essa situação pode ser explicada pelo processo de assinatura de documentos referentes à parceria entre a universidade e outras instituições. A iniciativa de assinar um acordo pode partir de um membro do corpo docente do campo de Língua Japonesa e Respectiva Literatura, mas o curso em si não possui autonomia para assinar independentemente um memorando. Inicialmente, um de nossos professores deve submeter a proposta a um dos departamentos do Instituto de Letras, normalmente o Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (embora também possa ser submetido ao Departamento de Literatura e Teoria

Literária, dependendo da pessoa responsável pela submissão). Isso garante que todos os acordos possam, de fato, ser executados com a assistência da administração da universidade e que não haja obstáculos que possam impedir as atividades propostas pelo acordo.

Após a aprovação de nossos pares, o processo pode ser encaminhado para o Instituto de Letras ou, pulando esta etapa, diretamente para a Secretaria de Assuntos Internacionais (INT). O escritório também avalia a adequação do memorando, analisa se ele está em conformidade com as diretrizes estipuladas pela Procuradoria Federal na Universidade de Brasília e, após todas as consultas legais necessárias, o pedido é encaminhado para a Secretaria de Pesquisa e Inovação. Este escritório publica o instrumento assinado, nomeia um gerente e um gerente substituto (geralmente as pessoas responsáveis pela submissão) e em seguida publica o memorando no *Diário Oficial da União*, o jornal oficial do governo federal do Brasil. Como resultado, um caminho inicialmente traçado pelo campo de Língua Japonesa e Respectiva Literatura fica aberto para todos na Universidade de Brasília, representando uma conquista de dezenas de pessoas trabalhando juntas por uma causa comum.

Além disso, as oportunidades disponíveis para nossos alunos são muito mais amplas do que a lista de instituições com as quais firmamos parceria. Também vale a pena mencionar que nossos alunos são incentivados a buscar oportunidades em outros lugares, como as oferecidas pela Embaixada do Japão no Brasil, pela Fundação Japão e pela Agência Japonesa de Cooperação Internacional (JICA), entre outros. Essa assistência de organizações governamentais japonesas garante que nosso corpo docente e alunos possam sempre buscar novas oportunidades para expandir nossos horizontes.

O passo inicial

1999 foi um ano inovador para o curso de Língua Japonesa e Respectiva Literatura. Pela primeira vez desde sua criação, um de seus alunos foi nomeado pelo Ministério da Educação, Ciência, Esportes, Ciência e Tecnologia do Japão (MEXT) para uma bolsa de estudos no país. Fausto Pinheiro Pereira, que mais tarde se juntou ao nosso corpo docente (como descrito no capítulo sobre a história do nosso curso), após ser aprovado em um exame local realizado pela Embaixada do Japão no Brasil, foi enviado para um curso de língua e cultura de um ano na Universidade de Educação de Joetsu, na província de Niigata, inaugurando assim uma tendência em que os próprios estudantes encontram instituições de ensino superior onde podem realizar seus estudos. Como esses programas de intercâmbio não são administrados pela Universidade de Brasília, não serão explicados em detalhes

aqui, mas vale ressaltar que esses estudantes pioneiros sempre desempenharam um papel na expansão de nossa rede de relacionamentos.

Na verdade, o primeiro acordo iniciado pelo nosso curso com uma instituição de ensino superior japonesa foi estabelecido graças a um desses pioneiros, embora ele não fosse originalmente do nosso campo. Na verdade, em relação ao primeiro memorando assinado por um professor do nosso curso, é bastante significativo que tenha resultado de uma parceria com um pesquisador das áreas de política internacional e saúde pública internacional.

Enquanto isso acontecia, o MEXT, através da Embaixada, também criava as condições para começarmos a criar mais laços com as universidades japonesas. Anos antes, em 1997, por recomendação da então funcionária do departamento cultural da Embaixada do Japão no Brasil, Kyoko Sekino, o graduado em relações internacionais Rodrigo Pires de Campos foi fazer seus estudos de mestrado na Faculdade de Pós-Graduação em Desenvolvimento Internacional (Graduate School of International Development – GSID) na Universidade de Nagoia.

Uma vez em Aichi, Rodrigo Pires chamou a atenção de outros professores da universidade anfitriã, apresentando Alice Tamie Joko a HiroYüki Mito, oriundo do Departamento de Língua Espanhola da Faculdade de Línguas Estrangeiras e Culturas da Universidade de Nagoia.

À medida que as conversas avançaram, um acordo de intercâmbio estudantil foi finalmente estabelecido em 1999 entre as duas instituições em novembro do mesmo ano. Este foi o primeiro acordo desse tipo que teve nosso corpo docente como líder e os então alunos do nosso curso Valto Cardoso da Silva e Maria Cristina Inatomi foram estudar no Japão pouco depois.

A partir desse momento, a Universidade de Brasília se tornou um importante centro de intercâmbio, recebendo estudantes do Japão e enviando nossos melhores e mais brilhantes alunos para instituições parceiras localizadas no arquipélago. Embora alguns dados tenham se perdido ao longo do tempo, devido a mudanças na forma como a universidade acompanha os estudantes de intercâmbio e restrições de pessoal, de acordo com as informações coletadas para este capítulo do livro, a Universidade de Brasília enviou mais de 50 estudantes para instituições de ensino superior japonesas.

Destinos de nossos alunos

Nos anos iniciais após a assinatura do primeiro Memorando de Entendimento (MoU) liderado pelo curso de Língua Japonesa e Respectiva Literatura, a maioria dos estudantes de

japonês eram frequentemente enviados ao Japão, seja por recomendação da Embaixada do Japão no Brasil, após um processo seletivo envolvendo testes escritos e entrevistas, ou por recomendação direta dos professores de língua japonesa para as instituições parceiras. O último método era considerado uma medida excepcional devido às oportunidades de curto prazo apresentadas por algumas das instituições parceiras da Universidade de Brasília, tornando inviável a realização de um processo de seleção mais cuidadoso. Ocasionalmente, os estudantes também recebiam bolsas de estudo da Secretaria de Assuntos Internacionais da universidade, embora os candidatos que optassem por esse caminho geralmente fossem de cursos diferentes do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Literatura Respectiva.

De acordo com os dados disponíveis compilados pelo professor de nosso curso, Yüki Mukai, nos últimos 10 anos, 4 alunos foram enviados para universidades japonesas pela Embaixada do Japão no Brasil, 28 alunos pela Secretaria de Assuntos Internacionais da universidade e em 15 ocasiões os estudantes foram nomeados excepcionalmente diretamente por um comitê de professores do curso de Língua Japonesa, em uma iniciativa chamada AJAX ("Avaliação do Japonês para Aumento de eXperiências"). Esta iniciativa, introduzida inicialmente pelo Professor Marcus Tanaka de Lira, recomendava alunos combinando os métodos utilizados pela Embaixada do Japão no Brasil, como entrevistas e testes escritos, com a análise curricular aplicada pela Secretaria de Assuntos Internacionais da universidade. Isso era visto como um passo intermediário antes de passar todos os processos de seleção para a Secretaria de Assuntos Internacionais, o que se tornou o padrão até hoje, garantindo que os alunos sejam selecionados de acordo com critérios objetivos.

Dentre os professores de língua japonesa nascidos no Brasil, como resultado desses programas, dois de nossos professores estudaram no Japão por pelo menos um ano – Fausto Pinheiro Pereira, como mencionado anteriormente, que também fez seu mestrado na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio, e Kaoru Tanaka de Lira Ferreira, que fez seu mestrado na Universidade de Nagoia, remontando assim ao primeiro MoU liderado pelo curso. Outros professores nascidos no Brasil, como Alice Tamie Joko e Kimiko Uchigasaki Pinheiro, também fizeram cursos de formação de professores no Japão na Fundação Japão.

Dentre os cerca de 50 alunos mencionados que estudaram no Japão, muitos se tornaram professores de língua em um dos Centros Interescolares de Línguas (CIL), no UnB Idiomas – a escola de idiomas da universidade, ou optaram por seguir carreiras diferentes do ensino de línguas, levando consigo as lições aprendidas no Japão. A subseção a seguir contém todas as informações que temos sobre nossos alunos que foram para o exterior, com algumas informações sobre as instituições fornecidas pelas próprias universidades. Vale ressaltar que esta lista está longe de ser exaustiva devido aos problemas mencionados anteriormente, e alguns ex-alunos de intercâmbio podem estar ausentes.

Detalhamento das instituições de destino

Estudantes da Universidade de Brasília já foram para 21 universidades diferentes no Japão e participaram de 2 programas distintos. Um desses programas era para instrutores de língua, facilitado pela Fundação Japonesa, enquanto o outro era oferecido pelo Gabinete do Primeiro-Ministro do Japão. Fornecendo mais detalhes, a seguinte lista está organizada em ordem alfabética, incluindo o nome e o ano de partida sempre que um estudante de nosso curso escolheu uma universidade específica. Exceto por Shikoku, essas universidades estão espalhadas por todas as ilhas principais do Japão, dando assim a oportunidade para nossos estudantes conhecerem o máximo possível de regiões do Japão. Sempre que houver menção a estudos de graduação, se trata dos vários cursos de Língua e Cultura (日本語・日本文化) oferecido para estudantes internacionais de bacharelados e licenciaturas em língua e literatura japonesa.

A Universidade Doshisha, frequentemente referida como Dodai, é uma prestigiada instituição privada na cidade de Kyoto, Japão. Fundada em 1875, é uma das universidades privadas mais antigas do Japão, conhecida por sua forte influência na região de Kansai. Com cerca de 30.000 alunos distribuídos em quatro *campi*, a Universidade Doshisha é altamente seletiva e ocupa uma posição proeminente no cenário acadêmico. Em 2014, Douglas Henrique de O. Paiva (2014) passou um ano cursando sua graduação lá.

A Universidade de Fukui, abreviada como Fukudai, é uma instituição nacional localizada na cidade de Fukui, prefeitura de Fukui, Japão. Formada em 1949, emergiu da integração de três faculdades nacionais na região: Escola Normal de Fukui, Escola Normal de Fukui para Jovens e Escola Técnica de Fukui. Essas constituíram a base para esta estimada universidade. Luís Henrique Torres Pinho foi à Universidade de Fukui em 2020, recomendado pelo MEXT, via Embaixada, para estudos de graduação.

A Universidade de Gunma, conhecida pela abreviação Gundai, é uma universidade nacional situada em Aramaki-machi, cidade de Maebashi, prefeitura de Gunma, Japão. Estabelecida em 1949, foi o resultado da integração de várias faculdades nacionais na prefeitura de Gunma, incluindo a Faculdade de Ciências Médicas de Maebashi, Faculdade Técnica de Kiryu, Escola Normal de Gunma e Escola Normal de Juventude de Gunma. Em 2015, Marcelo da Cruz Nascimento se matriculou na Universidade de Gunma, recomendado pelo MEXT, via Embaixada, para estudos de graduação.

A Universidade de Hokkaido, ou Hokudai, é uma pedra angular da excelência acadêmica em Sapporo, Hokkaido. Como a quinta Universidade Imperial estabelecida no Japão, foi concebida para ser o pináculo da educação superior e pesquisa da nação. A Universidade

de Hokkaido ocupa uma posição distinta entre as universidades de maior *ranking* do Japão, sendo classificada em 5º lugar no THE Japan University Rankings. Também foi designada como uma universidade do tipo “Top” pelo Projeto de Universidade Global de Destaque do governo japonês. Em 2015, João Vitor Teixeira Lara Resende ingressou na Universidade de Hokkaido, recomendado pelo MEXT, via Embaixada, para estudos de graduação.

Além dos estudos universitários, alguns de nossos alunos fizeram cursos na Fundação Japonesa. Esses cursos eram principalmente voltados para a educação de instrutores de língua japonesa, em vez de aprendizado geral da língua para os alunos. Entre eles estão George Moroni Teixeira Batista, em 2007, Rebeca Barbosa Santos Kelmer, Camila Akemi Nati e Marcelo da Cruz Nascimento em 2012.

A Universidade de Educação de Joetsu, uma universidade nacional em Joetsu, Niigata, foi, como mencionado anteriormente, o destino de Fausto Pinheiro Pereira, que frequentou a Universidade de Educação de Joetsu em 1999. Ele foi recomendado pelo MEXT, via Embaixada, para estudos de graduação.

A Universidade Josai, uma instituição privada em Sakado, Saitama, Japão, tem sido um farol de aprendizado desde sua fundação em 1965. Suas raízes remontam à fundação da Escola Secundária Josai Gakuen, posteriormente conhecida como Escola Secundária Josai, em 1918. Fundada por Mikio Mizuta, o 17º Ministro das Finanças, a Universidade Josai opera sob a Corporação Educacional da Universidade Josai. Em 2013, Leandro Kazuo Okita continuou seus estudos na Universidade Josai, recomendado pelo MEXT, via Embaixada, para estudos de graduação.

A Universidade de Kanda de Estudos Internacionais (KUIS) é uma instituição privada de pesquisa localizada em Makuhari, Mihama-ku, Chiba, Japão. Estabelecida em 1987 como uma extensão do Instituto Kanda de Línguas Estrangeiras em Tóquio, a KUIS é renomada por sua *expertise* em autonomia do aprendizado e estudos internacionais. Ela se classifica entre as melhores universidades do Japão nesse campo. Em 2016, Gustavo de Souza Cunha Bessoni cursou estudos na Universidade Kanda, recomendado pela AJAX para estudos de graduação. Adam Wallison Teodoro da Silva ingressou em 2020, também recomendado pela AJAX para estudos de graduação.

A Universidade de Kobe, também conhecida como Shindai, é uma das principais universidades nacionais situadas aos pés do Monte Rokko em Kobe, prefeitura de Hyogo. Fundada em 1949, suas origens acadêmicas remontam à fundação da Escola Superior de Comércio de Kobe em 1902. Com o tempo, ela se transformou na Universidade de Comércio de Kobe e na Universidade de Economia de Kobe. Como uma das universidades

nacionais mais antigas e maiores do Japão, desfruta de grande estima e se classifica entre as melhores do país. Em 2018, Eduardo Nakama e, em 2019, Anna Benedicta Gomes de Sousa prestigiaram os *campi* da Universidade de Kobe, ambos recomendados pela AJAX para estudos de graduação.

A Universidade de Quioto de Línguas Estrangeiras (KUFS) é uma distinta universidade de línguas estrangeiras localizada em Kyoto, Japão. Estabelecida em maio de 1945, tem sido um centro de estudos linguísticos e assuntos internacionais. Em 2020, Alfredo Cardoso Neto progrediu em seus estudos na Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto, recomendado pela AJAX para estudos de graduação.

A Universidade de Nagoia, abreviada para Meidai, é uma universidade nacional de pesquisa japonesa localizada em Chikusa-ku, Nagoia. Foi a sétima Universidade Imperial no Japão, uma das primeiras cinco Universidades Nacionais Designadas e foi selecionada como uma universidade do Tipo A no Projeto de Universidade Global de Destaque do governo japonês. A Universidade de Nagoia remonta a 1871, quando era a Escola Médica Temporária/Hospital Público. Em 1939, tornou-se a Universidade Imperial de Nagoia (名古屋帝国大学), a última Universidade Imperial do Império Japonês. Vários estudantes da Universidade de Brasília iniciaram estudos aqui, incluindo Valto Cardoso da Silva (2000), Merlin Calenda di Tavani (2001), Kaoru Tanaka (2002, 2008), Ernesto Atsushi Sambuichi (2003), Reynaldo Koji Morioka (2005), Violeta Duarte Silva Passos (2005), Liana Luna Ferreira (2006), Maira da Costa Matsui (2007), Vanessa Cristina Zerbinato Velasquez (2008), George Moroni Teixeira Batista (2009 e 2011), Yuri Faulstich (2010), Rafael Maury de Sousa e Silva (2012), Danyella Nunes (2013), Camila Regina F. Pimentel (2014) e Marina Wense Dias Vieira da Silva (2018).

A Universidade Nanzan, uma instituição católica privada localizada na cidade de Nagoia, prefeitura de Aichi, é considerada uma das universidades mais prestigiadas na região de Chubu. Fundada em 1950, é uma instituição coeducacional operada pela Sociedade da Palavra Divina (SVD). Victoria da Silva Sousa ingressou na Universidade Nanzan, em 2022, recomendada pela Secretaria de Assuntos Internacionais para estudos de graduação.

A Universidade de Oita, uma instituição nacional em Oita, prefeitura de Oita, Japão, tem sido um centro de aprendizado desde sua fundação em 1949. Em 2004, Edson Teixeira do Nascimento iniciou seus estudos internacionais na Universidade de Oita, recomendado pelo MEXT, via Embaixada, para estudos de graduação.

A Universidade de Okayama, localizada em Tsushima-Naka, Okayama, prefeitura de Okayama, é uma instituição nacional com uma rica história que remonta a 1870. Estabelecida

como universidade em 1949, tem sido um farol de educação no Japão. Em 2013, Cintia Rios do Nascimento continuou os estudos na Universidade de Okayama, recomendada pelo MEXT, via Embaixada, para estudos de graduação.

O Instituto de Tecnologia Shibaura, conhecido como Shibaura Kodai, é uma universidade tecnológica privada com *campi* em Tóquio e Saitama. Fundada em 1927, foi inicialmente a Escola Superior de Indústria e Comércio de Tóquio antes de obter o *status* de universidade em 1949. A instituição recebeu reconhecimento nacional e se destaca em várias avaliações universitárias. Notavelmente, a maioria dos estudantes da Universidade de Brasília que buscavam intercâmbio no Japão, aproximadamente 14 de acordo com nossos registros, optou pelo Instituto de Tecnologia Shibaura, e essa tendência foi particularmente pronunciada em exatas, incluindo engenharia e matemática. Não houve estudantes oriundos do Instituto de Letras, pelo que sabemos.

A Universidade de Shizuoka, abreviada como Shizudai, é uma universidade nacional na prefeitura de Shizuoka, Japão. Fundada em 31 de maio de 1949, reuniu várias instituições educacionais locais, incluindo o Colégio de Ensino Médio de Shizuoka, os Institutos de Treinamento de Professores de Shizuoka I e II, um Instituto de Treinamento de Professores Jovens e o Colégio de Tecnologia de Hamamatsu. Inicialmente, apenas as faculdades de Educação e Engenharia estavam em funcionamento. Em 2013, Camila Akemi Nati se dirigiu à Universidade de Shizuoka, recomendada pelo MEXT, via Embaixada, para estudos de graduação.

A Universidade Sophia, uma instituição privada de pesquisa em Tóquio, Japão, ocupa um lugar especial no cenário acadêmico. Fundada em 1913, é uma das prestigiadas universidades Sokeijochi, um seleto grupo de grandes universidades privadas no Japão, ao lado da Universidade Keio e da Universidade de Waseda. Fundada pelos jesuítas, a universidade tem fortes afiliações com a Igreja Católica. Em 2012, Artur Duarte de Carvalho e, em 2017, Caio Luís Dantas de Medeiros ingressaram na Universidade Sophia, ambos recomendados pela AJAX para estudos de graduação.

A Universidade de Tóquio, carinhosamente chamada de Todai, é uma universidade pública de pesquisa em Bunkyo, Tóquio, Japão. A universidade foi fundada pelo governo Meiji em 1877 sob o nome atual, ao unir escolas governamentais mais antigas de medicina, diversos estudiosos tradicionais e aprendizado moderno. Ela foi renomeada como Universidade Imperial, em 1886, e depois Universidade Imperial de Tóquio, em 1897, quando o sistema de Universidade Imperial foi criado, sendo a primeira universidade imperial da nação. Em 2013, Flavia Rocha Feijó entrou na Universidade de Tóquio, recomendada pelo MEXT, via Embaixada, para estudos de mestrado.

A Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (TUFS) é uma universidade de pesquisa especializada em Fuchu, Tóquio, com foco principal em línguas estrangeiras, assuntos internacionais e estudos estrangeiros. Também abriga uma instituição dedicada a estudos asiático-africanos. A universidade possui uma rica história, originando-se do Instituto de Pesquisa de Documentos Estrangeiros, em 1857, que posteriormente evoluiu para a independente Escola de Línguas Estrangeiras de Tóquio em 1899. Em 2004, Fausto Pinheiro Pereira cursou estudos na Universidade de Tóquio de Estudos Estrangeiros de Tóquio, recomendado pelo curso de Língua Japonesa e Literatura Correspondente para estudos de mestrado. Em 2013, Yuri Cunha Faulstich, em 2017, Juliana Yukari Higa e, em 2019, Letícia Naomi Dozono ingressaram na TUFS, todos recomendados pelo MEXT, via Embaixada. No primeiro caso, para mestrado e, as últimas duas, para estudos durante a graduação.

A Universidade de Tsukuba, uma instituição pública de pesquisa localizada em Tsukuba, prefeitura de Ibaraki, Japão, é uma das 10 melhores Universidades Nacionais Designadas. Ela obteve a distinção de ser classificada como Tipo A no Projeto de Universidade Global de Destaque do governo japonês. Fundada em 1872 e formalmente estabelecida como universidade, em 1973, tem uma forte reputação na comunidade acadêmica do Japão. Em 2013, Jaqueline Fukushi começou os estudos na Universidade de Tsukuba, recomendada pela JICA (日系人育成事業) para estudos de graduação.

A Universidade de Ryukyu, abreviada como Ryudai, é uma universidade nacional japonesa em Nishihara, prefeitura de Okinawa. Fundada em 1950, tem a distinção de ser a universidade nacional mais ocidental do Japão e é a maior universidade pública na prefeitura de Okinawa. Os registros indicam que pelo menos um estudante da Universidade de Brasília iniciou os estudos aqui.

A Universidade de Wakayama, ou Wadai, é uma universidade nacional localizada em Wakayama, Japão, fundada em 1949. Ludmila Martins de Oliveira, recomendada pela AJAX, cursou seus estudos de graduação lá em 2018.

A Universidade de Waseda, carinhosamente conhecida como Sodai, é uma universidade de pesquisa privada em Shinjuku, Tóquio. Fundada em 1882 como Tokyo Senmon Gakko, recebeu o nome atual, Universidade de Waseda, em 1902. Nossos registros indicam que pelo menos três estudantes da Universidade de Brasília cursaram estudos aqui. Valdeilton Lopes de Oliveira se matriculou na Universidade de Waseda, em 2009, recomendado pelo curso de Língua Japonesa e Literatura Correspondente para estudos de graduação. Em 2000, Alisson Torreão de Freitas e, em 2018, Carolina Neves também elegeram a Universidade

de Waseda, ambos recomendados pelo curso de Língua Japonesa e Respectiva Literatura, para seus estudos de graduação.

Finalmente, também existem programas de curto prazo financiados pelo governo japonês, como “O navio para líderes juvenis do mundo”, operado pelo Gabinete do Primeiro-Ministro, governo do Japão. Este programa envolve jovens do Japão e de países ao redor do mundo, que estudam e discutem questões comuns de uma perspectiva global. Eles também participam de várias atividades que envolvem oportunidades de intercâmbio multicultural e multinacional, visando cultivar a consciência internacional e a liderança. O programa dura mais de um mês, tanto em terra quanto a bordo do navio. Lázaro Renan de Souza Viana participou, em 2014, seguido por Naiara Ferreira Martins, também em 2014, e Ítalo Silva Bernardes e Joyce Rosa Santos em 2015.

| Alunos internacionais e institutos de origem

Assim como alguns dos alunos mais talentosos de Brasília tiveram a oportunidade de estudar no Japão para aprofundar seu conhecimento sobre o idioma e a cultura enquanto se imergiam na sociedade local, os estudantes japoneses de intercâmbio buscaram Brasília como uma porta de entrada para os estudos de língua portuguesa e do Brasil.

Embora seja bastante comum que os estudantes destinados a Brasília eventualmente desenvolvam laços estreitos com a equipe do curso de Língua Japonesa e Literatura Respectiva, deve-se notar que eles vêm de diversos contextos e nem todos necessariamente vêm para estudar o idioma português em si. Na última década, tivemos estudantes se formando em cursos como artes, economia e relações internacionais. Admitidamente, esses foram casos excepcionais, totalizando 6 dos 65 estudantes ingressantes que acompanhamos nos últimos 10 anos.

Essa parceria tem se mostrado muito frutífera para o Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, tendo desde então desenvolvido laços profundos com a comunidade acadêmica em nossa “Pracinha” (como o Distrito Federal é carinhosamente chamado por seus habitantes).

De acordo com as informações que temos atualmente à nossa disposição, os graduandos ingressantes na última década vieram de 4 universidades diferentes no Japão: Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto (29 estudantes), Universidade Sophia (16 estudantes), Universidade de Kanda Estudos Internacionais (18 estudantes) e Universidade de Waseda (1 estudante). Apesar da interrupção causada pela pandemia de COVID-19, esses números

mostram que os laços entre a Universidade de Brasília e as instituições de ensino superior japonesas permanecem fortes e produtivos.

Convênios assinados

O curso de Língua Japonesa e Literatura Respectiva, em 2023, tem oferecido suporte aos acordos assinados entre a Universidade de Brasília e as seguintes universidades no Japão: Universidade de Nagoia, Universidade de Quioto de Estudos Estrangeiros, Universidade Sophia, Universidade de Kanda de Estudos Internacionais, Universidade de Tsukuba, Universidade de Kobe, Universidade de Ryukyu, Universidade de Tóquio de Estudos Estrangeiros apenas para cursos de até 3 semanas, Universidade de Nanzan e Universidade de Kanazawa.

Como diretrizes gerais para se candidatar a uma vaga, os estudantes devem ser regulares da UnB, ter concluído entre 40% e 90% dos créditos do curso (a partir do 5º semestre) e ter um Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) superior a 4.0 (excelente desempenho acadêmico numa escala que vai até 5.0). Além disso, os candidatos devem demonstrar dedicação, comprometimento, seriedade e responsabilidade. Eles devem ter pelo menos proficiência no nível N3 no Exame de Proficiência em Língua Japonesa, exceto para Nagoia (MEXT), Kanazawa (MEXT) e Tsukuba, onde é necessário o nível N2.

Vale ressaltar que existem outros acordos assinados pela Universidade de Brasília, com a Escola de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade de Hiroshima, a Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA) e o Instituto de Tecnologia Shibaura. Também deve ser mencionado que, embora o acordo com a JICA tenha se concretizado pelas mãos da equipe do curso de Língua Japonesa e Literatura Respectiva, a cátedra administrada pelo acordo, ou seja, a Cátedra JICA de Brasília, é administrada pelo Centro de Estudos Asiáticos (NEASIA/CEAM), da Universidade de Brasília, conforme descrito no capítulo sobre a história do campo da língua japonesa na universidade.

Conclusão

O curso de Língua Japonesa e Literatura Respectiva tem sido um farol para a Ásia na Universidade de Brasília, razão pela qual existem mais acordos assinados com instituições japonesas do que com qualquer outro país no continente mais populoso do mundo. O intenso intercâmbio entre os dois países é prova de que, apesar da distância física, os esforços incansáveis dos pesquisadores do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e

Literatura Respectiva na Universidade de Brasília podem aproximar as duas sociedades em direção a um futuro mais próspero e harmonioso.

| Referências

Center for World University Rankings. Global 2000 List By The Center for World University Rankings – 2023 Edition. **Center for World University Rankings**, 2023. Disponível em: <https://www.cwur.org/2023.php>. Acesso em: 17 maio 2023.

CAPÍTULO 7

A presença da Língua Japonesa nos Centros Interescolares de Línguas do Distrito Federal: relatos de sua história

Yuko Takano (Universidade de Brasília)
Daniel dos Santos Machado (CIL Sobradinho)
Dennis Henrique Alves (CIL São Sebastião)
Edson Teixeira do Nascimento (CIL Ceilândia)
Érica Cristina Macedo da Silva (CIL Recanto)
Fábio Justino Ornelas (CIL Taguatinga)
Geanne Alves de Abreu Morato (CIL Sobradinho)
João Paulo Santos (CIL Paranoá)
Pedro Martins Lopes (CIL Guará)
Priscila de Freitas Montagnane (CIL Brazlândia)
Veryanne Couto Teles (CIL Gama)

Introdução

O Currículo em Movimento do Distrito Federal (2014) bem como os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN apontam para uma pedagogia histórico-crítica que prevê a contextualização dos objetivos e objetos de ensino de acordo com o contexto histórico social do aluno. Deste modo, o aluno pode utilizar seus conhecimentos para uma maior compreensão do mundo que o cerca. O ensino de línguas estrangeiras, por sua vez, ajuda o aluno na construção de sua própria identidade, do respeito à diversidade e ampliação de sua visão de mundo. Entendemos que o acesso ao ensino de línguas estrangeiras é de suma importância na formação de um sujeito crítico com uma visão ampla do mundo, um cidadão global. Portanto, ser cidadão global é ter condições igualitárias, exercendo direitos e deveres, adotando atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio a quaisquer injustiças, além de ter o direito ao acesso à educação gratuita e de qualidade. E é no conhecimento e no respeito à diversidade cultural/linguística que se abriga o cidadão global para o desenvolvimento de habilidades necessárias para que o indivíduo possa, realmente, desempenhar de maneira plena sua cidadania. Acredita-se que cabe ao corpo docente o papel principal no que se refere à autonomia de aprendizagem, em que o aluno se torna responsável nesse processo, bem como a defesa do acesso a uma educação de LEM pública e de qualidade.

Diante do exposto, sob o ponto de vista dos professores de japonês dos CILs atualmente, este capítulo pretende se pautar nos seguintes objetivos: (i) apresentar considerações sobre o desafio do ensino de língua japonesa no contexto escolar público; (ii) discutir sobre o uso dos livros didáticos de língua japonesa e temas no ensino da língua; (iii) apresentar a avaliação nos CILs para o ensino da língua japonesa e (iv) relatar como foi o percurso percorrido desde o início do curso de japonês nos CILs e sobre sua situação atual em cada unidade. No Distrito Federal existem 8 (oito) escolas públicas de Centro Interescolar de Línguas (CILs) que ensinam a língua japonesa atualmente, que são: Brazlândia, Ceilândia, Guará, Paranoá, Recanto das Emas, São Sebastião, Sobradinho e Taguatinga.

O que é CIL: a criação e a expansão

De acordo com as Diretrizes Pedagógicas do Ensino de Línguas nos CILs, o Centro Interescolar de Línguas (CIL), idealizado pela professora Nilce do Val Galante, em 1975, foi a primeira escola pública brasileira, unidade escolar de natureza especial voltada exclusivamente ao ensino de línguas, que busca oferecer um ensino complementar ao

currículo de Língua Estrangeira (LE) da rede pública de ensino do Distrito Federal (Diretrizes, 2019). Atualmente, há pelo menos 1 (um) CIL em cada Região Administrativa do DF.

Esse primeiro CIL foi idealizado em 1975 pela professora Nilce do Val Galante por meio de um projeto inovador de ensino de línguas. A iniciativa objetivava propiciar a estudantes de escolas públicas um aprendizado de línguas efetivo, mediante metodologias de ensino e estrutura de cursos mais adequadas ao desenvolvimento das quatro habilidades que permitem a formação de falantes de idiomas estrangeiros: compreensão oral, produção oral, leitura e escrita.

Histórico da implementação do projeto de ensino de Língua Japonesa

A seguir, são relatados os acontecimentos que marcaram a implementação do curso de Língua Japonesa nos Centros Interescolares de Línguas (CIL) da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Até o ano de 2010, os CIL do Distrito Federal ofereciam regularmente o ensino de três línguas: Língua Inglesa, Língua Espanhola e Língua Francesa e apenas um (CIL 1) oferecia a Língua Alemã, após acordo de cooperação firmado entre SEEDF e embaixada da Alemanha. Assim, o curso de Língua Japonesa teve início em fevereiro de 2011, nos CIL de Ceilândia (CILC), Gama (CIL-Gama), Sobradinho (CILSOB) e Taguatinga (CILT).

No ano de 2007, a Secretaria de Estado de Educação divulgou a carta circular nº 146/2007 - SUBEB aos CIL, informando-os sobre uma solicitação da Embaixada do Japão para que a Secretaria de Educação oferecesse o ensino de Língua Japonesa nas escolas públicas do Distrito Federal.

Em ocasião posterior, foi solicitado que os CIL informassem o interesse em oferecer o ensino de japonês, visto que o regimento interno regulamentava a oferta de outros idiomas estrangeiros nos CIL, desde que houvesse demanda.

O CILSOB verificou dentre seus alunos uma demanda interessada em estudar a língua japonesa e sinalizou interesse em oferecer o idioma, conforme documentação na SEEDF. Todavia, como não houve um posicionamento dos demais CIL, o processo não teve continuidade.

No ano 2010, em meados do mês de agosto, a professora Maria Lúcia, diretora do CILSOB, entrou em contato com a área de Japonês da Universidade de Brasília para então

conversar sobre a possibilidade de incluir o ensino da Língua Japonesa em sua unidade de CIL, uma vez que a ideia havia sido cogitada anteriormente, embora sem êxito.

No momento do contato, foi informada à UnB a demanda de alunos interessados em aprender Língua Japonesa no CILSOB. A Universidade de Brasília mostrou-se então disposta a dar o suporte à criação e implementação do curso de Japonês nos CILs. Na ocasião, foi feito um levantamento de alunos egressos, graduados em Letras-Japonês pela UnB, a fim de que fosse realizada uma possível convocação desses professores dentro do quadro de professores efetivos da SEEDF, que aconteceu no mesmo ano.

Após inúmeros contatos via *e-mail*, entre a área de Japonês da UnB e a diretora Maria Lúcia do CILSOB para tratar do processo, foi realizada uma reunião com a Embaixada do Japão, a UnB, os diretores dos CIL (representando a SEEDF) e representantes da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE-SEEDF). Na ocasião, ficou estabelecido que os CIL que tivessem condições físicas e que dispusessem de pessoal, abririam o curso de língua japonesa com o apoio da área de Japonês da UnB e da Embaixada do Japão.

Ficou acordado que a UnB auxiliaria com a capacitação dos professores interessados, e que possuísem habilitação em língua japonesa, e a Embaixada do Japão auxiliaria com a oferta de bolsas para treinamento de professores no Japão e de alguns materiais pedagógicos que se fossem necessários para que ocorresse a implementação do curso.

Conforme já mencionado anteriormente, em dezembro de 2010, foi realizada a primeira chamada no *site* da SEEDF, convocando os professores efetivos na rede que tivessem interesse em atuar no ensino da língua nos CIL. No mesmo mês, foi realizada uma reunião entre os professores interessados junto à EAPE que contou com a presença da professora Alice Tamie Joko (representante da área de japonês da UnB) e os diretores dos CIL onde seria implementado o curso de língua japonesa.

Nesta reunião foi firmado um acordo com os professores, que ficariam comprometidos em atuar com o ensino de língua japonesa durante os três anos iniciais de projeto de implementação do curso de língua japonesa nos CIL de Ceilândia (CILC), Gama (CIL Gama), Sobradinho (CILSOB) e Taguatinga (CILT) com a possibilidade de abertura também no CIL 2 de Brasília, caso houvesse professor disponível.

Os professores assinaram o termo de compromisso para atuar no projeto durante três anos, sendo que, no primeiro ano, participariam da formação oferecida pela UnB em horário contrário ao seu horário de regência nas turmas e assim que houvesse oportunidade, também dos programas de formação de professores no Japão com o apoio da embaixada.

Logo, o curso de Japonês foi elaborado, em 2011, com o auxílio da área de Japonês do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília (LET – UnB), Embaixada do Japão, gestores e professores efetivos da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal (SEEDF) que tinham a habilitação (Licenciatura) em Língua e Literatura Japonesa, mas que no momento atuavam em outra área na SEEDF.

Assim sendo, os professores Edson Teixeira do Nascimento (CILC), Cacio José Ferreira (CIL Gama), Daniel dos Santos Machado (CILSOB), Geanne Alves de Abreu Morato (CILSOB) e Ruth Meyre Moto Rodrigues (CILT Taguatinga) assumiram em caráter piloto as classes de Japonês em fevereiro de 2011. Meses mais tarde, em substituição à professora Ruth, o professor Fábio Justino Ornelas assumiu as turmas do CILT. Nesta ocasião, a professora Rachel de Sá Mello mostrou-se interessada, porém decidiu não assumir o curso por estar gestante.

Os professores Edson, Cacio, Daniel, Geanne e Fábio participaram de toda a formação oferecida pela área de Japonês da UnB durante o ano de 2011 e, também com o apoio dos professores da área de Japonês da UnB, elaboraram os currículos do curso Pleno e Específico de Língua Japonesa que foram implantados nos CILs.

Durante os dois anos e meio de curso, foi possível constatar vários fatores, dentre eles a real demanda pelo estudo de Língua Japonesa nos CIL, o que foi confirmado por meio do interesse crescente e da participação dos alunos nas atividades, projetos e eventos realizados nos CIL durante a realização do projeto. Por outro lado, constatou-se também a problemática da falta de professores substitutos que assumissem as turmas em caso de doença do professor ou outras situações particulares que resultassem na ausência do professor regente.

Em 2012, a professora Geanne foi contemplada com uma bolsa de treinamento para professores de Japonês, com a duração de 6 semanas no Japão. Para que fosse liberada para a realização do curso, a professora teve que se comprometer em repor as aulas que não foram ministradas fora do calendário regular pré-estabelecido pela SEEDF.

Neste mesmo ano, o professor Edson foi contemplado com um afastamento para estudos para a conclusão do seu mestrado em Linguística Aplicada (UnB) e, por essa razão, suas turmas não tiveram professor substituto. Ainda no ano de 2012, o professor Edson participou do Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Japonesa (ENPULLCJ) realizado em Curitiba, apresentando um artigo que escrevera, juntamente com o professor Fausto (UnB), sobre a implementação do curso de Língua Japonesa nos CIL do DF.

Na ocasião, o professor Edson pôde conversar com a professora Mayumi Yoshikawa, que incluiu a participação dos professores dos CIL nos programas da Fundação Japão. Em janeiro de 2013, todos os professores participaram de um treinamento para professores de Japonês de Ensino Fundamental e Médio em São Paulo promovido pela Fundação Japão.

Em 2013, a Fundação Japão ofereceu uma bolsa de 15 dias no Japão para os alunos do CIL. Após processo seletivo entre alunos do CILSOB e CIL Gama, o aluno Lucas Rodrigues, do CILSOB, conseguiu participar da bolsa de visita cultural ao Japão, em Osaka. No ano seguinte, participou outro estudante, João Paulo (CILSOB), e, em 2016, a estudante Ingrid Oliveira, também do CILSOB.

Foram, ainda, selecionados alunos para participar do Programa Cultural para Alunos de Língua Japonesa do Ensino Fundamental e Médio, com duração de 4 dias em São Paulo, promovido pela Fundação Japão (sede em São Paulo), a saber: David Castro Almeida (CILC) e Henrique Maciel Rodrigues (CILT). Após estes, diversos outros estudantes de outros CILs também participaram do programa nos anos seguintes, além de diversos concursos oferecidos pela Fundação Japão, como desenho e fotografia.

Os professores Fábio (Fundação Japão) e Daniel (MEXT) também foram contemplados com bolsas de treinamento para professores em 2013/2014. A professora Geanne foi novamente contemplada, em 2014, com um treinamento de professores, desta vez pelo MEXT. Além disso, o professor Cacio foi aprovado no concurso para professores da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em 2013, e pediu exoneração do seu cargo, sendo que, somente em 2016, a professora Veryanne Couto Teles pôde assumir o curso de japonês do CIL Gama. Ainda em 2016, o projeto expandiu-se com a abertura do curso no CIL Recanto das Emas, quando assumiu a professora Érica Cristina Macedo da Silva. Após um levantamento feito na Universidade de Brasília, a qual oferece a graduação em Língua e Literatura Japonesa, verificou-se que havia um número superior a cem professores, graduados em Letras-Japonês desde a criação do curso na UnB, em 1997, o que tornou possível a articulação e a realização de concurso público para professores efetivos de japonês na Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Em 2017, com a efetivação do cargo de professor de língua japonesa, a disciplina passou a ser oferecida regularmente nos CILs como um curso oficial da SEEDF. A partir disso, o ensino da língua japonesa se expandiu aos CILs do Paranoá (2017) e Brazlândia (2019), e a opção da língua japonesa passou a fazer parte da estratégia de matrícula através do *site* da Secretaria de Educação e do telematrícula 156. Mas vale salientar que, mesmo antes do concurso público específico, todos os professores que atuavam em língua japonesa nos CILs eram também graduados pela UnB. Em 2022, foi implantado o ensino da língua

japonesa também no CIL de São Sebastião e, em 2023, no CIL de Guará, ambos no turno vespertino, com a possibilidade de implantação em mais turnos nos próximos anos. Os dois professores atuantes são contratados temporariamente pela SEEDF.

Cabe ressaltar que o aprendizado de uma nova língua oferece condições para a formação e o exercício da cidadania, além de oferecer ao cidadão condições de evoluir no âmbito intelectual, cultural e social, podendo futuramente servir à comunidade em diversos âmbitos, inclusive como professores de japonês, que já muitos alunos dos CILs ingressam no curso de graduação em Letras da UnB para adquirir realização pessoal. Muitas pessoas despertam o interesse pelo idioma por meio de eventos culturais e pedagógicos, como os festivais japoneses, oferecidos em alguns CILs.

Cursos de formação continuada

A Universidade de Brasília, assim como a Fundação Japão em São Paulo, têm oferecido diversas oportunidades de formação continuada aos professores de língua japonesa dos CILs. A Universidade de Brasília tem realizado diversos eventos em parceria com os CILs, nos quais é possível discutir sobre as abordagens e os métodos de ensino adotados em cada unidade pelos professores, tais como simpósios, mesas-redondas, *workshops* e outros. Da mesma forma, a Fundação Japão tem oferecido treinamentos, *workshops*, seminários e outros, muitos deles em formato virtual *on-line*, nos quais é possível aprimorar conhecimentos sobre material didático, metodologias e abordagens, também oportunizando aos professores o aprofundamento nos conhecimentos linguísticos.

Oficialização do curso em dezembro de 2016

Enquanto o curso não tinha sido oficializado, era difícil divulgar ou captar novos alunos para o japonês por meio das mídias sociais oficiais (156 telematrículas) da SEDF. Cada CIL se encarregava de fazer a divulgação e matrícula de seus alunos. Esta foi uma das dificuldades sanadas com a oficialização do curso.

É importante salientar que o curso de Japonês deixou de ser um projeto para se tornar parte da grade de cursos ofertados oficialmente por alguns CIL, em 2016, mediante concurso público para professores específicos de língua japonesa e, em 2018, as matrículas passaram a ser feitas através do *site* da Secretaria de Educação do Distrito Federal e pelo sistema eletrônico de matrículas.

| Função social da Língua Japonesa nos CILs

A função social da Língua Japonesa nos CILs deve estar relacionada ao que se propõe no Currículo em Movimento da SEEDF (2014). Considerando isso, foram delimitados objetivos e diversos outros aspectos concernentes, conforme segue descrição abaixo retirada do projeto de criação do curso, escrito para sua oficialização por professores e diretores de CIL, com apoio de membros da SEEDF, representados na época pelo NCIL.

Objetivo geral conforme o projeto oficial dos CILs

Oferecer o japonês como LEM ao estudante do Ensino Fundamental e Médio por meio de um currículo amplo, visando o desenvolvimento da competência comunicativa nas esferas linguística, sociolinguística, discursiva e estratégica da aprendizagem, de modo a propiciar-lhe instrumentos que facilitem sua inserção no mercado de trabalho, sua formação para o exercício da cidadania, sua preparação para exames de seleção e proficiência e bolsas de intercâmbio.

Objetivos específicos

- Desenvolver as habilidades de compreensão oral e escrita e expressão oral e escrita em japonês;
- Oportunizar o contato com uma nova cultura, novos hábitos e costumes que ampliem a visão de mundo do aluno;
- Oportunizar o conhecimento da língua japonesa e seu aprofundamento para além do previsto no Currículo da Educação Básica da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal;
- Propiciar ao estudante o ensino e a aprendizagem de japonês pelo uso de tecnologias;
- Desenvolver competências e habilidades em língua japonesa, oportunizando maior acesso do estudante ao mercado de trabalho;
- Trabalhar a compreensão de textos, em diferentes gêneros, e a leitura crítica com intuito de preparar o estudante para exames de seleção e proficiência, bem como sensibilizá-lo para o exercício da cidadania;
- Desenvolver espírito crítico, valores éticos, cidadania e postura livre de preconceitos e aberta a novos conhecimentos;
- Criar um ambiente de ensino e aprendizagem que estimule a construção de projetos extra-classe, possibilitando a interdisciplinaridade e o uso de temas transversais; e,
- Estimular o estudante à aprendizagem autônoma.

Estrutura do Curso, grade curricular e carga horária

De acordo com o projeto, os estudantes que ingressarem nos cursos de japonês nos CILs serão agrupados de acordo com as modalidades existentes, como o Curso Específico e Pleno. A Proposta de Matriz e Grades Curriculares, de 2014, estabelece que os cursos se organizarão em ciclos, tanto no Pleno quanto no Específico.

O Curso Pleno se organiza em 3 ciclos de dois anos, divididos em quatro semestres cada. O Específico apresenta dois ciclos de 3 semestres.

Para classificar o desempenho linguístico dos alunos ao longo do curso, será utilizado o JF Standards e o CAN-DO, um quadro de referência criado para o ensino de língua japonesa, baseado no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino, avaliação – QECR (Conselho da Europa, 2001) – como parâmetro para estabelecer as habilidades linguísticas em japonês.

Ainda segundo o projeto, a grade curricular do curso de japonês se baseia na proposta apresentada, mas sofre leves alterações devido a especificidades da língua. Leva em consideração o fato de que os alunos de Japonês precisam ser alfabetizados novamente e o uso dos ideogramas, que se apresentam como um elemento que não está presente nos outros idiomas ensinados pelos Centros de Língua.

| Sobre o conteúdo

O conteúdo do Curso de Língua Japonesa será apresentado tendo como referência as Competências e os Temas estabelecidos pelos PCNs - Língua Estrangeira (Brasil, 1988, 2002) e as Habilidades sugeridas pelo CAN-DO, para a compreensão oral e escrita e a produção oral e escrita em japonês, e no Currículo em Movimento da Educação Básica, anos finais e ensino médio (2014), bem como nos Pressupostos Teóricos deste novo currículo.

Sobre o ensino de língua estrangeira moderna, o Currículo em Movimento da Educação Básica – Ensino Fundamental Anos Finais (SEEDF, 2014) afirma que:

O presente currículo visa à substituição do eixo gramatical (metalinguística, das classes e funções gramaticais) como condutor da prática de ensino e de aprendizagem pelo uso da língua como comunicação genuína, caracterizado por práticas sociais significativas e reais.

Nesse sentido, o novo curso de japonês se afasta de uma abordagem estruturalista, baseada no treino e na memorização de frases e análises gramaticais para se focar no

ensino da língua a partir de temas atuais, a fim de desenvolver no aluno uma série de competências e habilidades que o levem ao domínio do japonês, ao exercício da cidadania e a preparação do mercado profissional ou acadêmico. Estes temas estão ligados à educação ambiental, consciência familiar, respeito ao próximo e valorização da própria identidade, assim como a apreciação de costumes e valores de outros povos.

Tudo isso em consonância com os conteúdos descritos para o Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio no Currículo em Movimento da Educação Básica, tanto para o curso Pleno quanto para o Específico.

Sobre a metodologia

A metodologia de ensino a ser abordada no Curso Específico está em consonância com as orientações educacionais propostas pelos PCN do Ensino Médio e Terceiro e Quarto Ciclos do ensino fundamental – Língua Estrangeira (Brasil, 2002, 1998), pelo Currículo em Movimento da Educação Básica (2014 a, b e c) e seus pressupostos teóricos, assim como por estudos elaborados por pesquisadores acerca do ensino e aprendizagem de LEM.

Dessa forma, a proposta metodológica para o Curso enfoca o ensino das quatro principais habilidades linguísticas a serem adquiridas numa LEM, a saber: a compreensão oral, a produção oral, a compreensão escrita e a produção escrita em um enfoque comunicativo e de forma prática e significativa.

Seguindo o Currículo em Movimento da Educação Básica (2014b), projetos, tarefas, conteúdos interdisciplinares, temas transversais, jogos, leitura, teatro, uso de tecnologias, música, salas de vivência, entre outros, serão utilizados para propiciar ambiente temático adequado para o desenvolvimento das aprendizagens e fomentar a construção da autonomia dos estudantes no processo.

Uma maior ênfase será dada à produção oral, a qual engloba a capacidade de compreender os outros e de se expressar na LEM. Tal ênfase objetiva estimular a compreensão e produção oral dos estudantes a fim de habilitá-los para uma comunicação mais efetiva na língua estrangeira. Este enfoque está de acordo com um dos objetivos do curso que é o de facilitar a inserção dos estudantes no mercado de trabalho.

A leitura e compreensão de textos também serão enfatizadas, a partir de diversos gêneros textuais, com o intuito de preparar os estudantes para as diversas provas que abarcam o conhecimento de línguas e exigem o domínio de estratégias de leitura, compreensão de textos, conhecimento lexical e gramatical, uma vez que o outro objetivo do curso é o de

criar condições para os estudantes se prepararem para provas e seleções. Também para que o aluno consiga lidar com situações que podem ocorrer na vida real, como seguir uma receita, escrever um recado ou ler um *e-mail*.

Considerando a proposta do Currículo em Movimento e seu público-alvo, o ensino de LEM estará voltado às necessidades dos estudantes por meio de um processo de ensino e de aprendizagem menos estruturalista, focado na produção, interesse e desenvolvimento do aprendiz. Assim, o curso contará com o desenvolvimento de projetos e tarefas complementares pelos estudantes, sob a orientação do professor, utilizando recursos tecnológicos como músicas, imagens, vídeos, computador, internet, *sites* de busca, *blogs*, *webquests*, *podcasts*, *wikis*, entre outros, com o objetivo de levá-los a uma aprendizagem mais autônoma e significativa.

Sobre a avaliação

A avaliação do processo de aprendizagem do estudante será de caráter formativo, excluindo a avaliação somativa e pontual, em acordo com os pressupostos teóricos do Currículo em Movimento da Educação Básica (SEEDF, 2014) realizada de forma contínua e sistemática ao longo dos bimestres, semestres e no fim de cada ciclo.

A cada bimestre, o estudante será avaliado por sua compreensão e produção escrita, bem como por sua compreensão e produção oral. O aluno também deve participar do processo de avaliação de suas habilidades a partir de um processo de autoavaliação, a fim de desenvolver consciência sobre seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

A avaliação acompanha o desenvolvimento do aluno durante todo o ciclo, e no fim deste, uma comissão de professores analisa a retenção ou não. Dessa forma, a progressão ocorrerá automaticamente entre os semestres dentro do ciclo, em acordo com a nova Proposta de Matrizes e Grades Curriculares do CIL (2014).

Este sistema oferece ao aluno um tempo maior para o desenvolvimento de suas habilidades. Este recurso está previsto nos pressupostos teóricos do Currículo em Movimento da Educação Básica, que também sugere relatórios, diários de classes e portfólios como recursos avaliativos, no lugar das tradicionais provas e testes. Estas avaliações formativas serão utilizadas também para a avaliação do curso e das práticas de ensino, a fim de oferecer uma visão completa do processo de ensino e aprendizagem.

A seguir, teremos o histórico e a contextualização de cada CIL com língua japonesa, sob o ponto de vista dos professores.

CIL Brazlândia – Priscila de Freitas Montagnane



Inauguração do Centro Interescolar de Línguas de Brazlândia (CILB)

O Centro Interescolar de Línguas de Brazlândia (CILB) foi inaugurado no ano de 1997. Inicialmente ofertando o curso de Língua Inglesa atendendo alunos do 6º ano do ensino fundamental ao ensino médio da Rede Pública e também comunidade e rede particular quando há vagas remanescentes. Posteriormente, passaram a ser ofertados os cursos de Língua Espanhola e Francesa.

Início do Curso de Língua Japonesa

O curso de língua japonesa foi iniciado em 2019, idealizado pela equipe gestora, nas pessoas de Cássia Chagas de Lima Dourado e Izabel Cristina Magalhães Lima, contando ainda com a colaboração da Profa. Dra. Alice Joko da UnB.

Durante os anos de 2019 a 2022, as aulas foram ministradas pela professora Priscila de Freitas Montagnane. Após esse período, o projeto foi interrompido devido à ausência de professores concursados para esta localidade até o momento presente, dezembro de 2023.

Modalidade do curso

O curso, desde seu início em 2019 até o ano de 2022, foi realizado na modalidade de Curso Específico, que atende alunos do ensino médio da Rede Pública, rede particular e comunidade, quando há vagas remanescentes, com duração mínima de 6 semestres. Geralmente, sempre existiram vagas remanescentes, tendo assim uma ampla participação da comunidade no curso.

Nestes 4 anos, contamos com 6 turmas com uma média de 18 alunos por cada, no início do curso, que com o passar dos anos se reduziam a uma média de 10 alunos por turma. Com a pandemia do coronavírus de 2020, foi um grande desafio o ensino por meios digitais, além de manter o interesse dos alunos no curso e ativos em sua aprendizagem.

| Material didático

O material didático utilizado em sala de aula foi o livro *Marugoto Rikai*, pelo enfoque da abordagem comunicativa da linguagem no ensino, e ainda com foco no aspecto cultural do Japão. O livro *Marugoto Katsudoo* também foi utilizado em conjunto para explorar exercícios de fala e escuta. As atividades *on-line* do *site* Marugoto como vídeos, áudios, exercícios de revisão, foram amplamente utilizadas.

Materiais como música, textos de internet, filmes, além de atividades culturais como aprendizagem de origami também foram utilizados.

| Avaliação

O sistema de avaliação foi majoritariamente por meio de tarefas comunicativas, nas quais os alunos precisavam se expressar de forma escrita e oral sobre temas específicos de acordo com tópico estudado no livro *Marugoto Rikai*. Avaliações de compreensão auditiva e textual também foram aplicadas a cada lição finalizada.

| Atividades culturais

No ano de 2019, para o início do curso, houve uma grande festa cultural japonesa com a participação de toda a comunidade escolar. A proposta consistiu em os alunos apresentarem, em seu idioma de estudo, inglês, francês, espanhol, algum aspecto da cultura japonesa, com o objetivo de estimular o interesse ao estudo da língua japonesa, em novos alunos.

O evento contou com decoração feita na escola, por alunos, professores e demais funcionários hábeis nesta sessão. Contou ainda com empréstimos de materiais da Embaixada do Japão, como *yukata*, *noren*, lanternas japonesas.

Houve também participação de grupos de dança tradicional da comunidade nipo-brasileira da região, e escola de karatê. Contamos com a honrosa presença do embaixador daquele período, Akira Yamada, que proferiu uma palestra sobre mangá para todos os alunos da escola, em língua portuguesa.

Ademais, tivemos a presença ilustre da Profa. Dra. Alice Joko do Departamento de Língua Japonesa da Universidade de Brasília (UnB), para prestigiar a festa. O evento contou com gastronomia japonesa, karaokê, concursos de desenho e *cosplay*. Houve grande participação e interesse dos alunos.

No segundo semestre do ano de 2022, houve uma Feira Cultural, com a participação dos alunos dos quatro idiomas ofertados na escola. Os alunos de língua japonesa, que já estudavam a dois anos e meio, participaram do evento. Realizaram *workshop* sobre *Shodo* (caligrafia japonesa) e *Origami* (a arte das dobraduras). Ministraram as oficinas em língua japonesa, com tradução simultânea para o português de um colega de turma. Em seguida, ensinaram as técnicas.

Ainda neste ano, foi realizada uma palestra sobre cultura *pop* japonesa, ministrada pelo funcionário da embaixada do Japão Katsuki Urashima, para quarenta alunos de língua japonesa. A palestra foi realizada em língua portuguesa, devido à complexidade do tema. Porém, houve momentos de fala em língua japonesa realizada pela funcionária Laura da embaixada e/ou pela professora. Os alunos tiveram a oportunidade de trocar cumprimentos básicos e se aprofundar no universo japonês.

Dificuldades

A região de Brazlândia, por estar afastada de outras regiões administrativas, atende majoritariamente alunos de sua região, o que causa uma baixa procura pelo idioma japonês, além de uma queda no número de alunos interessados no curso com o decorrer do tempo.

Um trabalho de divulgação de vantagens de estudo de língua japonesa, tanto como possibilidade de pleitear bolsas de estudo como no mercado de trabalho, pode auxiliar a motivar o interesse pelo idioma.

Outra questão foi perceber que grande parte da comunidade escolar, como habitantes em geral da cidade, não possuem conhecimento da existência do Centro Interescolar de Línguas de Brazlândia (CILB) e que o curso é público, portanto, gratuito.

Por fim, é necessário um professor que esteja disponível para trabalhar em Brazlândia por um longo tempo, para o curso se estabilizar tanto no currículo, como na tradição dentro do curso de línguas para a comunidade.

CIL Ceilândia – Edson Teixeira do Nascimento

O Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia (CILC) foi o segundo CIL, inaugurado em 1985, dez anos após a implementação do primeiro CIL do DF, idealizado pela professora Nilce do Val Galante em 1975. Ceilândia também foi palco pioneiro sendo um dos primeiros a oferecer o curso de Japonês juntamente com os CIL do Gama, Taguatinga e Sobradinho, no ano de 2011.



Inicialmente, o curso de japonês tratava-se de um projeto e, por isso, as matrículas dos alunos aconteciam diretamente na escola, diferente dos demais idiomas (inglês, francês e espanhol), cujas matrículas eram divulgadas e oferecidas pelos canais oficiais da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Neste ano, foram abertas quatro turmas no turno noturno e as inscrições foram oferecidas tanto para os estudantes da rede pública como também para os interessados da comunidade.

Neste momento inicial, as turmas compartilhavam uma sala disponível no bloco de francês e também a coordenação de inglês. Mas, no primeiro semestre de 2016, finalmente ganhamos na escola uma sala exclusiva para o curso de japonês. A sala de aula destinada à língua japonesa, assim como as demais da escola, é equipada com projetor, aparelho de som e ventilador. O CILC só veio ganhar um espaço para a coordenação específica para o curso de japonês no segundo semestre de 2023, mas que de fato será mobiliado e ocupado apenas no início de 2024.

Durante o primeiro semestre de 2011, por sugestão da professora Alice Tamie Joko, o material utilizado em todos os quatro CIL que estavam pilotando o curso de japonês foi o *132 nihongo de hanashimashoo* (123 vamos falar em japonês), que apresentou algumas dificuldades por não acompanhar nenhum material de áudio ou exercícios complementares de fixação. Assim, o livro didático foi substituído por materiais produzidos pelo professor regente e, posteriormente, foi acrescentado a estes materiais a coleção *Dekiru Nihogo* (Japonês que consigo) e também os áudios da coleção *Mainichi no Kikitori* (Compreensão auditiva para todos os dias), a fim de minimizar as dificuldades encontradas. Atualmente, foram incluídos nesta seleção de materiais áudios e informações coletadas a partir dos livros *Marugoto* e *Irodori*, dentre diversos materiais autênticos disponíveis na internet, visando a dar maior suporte linguístico aos alunos para a concretização dos diferentes projetos realizados a cada semestre.

Em 2011, o curso iniciou-se com o professor Edson Teixeira do Nascimento com apenas 4 turmas de 20 alunos no noturno e o professor esteve em formação na UnB no turno vespertino. Em 2013, o professor continuou com as 4 turmas no noturno e coordenava o projeto do curso de japonês durante o matutino. A partir de 2014, além das turmas no noturno, foram também oferecidas 3 turmas no vespertino para complementar a carga horária do professor, mas, concomitantemente à sua regência, esteve sempre à frente em negociações entre a Embaixada do Japão, UnB, SEEDF e Fundação Japão.

Durante o ano de implementação (2011) do curso de japonês, além do curso de atualização oferecido pela UnB aos professores participantes do projeto, o professor Edson era aluno regular do Mestrado em Linguística Aplicada (PPGLA). Em 2012, o referido professor pediu

um afastamento remunerado durante 10 meses para a conclusão da pesquisa e escrita da dissertação de mestrado. Durante este tempo, a SEEDF não autorizou nenhum professor a dar continuidade ao projeto de japonês no CILC, alegando que não era possível disponibilizar nenhum professor contratado temporariamente, pois se tratava de um projeto que ainda não estava regularizado. Com a volta do professor, em 2013, o curso pôde ser retomado e os alunos foram novamente convocados para dar continuidade ao estudo do idioma.

O professor permaneceu no cargo até outubro de 2017, quando foi convidado a assumir o cargo de Supervisor Pedagógico do CILC. Como, nesta época, o curso já havia sido oficializado por meio do concurso público realizado neste mesmo ano para professor de japonês, a vaga foi assumida pela professora Rafaella Kazue Gitira Umetsu dos Santos que continuou até julho do ano seguinte. No segundo semestre de 2018, o professor George Moroni Teixeira Batista assumiu as turmas e, no ano seguinte, 2019, a professora Camila Akemi Nati foi quem deu prosseguimento às atividades. Em 2020, o professor Edson decidiu voltar à sala de aula e reassumiu todas as turmas. Em 2021, foram abertas mais quatro turmas no turno vespertino e, assim, o professor Edson completou a sua carga horária com 7 turmas de 20 alunos no vespertino e as 4 turmas do noturno foram assumidas pela professora Paula Lobão Barroso de Souza. O professor Edson continuou até o presente momento com as turmas do vespertino enquanto as turmas do noturno também foram assumidas, em 2022, pela professora Jennifer Yui Maekawa, que foi substituída pela professora Soraya Gonçalves Bernardino da Silva até o fim deste ano. No ano seguinte, em 2023, a professora Jennifer Yui voltou à escola.

Durante os anos iniciais de implementação do curso de japonês, uma vez que não era divulgado pelos canais oficiais da SEEDF, havia uma grande dificuldade na captação de alunos. Assim, o professor Edson idealizou, em 2014, a criação do Festival de Cultura Japonesa no intuito de divulgar o curso de japonês e, ao mesmo tempo, proporcionar aos alunos um contato maior com a língua e a cultura japonesa. O objetivo inicial do projeto era envolver os alunos e professores dos quatro idiomas (inglês, francês, espanhol e japonês) em prol da língua e cultura japonesa. A ideia era divulgar o curso de japonês por meio da cultura japonesa e, assim, incentivar os alunos da escola e também da comunidade a participar das aulas de japonês. Este projeto vem sendo realizado anualmente e, em 2023, chegou ao seu auge, com um público de mais de mil pessoas em seis horas de evento, superando inclusive festas mais tradicionais da escola, como o Halloween, após ter sido cancelado por três anos consecutivos (2020, 2021 e 2022), devido à pandemia da COVID-19. Nas semanas que antecedem o Festival de Cultura Japonesa, o tema principal é divulgado em reunião pedagógica a fim de que todos os professores possam desenvolver

atividades relacionadas ao idioma que lecionam. Com os trabalhos dos alunos são feitos murais e exposições antes e durante o evento.

No Festival de Cultura Japonesa, além das apresentações dos alunos do CILC, são convidados grupos de *taiko*, *bon odori*, karatê, *kendô*, judô e também alunos e professores do curso de Graduação em Letras-Japonês da UnB, cobertura pelo SINPRO, apoio pela Embaixada do Japão e muitos outros voluntários para ministrarem oficinas de *ikebana*, *origami*, *kirigami*, vestimentas japonesas, *shuwa* (língua de sinais do Japão), *shogi* (xadrez japonês), jogos de tabuleiro, *swordplay* etc. Além disso, os participantes podem aproveitar os videogame retrô e contemporâneos que ficam disponíveis durante todo o evento. Em cada edição, são também realizados o concurso de desenhos e de *cosplay*, feira Geek com diferentes produtos relacionados à cultura POP japonesa e é uma oportunidade de os participantes saborearem pratos da culinária japonesa. O lucro obtido no Festival de Cultura Japonesa pôde ser revertido em atividades para os próprios alunos do curso de japonês e também em materiais que compõem o acervo da biblioteca e a coordenação do curso.

Os temas escolhidos para tematizar o Festival são sempre relacionados aos costumes, lendas ou histórias que são bastante comuns à cultura japonesa, tais como, "Festival das cerejeiras", "*Tanabata*", "*Kodomo no hi*", "*Kabuki*", "Imigração japonesa", "O coelho na lua". É sempre um momento bastante aguardado por todos os servidores da escola, alunos e seus familiares. É, atualmente, o maior evento relacionado à cultura japonesa realizado em Ceilândia.

Além da participação nos grandes eventos, como o Festival de Cultura Japonesa e Halloween, ao longo de mais de uma década, participamos de diferentes atividades dentro e fora da escola, como as visitas a fóruns e oficinas realizadas pela área de japonês da UnB. Em 2011, participamos do projeto Soletrando, idealizado pela professora de inglês do CILC Tauana Brandão Gomes de Sá. Na ocasião, foram adquiridos os dicionários que até hoje utilizamos nas atividades de sala. Recebemos também semestralmente, estudantes estagiários do curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília. Visita de representantes da Embaixada do Japão em Brasília e também da Fundação Japão. Em 2017, tivemos a oportunidade de receber em nossa escola a Embaixatriz da cultura Pop Japonesa, Akemi Matsuda, que cantou e nos encantou com curiosidades sobre a cultura POP japonesa.

Ao chegar na escola, tudo era muito difícil porque tínhamos sempre que justificar as nossas ações, mas com o passar do tempo fomos, com muito trabalho e perseverança,

adquirindo diversos espaços dentro da escola. Contudo, temos ciência de que ainda devemos superar diversos desafios pela frente.

CIL Gama – Veryanne Couto Teles

Ainda que haja registros de atuação datados de 1986, foi fundado oficialmente em 1987, com o intuito de ensinar inglês a alunos da Rede Pública de Ensino do DF. Posteriormente, implantou-se o ensino de Espanhol, de Francês e Japonês.



De acordo com o seu Projeto Pedagógico, o CIL Gama possui sede própria, atende alunos do 6º ano do ensino fundamental ao ensino médio da Rede Pública e também comunidade e rede particular quando há vagas remanescentes. Ainda conforme o documento, a escola possui mais de cinco mil alunos distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Em 2011, com o apoio das então gestoras do Centro Interescolar do Gama, Euzenira Maria Silva e Cibele Almeida Amaral de Souza, o curso de japonês foi iniciado ainda como projeto de idioma, o que dificultava a captação de alunos, já que as matrículas eram feitas somente na secretaria da escola. Durante os anos de 2011 a 2013, as aulas foram ministradas pelo professor Dr. Cácio José Ferreira. Após esse período, o projeto foi interrompido por dois anos devido à ausência de professores concursados para esta língua. Em 2016, as aulas de língua japonesa foram retomadas com a chegada da professora Veryanne Couto Teles.

Abordagens metodológicas

O currículo adotado pelo curso de japonês do CIL Gama é o “Específico”. Dividido em 6 semestres, atende prioritariamente alunos do Ensino Médio da rede pública de ensino do Distrito Federal, mas também da comunidade. A constituição das turmas é de acordo com o nível de conhecimento de japonês básico.

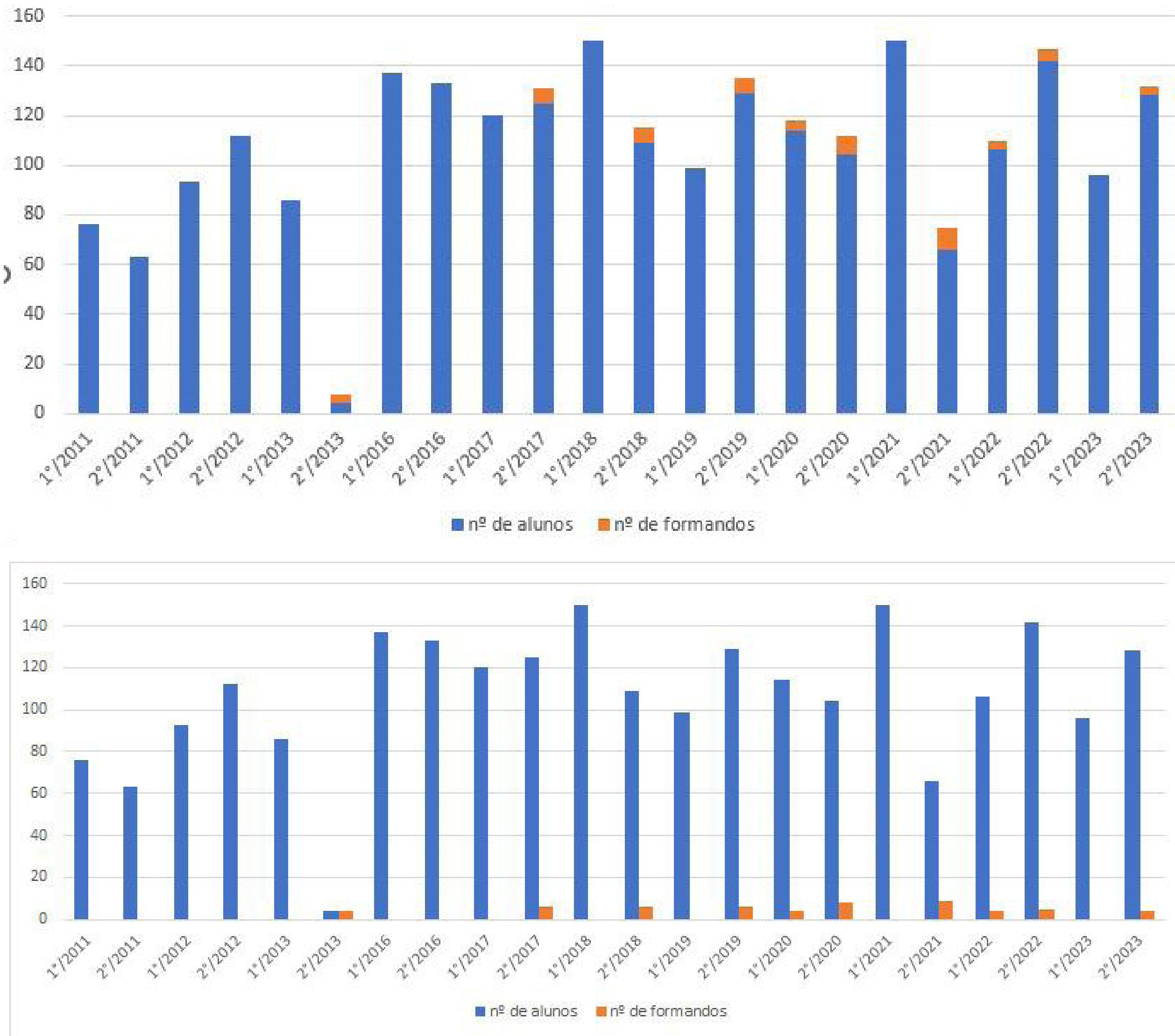
A tendência pedagógica histórico-crítica e a psicologia histórico-cultural têm uma abordagem comunicativa e psicolinguística, sem excluir o ensino da gramática e o interacionismo. São utilizados diversos materiais didáticos e paradidáticos.

A professora de Japonês repensou as formas de avaliação, em 2019, e à luz das Diretrizes de Avaliação Educacional passou a adotar a Avaliação pautada por Tarefas, por entender que este modelo está alinhado à avaliação para as aprendizagens, com

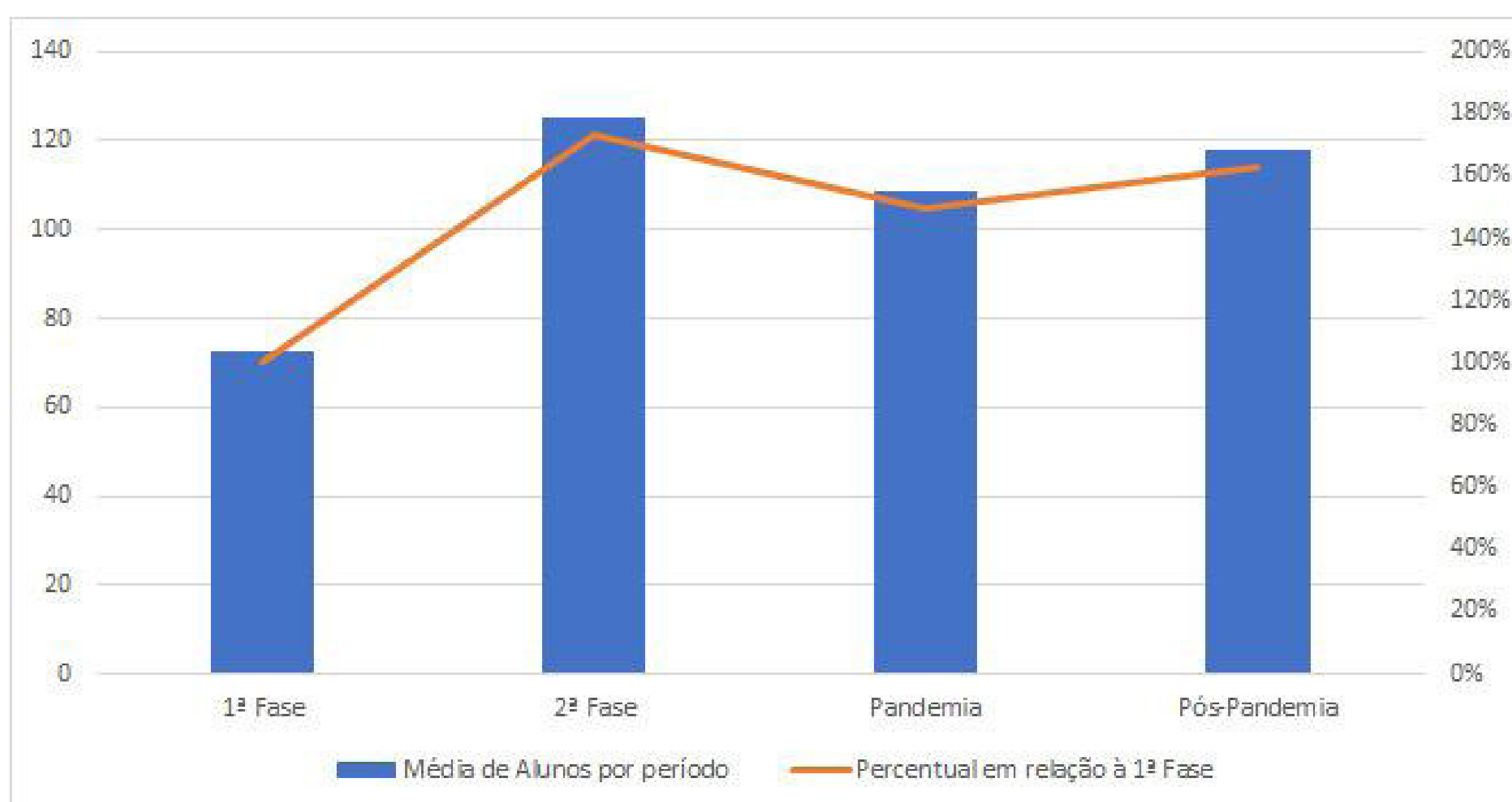
ênfase no processo e na autonomia do estudante. As tarefas constituem um instrumento de avaliação contextualizado e com finalidades reais, o que tem como consequência maior comprometimento do/a estudante no processo. Em relação à distribuição das atividades, fica estabelecido que estas devam ser distribuídas de maneira equilibrada (50% de tarefas orais/auditivas e 50% de tarefas escritas) ao longo do semestre.

A pontuação de cada tarefa/atividade é discutida junto aos estudantes, que também são esclarecidos de que as tarefas podem acontecer a qualquer momento do semestre. A não realização de uma das tarefas em razão da ausência do/a estudante na aula se justifica apenas pelos casos amparados por lei.

Ainda na perspectiva de Avaliação Formativa, a professora articula, juntamente ao Projeto Monitoria, ações que favoreçam a recuperação contínua do/a estudante. Os/as estudantes serão encaminhados à Monitoria para que possam receber atendimento especializado sobre os conteúdos não adquiridos até aquele momento. Os estudantes também podem ser atendidos em um projeto interventivo oferecido às sextas-feiras no horário extra de aula.



Atualmente, o curso é oferecido no período matutino com 7 turmas distribuídas em 6 níveis distintos. Até o momento, há 34 alunos egressos do curso de japonês desde a sua abertura. A primeira cerimônia de conclusão do curso foi realizada em 2017.



Projetos de imersão e festivais

Além das aulas, o curso desenvolve anualmente, como projeto, o Nihon Matsuri, um evento que mobiliza toda a comunidade escolar, mas principalmente os alunos de japonês. Já que são eles, sob a orientação da professora, que promovem as atrações com o intuito de divulgar cada vez mais os valores linguísticos e culturais japoneses por meio de exposições, palestras, *matsuri dance*, artes marciais, gastronomia, *workshop*, salas temáticas, música, *games*, concurso *cosplay* e muito mais.

No ano de 2019, ocorreu a 7ª edição do festival. Todo valor arrecadado é investido na melhoria do curso por meio de compra de novos materiais (livros e dicionários), bem como o incentivo à participação dos alunos em eventos relacionados à língua e cultura nipônica, além das doações recebidas que ajudam na composição do acervo do curso de japonês.

Além dos eventos culturais e pedagógicos previstos no Projeto Político Pedagógico (PPP) de cada CIL, nos CIL do Gama, assim como no de Ceilândia e no de Sobradinho, foram realizados eventos e festivais japoneses, voltados aos interesses dos alunos, em geral pela cultura *pop*, principalmente aos *animês*, *mangás* e músicas *pop* japonesas.



CIL Guará – Pedro Martins Lopes

O idioma japonês começou a ser ofertado na Região Administrativa do Guará em fevereiro de 2023, oferecendo-se, *a priori*, a modalidade do Curso Específico e pelo período diurno. No CILG oferta-se, além do japonês, idiomas como inglês, francês e espanhol. O maior desafio de começar um curso do zero é o fornecimento de materiais didáticos. Com a ajuda da comunidade, e também da professora Saori Nishihata, se iniciou a expansão da biblioteca, e o material didático escolhido para ser utilizado foi o Irodori, pois tem seu enfoque na abordagem comunicativa e seus exemplos são atuais, além de ter um belo *design* e ser gratuito. A base metodológica é o CAN-DO. O material em si possui atividades de compreensão oral e escrita, e a parte da fala e escrita ativas é complementada pelo professor através de materiais elaborados por ele mesmo (exercícios de apresentação, atividades lúdicas de trabalho em equipe utilizando a plataforma Kahoot.com, entre outros).



A sala de aula conta com equipamentos modernos como projetor, ar-condicionado, *home theater* e computador, e sua decoração foi feita em conjunto com os alunos para que o ambiente se tornasse mais estimulante, ou seja, cada um poderia trazer algo para decorar a sala. Há pinturas autorais do Monte Fuji, bandeiras, *origamis*, referências da

cultura *pop*, *posters* didáticos, etc. A idade dos alunos é constituída por diferentes faixas etárias, que vão dos 16 até os 70 anos, e conta com diversos descendentes de segunda e terceira geração. O ensino baseado em Ciclos de Aprendizagem ainda não foi implantado no CIL-Guará; a expectativa é que a escola adote este modelo em 2024. Em 2023, no CILG, a língua japonesa é estudada por 70 estudantes divididos em 4 turmas de nível específico, cada uma com suas particularidades, dificuldades e facilidades.

| CIL Paranoá – João Paulo Santos

O ano de início do curso de japonês no CIL Paranoá foi 2018. O curso teve início com um professor contratado temporariamente e logo em seguida foi nomeada a primeira professora concursada em língua japonesa do Distrito Federal, a professora Débora Habib Vieira da Silva Kobayashi.



O curso iniciou-se com a oferta de japonês para no currículo pleno e também no currículo específico. Já desde o início, o material utilizado pela professora era o *Marugoto*, da Fundação Japão, permanecendo até o momento. Este material foi escolhido porque possui foco na comunicação, nos aspectos culturais, além de oferecer suporte *on-line* para as aulas. Além disso, os professores consideram sua aplicabilidade fácil e rápida, pois seu conteúdo é intuitivo.

Segundo um dos professores, o material não se adéqua totalmente ao diverso público-alvo da escola, que pode variar desde adolescentes até idosos. Apesar desse aspecto e de não ter sido criado levando em consideração a realidade e as características específicas dos alunos do CIL, ele tem se encaixado bem e cumprido seu propósito como material orientador e fomentador do estudo de Língua Japonesa para não nativos e/ou descendentes, especialmente devido ao fato de contar com ampla plataforma de suporte e complementos com *sites* dedicados a aprofundar os temas em questão. Além disso, os professores podem complementar os conteúdos com outros materiais e *websites* diversos.

Como ponto negativo, segundo os professores, é possível destacar o fato de o livro introdutório apresentar o alfabeto latino como suporte para leitura, o que acaba atrasando o processo de leitura dos silabários *hiragana* e *katakana*, bem como os ideogramas *kanji*.

De acordo com um dos professores, o material é bastante intuitivo, portanto, sua utilização pelo professor é tranquila. Porém, ele pode ser um tanto desafiador para professores com pouca ou nenhuma experiência em sala, visto que no livro em si há pouca explicação sobre como utilizar e/ou aplicar as atividades.

Desta forma, as atividades em sala são preparadas seguindo as lições e a progressão do próprio material, complementando as atividades com materiais externos sempre que o professor julgar necessário.

A outra professora afirma que embora o livro *Marugoto* seja um material bastante bem-feito e completo, ela imagina que outros professores irão concordar que a utilização de *romaji* ao longo de todo o primeiro livro da série dificulta em muito o letramento dos alunos em todos os níveis da escola.

Este obstáculo, para ela, se torna ainda maior levando em consideração que o ritmo trabalhado na unidade escolar é menor do que o proposto pelo material, o que faz com que os professores só consigam avançar algumas unidades por semestre e encerram o curso da escola no segundo livro da série, concluindo apenas o nível introdutório do idioma.

Outro grande desafio presente nas aulas da escola apontado pela professora é a necessidade que muitos alunos demonstram de se apoiar em um material mais cheio de minúcias e explicações. Estes apresentam bastante resistência em uma aula sem traduções e passo a passo no quadro negro.

Para minimizar essas questões, a professora relatou buscar sempre atividades motivadoras, nas quais possa trabalhar a leitura e escrita de mãos dadas com o assunto do capítulo. Outro recurso que afirma utilizar bastante para contornar o vício na leitura do *romaji* é transcrever páginas de atividades do livro para um *slide* e pedir que os alunos leiam na projeção e não em seus papéis, para sempre dialogar e encontrar um meio termo que seja motivador e mostre resultados.

O outro professor afirma então que ainda há pontos que precisam ser aprimorados, em especial o trabalho com a parte escrita do japonês. Ele acredita que seria interessante para o aprendizado se houvesse algum material complementar dedicado ao estudo e à prática da escrita japonesa que é um dos maiores gargalos do estudo do japonês.

Em 2022, passou-se a oferecer apenas o curso na modalidade do currículo específico. São atendidos tanto estudantes oriundos da rede pública do Distrito Federal, como da comunidade em geral.

Atualmente, o CIL Paranoá tem a seguinte quantidade de turmas e estudantes: 14 turmas e 159 alunos, nas quais os turnos de oferta e níveis são Matutino e Vespertino, todos do curso Específico. Os níveis vão de E1 a E6. A quantidade de professores é de dois professores: um professor de contrato temporário e um efetivo, ambos com Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa pela Universidade de Brasília. Essas informações dizem

respeito tanto ao início do curso, como atualmente. Os estudantes do curso de japonês participaram de eventos como feiras culturais e outros.

Quanto às condições do espaço destinado ao ensino da língua, contamos com sala de aula para 25 alunos com toda a infraestrutura necessária para uma excelente aula, projetor, sistema de som, ar-condicionado etc.

Quanto à criação do curso na escola, a Embaixada do Japão financiou a construção de uma sala referência com o maior acervo de *anime* da América Latina, e com livros didáticos diversos, computadores e sala de leitura.

O maior desafio atualmente é ampliar a matrícula para novos estudantes e permanência desses no idioma, com o objetivo de minimizar a evasão escolar.

CIL Recanto das Emas – Érica Cristina Macedo da Silva

O CIL Recanto é uma escola de natureza especial, localizada na região administrativa Recanto das Emas, Distrito Federal. São ofertados cursos de línguas estrangeiras aos alunos da Educação Básica, a partir do sexto ano do fundamental, alunos do ensino médio e comunidade. Este CIL atende não apenas estudantes do Recanto das Emas, como também de outras cidades satélites próximas como Riacho Fundo I e II, Samambaia e, em menor quantidade, alunos de Ceilândia, Guará e Taguatinga.



Oriundo de um projeto de línguas iniciado no Centro Educacional Myriam Ervilha, em 2009, a criação do CIL Recanto foi publicada no *Diário Oficial* em dezembro de 2014 e, já no primeiro semestre de 2015, iniciaram-se as aulas dos cursos de inglês e espanhol. A estrutura primária da escola era limitada a um espaço pequeno, onde o CIL somente funcionava durante o período noturno. No primeiro semestre de 2016, o CIL Recanto foi transferido para a quadra 306, ocupando uma parte do Centro de Ensino Fundamental – CEF 306. Com maior espaço e mais salas disponíveis, apesar de o local ainda ser inadequado para seu funcionamento, os cursos de francês e japonês também passaram a fazer parte da grade de idiomas.

Atualmente, com cerca de três mil e trezentos estudantes matriculados, o CIL Recanto funciona nos três turnos, sendo oferecidos quatro idiomas: inglês, espanhol, francês e japonês. Havendo turmas de inglês e espanhol nos três turnos, de japonês no vespertino e noturno, e de francês no matutino e noturno. O corpo docente é formado por trinta e cinco

professores, em sua maioria de língua inglesa, por haver maior demanda por este idioma, em seguida vem a língua espanhola. No momento, há dois professores de francês e dois de japonês, sendo um em cada turno.

Até o primeiro semestre de 2023, o curso de japonês contava apenas com uma professora, Érica Cristina Macedo da Silva, que leciona, desde sua criação, em todas as sete turmas, nos turnos vespertino e noturno. No entanto, no início do curso, a professora chegou a ministrar aulas nos três turnos, incluindo o matutino, adaptando posteriormente as ofertas para os turnos em que havia maior procura e que melhor atenderiam àquela comunidade.

No primeiro semestre do curso, as matrículas não eram disponibilizadas de forma *on-line*, como ocorria para os outros idiomas, sendo necessário que a professora fosse pessoalmente nas duas escolas de ensino médio do Recanto das Emas divulgar a inauguração do curso e captar alunos interessados. O novo curso foi bem recebido, formando as seis primeiras turmas, todas de E1 (Específico, nível 1), com a matrícula de cento e dezessete estudantes do ensino médio da rede pública de ensino. A primeira formatura dos alunos de japonês ocorreu no segundo semestre de 2018, com o total de doze alunos formandos. E, até o segundo semestre de 2023, cinquenta e cinco concluíram o curso de japonês pelo CIL Recanto.

O curso de japonês é oferecido, prioritariamente, para alunos da rede pública. No entanto, de acordo com a Lei nº 5605/2016, as vagas não ocupadas por esses alunos são ofertadas à comunidade, sendo que este segmento compõe parte bastante significativa do seu quantitativo. A presença de estudantes da rede pública do ensino regular é mais recorrente no período diurno, já no noturno, a maioria é formada pela comunidade de jovens e adultos.

As graduações de níveis são semestrais, sendo seis níveis ao todo, do Específico nível um (E1) ao Específico nível seis (E6). Ao final do curso, finaliza-se o nível básico e começa o intermediário. Atualmente, segundo semestre de 2023, são sete turmas: três no vespertino (uma de E1, uma de E2 e uma de E5) e quatro no noturno (uma de E1, uma de E2, uma de E3 e uma de E4), com cerca de 60 alunos matriculados.

Desde o seu início, foi adotado o livro *Progressive* produzido pela Aliança Japonesa de São Paulo, por ser um material de baixo custo, e a região possuir um alto índice de vulnerabilidade social. Mesmo custando um valor mais acessível, muitos alunos têm dificuldade de adquirir os materiais solicitados, recorrendo a cópias ou utilizando a forma digitalizada. Outra dificuldade que os estudantes encontram é a de não haver distribuição dos materiais de japonês por livrarias do Distrito Federal, sendo necessário adquiri-los

de forma *on-line*. Os materiais de apoio usados também são os que são encontrados virtualmente, como livros de literatura, aulas explicativas, músicas, etc. Um dos pontos a ser destacados como obstáculo no ensino e aprendizagem do japonês é a carência de materiais físicos disponíveis no Distrito Federal, que abordem assuntos relacionados à realidade regional. Apesar de o CIL Recanto possuir uma pequena biblioteca, o material de japonês é escasso; isso ocorre pela dificuldade em adquiri-lo, devido ao preço e por não o encontrar facilmente. Para o próximo ano, está sendo estudada a viabilidade de trocar o livro para o “Irodori”, além de ser um material disponibilizado de forma digital, sendo mais acessível, também é mais atual e possui uma abordagem comunicativa que é objetivo do CIL Recanto.

Apesar de o foco ser a oralidade, também é trabalhada a leitura e a produção escrita, adequando-as à sua complexidade e ao pouco tempo de curso. O CIL Recanto tem como intuito capacitar seus alunos, para que possam seguir carreira, dar continuidade aos estudos com formação acadêmica, participar de programas de bolsas de estudos, como também concorrer a vagas que exijam o conhecimento de uma língua estrangeira.

A partir de 2024, serão abertas vagas do japonês também para a modalidade pleno, como já ocorre nos demais idiomas. Serão ofertadas vagas a partir do nível 1C, voltadas para alunos do oitavo ano do ensino fundamental em diante, no período vespertino. Também será mantido o currículo específico, que, gradualmente, será ofertado prioritariamente no período noturno. O intuito é adequar a realidade da oferta à demanda da região, já que os alunos do ensino médio, tal como os da comunidade, apresentam dificuldades de prosseguir o curso durante o período diurno, devido a vários fatores como, principalmente, a incompatibilidade do horário com o trabalho ou a faculdade.

A partir do segundo semestre de 2023, o curso de japonês passou a ter dois docentes, sendo eles a professora Érica, já citada, que ministra aula no período vespertino, e o professor Pedro Martins Lopes, que assumiu as turmas do noturno. Pela quantidade reduzida de docentes, a convivência entre os alunos e professores torna as relações mais próximas, sendo possível conhecer mais profundamente cada um. Seja nas apresentações orais ou nas produções de redações, os alunos são incentivados a se aprofundarem mais sobre o Japão, ampliando suas expectativas, expandindo seus gostos, desejos e sonhos. São incentivados a refletir sobre a escolha do idioma, como foi e está sendo seu processo de aquisição e o que esperam alcançar ao finalizá-lo, é, também, um caminho de autodescobrimento.

Os estudantes de japonês são diferenciados, pois não apenas anseiam se comunicar na língua, como se interessam pelos aspectos culturais, sociais e históricos do Japão. Pode-

se dizer que são apaixonados e que veem no curso a oportunidade de realizar sonhos, como o de conhecer o país que tanto admiram.



CIL Recanto 01



Professores: Pedro Martins Lopes e Érica Cristina Macedo da Silva



Turma E4 (2º semestre 2023)

CIL São Sebastião – Dennis Henrique Alves

O Centro de Línguas (CIL) de São Sebastião é uma escola da qual passei a fazer parte desde 2021, embora sua história tenha começado em 2016. Ao longo desse tempo, enfrentamos diversos desafios relacionados tanto à questão da localização que o CIL se encontra, como também anteriormente às adversidades relacionadas à falta de prédio. Entretanto, em 2021, nos mudamos para nossa atual sede.

A reviravolta positiva aconteceu em 2021, quando surgiu a ideia de introduzir o ensino da língua japonesa. A oportunidade se apresentou quando a direção percebeu que havia um professor aprovado no banco de temporários, no caso eu. Ao entrar em contato com a administração do CIL, enxergamos a chance de ampliar ainda mais as opções de línguas oferecidas pela instituição. Portanto, fizemos de tudo para que o Japonês também se integrasse aos demais idiomas que até o momento eram apenas o Inglês, o Espanhol e o Francês.



Em 2021, o japonês foi incorporado no turno vespertino e, devido à crescente demanda, há expectativa de expandirmos para o turno noturno em 2024. Essa expansão, no entanto, não veio sem seus próprios desafios. Sendo recém-formado em Letras – Japonês pela Universidade de Brasília, no ano de 2021, tive que estruturar um curso, buscar materiais didáticos e desenvolver um *syllabus*. Apesar de ser um desafio considerável, essa experiência se revelou incrivelmente enriquecedora.

Aprendi à medida que dava aula, consolidando minhas habilidades como educador. Essa jornada não apenas solidificou minha base como professor, mas também contribuiu para o crescimento do programa de japonês no CIL. Atualmente, temos 55 estudantes matriculados no curso de japonês e as perspectivas para 2024 são bastante interessantes, com planos de abrir mais quatro turmas ao longo do ano.

O sucesso alcançado no ensino de japonês no Centro de Línguas (CIL) de São Sebastião é resultado direto da visão estratégica da administração e do comprometimento em superar desafios.

Essa contínua expansão não apenas reflete a crescente demanda, mas também evidencia o interesse da comunidade local em explorar essa língua fascinante e relevante. O CIL transcende sua função inicial de escola de idiomas; ele se destaca como um ambiente de oportunidades e crescimento para todos os estudantes e professores envolvidos. Para mim, essa jornada significou um considerável crescimento profissional. Tenho a oportunidade não apenas de transmitir o idioma japonês, mas também de compartilhar valores, cultura e a

dedicação que me foram ensinados durante meu curso de Letras – Japonês na Universidade de Brasília. Essa iniciativa representa a integração de duas importantes políticas públicas.

Por um lado, o curso gratuito e de qualidade oferecido pela Universidade de Brasília proporcionou a base do conhecimento que agora tenho o privilégio de repassar aos meus alunos no CIL. Por outro lado, o CIL, como uma iniciativa de política pública, oferece a oportunidade de aprender idiomas de maneira gratuita à comunidade. Assim, essa parceria entre a universidade e o CIL não apenas enriquece a experiência educacional dos estudantes, mas também fortalece a ligação entre as políticas públicas voltadas para a educação e a promoção da diversidade cultural. É um ciclo virtuoso em que a aprendizagem se transforma em ensinamento, e a dedicação à educação se manifesta no progresso da comunidade. Este é um exemplo claro de como a educação pode ser uma força transformadora, gerando impacto positivo em diversos níveis da sociedade.

CIL Sobradinho – Geanne Alves de Abreu Morato, Daniel dos Santos Machado

O curso de Japonês no Centro Interescolar de Línguas de Sobradinho teve início no ano de 2011, quando se iniciou a oferta da Língua Japonesa na rede pública de ensino do Distrito Federal. Seu início foi concomitante aos cursos dos CILs de Taguatinga, Ceilândia e Gama. Aqui, foi oferecido inicialmente na modalidade do Curso Específico, que tem duração de seis semestres, três anos, e é voltado para o público-alvo de estudantes que estejam cursando ou já tenham concluído o Ensino Médio. À época, eram oferecidos em Sobradinho os idiomas inglês, francês e espanhol, quando tivemos o início do japonês. Todos eles continuaram até o presente momento.



O curso foi ofertado inicialmente nos turnos vespertino e noturno, com um professor para cada turno. No segundo ano, foi oferecido também no matutino, mas como a procura foi muito baixa naquele momento, optou-se por manter apenas nos turnos vespertino e noturno, permanecendo desta forma até o momento atual. A Universidade de Brasília ofereceu uma formação aos professores no turno matutino durante o primeiro ano, auxiliando também na construção do currículo que daria fundamentação para o curso na rede.

No início do curso, que funcionava como projeto da Secretaria de Educação, os estudantes ingressavam sem participar do sorteio público de vagas. Esta realidade atualmente já

mudou, uma vez que a oferta é regulamentada e ocorre como nas outras línguas, através do sorteio virtual realizado pela Secretaria de Educação.

Os dois professores que iniciaram o curso de Japonês no CIL de Sobradinho, Daniel dos Santos Machado e Geanne Alves de Abreu Morato, tiveram formação na Universidade de Brasília em Língua e Literatura Japonesa. Um deles com mestrado em literatura e a outra com especialização em psicopedagogia institucional à época. Ambos eram professores efetivos da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, porém concursados em outra área. Como havia formação em língua japonesa, foi possível atuar no curso.

O material utilizado nos dois primeiros anos foi o indicado pela área de Japonês da Universidade de Brasília, o material *1, 2, 3, Nihongo de Hanashimashou*. Este material foi desenvolvido para o ensino de japonês a estudantes de colônias em que os estudantes, descendentes de japoneses já falavam a língua em casa e necessitavam compreender as regras gramaticais. Além disso, os objetivos de aprendizagem, a escolha de conteúdos, competências, estruturas e temas era fixa a partir da organização do próprio material didático.

No segundo ano, notou-se que os estudantes não demonstravam se interessar muito pelo material didático, pois era um material voltado para crianças e nosso público-alvo era majoritariamente de adolescentes e por ser também um material de base gramatical. A título de experiência, começamos a utilizar também os materiais *Dekiru Nihongo e Minna no Nihongo*, ambos da Fundação Japão. Com a troca por materiais mais próximos ao Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas¹¹ (CEFR em sua sigla internacional) como o DEKIRU NIHONGO pôde-se perceber uma aproximação dos conteúdos e habilidades ensinados em outros idiomas em cada nível.

Após discussões na escola sobre a implementação dos ciclos de aprendizagem e novo direcionamento do Currículo em Movimento da SEEDF, optou-se por não adotar mais um material didático único a partir de 2016. O planejamento passou a ser organizado por temas e passou-se a produzir o próprio material, com os professores buscando inspirações em *websites* e materiais didáticos diversos.

O CEFR, em conjunto com o JLPT CAN DO¹², passou a ser uma das bases utilizadas para o planejamento dos níveis e das aulas. Com a implementação dos ciclos de aprendizagem e dos planejamentos por tema de acordo com os interesses dos alunos, surgiu a necessidade da produção de material didático pelos professores regentes, que atendessem às propostas

11 Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/common-european-framework-reference-languages>.

12 Disponível em: <https://fjisp.org.br/agenda/jlpt-can-do/>.

temáticas. Nesse sentido, uma referência de objetivos de aprendizagem era essencial para o progresso contínuo e coerente dos alunos durante os vários anos de curso.

No decorrer dos anos, os professores de japonês que atuaram desde a criação do curso participaram de treinamentos oferecidos pelo MEXT por intermédio da Embaixada do Japão, além de cursos mais pontuais oferecidos pela Fundação Japão.

Três dos nossos estudantes já participaram do programa cultural que era oferecido pela Fundação Japão em Osaka e outros na sede da Fundação Japão em São Paulo. Outros estudantes também já participaram ativamente de concursos de desenho e fotografia por esta Fundação e alguns foram premiados.

Nossa escola realiza o evento anualmente, denominado Imersão, no qual os estudantes de japonês participam de diversas oficinas e atividades culturais, falando apenas o idioma japonês na escola.

Atualmente, temos 7 turmas do Curso Pleno no turno vespertino e 4 turmas do Curso Específico no noturno, com um total de 174 estudantes. Cerca de 20% dos estudantes são de origem da comunidade em geral, enquanto 80% são estudantes da rede pública.

Atuam dois professores contratados temporariamente, ambos com formação em Língua e Literatura Japonesa pela Universidade de Brasília: Caio Medeiros, que está cursando mestrado em Neuropedagogia, e Dennis Henrique Alves, que cursa mestrado em Artes. A atual vice-diretora da escola também é professora de língua japonesa formada pela Universidade de Brasília e concluiu, em 2022, mestrado em Linguística Aplicada, a qual esteve presente na escola desde o início do curso. Ela participa ativamente das atividades do curso e oferece suporte aos dois professores no planejamento das atividades e sua execução.

A sala de aula destinada à língua japonesa, assim como as demais da escola, é equipada com projetor de imagem, *notebook*, aparelho de som e ar-condicionado, proporcionando conforto e praticidade para os professores e estudantes nas aulas.

Recebemos também, semestralmente, estudantes estagiários do curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília. Alguns deles foram nossos estudantes formados.

Os materiais didáticos utilizados no CIL de Sobradinho são produzidos/adaptados pelos professores a partir de temas, com inspiração de *websites* como *Minna no Kyouzai*, NHK Easy News, alguns deles disponibilizados pela Fundação Japão, dentre outros.

A abordagem do CIL de Sobradinho passou a ter como base as orientações do Currículo em Movimento (SEEDF, 2014). Ele defende o ensino por meio de Ciclos de Aprendizagem. Em um currículo linear, os conhecimentos são apresentados de forma gradativa e ao concluir essas etapas, novas são apresentadas. Já em uma abordagem cíclica, os conteúdos apresentam-se de forma espiralada, podendo ser revisitados, pois não há uma hierarquia na forma como são apresentados conforme as necessidades de aprendizagem dos estudantes.

Em 2019, foram publicadas as Diretrizes Pedagógicas dos Centros Escolares de Línguas¹³. Esse documento orienta as atividades pedagógicas e está em consonância com os marcos orientadores da educação pública do DF de 2014. Essas orientações também estão baseadas no CEFR e o substituíram como orientadores do planejamento no CIL de Sobradinho.

Na tabela abaixo, podemos ver um exemplo de como as competências e objetivos de aprendizagem de japonês foram adaptados a partir das Diretrizes Curriculares de 2019. O JLPT CAN_DO, embora seja um instrumento de autoavaliação e não um currículo ou *syllabus*, também é consultado para adequação dos tópicos e conteúdos ao nível do estudante.

Diretrizes pedagógicas		
CURRÍCULO PLENO		
Currículo Pleno		
Ciclo I (Semestres Letivos - 1A/1B/1C/1D)		
Objetivos de Aprendizagem		
Compreensão e Produção Oral	Compreensão e Produção Escrita	Sugestões de temas
• Reconhecer palavras e expressões simples relativas a si mesmo e a sua família. • Comunicar-se com o auxílio do Interlocutor na formulação da mensagem que deseja expressar. • Compreender nomes conhecidos, palavras e frases muito simples, em: • avisos, cartazes ou folhetos. • Perguntar e responder sobre assuntos conhecidos ou relativos a áreas de interesse imediato. • Ler parágrafos curtos.	• Produzir parágrafos curtos com informações pessoais, tais como: ○ formulários, passaportes, postais curtos, perfis virtuais. • Escrever expressões e frases simples, acerca de si próprio e de sua família.	• Álbum de família. • Famílias ao redor do mundo. • Família e diversidade. • Interação social. • Socialização virtual. • Identificando interesses. • Explorando cidades. • -Minha casa, meu lar.

13 Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/diretrizes_pedagogicas_cil.pdf

Planejamento CILSOB

Japonês pleno-ciclo 1			
Nível	Competências	tópicos	Estruturas
1A/ 1B	Oral e escrito ➤ Ler e escrever pequenos textos, expressões e palavras em hiragana e katakana. ➤ Realizar leitura e escrita de kanjis conhecidos relacionados aos tópicos e temas. ➤ Ajustar o nível de formalidade do discurso de acordo com o contexto. ➤ Apresentar informações pessoais de forma simples e direta (nome, idade, nacionalidade etc.) ➤ Contar objetos comuns, pessoas e ou animais. ➤ Indicar coisas de eu gosta ou não.	Hábitos culturais Família Cores Animais Material escolar Canções infantis Anime Mangá Estações do ano Clima primavera cotidiano Esportes jogos	__は__です e variações. __は__が__です e variações. __は__が ^o adj e variações. __は__を verbo e variações Adj+ substantivoです e suas variações Kanji de números Kanji de pessoa Kanji de cores Kanji de verbos Kanji das estações do

O currículo cíclico está mais alinhado às abordagens modernas de ensino de línguas, que têm como princípio aspectos comunicacionais e de uso da língua, bem como as necessidades de aprendizagem. O estudante passa pelos Ciclos e a reprovação não acontece entre os níveis de aprendizagem, mas apenas se não conseguir adquirir os conhecimentos básicos de um ciclo para o outro.

A avaliação em nossa escola é formativa, uma avaliação para as aprendizagens. Os estudantes não são avaliados apenas por provas ou testes, mas também por sua produção diária, sua participação nas aulas e realização de trabalhos escolares e tarefas.

Novas discussões têm surgido acerca do uso do livro didático no CIL de Sobradinho em 2022. Com isso, sentiu-se necessidade de experimentar o uso do material didático concomitante ao planejamento com temas. Como o material *Irodori*, da Fundação Japão, é um material gratuito e acessível em plataforma *on-line*, oferece inclusive áudios para estudo da pronúncia, os professores estão experimentando seu uso intercalado à produção de materiais de acordo com o planejamento a partir de temas.

Apesar de todas as facilidades oferecidas pelo material didático *Irodori* e suporte de plataformas gratuitas *on-line* a que os professores têm acesso, ainda carecemos de um material mais voltado ao nosso público do Curso Pleno, que é majoritariamente de adolescentes a partir do oitavo ano do Ensino Fundamental, cujo centro de interesse é primordialmente a cultura popular japonesa, como *animes*, mangás, doramas e outros.

Além disso, seria de grande valia se tivéssemos disponível um material que considerasse a interculturalidade e a realidade dos nossos estudantes, pois nem sempre seu objetivo com a língua é ir morar ou trabalhar no Japão. A partir dessa demanda, acreditamos ser unânime entre os demais professores de CIL no Distrito Federal o desejo de se obter um material didático próprio, assim como foi desenvolvido o material *Kotobana* pela Fundação Japão, destinado ao Centro de Línguas público CELEM em São Paulo.

Outra demanda do curso é encontrar formas de se diminuir a evasão. Para isso, os professores têm procurado sempre oferecer atividades culturais voltadas ao centro de interesse dos estudantes, promovendo bimestralmente passeios, mostras de cinema, *workshops*, karaokê, dentre outras atividades.

Concluindo, um outro anseio para nós no curso de japonês do CIL de Sobradinho é também ampliar a oferta desta língua para que sejam criadas turmas no turno matutino, visto que atualmente há uma demanda crescente de estudantes que desejam cursar o idioma neste turno. Esperamos que seja possível, em 2025, solicitar a ampliação do curso junto à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

CIL Taguatinga – Fábio Justino Ornelas, Priscila de Freitas Montagnane

O ensino de língua japonesa no Centro Interescolar de Línguas de Taguatinga teve início em 2011, quando houve a abertura do curso na rede pública de ensino do Distrito Federal, junto aos CILs de Ceilândia, Gama e Sobradinho. As aulas começaram com a professora Rute, porém ela foi logo substituída pelo professor Fábio Justino Ornelas, que veio a ser o único professor da escola até o ano de 2022. O professor então passou a participar com os demais do curso pela escola de extensão da universidade e foi realizado durante o turno matutino. As aulas aconteciam no turno vespertino durante o curso de extensão e passaram a ser oferecidas nos turnos vespertino e noturno após seu final.

O CIL de Taguatinga já oferecia o ensino das línguas inglês, espanhol e francês, quando o curso de japonês foi implantado como projeto. As matrículas também aconteciam sem passar pelo processo de inscrições para sorteio que os demais idiomas passavam. Apenas estudantes da rede pública podiam participar das inscrições. Atualmente, são atendidos estudantes da comunidade também, além dos da rede pública de ensino, a partir do sexto ano do ensino fundamental.



O material didático utilizado também foi o mesmo dos demais CILs que iniciaram à época, o 1, 2, 3, *Nihongo de Hanashimashou*. Por volta do segundo ano, se adotou o material "*Progressive*", da Aliança Cultural Brasil Japão. No momento, o material utilizado é o *Marugoto* da Fundação Japão. O professor participou do treinamento de professores oferecido pela Fundação Japão em Urawa, Japão, nos anos de 2013 a 2014.

A partir do ano 2023, uma nova professora, Priscila de Freitas Montagnane, passou a fazer parte da equipe da escola e o curso de japonês também passou a ser oferecido no turno matutino, na modalidade plena. A professora foi a segunda a ser chamada em um concurso público para o ensino de japonês na rede pública do Distrito Federal. Ela iniciou sua carreira em outro CIL, o CIL de Brazlândia, no ano de 2019, e foi remanejada para o CIL de Taguatinga.

Assim, atualmente a escola oferece a língua japonesa nos três turnos, sendo que a modalidade do currículo específico está no turno matutino, no vespertino e no noturno e a modalidade plena apenas no matutino com cerca de 200 estudantes no total.

Ao longo dos anos, os alunos participaram de atividades de cultura japonesa como festivais realizados por outros CIL (Ceilândia e Gama), além de atividades em parceria com a UnB. Em 2023, foi realizada a primeira edição do festival local "*nihon bunkasai*" com esforço dos professores sob organização da professora Priscila de Freitas.

Considerações finais

Conhecer os processos de evolução desde a implementação do curso de japonês nas escolas públicas do Distrito Federal, aqui compreendidas pelos CILs, é importante para que se compreenda um pouco mais sobre como ocorre a evolução dos processos de ensinar e aprender a língua neste contexto.

O material aqui registrado poderá servir de base para pesquisas futuras na área de ensino de língua japonesa, pois oferecem informações importantes relacionadas às impressões dos professores sobre o discorrer de diversos aspectos do curso, como material didático, avaliação e de outros que possam vir a influenciar no ensino e aprendizagem do idioma nos CILs.

Compreender os processos históricos também pode fomentar reflexões sobre como melhorar e implementar processos futuros, pois permite a observação do desenvolvimento de cada processo e como sua inter realização pode influenciar o ensino da língua japonesa que se realizará futuramente.

| Referências

Anais do XXII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa. **IX Congresso de Estudos Japoneses no Brasil**. Brasil e Japão: pós-modernidade e novas perspectivas. 30 e 31 de agosto de 2012. UFPR. ABEJ.

SEEDF. **Currículo em Movimento**. 2014. Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/1_pressupostos_teoricos.pdf. Acesso em: 21 jan. 2025.

SEEDF. **Diretrizes Curriculares CIL**. 2019. Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/diretrizes_pedagogicas_cil.pdf<https://www.coe.int/en/web/common-european-framework-reference-languages>. Acesso em: 21 jan. 2025.

CAPÍTULO 8

O percurso do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura: a contribuição dos egressos do Centro Interescolar de Línguas SEE/DF na formação dos alunos

Yuko Takano (UnB)

A habilitação do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura Japonesa (doravante Letras-Japonês) da Universidade de Brasília (UnB) é de graduação presencial, oferecido no turno noturno pelo Instituto de Letras (IL) desta Universidade. O curso segue as orientações das Diretrizes Curriculares do Curso de Letras, instituídas pela resolução CNE/CP1, de 18 de fevereiro de 2002, e da Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015. Criado em 1997, no ano de 2022, brindou-se em conjunto os 25 anos, com muita honra e orgulho, os 60 anos da UnB e 60 anos do Instituto de Letras. O curso durante décadas vem contribuindo com a tarefa de atender a sociedade e as propostas educacionais vigentes do país. A democratização do ensino implica em oportunizar à sociedade a inserção dos saberes em que a diversidade linguística e cultural seja amplamente divulgada e ensinada nas escolas públicas nacionais, visto que o paradigma da internacionalização democrática implica oportunidades igualitárias e enfatiza a equidade para a sociedade.

Revisitando a história da criação do curso, na época, o Grupo de Acompanhamento Permanente das Licenciaturas (GPAL) implementou os cursos de licenciatura noturna. O GPAL foi uma comissão criada em 14 de abril de 1993 pela Resolução nº 60 da Reitoria e o grupo produziu os documentos intitulados de "Projeto Acadêmico Orgânico dos Cursos Noturnos de Licenciatura" (1993) e de "Implementação do Projeto Acadêmico Orgânico dos Cursos Noturnos de Licenciatura". O curso de Letras-Japonês seguiu a orientação dos documentos institucionais produzidos pelo grupo e as disciplinas foram elaboradas com foco na formação crítica dos graduandos, privilegiando os estudos que se envergam na relação entre teoria-práxis e ação transformadora. Sendo assim, as ações didático-pedagógicas articulam por meio de reflexões críticas e ações modificadoras transformar os graduandos, ao longo do curso, em profissionais engajados na ética profissional, na valorização das diversidades e de acessibilidade e no ensino humanizado. Essas ações são articuladas desde o primeiro semestre e culminam nas disciplinas de metodologia e nos estágios, como um espaço de conhecimento crítico, de questionamento e de diálogo epistemológico entre a teoria e a prática educativa no contexto político, econômico e histórico do país.

Nesses termos, as disciplinas de Estágio Supervisionado do Japonês 1 e o Estágio Supervisionado do Japonês 2 promovem ao graduando a vivência acadêmica em que privilegiam, além do tripé da Instituição "Ensino, Extensão e Pesquisa", a "pesquisa e inovação" no ensino-aprendizagem da língua japonesa, proporcionando, assim, a formação de profissional da educação de qualidade para inserção no mercado de trabalho. Consoante Pimenta (2004, p. 24), "o estágio é "campo de conhecimento e espaço de formação cujo eixo é a pesquisa".

O incentivo à pesquisa e a extensão foi uma das metas do curso e os eventos organizados pela área revelam esse anseio em promover parcerias com outras instituições públicas para que possamos estreitar os diálogos interinstitucionais, principalmente, com o ensino público. Os eventos com o tema “Via didático-pedagógica” referem-se aos caminhos do ciclo docente, no qual as passagens são os “olhares” em vias duplas, com intuito de promover diálogos profícuos entre alunos em formação e os docentes, em conjunto, articulando ações com os egressos, criando, assim, um espaço para discutir também a formação continuada. Nesse sentido, a via movimenta o ciclo pedagógico e realimenta novos paradigmas para o ensino-aprendizagem da língua japonesa.

Consoante os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997, p. 28).

Não basta visar à capacitação dos estudantes para futuras habilitações em termos das especializações tradicionais, mas antes trata-se de ter em vista a formação dos estudantes em termos de sua capacitação para a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, em função de novos saberes que se produzem e demandam um novo tipo de profissional, preparado para lidar com novas tecnologias, linguagens, capaz de responder a novos ritmos e processos.

1.2 A parceria e o acolhimento dos egressos do Centro Interescolar de Línguas e UnB

Os egressos da UnB, atualmente docentes dos Centro Interescolar de Línguas (doravante CILs), em busca de espaços para a formação continuada, tornaram-se os interlocutores para a criação do curso de Língua Japonesa nos CILs. A criação do curso de Língua Japonesa tem por base as orientações de LDB (Diretrizes e Bases da Educação Nacional/1996) e no documento normativo do BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que referencia sobre o uso das linguagens: “[...] a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas, e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história” (BNCC, p. 469). E, ainda, enfatiza que:

[...] os fundamentos básicos de ensino e aprendizagem das linguagens, que, ao longo de mais de três décadas, têm se comprometido com uma formação voltada a possibilitar uma participação mais plena dos jovens nas diferentes práticas sociais que envolvem o uso das linguagens (BNCC, p. 483).

A reivindicação pela criação do curso de língua japonesa responde a uma demanda significativa de alunos e da comunidade que tem interesse pela língua e cultura japonesa. A UnB forma professores de Letras – Japonês que possam atuar não só no Distrito Federal, como também em toda a região do seu entorno, assim como em outros estados da Federação, assim, busca-se valorizar a formação com base na “epistemologia da prática” (Schön, 2000). Nesses termos, nossos egressos atuam não só na docência no Ensino Fundamental e Médio, por exemplo no Centro Interescolar de Línguas (CIL) da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEE/DF), como também em cursos de japonês das escolas de línguas, a exemplo do Programa de Pesquisa e Extensão UnB Idiomas da Universidade de Brasília.

O CIL no Distrito Federal, sob a coordenação do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), foi instalado em cada Coordenação Regional de Ensino a fim de possibilitar que o estudante da rede pública de ensino tenha a oportunidade de estudar a língua estrangeira próximo da sua casa, sem a necessidade de deslocar-se para outras regiões administrativas. O aprendizado de uma língua estrangeira é direito assegurado aos cidadãos, juntamente com a sua língua materna e está previsto tanto na LDB quanto no PCN. Dispõe-se de 17 (dezessete) unidades de CILs cujo público é de estudantes matriculados na rede pública de ensino, a partir do 6º ano do ensino fundamental e da Educação de Jovens e Adultos. Dessas, atualmente, 8 unidades oferecem a opção da língua japonesa como uma das línguas estrangeiras.

No ano de 2016, através do Edital nº 23 – SEE/DF, abriu-se o concurso público para vagas em cargos de carreira – Magistério público, com habilitação na LJ. Além de professores efetivos, outras vagas foram abertas para professores temporários através de processo seletivo simplificado, no total, com a exceção de uma professora, são todos egressos do curso de Letras-Japonês da UnB. Atualmente, o curso de língua japonesa está presente de forma regular em 8 (oito) CILs, com a data da criação a saber: Brazlândia (2019), Ceilândia (2011), Gama (2011), Recanto das Emas (2016), Sobradinho (2011), Taguatinga (2011), Paranoá (2018) e São Sebastião (2022).

A parceria e o diálogo constante entre CILs e Letras Japonês – UnB proporcionam aos nossos estagiários a oportunidade de vivenciar a prática pedagógica do ensino público, através da disciplina Estágio Supervisionado de Japonês 1, que tem foco na observação e aplicação de oficinas, entre outras atividades para atender à demanda dos CILs. Nesse espaço formativo da docência, os estagiários experienciam a prática da ação docente. Segundo Pimenta (2015, p. 41), “[...] a profissão de educador é uma *prática social*. Como tantas outras, é uma forma de intervir na realidade social”. Se o estágio é o espaço de reflexão da prática pedagógica, possibilita aos estagiários ter contato com o contexto

real de uma sala de aula e aprender com docente experiente os processos de ensino-aprendizagem.

As ações de parceria são desenvolvidas em várias instâncias durante os semestres, as quais se tornam experiências enriquecedoras de interação e de diálogo entre professores dos CILs e os professores do curso de Letras – Japonês, cujas ações implicam na organização, no planejamento e na aplicação de oficinas e *workshop* dos alunos estagiários nos CILs. A democratização da educação só é possível se a instituição/escola abraçar a comunidade escolar, aproximando as atividades pedagógicas à realidade e atendendo aos anseios dos estudantes.

1.3 Egressos: outras jornadas

Os egressos estão inovando ensino-aprendizagem da língua japonesa como LE de forma ativa e buscando soluções com criatividade para atender a demanda da sociedade. Os egressos fazem da própria sala de aula o campo de pesquisa, em busca de excelência no ensino. A formação iniciada segue o percurso da formação continuada e os egressos pesquisadores, por meio de ingresso em Programas de Pós-Graduação, dentre outras especializações enveredaram pelo caminho na formação acadêmica de pesquisa e inovação.

A intervenção democrática de ensino em prol da diversidade linguística caminha através do esforço, da competência, do comprometimento, em que o dever é priorizado. Além de docentes das escolas acima referidas, os nossos egressos estão também a disseminar os conhecimentos de língua e de literatura japonesa em instituições de nível superior tanto no Distrito Federal quanto nos outros estados do Brasil.

Nesse contexto, a língua japonesa tem um valor expressivo tais como no ensino público, dentre eles, a Escola bilíngue de Manaus; CILs do DF; universidades públicas e privadas, dentre outras escolas no território Nacional. E, ainda, os nossos egressos estão atuando na Universidade de Brasília (dentre 8 professores de licenciatura Letras-Japonês, 4 (quatro) são os egressos do nosso curso) e os professores substitutos e voluntários são, a maioria, os egressos do curso de Letras-Japonês da UnB. Na Universidade Federal do Amazonas, dentre 8 (oito) professores, 3 (três) são de Letras-Japonês – UnB.

1.4 A via didático-pedagógica: Centro Interescolar de Línguas & Curso de Letras – Japonês

Nesse contexto, objetivou-se conscientizar e promover ações que contemplem a diversidade linguística, focando nas ações de acessibilidade de aprendizagem de língua estrangeira para pessoas Surdas. Esta ação foi realizada no formato presencial.

A aplicação destas oficinas/*workshop* contribuiu para “ação-reflexão-ação” em busca de novas abordagens de ensino-aprendizagem. A aprendizagem é mão dupla, entre os alunos da UnB e CILs, visto que a oportunidade de interação e de convivência com o ensino público enriquece a formação dos discentes. Elencamos, a seguir, algumas das ações de parcerias que foram realizadas com os CILs.

» O início da parceria ocorreu no ano de 2017, após o Edital 23 de 2016 (concurso público para professores de língua japonesa) na disciplina Metodologia de Ensino de Língua Japonesa (doravante MELJ) e Estágio Supervisionado do Japonês 1 (ESP1). Nesse contexto, promovemos atividades “oficinas e *workshop*” sobre língua, cultura e literatura japonesa no Centro Interescolar de Línguas de Sobradinho.

» No VIII Fórum, em 2017, com o tema “Realizações, tendências, perspectivas e formação continuada”, foi realizada a mesa-redonda com os professores dos CILs e professores da área de japonês para debater os assuntos referentes ao tema.



» No ano de 2018, em comemoração aos “110 anos de imigração japonesa no Brasil e 60 anos de imigração japonesa no Distrito Federal”, juntamente, com o UnB-Idiomas no IX Fórum de Estudos Japoneses do Centro-Oeste, foi realizada a aplicação de oficinas de língua, cultura e literatura na UnB pelos alunos das disciplinas de (MELJ) e (ESP1). Nessa oportunidade, os alunos dos CILs vieram à UnB para participar dessas atividades. E, ainda, no IX Fórum foi realizado o Simpósio “O papel da língua japonesa nos CILs do Distrito Federal”, com a participação de professores de CILs.

IX FÓRUM DE ESTUDOS JAPONESES DO CENTRO-OESTE

110 ANOS DE IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL E 60 ANOS DE (I)MIGRAÇÃO JAPONESA NO DISTRITO FEDERAL

DIAS 8 E 9 DE NOVEMBRO



- Oficinas de língua e cultura japonesa;
- Apresentação de *taiko* (tambores japoneses);
- Palestra com o Sr. Akira Yamada, o “Embaixador Otaku”: “O mangá japonês: passado, presente e futuro”;
- Mesa redonda com os professores dos CILs;
- Simpósios sobre linguística, literatura e ensino;
- Concerto do grupo 東西の楽団.

Programação completa em: goo.gl/98Z3NW



Informações adicionais: yukioh@igmail.com | jshioda@igmail.com



» No ano de 2019, foi realizada a SEMUNI - Semana Encontros que transformam, com o tema “Vivência do ciclo pedagógico”:

1. A aplicação de oficinas da cultura e da língua japonesa no Centro Interescolar de Línguas de Sobradinho (CILSob) proporcionou aos alunos do curso de Letras-Japonês, especificamente das disciplinas (MELJ), (ESP1) e (ESP2), uma oportunidade de vivenciar a docência, utilizando métodos e técnicas diversificados para ensino-aprendizagem da língua japonesa.

2. Foi uma ação didático-pedagógica com a finalidade de proporcionar aos alunos dos CILs conhecer o curso de Letras-Japonês. Nesta oportunidade, os alunos do (MELJ), (ESP1) e (ESP 2) aplicaram ações referentes à cultura, à língua e à literatura.

23 a 27 de setembro Confira a programação e se inscreva.

SEMANA encontros que transformam
Universitária UnB 2019

» No X Fórum de Estudos Japoneses do Centro-Oeste “Vivência acadêmica e oportunidades de pesquisa”, realizado em 2019, com o tema “Caminhos da formação acadêmica de Letras-Japonês”, compartilhamos as discussões com a comunidade externa, interna e com os pesquisadores para tratar de assuntos referentes à língua, cultura, literatura e ensino. Contamos também com a participação dos nossos egressos que atuam no Centro Interescolar de Línguas, os quais são os parceiros colaboradores para fomentar a discussão sobre a formação continuada.



» O Torneio de oratória em Língua Japonesa, do Festival da expressão oral, em 2019, foi realizado em parcerias entre UnB, UnB-idiomas, Escolas de Língua das comunidades e Associações e dos Centro Interescolar de Línguas (CILs), com intuito de congregar os alunos e professores destas instituições a participarem do evento de Extensão.



» Ano 2020, devido à pandemia, o evento “Vivência acadêmica de Língua e Cultura Japonesa: Mitologia, Festivals e Quiz Game” foi realizado remotamente na plataforma Teams da UnB. Os alunos do (ESP1 e ESP2) aplicaram oficinas no Centro-Interescolar de Línguas do Recanto das Emas (CIL Recanto). Foi a primeira experiência “via remota” de aplicação de oficinas/workshop. Foram aplicadas as ações de língua, história (mitologia), cultura (festividade) e Quiz Game.



» Na SEMUNI de 2020, replicamos as aplicações das ações, remotamente no Teams para a comunidade externa e interna da UnB, conforme a proposta da instituição.



» No ano de 2021, na SEMUNI, a área de Japonês promoveu várias atividades, dentre elas, a comemoração dos 40 anos. Nesta ação, convidamos os egressos, professores e alunos a participarem de mesa-redonda para discutir passado, presente e o futuro do curso de Letras-Japonês. Esta ação foi realizada no formato remoto/síncrona, na plataforma StreamYard.



» V Jornada Interinstitucional de Estudos Japoneses do Brasil: vivência acadêmica Letras/Japonês, foi realizada no ano de 2022 em comemoração aos 60 anos da UnB; 60 anos do Instituto de Letras e 25 Anos do curso de Letras – Japonês. Nesta ação, em parceria com as escolas do CILC; CIL Recanto; CILG e CILSob, os alunos do (ESJ1) aplicaram as oficinas de literatura; língua; cultura; história; e língua de sinais da língua japonesa.



» No ano de 2022, os estagiários aplicaram oficinas/ *workshop* no Centro Interescolar de Línguas de São Sebastião (CILSS).



» Para concluir as Jornadas de comemoração aos 25 anos, em 2023, a área promoveu o último evento – a VIII Jornada Interinstitucional. Nesta oportunidade, contamos com a presença dos professores de CILs: CILC; CIL Recanto; CILG; CILSob; CILT (Taguatinga), CILSS (São Sebastião); e CIL Paranoá em que os professores apresentaram as escolas, os perfis dos alunos, os materiais didáticos, entre outros, para discutir os assuntos referentes aos “desafios e perspectivas”.

60 Anos do Instituto de Letras e 25 Anos do Curso de Letras - Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa

VIII JORNADA INTERINSTITUCIONAL

Local: Auditório 01 do Instituto de Biologia

Data: 01 e 02 de fevereiro

Horários:

01/02 - 16h30 às 22h

02/02 - 18h às 22h

Inscrição:

linktr.ee/unb.japones

» No evento de Centro Interescolar de Línguas do Reconto das Emas, os estagiários apresentaram e aplicaram oficinas/workshop sobre língua e cultura japonesa no CIL Recanto para a comunidade interna e externa.

Depoimento do aluno do CIL: Matheus Vinícius Lira Pereira



“Comecei a cursar japonês no CIL Recanto no primeiro semestre de 2022. Já estava procurando por um curso de japonês há algum tempo, e foi aí que soube do CIL, me inscrevi e fui chamado. Tenho muito interesse e gosto pela cultura e o idioma japonês. Gosto de participar de eventos como o da UNB e do Workshop no CIL Recanto porque acabo conhecendo pessoas com os mesmos interesses e gostos que eu pela cultura japonesa e pelo idioma japonês, além da oportunidade de aprender com essas pessoas”.

» No 7º Festival de Cultura Japonesa do CILC, os estagiários apresentaram e aplicaram oficinas/workshop no Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia para a comunidade interna e externa.

ウサギ

月

の

O COELHO NA LUA

7º FESTIVAL DE CULTURA JAPONESA DO CILC

第7回日本文化祭り

Taiko

Oficinas

Bon Odori

Exposições

Apresentações

Desfile Cosplay

Video game retrô

Stands de vendas

Concursos de desenho e cosplay para alunos

Comidas Brasileira e Japonesa

E muito mais!

16 DE SETEMBRO

16H ÀS 22H

MEIA ENTRADA: R\$ 10

INTEIRA: R\$ 20

@CILCEILANDIACILC

CILCEILANDIA.COM.BR

APOIO:

» Na Festa da Cultura Japonesa do CILT, os estagiários apresentaram e aplicaram oficinas/workshop no Centro Interescolar de Línguas de Taguatinga para a comunidade interna e externa.



» No VIII Festival de Cultura Japonesa do CILG, os estagiários apresentaram e aplicaram oficinas/workshop no Centro Interescolar de Línguas do Gama para a comunidade interna e externa.



» Na SEMUNI de 2023, foram aplicadas ações de oficinas e workshop na UnB. As oficinas foram de Língua e Cultura Japonesa.



» Projeto Licenciatura em ação da UnB: os alunos bolsistas e voluntários do projeto elaboraram, sob supervisão das coordenadoras e aplicaram os testes nos CILs. Os CILs que participaram do Projeto foram: CIL Paranoá, CILG Gama, CILS Sobradinho e CILT Taguatinga.



» Observação: As oficinas/*workshop* aplicadas nos eventos durante as “vias didático-pedagógicas”; “vivências pedagógicas”; e Festivais foram: escrita japonesa (silabários e Kanji/Shodou); Vestimenta – Kimono/ yukata; Kirigami; Gíria japonesa; Karaokê; Jogos interativos; Línguas de Sinais – Shuwa; Música clássica japonesa; Jogos de RPG; dentre outros temas.

| À guisa da conclusão

A formação dos professores de Língua Japonesa e Literatura é a base da proposta pedagógica do curso de Letras – Japonês e, desde a sua criação, constitui um caminho dinâmico e transformador, privilegiando o profissional reflexivo que, além de estar engajado com o compromisso social e ético, estará comprometido com a transformação social. A licenciatura na Língua Japonesa atende à nova conjuntura econômica e política do país, na qual os laços entre Brasil e o Japão estão sendo fortalecidos nas últimas décadas. O fato de a LJ ser um dos idiomas oferecidos pelo CIL (Centro de Línguas) do Distrito Federal, demonstra o quanto é relevante a formação de profissionais capacitados para o ensino de língua japonesa no âmbito nacional. E, ainda, em consonância com a política social brasileira em que se contempla a diversidade étnica-racial, cuja proposta prevalece em promover ações que privilegiam os aspectos multiculturais bem como o multilinguismo, a língua referida cumpre, em parte, o seu papel. Consoante ao Projeto de lei nº 489, de 2019 - Art. 4º Por solicitação das comunidades falantes de línguas minoritárias como língua materna, fica o Poder Público obrigado a promover, na forma do regulamento: I – oferta de educação infantil e ensino fundamental bilíngues para comunidades falantes de línguas minoritárias; II – formação sistemática de professores bilíngues em sistemas de ensino que atendam comunidades falantes de línguas minoritárias.

O Projeto Pedagógico do Curso de Japonês (PPCJ) coaduna com o artigo referido e o NDE do curso de Licenciatura Letras – Japonês visa fortalecer essas ações na formação dos alunos.

A motivação da formação e da formação continuada prevalece em difundir o ensino de língua japonesa no contexto global, em que as diferentes línguas/culturas de países, fisicamente distantes, tornam-se conectadas e acolhidas. O trabalho dos professores-egressos torna-se imprescindível para os estudos japoneses e nos mostra que não existe a fronteira linguística nem o distanciamento da diversidade linguística. A missão desses profissionais visa ampliar nos currículos escolares as “outras línguas”, além das que são consideradas internacionais. Nesses termos, a função social dos CILs é de suma importância,

visto que oportuniza estudantes da rede pública de ensino do DF e da comunidade a equidade na educação, com ações inclusiva e integradora. São essas ações que despertam as reflexões sobre a diversidade linguístico-cultural e étnica. A oficina de Línguas de Sinais – SHUWA é um exemplo, pois tem como objetivo conscientizar e promover ações que contemplem a acessibilidade de aprendizagem de língua estrangeira para pessoas surdas. As aplicações destas oficinas/*workshop* contribuirão para “ação-reflexão-ação” dos alunos do curso de Letras-Japonês e que essas atividades sejam o início de várias outras oficinas de outras línguas em prol da acessibilidade. Ferreira (2009, p. 11) comenta:

[...] a análise que faço é que os cursos de formação de professores de língua são formalmente chamados a estarem discutindo questões de diversidade étnico-racial e de inclusão social, não somente porque os documentos oficiais assim o determinam, mas porque há uma necessidade latente de que formemos professores para considerarem a diversidade dos alunos que se encontram em sala de aula.

Para finalizar, destacamos os depoimentos das professoras do CILs.

Depoimento: CIL Gama – Professora Mestre Veryanne Couto Teles

“A cooperação entre os CILs e a UnB vai além da sala de aula. Os projetos de ensino-pesquisa-extensão proporcionam a oportunidade para que diversos alunos visitem a Universidade, ampliando, assim, não apenas o conhecimento da língua e cultura japonesa, mas também criando uma rede de contatos e apoio entre esses ambientes. Um exemplo disso é a participação massiva e recíproca dos alunos do CIL Gama em palestras, colóquios, congressos e seminários oferecidos pela UnB, bem como dos alunos graduandos de Letras japonês nas atividades propostas pelo Centro Interescolar de Línguas do Gama, como a Semana Internacional, festivais e estágios”.

“Considerando a colaboração mútua entre o CIL Gama e a UnB/Japonês, é possível observar resultados notáveis tanto em nível microdisciplinar – os alunos obtiveram um desenvolvimento e aproveitamento superiores nas aulas e, conseqüentemente, na aquisição da língua japonesa – quanto em nível macrodisciplinar – no âmbito social, que transcende as fronteiras da escola e da universidade, ampliando o interesse da população pela cultura japonesa. Além disso, destaca-se o número de ex-alunos dos CILs que se tornam posteriormente professores e retornam a essas escolas, criando assim um espiral de experiências e vivências”.

| Depoimento: CIL Sobradinho – Professora Mestre Geanne Alves de Abreu Morato

“Essa parceria tem se mostrado bastante valiosa para nosso curso, uma vez que é oportunizada a troca de conhecimentos, o incentivo ao desenvolvimento de nossos estudantes e o importante contato destes com a língua e cultura japonesa. Com a presença dos estagiários em sala de aula, alguns deles ex-alunos de nossa instituição, nossos estudantes podem vislumbrar um futuro possível para eles mesmos em seu futuro enquanto estudantes de japonês. Para nós é sempre um prazer receber os estudantes estagiários e os professores da área de japonês em nossa escola, pois essa parceria, além de fortalecer os laços entre as duas instituições, favorece o desenvolvimento do curso e amplia as possibilidades de expansão. Esperamos sempre poder contribuir, participar de seus eventos e receber os estudantes e professores de japonês da Universidade de Brasília em nossa escola, para que essas trocas e laços sejam sempre reforçados e permaneçam invioláveis”.

| Depoimento CIL – Recanto das Emas – Érica Cristina Macedo da Silva

“Sou professora formada em Letras – Japonês pela UnB e leciono no Centro de Línguas Recanto das Emas 01 desde 2016. O curso de Letras – Japonês mantém um relacionamento de participação mútua entre a UnB e sempre os CILs, sempre convidando-os a participarem de cursos, fóruns, simpósios, seminários, *workshops*, relacionados ao ensino e aprendizagem de língua japonesa realizados pela UnB. Anualmente, são realizadas mesas-redondas, nas quais os professores dos CILs apresentam e discutem a realidade onde lecionam. São abordados temas como didática do ensino, estruturação do curso, condições das instalações, materiais didáticos, desafios da sala de aula, entre outros. Como sou a única professora de japonês no CIL Recanto, existe um certo isolamento com relação aos demais idiomas, por não haver outros professores ou coordenadores da área, os assuntos específicos do curso de japonês são de minha responsabilidade. Assim, as trocas de vivências com outros docentes de japonês, possíveis nesses encontros, não são apenas enriquecedoras pelas experiências compartilhadas, como também despertam um sentimento de fazer parte de um grupo acolhedor que apoia, valoriza e incentiva o nosso trabalho. O benefício da participação dos CILs nesses eventos estende-se aos alunos do curso de Letras – Japonês; durante os debates, os alunos se informam sobre o ensino e aprendizagem de língua em escolas públicas, o que pode inspirá-los a seguirem uma futura carreira como professores nos CILs.”

“Semestralmente, o CIL Recanto recebe graduandos da UnB a fim de realizarem o estágio supervisionado, em que os alunos assistem às aulas apenas como observadores. No primeiro semestre de 2023, foi realizada a primeira oficina ministrada pelos estagiários, com o tema “Direções”. Iniciaram a oficina com uma aula expositiva explicando como chegar em um determinado lugar, informando as direções. As estruturas e o vocabulário foram adaptados de forma a atender alunos de diferentes níveis de aprendizado. Em seguida, prepararam uma atividade lúdica para colocar o conhecimento em prática. Durante a dinâmica, formava-se duas duplas, sendo que um aluno de cada dupla era vendado e, recebendo instruções em japonês como “vire à direita”, “siga em frente”, deveria chegar ao final de um caminho previamente traçado. A dupla que chegasse primeiro vencia e ganhava uma lembrancinha. É válido ressaltar que nossos alunos são bastante animados e competitivos. Graças ao esforço e dedicação dos estagiários, a oficina foi um sucesso”.

A motivação da formação e da formação continuada prevalece em difundir o ensino de língua japonesa no contexto global, em que as diferentes línguas/culturas de países, fisicamente distantes tornam-se uno, com laços da humanização.

Referências

Currículo em Movimento do Distrito Federal – Ensino Fundamental Anos Iniciais – Anos Finais 2ª edição atualizada pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal a partir da 1ª edição, publicada em 2014.

JOKO, A. T.; PIZARRO, E. G.; SONCELLA, J. B. M.; MUKAI, Y.; TAKANO, Y. O estágio supervisionado na formação docente e os desafios de ensinar e aprender línguas. *In*: NAVES, R. R.; RORTTA, J. C. G. (org.). **Trajetórias das licenciaturas da UnB: a pesquisa na e sobre a docência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020. p. 103-115.

LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Edição atualizada, 2017.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

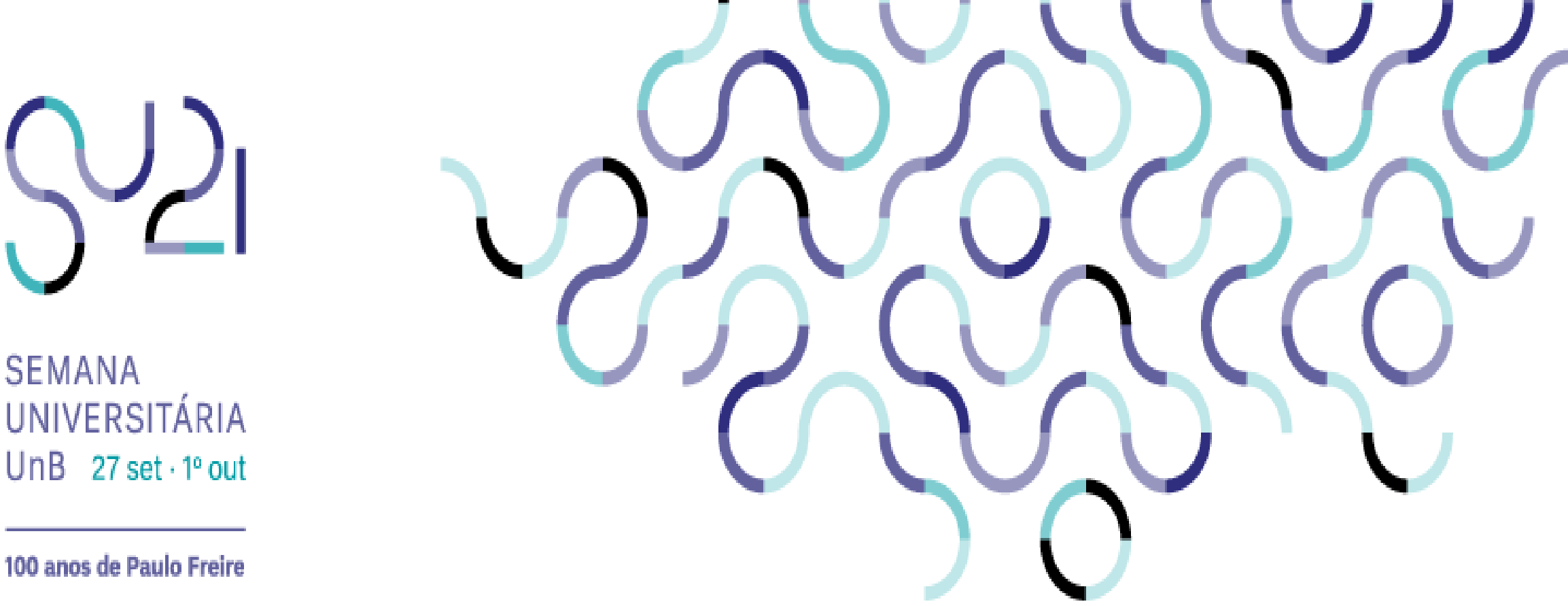
PIMENTA, S. G.; ALMEIDA, M. I. **Estágios Supervisionados na Formação Docente**. São Paulo: Cortez, 2014.

TELLES, J. A. (org.). **Formação Inicial e Continuada de Professores de Línguas: dimensões e ações na pesquisa e na prática**. São Paulo: Pontes, 2009.

PCN. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas tecnologias, 2000.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Os professores e a sua formação**. Tradução Graça Cunha, Cândida Hespanha, Conceição Afonso e José Antonio Souza Tavares. Lisboa: Publicações Lisboa: Dom Quixote, 1997.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo**: um novo *design* para o ensino e a aprendizagem. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

30 set | 19 h
assista em YouTube/Semana
Universitária UnB

SEMUNI 2021: Vivência Acadêmica Japonesa: Mitologia, Festival e Quiz Game

PARTICIPANTES
Yuko Takano
Alex Lins
Alfredo Neto
Andressa Silva
Caio Lopes
Carolina de Melo
Joshua Sabino

SEMUNA UNIVERSITÁRIA
UnB 27 set - 1º out
100 anos de Paulo Freire

**60 anos do IL e 25 anos de Letras-Japonês:
V Jornada Interinstitucional**
Vivência acadêmica Letras/Japonês, Centro Interescolar de Línguas do Curso de Língua Japonesa e UnB Idiomas

Dia: 1 de Novembro de 2022
das 18h às 22h
Local: Auditório do IL
Inscrições pelo SIGAA
Link: <https://sigaa.unb.br/sigaa/link/public/extensao/visualizacaoAcaoExtensao/6439>
QR Code:

Coordenação:

Profa. Yuko Takano

Profa. Kimiko Uchigasaki Pinheiro

Profa. Alice Tamie Joko

UnB 60



O COELHO NA LUA

ウサギの月

7º FESTIVAL DE CULTURA JAPONESA DO CILC
第7回日本文化祭り

Taiko
Oficinas
Bon Odori
Exposições
Apresentações
Desfile Cosplay
Video game retrô
Stands de vendas
Concursos de desenho e cosplay para alunos
Comidas Brasileira e Japonesa
E muito mais!

16 DE SETEMBRO
16H ÀS 22H

MEIA ENTRADA: R\$ 10
INTEIRA: R\$ 20

@CILCEILANDIACILC
CILCEILANDIA.COM.BR

APOIO:

NHN MTSR '23
第8回日本祭り

パチンコ
GACHA POP
オマケ

PALESTRAS • BANDAS • CONCURSO COSPLAY • MATSURI DANCE
WORKSHOPS • ARTES MARCIAIS • COMIDAS JAPONESAS
SALAS TEMÁTICAS • E MUITO MAIS...

ADQUIRA SEU INGRESSO R\$ 20 INTEIRA R\$ 10 MEIA ANTECIPADAMENTE NO CIL GAMA OU NO DIA DO EVENTO

SÁBADO, 21.10.23 / 10H ÀS 19H

CIL
EQ 16/18, Praça 2, Setor Central, Gama, Próximo à Rodoviária Central

VISITE NOSSO SITE OFICIAL NHNMATSURI.COM.BR [@NHNMATSUMI](https://www.instagram.com/nhnmatsumi)

Copyright © 2023. 8º Nihon Matsuri do Centro Interescolar de Línguas do Gama. Organizado pela Sorelly Virginny. Cuidado com a saúde dos alunos e ex-alunos das aulas de Japão do CIL Gama.

第8回日本祭り

27 SET | 19h - 22h
ICC ANF 8

Mesa redonda sobre ensino de língua japonesa nos Centro Interescolar de Línguas do Distrito Federal

MEDIAÇÃO
Yuko Takano

SU23
Semana Universitária da UnB
25 - 29 SET | O FUTURO É FEMININO

FUTURO AGORA
UnB



IMERSÃO
JAPONÊS - CIL
SOBRADINHO
16/12

Abertura
Abertura com show de talentos
Horário: 14h

Oficinas
1. Mangá - Sala 15
2. Japão fora do senso comum - sala 16
3. Culinária
4. Origami
Horário: 14:30

Caça ao tesouro
*Pátio
Horário: 15:15

Concurso
*Cosplay
*Desenho
Local: Pátio
Horário: 16:00

Karaokê
*Karaokê
*Just Dance
Local: Pátio
Horário: 16:40 - 17:30
*Encerramento

Se possível, pedimos uma contribuição de R\$ 5,00 por pessoa.
Pix: 61991713999
Dennis H. Alves

REALIZAÇÃO

UnB

Torneio de ORATÓRIA EM Língua Japonesa

16/11 ÀS 20HRS AUDITÓRIO DO IL
ICC SUL BSS-099

cil_taguatinga

FESTA DA CULTURA JAPONESA

DIA 23/09 SH ÀS 12H

APRESENTAÇÕES
MÚSICA
CONCURSOS
OFICINAS
CULINÁRIA
JOGOS

Entrada gratuita!

CAPÍTULO 9

História e Organização do Laboratório de Recursos Megumi Kuyama

Ana Paula Villar Wang (UnB)

Kaoru Tanaka de Lira (UnB)

Marcus Tanaka de Lira (UnB)

| Introdução

O Laboratório de Recursos Megumi Kuyama, antes conhecido informalmente como Sala de Leitura Megumi Kuyama, teve início de forma modesta como uma sala localizada no Módulo 26, o último módulo subterrâneo mais ao norte do Instituto Central de Ciências (ICC). Esse espaço era utilizado pelos professores do curso de japonês para manter material didático mais próximo das salas de aula, além de abrigar livros que, por restrições de idioma ou espaço, não podiam ser catalogados ou armazenados na Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Ali, estudantes frequentemente se reuniam para estudar ou participar de projetos educativos.

No entanto, no final de 2018, devido a uma reorganização no Instituto Central de Ciências, o Instituto de Letras precisou ceder o Módulo 26 ao Instituto de Ciências Humanas. Consequentemente, a então Sala de Leitura Megumi Kuyama foi realocada para sua localização atual, na sala BSS-234, no coração do Instituto Central de Ciências (ICC), no *campus* Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília. Em novembro de 2022, o espaço passou a se chamar Laboratório de Recursos Megumi Kuyama, como será detalhado na seção sobre a história do espaço. Para evitar inconsistências históricas, o local será referido de Sala de Leitura até o momento da mudança, adotando o nome Laboratório de Recursos, utilizado a partir de então.

Este capítulo se concentrará na história do Laboratório de Recursos Megumi Kuyama desde sua realocação, no final de 2018, e como ele está se transformando de uma sala de leitura improvisada em um laboratório de recursos completo, no qual os estudantes terão a oportunidade de estudar e acessar obras de referência que, se espera, possam fortalecer as pesquisas feitas por estudantes e docentes vinculados ao Curso de Língua Japonesa e Respectiva Literatura.

Primeiro será oferecido um panorama com a função do laboratório com uma breve história e uma contextualização sobre a criação e a nomeação do laboratório de recursos. Depois, será dado um histórico e uma breve explicação sobre a equipe e o equipamento presentes no laboratório. Em seguida, será explicado como ocorreu a aquisição das obras e como está sendo conduzida sua catalogação e organização. Por fim, serão explicados os desafios que foram encontrados na história do laboratório e os nossos objetivos a curto e longo prazos.

Panorama

Pouco tempo após a criação da licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura na Universidade de Brasília, no final da década de 1990, os fundadores do curso tinham a intenção de criar um espaço voltado aos estudantes de língua japonesa, semelhante ao Núcleo de Recursos e Estudos Hispânicos – Antonio de Nebrija (NUREH), que consistia em uma biblioteca e uma sala multimídia, inaugurado em 1997.

Originalmente, não havia um nome específico para a sala de leitura. Entretanto, com o falecimento da professora Megumi Kuyama, em 2003, – a qual lecionou no curso entre 1993 e 2002 e foi referência nas pesquisas relacionadas à língua japonesa falada pela comunidade Nikkei do Distrito Federal – a sala de leitura passou a ser nomeada em sua homenagem.

Para entender um pouco melhor como a então Sala de Leitura se tornou o Laboratório de Recursos Megumi Kuyama, é importante primeiro conhecer um pouco de sua história.

História do Laboratório

A Sala de Leitura surgiu da necessidade de oferecer aos alunos material sobre a língua, a literatura e a cultura japonesa, além de outros recursos que auxiliassem o desenvolvimento de projetos na área. No entanto, havia um grande desafio: a dificuldade em encontrar um espaço adequado para sua instalação.

Conforme relatado pela professora Alice Tamie Joko, originalmente, o objetivo era alocar a sala de leitura próximo aos gabinetes dos professores, na ala central do ICC. No entanto, após negociações com o Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) ocorridas em meados da década de 1980, grande parte do Módulo 26 (então Módulo 1), localizado na extremidade norte do ICC, foi destinada para o uso do Curso. Sendo assim, uma das salas do módulo foi designada para se tornar a sala de leitura, possibilitando o armazenamento de material didático num local mais próximo das salas de aula, de modo a facilitar o acesso de estudantes e professores. Além disso, outra sala foi designada para se tornar o laboratório de recursos multimídias.

Infelizmente, entre 2009 e 2011, a então Sala de Leitura Megumi Kuyama sofreu perdas tanto de vários livros, como de equipamentos em função dos alagamentos ocorridos nesse período. Por volta do ano de 2012, a sala passou a contar com um estagiário que iniciou o processo de cadastramento do acervo. No mesmo ano, com o deslocamento dos gabinetes dos professores para a ala sul do ICC, o estagiário da sala de leitura pouco a pouco passou

a registrar os livros mais próximo aos professores, dividindo o tempo entre os diferentes acervos pertencentes ao curso de japonês ao longo do ICC.

Já no final de 2018, devido a uma reorganização no ICC, o Instituto de Letras precisou ceder o Módulo 26 ao Instituto de Ciências Humanas. Assim, os livros e os materiais foram realocados para a sua localização atual, sala ICC BSS 234, anteriormente utilizada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA). A mudança foi realizada então pelo coordenador da Sala de Leitura, o professor Marcus Tanaka de Lira, com a ajuda dos professores substitutos Égon Neves e Wanderson Rodrigues, além de estagiários e estudantes voluntários (Imagem 1).

Os primeiros anos após a realocação foram marcados por vários problemas, desde a falta de pessoal, em 2018, até uma inundação, em 22 de abril de 2019, que resultou na perda de vários exemplares e no aparecimento de vários insetos peçonhentos em meio às caixas do acervo.

Felizmente, em fevereiro de 2020, com apoio do Centro Acadêmico de Estudantes de Língua Japonesa (CAJAP), foi realizado um mutirão para a organização das estantes e retirados os livros mantidos encaixotados desde a realocação (Imagens 2 e 3).

Imagem 1 – Fotos da Sala de Leitura Megumi Kuyama após mudança, enchente e dedetização em 2019



Imagem 2 – Fotos da Sala de Leitura Megumi Kuyama após faxina em 2020



Imagem 3 – Fotos dos voluntários na faxina e arrumação da então Sala de Leitura Megumi Kuyama (2020)



Finalmente, no início de 2022, a Sala de Leitura, juntamente com outros laboratórios do Instituto de Letras (IL), foi contemplada pela chamada pública do Decanato de Pesquisa e Inovação (DPI nº 02/2022) para Apoio à Atualização e Manutenção de Laboratórios de Pesquisa Multiusuários da UnB, de forma a permitir que concorrêssemos a editais relacionadas à infraestrutura científica da Universidade de Brasília. Assim, em 18 de novembro de 2022, oficialmente nasceu o Laboratório de Recursos Megumi Kuyama, com a aprovação registrada na ata da 110ª reunião do Curso.

Por fim, em outubro de 2023, pela primeira vez, foi contratada uma estagiária exclusivamente para o Laboratório de Recursos Megumi Kuyama com a função de realizar a classificação e catalogação das obras para futuros empréstimos.

Função do Laboratório

O Laboratório de Recursos Megumi Kuyama visa proporcionar apoio pedagógico a professores e estudantes, disponibilizando materiais de referência específicos do curso de Língua Japonesa e Respectiva Literatura e proporcionando um espaço para estudo, pesquisa e desenvolvimento de projetos na área. As atividades desenvolvidas desde 2023 têm sido feitas de forma a possibilitar essa missão em parceria com diferentes instâncias da universidade.

Acervo e equipamento

Atualmente, o Laboratório de Recursos Megumi Kuyama vem operando em um espaço de 50 m², sendo 30 m² na parte frontal e 20 m² na parte posterior. A parte da frente é dedicada à realização do trabalho administrativo da equipe e, no futuro, também será

destinada ao uso dos estudantes e professores para estudos e pesquisas. Para atender essas funções, ela se encontra equipada com mesas individuais e cadeiras, além de dois computadores *desktop* (Dell Vostro 3710 i3, 12ª geração, Windows 11; Dell OptiPlex 3070 i3, 9ª geração, Windows 10), conectados a dois monitores cada, com conta institucional Microsoft Office 365 e *software* de gerenciamento de biblioteca (Bibliivre5).

Já na parte de trás, fica armazenado o acervo do laboratório. Atualmente, ele contém mais de 5 mil obras, das quais já foram catalogadas mais de 1800, abrangendo as mais diversas áreas relacionadas ao Japão: caligrafia, filosofia e psicologia, religião, ciências sociais, administração, arte, linguística e língua japonesa, literatura japonesa e literatura relacionada ao Japão, crítica literária, estudos multidisciplinares, biografias, história cultural e história geral da Ásia e do Japão.

Esses livros e documentos foram obtidos por meio de várias fontes:

1. Doações de universidades japonesas: instituições acadêmicas do Japão contribuem regularmente com livros e materiais especializados, fortalecendo o conteúdo do laboratório;

2. Editais de compras de livros da Fundação Japão: através de editais promovidos pela Fundação Japão, dentre outras organizações japonesas, o Laboratório de Recurso Megumi Kuyama adquiriu diferentes obras ao longo de sua história;

3. Doações individuais: pessoas interessadas em contribuir com o desenvolvimento dos estudos japoneses podem doar livros, se assim desejarem, ampliando a variedade de temas disponíveis;

4. Acervo da professora Megumi Kuyama: parte significativa do acervo foi herdada da própria professora Megumi Kuyama, cuja contribuição foi fundamental para a criação e desenvolvimento do laboratório;

5. Acervo da professora Haruka Nakayama: o legado da professora Haruka Nakayama também se faz presente no laboratório, por meio da doação de obras importantes para os estudos da língua, literatura e cultura japonesas;

6. Acervo do professor Ronan Alves Pereira: o professor Ronan Alves Pereira também contribuiu com seu acervo pessoal, incluindo importantes estudos sobre religião e cultura japonesa no Brasil.

As contribuições individuais e institucionais são essenciais para o crescimento contínuo do acervo, garantindo que o Laboratório de Recursos Megumi Kuyama tenha obras atualizadas e variadas.

| Equipe

Atualmente, a equipe do Laboratório de Recursos Megumi Kuyama tem sido estruturada de duas formas: uma vaga de estágio oferecida pelo Instituto de Letras e através do projeto de Extensão “Hon No Megumi: catalogação e divulgação do Acervo do Laboratório de Recursos Megumi Kuyama”, de código PJ279-2024 no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) utilizado pela Universidade de Brasília.

A equipe envolvida no projeto inclui docentes e discentes da Universidade de Brasília, como a coordenadora do Laboratório de Recursos Megumi Kuyama, Kaoru Tanaka de Lira, e o coordenador de estagiários do Laboratório, Marcus Tanaka de Lira. A vaga de estágio vinculada ao Instituto de Letras é hoje ocupada pela discente Ana Paula Villar Wang, também coordenadora adjunta do projeto Hon no Megumi devido a seu papel na organização do acervo. Completam a equipe de apoio Camila Costa de Assis, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Extensão – PIBEX, da qual o projeto recebe recursos, além de voluntários até o momento da publicação deste capítulo como Clara Sampaio da Rocha, Lucas de Almeida Costa dos Santos e Karen Meirielly Rosa de Sousa.

Ainda assim, é necessário reconhecer que, antes de se tornar um laboratório, várias mãos cuidaram da sala de leitura, entre professores, estagiários e voluntários, e enumerar apenas alguns seria uma injustiça com aqueles cujo nome não estivesse aqui. A todos os que auxiliaram na Sala de Leitura Megumi Kuyama até 2022 deixamos aqui nosso agradecimento, e começaremos a descrever o Laboratório de Recursos tal como ele é hoje.

| Catalogação e organização

O processo de organização do acervo passou por mudanças ao longo das gestões e mudanças de espaço, de modo que o atual processo representa um aprimoramento em relação ao tombamento anterior, especialmente após a mudança para o local atual do Laboratório de Recursos.

Cadastro de obras

Inicialmente, as obras eram registradas no *software* PHL©Elysio, sob supervisão da professora Tae Suzuki, com os seguintes dados sendo inseridos: Título, Título (tradução), Subtítulo, Subtítulo (tradução), Descrição, Ano, Páginas, Autor Primário, Autor Primário (Transliteração), Autor Secundário, Autor Secundário (Transliteração), Editora, Editora (Transliteração), Tema #1, Tema #2, Status e Local. Essas informações eram armazenadas

em um computador sem acesso à internet na sala 64 do LET para controle interno dos professores da área de japonês.

Com o surgimento de problemas no disco rígido do computador utilizado até então e as dificuldades na exportação dos dados, de forma que os caracteres em japonês fossem mantidos, por volta da época em que o professor Marcus Tanaka de Lira assumiu a responsabilidade pela Sala de Leitura, a primeira solução foi exportar os dados para o formato Excel e compartilhá-los em uma planilha na plataforma Google Spreadsheet, garantindo acesso às informações independentemente do dispositivo utilizado. À época, 1454 livros haviam sido tombados seguindo este sistema.

Entretanto, surgiram dois problemas principais com essa abordagem.

Primeiro, o campo "Local" apenas indicava se o livro estava na Sala de Leitura Megumi Kuyama, em uma sala de estudos compartilhada no Módulo 5, ou em uma das cinco salas de professores (quatro no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução e uma no Departamento de Literatura e Teoria Literária). Ele não especificava onde exatamente dentro desses espaços os livros estavam localizados, dificultando sua organização.

Segundo, como os livros estavam espalhados por diversos ambientes, não era possível que uma única pessoa fosse responsável pela organização e pelo empréstimo, que era registrado no campo "Status". A dificuldade de acompanhamento nos empréstimos era outro ponto que a estrutura anterior deixava a desejar, com livros sendo ocasionalmente extraviados sem que houvesse um método. Com isso em mente, buscou-se uma forma mais consistente de organizar os livros, visando uma futura integração com a Biblioteca Central para permitir empréstimos de forma mais formalizada.

Sendo assim, desde meados de outubro de 2023, a catalogação de obras passou a seguir os seguintes passos: (1) inserção de dados do exemplar em uma planilha Excel; (2) elaboração do número de chamada; (3) cadastro de autoridade, obra e exemplar no *software* Biblivre5; (4) etiquetagem e organização nas prateleiras.

A escolha do *software* Biblivre se deu por permitir que diferentes pessoas pudessem inserir dados, de forma que um time de estagiários seja capaz de alimentar o banco de dados e diminuir o tempo de tombamento das obras. Além de ter ferramentas para empréstimo de exemplares e outras funcionalidades necessárias para uma sala de leitura, era leve o suficiente para rodar nos computadores disponíveis. Outros *softwares* foram considerados, mas ou não atendiam às nossas necessidades ou estavam além do nosso orçamento e da capacidade de nossos equipamentos.

Quanto ao processo de tombamento, primeiramente, inserimos os dados do exemplar na planilha atual na ordem dos campos que serão preenchidos no Biblivre: ISBN/ISSN, língua (em que o exemplar está escrito), autor(es), título, subtítulo (quando houver), edição, local (cidade – país), editora, ano de publicação da edição identificada, páginas, título da série (quando houver), volume (quando houver), notas (dados de tradução e outras informações, quando relevante) e assuntos (palavras-chave). Neste momento, deixamos o campo “CDU/Nº de chamada” em branco, para preenchermos depois de obter todos os dados do exemplar. Em casos de exemplares que já haviam sido catalogados quando o laboratório utilizava outros *softwares*, aproveitamos os dados existentes nas planilhas antigas, preenchendo as informações faltantes e corrigindo e adequando as demais para o modelo atual.

Em caso de nomes e títulos em japonês, romanizamos conforme o Sistema Hepburn – com a diferença de que optamos por deixar todos os prolongamentos expostos, em vez de marcados por sinal gráfico – e colocamos o nome em kanjis ao lado (ex. Tanizaki, Jun’ichirou 谷崎潤一郎), para evitar que um mesmo autor seja registrado com nomes diferentes devido a variações na romanização, o que às vezes ocorre em exemplares traduzidos. Além disso, se o exemplar for tradução de uma obra, também colocamos o título original ao lado, entre parênteses, pois ele é utilizado para a elaboração do número de chamada [ex.: The Makioka Sisters (orig. Sasame Yüki 細雪)]. Nesses casos, o título original e o nome do(s) tradutor(es) também são incluídos no campo de “notas” (ex. Tradução de Sasame Yüki feita por Edward G. Seidensticker). Apenas o nome da editora não segue o Sistema Hepburn, pois optamos por utilizar a romanização que cada editora atribui a si mesma (ex. Kodansha 講談社).

No campo de “assuntos”, inserimos as palavras-chave com base nas informações presentes no exemplar (título, índice, ficha catalográfica, apresentação, prefácio, entre outros), nas planilhas e, quando necessário, em pesquisas na internet (resumos, resenhas, comentários de leitores).

Classificação e elaboração do número de chamada

Após preencher os dados do exemplar, elaboramos seu número de chamada, isto é, o código que identifica cada exemplar indicando sua posição relativa dentro do acervo. Optamos por seguir o modelo de número de chamada da Biblioteca Central da UnB (BCE), que é composto pelos seguintes itens: (a) código de área do conhecimento; seguido por auxiliar de lugar / forma quando necessário; (b) código do autor / obra; (c) auxiliar de língua; (d) volume; (e) edição; (f) editora; (g) exemplar. Esse modelo permite que os livros não

apenas sejam separados conforme as áreas do conhecimento, como também possibilita que, dentro de uma mesma área, os livros de um mesmo autor e/ou de uma mesma coleção sejam agrupados e que versões diferentes de um mesmo livro (com línguas, edições ou editoras diferentes) e volumes diferentes de uma mesma coleção sejam mantidos próximos uns dos outros – o que facilita a organização e a busca pelos exemplares no acervo.

Para determinar o código de área, utilizamos a versão *on-line* gratuita da Classificação Decimal Universal (CDU)¹⁴ e, em casos de temas mais específicos ausentes na versão *on-line*, utilizamos a 2ª edição-padrão internacional em língua portuguesa da CDU (UDC Consortium, 2007) – por se tratar da versão atualizada do sistema de classificação adotado pela BCE. Para decidir a área, nos baseamos nas consultas feitas para determinar as palavras-chave, bem como em pesquisas sobre as áreas de atuação do autor. Quanto aos sinais gráficos auxiliares que podem compor o código de área, optamos por empregar os seguintes indicadores de relação: sinal de coordenação ou adição (+), sinal de extensão consecutiva ou barra oblíqua (/) e sinal de relação simples (:) (utilizados conforme Souza, 2010). Em seguida, quando pertinente, acrescentamos os auxiliares independentes de lugar e/ou forma. Nos casos de obras sobre imigração, empregamos os auxiliares de lugar conforme o modelo adotado pela BCE: lugar de destino = lugar de origem (ex. Imigração de japoneses para o Brasil (81=520)). No caso dos auxiliares de forma, optamos por empregar os correspondentes a obras de referência (ex.: enciclopédias (031), dicionários de temas específicos (038)), de periódicos (05) e de formato histórico (091). Contudo, no caso de dicionários de língua, seguimos o modelo da BCE, sem auxiliar de forma: 801.3=nº da língua-alvo=nº da língua de tradução (ex.: Dicionário japonês-português 801.3=521=134.3). Fora isso, deixamos de separar coleções e coletâneas do restante do acervo para evitar que coleções de um mesmo autor ficassem separadas do restante de suas obras.

Já no âmbito do código do autor/obra, consultamos os campos de autor e título (da obra e da coleção) da planilha e pesquisamos o número de Cutter-Samborn de três dígitos¹⁵ correspondente para compor um código formado por letra maiúscula, número de Cutter e letra minúscula.

Nos casos de obra de um único autor, a letra maiúscula e o número de Cutter se referem ao autor (Sobrenome, Nome) e a letra minúscula se refere ao título original da obra ou da coleção (no caso de volumes de coleção de uma mesma área), desconsiderando artigos e preposições. Para autores que publicam numa mesma área e possuem o mesmo número, optamos por diferenciá-los acrescentando a inicial do nome (a partir do segundo

14 Disponível em: <https://udcsummary.info/php/index.php>.

15 Disponível em: <http://www.numerocutter.com.ar/>.

autor), conforme a diretriz da BCE (ex.: Yoshikawa, Eiji = Y65; Yoshimoto, Banana = YB65). Quando se trata de antologia de um autor compilada por outra pessoa, utilizamos inicial maiúscula e Cutter do autor, seguidos pela notação “.Y” acrescida das duas primeiras letras do sobrenome de quem compilou (ex. Trabalhos de Hearn, compilados por Donald Richie: H136.Yri). E, para biografias sobre uma única pessoa, empregamos a letra maiúscula e o Cutter do biografado, seguidos pela letra minúscula de quem escreveu a biografia (Souza, 2010).

Nos casos de obra de autoria coletiva (dois ou mais autores), a letra maiúscula e o número de Cutter se referem à primeira palavra do título da obra ou da coleção, enquanto a minúscula se refere à segunda palavra do título. Somente no caso de coleções de materiais didáticos, a letra minúscula é baseada no título ou subtítulo, pois procuramos seguir o exemplo do registro da série Marugoto na BCE.

Quando coincide de duas ou mais obras diferentes ficarem com o mesmo código de autor/obra, acrescentamos as letras seguintes da palavra da letra minúscula, para diferenciá-las (ex. Uzumaki neko no mitsukekata MH972u e Unten Enten MH972un).

Já os demais componentes do número de chamada são baseados nas informações presentes no próprio exemplar e são acrescentados a depender do caso:

- Auxiliar de língua: somente quando o exemplar é uma tradução;
- Volume: em exemplares que pertencem à série/coleção;
- Edição: a partir da segunda;
- Editora: quando uma mesma obra tem versões publicadas por mais de uma editora;
- Número de exemplar: a partir do segundo.

Cadastro no Biblivre5

Uma vez tendo elaborado o número de chamada, fazemos o cadastro no Biblivre5. Primeiramente, verificamos se o(s) autor(es) já está cadastrado no Biblivre. Caso não esteja, registramos o(s) autor(es) da obra na aba de cadastro de autoridades. Nessa parte, selecionamos o tipo de autor (pessoa ou entidade coletiva) e preenchemos os campos referentes a nome ([Sobrenome, Nome] e Forma completa do nome) e datas associadas (nascimento-morte). Somente no campo “Outra forma do nome” acrescentamos o nome em *kanjis* no caso de nomes japoneses, para evitar que homófonos sejam identificados como um mesmo autor.

Em seguida, verificamos se a obra já consta no Biblivre. Caso não conste, realizamos o cadastro da obra transferindo os dados da planilha para os campos correspondentes – retirando apenas as informações escritas em *kanjis*, *hiragana* e *katakana*, de modo a facilitar o acesso dos usuários de todos os níveis de proficiência em japonês ao sistema. Além disso, preenchemos o campo de idioma do documento original, nos casos de tradução. Esse dado não consta explícito na planilha visando evitar confusões na elaboração do número de chamada, mas pode ser inferido pelo título original da obra – o qual se encontra ao lado do título da obra traduzida e nas notas.

Por último, realizamos o cadastro do exemplar em si, preenchendo os campos de “Número de Chamada/Localização” e de “Tombo patrimonial” – sendo este retirado da coluna de tomo presente na nossa planilha. Procuramos manter até apenas dois exemplares de uma mesma obra (mesma edição e editora), por motivo de limitação de espaço.

Etiquetagem e organização nas prateleiras

Uma vez registrados no Biblivre, elaboramos as etiquetas (33,9mm x 101,6mm, modelo Pimaco 6182) no Word, procurando deixar os componentes do número de chamada embaixo uns dos outros, de modo que fiquem tão visíveis quanto possível na lombada dos livros. Optamos por não gerar etiquetas através do Biblivre, uma vez que ele gera com base no número de tomo e nós precisamos do número de chamada para organizar os exemplares. Após etiquetar, arrumamos os livros nas estantes conforme a área, seguindo a ordem vertical dos símbolos (Souza, 2010), e, dentro de cada área, na ordem alfabética e crescente de número de Cutter (Imagem 4). Separamos do restante do acervo os periódicos e as obras de referência (dicionários e enciclopédias) que somente estarão disponíveis para consulta na sala de recursos.

Imagem 4 – Fotos da parte do acervo organizada por número de chamada (2024)



Desafios e problemas

Dentre os desafios e problemas com os quais nos deparamos até o momento, encontram-se questões de capacitação e infraestrutura, as quais serão explicadas a seguir.

Desafios de capacitação

Por se tratar de um acervo que aborda temáticas relacionadas ao Japão, no qual boa parte das obras se encontra em japonês, a sua catalogação demanda não apenas conhecimentos de biblioteconomia, como também conhecimento em cultura e língua japonesa escrita.

Por um lado, o fato de não termos uma pessoa da biblioteconomia em nossa equipe permanente faz falta especialmente pelos conhecimentos sobre catalogação e indexação. Por conta disso, precisamos buscar aprender sobre CDU e Cutter-Sanborn aos poucos, com base em materiais fornecidos por estudantes de biblioteconomia que passaram pela equipe

em algum período e em eventuais consultas a bibliotecários da equipe da BCE, à medida em que progredíamos na catalogação. Desse modo, em alguns momentos, precisamos retornar em partes já catalogadas do acervo para adequá-las às novas informações aprendidas.

Contudo, por outro lado, precisamos de pessoal que apresente pelo menos um nível básico de conhecimentos em língua e cultura japonesa, suficiente para utilizar o teclado japonês e conseguir realizar as pesquisas necessárias para completar os dados relacionados às obras. Caso contrário, aumenta-se a probabilidade de inserir informações equivocadas – por exemplo, cadastrar o tradutor ou o adaptador como o autor da obra em exemplares que não explicitam o autor original (o que acarreta a separação de exemplares da mesma obra pelo acervo) ou confundir número de impressão e edição (uma vez que o tradutor automático costuma traduzir ambos os *kanjis* como edição).

Devido a essa necessidade de conhecimentos multidisciplinares, elaboramos nossa própria capacitação para o treinamento da equipe em catalogação, acrescentando as políticas internas que elaboramos para atender as especificidades do nosso acervo, de modo que outros estudantes possam dar continuidade a esse trabalho no futuro.

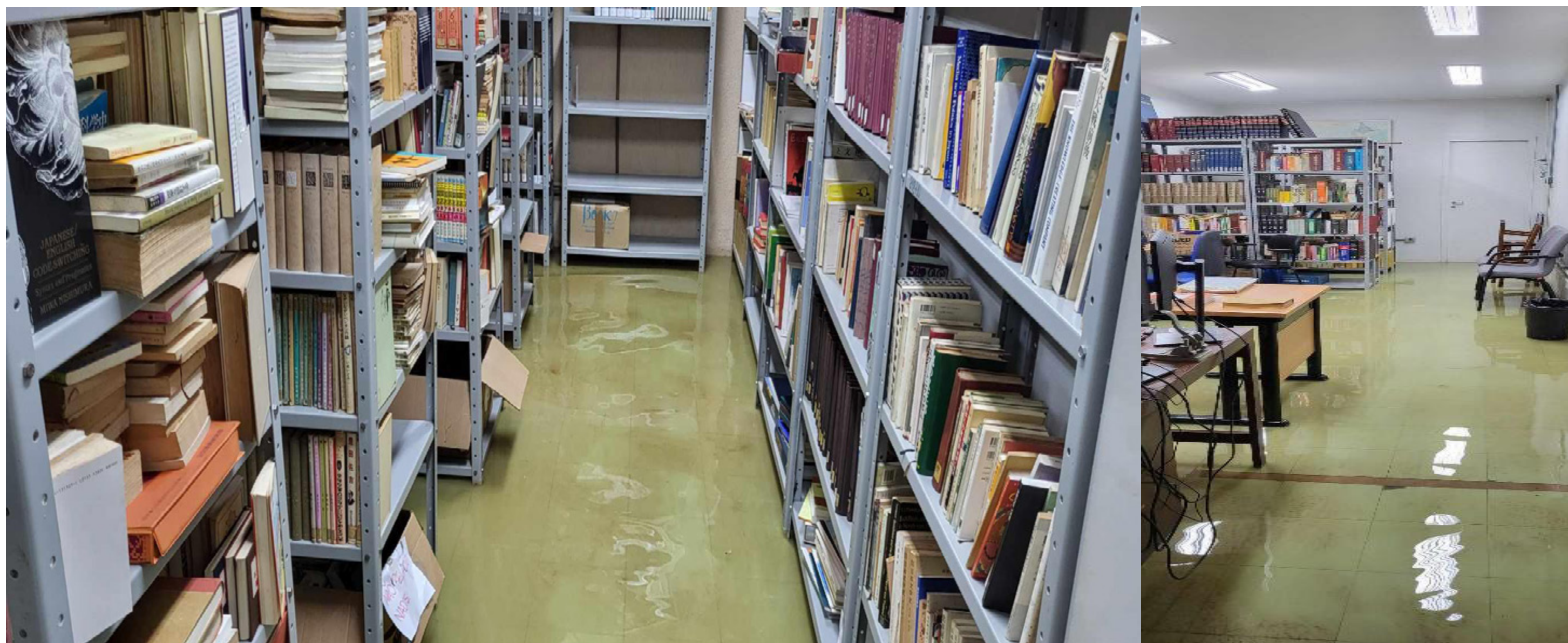
Problemas estruturais

No que diz respeito aos problemas de infraestrutura, apesar de nosso espaço atual ser melhor do que os anteriores, lidamos com problemas de ventilação e de enchentes. Nossa sala conta com aparelho de ar-condicionado para climatização, entretanto, não possui janelas para ventilação natural nem purificador de ar. Além disso, durante o período de chuvas, ela sofre com os alagamentos que ocorrem no subsolo (Imagem 5). Isso nos levou a evitar colocar livros nas prateleiras mais próximas ao chão de todas as estantes, para prevenir perda de material – o que já ocorreu anteriormente em função tanto da água das chuvas, quanto do mofo decorrente da umidade. Mesmo tomando essa medida, a falta de ventilação junto com a umidade durante o período de chuvas continua representando um risco para o aparecimento de mofo, o que prejudica a qualidade do ar no ambiente, podendo danificar o acervo. Contudo, ainda não dispomos de uma sala adequada com dimensões suficientes tanto para o acervo quanto para as mesas de trabalho da equipe e dos estudantes que pretendemos receber quando a sala for aberta ao público.

Já no âmbito dos equipamentos, como, atualmente, possuímos apenas dois computadores, precisamos reservá-los para uso da equipe. Com isso, não conseguimos disponibilizá-los para os estudantes e a equipe precisa se revezar para utilizar um computador apenas quando o outro apresenta problemas. Ademais, não dispomos de material específico para conservação e manutenção dos livros – tais como adesivos protetores de lombada

(para evitar que a etiqueta descole e que suas informações desbotem), suportes de livro suficientes para as pontas das estantes e materiais para pequenos reparos.

Imagem 5 – Fotos da enchente ocorrida em fevereiro de 2024



Planos futuros

Atualmente, o Laboratório de Recursos Megumi Kuyama está concorrendo à Assistência Financeira do Japão para Projetos Culturais Kusanone, com o objetivo de ampliar os equipamentos e melhorar as condições de trabalho (para os estagiários) e pesquisa (para alunos e professores). É a segunda vez que concorreremos a tal assistência, após uma tentativa anterior em 2019.

No futuro, planejamos abrir a sala de recursos para que docentes e discentes do curso de Língua Japonesa e Respectiva Literatura possam utilizar o espaço para estudos, consultas e empréstimos de livros. Ademais, quando conseguirmos obter as condições de infraestrutura e recursos necessários, pretendemos transformar o espaço em uma biblioteca setorial vinculada à BCE, de modo a partilhar o mesmo sistema de gerenciamento de bibliotecas.

Conclusão

Visando proporcionar apoio acadêmico para alunos e professores do curso de Língua Japonesa e Respectiva Literatura, o Laboratório de Recursos Megumi Kuyama passou por diversas mudanças ao longo do tempo: ganhou um espaço mais próximo do Instituto de Letras, um sistema de organização de acervo baseado em localização relativa pelo número de chamada e um sistema de gerenciamento de dados que combina o registro em planilha do Excel com o registro no *software* de gerenciamento de biblioteca Biblivre5.

Com isso, atualmente, o acervo está mais próximo dos locais de aulas dos alunos e salas dos professores do curso e as obras podem ser encontradas mais facilmente no acervo e no sistema.

No entanto, ainda há desafios a serem superados – tais como os problemas de infraestrutura da sala atual e a demanda contínua de pessoal com conhecimento multidisciplinar para finalizar a catalogação e organização dos livros – de modo a poder, finalmente, abrir o espaço para o público.

| Referências

Chamada Pública DPI nº 02/2022. Disponível em: https://dpi.unb.br/images/Editais/2022/Chamada022022/Chamada_Pblica_DPI_N_2_2022.pdf. Acesso em: 02 out. 2024.

NÚMERO CUTTER. Número de Cutter-Sanborn, 2022. Página inicial. Disponível em: www.numerocutter.com.ar. Acesso em: 02 out. 2024.

SOUZA, S. de. **CDU**: como entender e utilizar a 2ª Edição-Padrão Internacional em Língua Portuguesa. 2 ed. Brasília: Thesaurus, 2010. 163 p.

UDC CONSORTIUM. **Classificação Decimal Universal / UDC Consortium**. Volume 1: Tabelas sistemáticas. 2. ed., edição-padrão internacional em língua portuguesa. Brasília: Instituto de Informação em Ciência e Tecnologia, 2007.

UDC CONSORTIUM. **Universal Decimal Classification Summary**, [s.d.]. Página inicial. Disponível em: <https://udcsummary.info/php/index.php>. Acesso em: 02 out. 2024.

TRANSLATED CHAPTERS

CHAPTER 10

The 25+18 Year History of Japanese Language at UnB

Marcus Tanaka de Lira (UnB)
Kaoru Tanaka de Lira (UnB)

A quarter century of history is not built by just a pair of hands. Every night, along with many mornings, afternoons, and weekends, our story is shaped not only by the student body delving into a brave new world of ideograms, syllabaries, and grammatical rules, but also by staff, interns, and various kinds of assistants. As expected in a higher education institution, teachers play a significant role. Thus, over the past 25 years, nearly one hundred hands have contributed to our understanding of the world through the Japanese language. The following story not only recounts the 25-year history of the Course from its first undergraduate classes, but also what we might refer to as its “pre-history” of 18 years, spanning from 1979 to 1997, which was crucial for its inception.

| The Genesis of the Field at UnB

At the outset, there stood the University of Brasília, the Embassy of Japan in Brazil, and the Japan Foundation – and the Foundation was aligned with the Embassy, while the University served as the destination. This marked the genesis of Japanese Studies at UnB on March 3rd, 1979, during a meeting between members of UnB and the Japan Foundation, facilitated by the then Japanese cultural attaché in Brazil, Minoru Hirano.

The idea of establishing this field did not emerge out of thin air; rather, it was a product of its context. Lytton Leite Guimarães (1976-1979), who served as the director of the Institute of Communication, Linguistics and Literature (ICL in the Original Portuguese) at the time of the meeting, explained in a commemorative lecture for the 55th Anniversary of the Institute of Letters, that UnB was already seeking to move beyond the traditional European languages. After unsuccessful discussions with the embassies of the now-defunct Soviet Union and Saudi Arabia, UnB received a more positive response from the Embassy of Japan, owing to the significant presence of immigrants in the region. This demographic was envisioned as the target audience for a Japanese language course, initially taught as a heritage language.

Before delving further into the history of this field, it is crucial to grasp this context, as it appears to have been a pivotal factor in its inception. Brazil provided considerable governmental support for the arrival of these immigrants to the region. Their presence in the Federal District had been planned since the inception of its green belt in 1957 (Joko-Veltman; Torreão; Sugimoto, 2008, p. 108). In the subsequent year, during the fiftieth-anniversary celebrations of Japanese immigration to Brazil, Ichiro Inamine, the then-president of the Overseas Okinawa Association, with the support of state deputy Paulo Nakandakare, invested in sending families from Okinawa to the Federal District (Ogassawara, 2008, p. 38). Throughout the 1950s and 1960s, Japanese language schools emerged along the

green belt, situated in fields with descendants, such as Brazlândia, Vargem Bonita, and Taguatinga. In the 1970s, a Japanese language course was even established as a heritage language at the Buddhist temple in the South Wing, primarily aimed at the descendants' children. However, this initiative only lasted for four years (Feanbra, 2008, p. 231).

It was within this context that the inception of a Japanese language course at our higher education institution was suggested during this inaugural meeting. Following the incorporation of the creation process into the university's bureaucratic procedures, the initiative received a favorable opinion from the then head of the Department of Letters and Linguistics (LEL), Ulf Gregor Baranow, on May 31st, 1979. With this initial approval, the next step was to set the gears in motion for the teaching of the Japanese language to commence.

On July 18th, 1979, as agreed, the field submitted an application for visiting lecturers of the Japanese language to the Japan Foundation (Application for Visiting Lecturers of Japanese Language), indicating in an internal dispatch to the Dean of Undergraduate Studies that, if the extension course was proved successful, undergraduate courses could also be offered. Thus, the path that we would follow in the subsequent years was laid.

If we consider the establishment of the extension course in the Japanese language by the Japan Foundation as the seminal movement that propelled the current degree to its existing state, we can then begin with the contributions of Professor Alice Tamie Joko and her appointment as the individual responsible for the project.

Her appointment as the project coordinator took place on August 5th, 1980, following consultation with the Japan Foundation headquarters in Tokyo by the Center for Japanese Studies at the University of São Paulo. Here, director Teiichi Suzuki recommended the then coordinator of the Language Laboratory at USP. Subsequently, the professor was assigned to a new position in Brasília where she was to oversee the commencement of Japanese language extension activities in the federal capital.

Without overlooking all the internal bureaucratic processes of the university that facilitated the incorporation of this new field of study, it is imperative to acknowledge that without this initial impetus from the dean of the course, the wheels would never have been set in motion towards the future.

With the initiation of the agreement between the Japan Foundation and the University of Brasília in August 1981, Japanese language classes began as part of an extension program taught by the field dean, who took on the dual role of teacher and coordinator. In the following year, there was already a proposal to offer undergraduate courses in addition to the extension course, with the subjects of the first two years of the course (Japanese

Language 1, 2, 3, and 4) receiving approval from the Dean of Undergraduate Studies on 26th April 1983.

1985: New Paths

The year 1985 marked a period of significant changes, not only in the national landscape, with events ranging from Tancredo Neves' election to the approval of an amendment for direct presidential elections, as well as the organization of the first Rock in Rio festival, but also at UnB. This new environment had a transformative impact on the course's history. In this very year, a crisis nearly led to the discontinuation of the program, altering the entire existing scenario.

The extension program required renewal every two years, a process that went smoothly in 1983. However, during the second renewal in 1985, the Japan Foundation rejected the request. Consequently, the Foundation would no longer provide financial support for the course's maintenance, potentially resulting in the suspension of Japanese language classes, both in the extension and undergraduate programs. After only four years, the initial efforts were on the brink of being lost.

Consequently, the Department of Letters and Linguistics (LEL) was compelled to withdraw the offering of these subjects, prompting a strong reaction from the student body. Stella Maris B. de F. Ricardo, who was the head of LEL at the time, presented a petition from the students, bearing over five hundred signatures, to Rector Cristovam Buarque. This petition demanded the continuation of the offering. Among the arguments presented for maintaining language teaching, was its strategic importance for UnB and the scientific interest of the institution's linguists. Therefore, a visiting professor position was temporarily established, and the university committed to hiring the professor who would teach the classes at the end of the renewal period - this became UnB's counterpart.

Fortuitously, with the approval of the Ministry of Education (MEC), the University of Brasília conducted a permanent faculty competition for the Field of Japanese studies, resulting in the hiring of the course's founder. With this expansion, according to internal records of the field, the extension course also welcomed its first substitute professor, Marcus Vinicius Marques (1986-1991 / 1992-1994), who had attended all Japanese language extension courses by 1984. Among his enduring contributions to the field are the optional courses in Japanese Culture 1 and 2, offered by the Department of Foreign Languages and Translation (LET). Following the division of LEL into the major fields of Letters, it was LET, along with the Department of Literary Theory and Literature (TEL), that began to host the subjects of the future degree program.

However, that was not all. By the late 1980s, course alumni were already making their mark in the job market, ushering in changes to the landscape of Japanese language education in Brazil. In 1987, there were 25 Japanese language schools in the Federal District and the Southeast region of the country (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, and São Paulo) with 89 teachers, all immigrants, or their descendants, up until that point. From that year onward, the Midori Institute of Japanese Language, which had commenced teaching Japanese to the public in Plano Piloto at the Nipo-Brasileiro Club three years earlier, employed three alumni from the University of Brasília. According to available records, they were three of the first four Japanese language teachers in the DF-Southeast axis without any Japanese ancestry up until that time (Feanbra, 2008, p. 233-235). Consequently, Japanese, which had hitherto been taught as a heritage language, gradually began to be taught as a foreign language, and the course started to offer new directions to the local society.

Therefore, the crisis of 1985, which could have resulted in the closure of the program, instead led to the expansion of the course thanks to the formation of partnerships and the proactive measures taken by the university. These significant collaborations were only a prelude to the pivotal year of 1993, which would prove to be the *annus mirabilis* of the field.

| From Cooperation to Conception

Between 1991 and 1992, Professor Alice Tamie Joko dedicated a year to conducting research at the Japan Foundation. During this period, she translated the material used in the courses, namely 'Nihongo Shoho' (First Steps in Japanese) from the Japan Foundation. With the course's foundations thus updated, then Rector João Cláudio Todorov, after consulting with the field coordinator, inquired about how to expand the reach of Japanese teaching at UnB. Given the high demand for Japanese language courses, it was deemed justifiable and necessary to expand the course – and this expansion would be achieved through the creation of an undergraduate program.

Politically, this was still a period of transition, post-impeachment of President Fernando Collor and pre-Plano Real during Itamar Franco's government, with no new courses being opened by the Ministry of Education (MEC). An exception was made for night-time teaching in undergraduate programs, under the understanding that teacher training would benefit the community. It was therefore decided to establish the night-time undergraduate licentiate course in Japanese Language and Respective Literature.

Also in 1993, according to records from the Integrated Management System for Academic Activities (SIGAA) at UnB, Professor Megumi Kuyama (1993-2002) joined the

field permanently in 1993. The following year, with assistance from the Japan Foundation, another substitute professor, Ronan Alves Pereira (1994-2017), was hired.

On 14th April 1993, according to Resolution No. 80 from the UnB rector's office, under the supervision of Rector Antônio Ibañez Ruiz, the Permanent Monitoring Group for Undergraduate Programs (GPAL) was established. This group produced documents such as the Academic Organic Project for Night-Time Undergraduate Programs (1993) and the Implementation of the Academic Organic Project for Undergraduate Programs (1997).

As a result of this expansion policy, the three professors in the field who were currently teaching were also appointed by the Institute of Letters (IL) to develop the project for the future course. This led to its approval during the 266th Meeting of the University Council on November 1st, 1996, alongside six other new courses. According to the then director of the Institute of Letters, Stella Maris B. de F. Ricardo, who advocated for the creation of the course in the meeting, the arguments for approval included the significant presence of immigrants and their descendants in the region, the existence of only four other Japanese language courses in higher education institutions at the time, and the potential to create a job market and introduce Japanese language teaching in high schools and primary schools.

With the approval, March 1st, 1997 marked the initial milestone for its activities.

In 1993, following another competition, Professor Ronan Alves Pereira became a permanent member of the faculty. From the development of the educational plan to its implementation (1993-1997), the country underwent as many changes as the course, from the success of the Plano Real to the triumph of the Tetra, Brazil's fourth World Cup victory. The creation of the course was another significant achievement for the field of Japanese studies, pointing towards the future.

| From Creation to Action

In the early years of the program, there was an expansion of substitute teachers to cover all the subjects of the new course. In the year of the course's creation, the course had the contribution of Professor Célia Mitie Tamura Tanno (1997-1999) and, in the following years, Kaoru Miyake (1998-1999 / 2002-2004), Yüki Mukai (1998-2000/ 2003-), Donatella Natili (1999-2000 / 2010-), and Yuko Takano (1999-).

It is also worth noting that, although the course can train teachers without the need to leave Brazil, there are scholarship opportunities for students to complement their studies in Japan, through partnerships with Japanese agencies and higher education institutions.

Following the rules for application in 12-month courses in Japanese Language and Culture at Japanese universities, where first-year students are usually excluded, UnB began sending the first exchange students in 1999, with Nagoya University being the first and most frequent destination institution. The history is further detailed in Chapter, History of Agreements in the Japanese Language and Respective Literature Course, written by Marcus Tanaka de Lira and Yūki Mukai.

The last year of the past millennium presented another milestone in the course's history. Since 1990, the University of São Paulo had been organizing the National Meeting of Teachers of Japanese Language, Literature, and Culture (ENPULLCJ) annually, but it had become an itinerant event since 1998, moving to other universities. In the year 2000, when it was UnB's turn to organize the 11th ENPULLCJ, the university lived up to its innovative and welcoming character, always seeking new partnerships, jointly launching the 1st International Congress of Japanese Studies in Brazil (1st CIEJB). The course's baptism of fire in organizing an internationally reaching event proved the maturity of Japanese studies in the Midwest.

Furthermore, following the course curriculum, the first monographs written by undergraduate students were defended in the year 2000. The researched topics encompassed fields of literature and other arts, culture, translation, and teaching. Since then, research has become an integral and fundamental part of the education for the students who go through the course.

| The New Millennium

With the arrival of the new millennium, the course welcomed another substitute teacher, Ricardo da Silva Alves (2001-2003), but also experienced a moment of mourning with the untimely passing of Professor Megumi Kuyama in 2002. Her contributions to the course of Japanese studies would have been invaluable, and her research on the Brazilian Variant of the Japanese Language later became a foundational work for several other researchers in the course. Additionally, this year saw the first major expansion of the course to support the course in its onward journey.

As new substitute teachers joined, including Sachio Negawa (2002-2014), who soon became a full-time member, and in a significant milestone for the course, Simone Keiko Yoshida (2002-2002) and Fausto Pinheiro Pereira (2002-2003 / 2008-), began teaching in the course that had shaped them. Over five years, a process of self-sufficiency for the course commenced, where the trained students themselves would go on to inspire future generations.

Additionally, in 2002, the Brazilian Association of Japanese Studies (ABEJ) was established, bringing together different courses of Japanese studies in the country. The same year marked Brazil's fifth World Cup victory in Yokohama, further spreading images of Japan across the entire Brazilian territory throughout the year.

In 2003, Professor Yuko Takano joined the permanent staff, and as substitutes came Professors Patrício Pereira Marinho (2003-2005 / 2009-2011) and Kyoko Sekino (2003-2005 / 2007-). The following year, Professor Yūki Mukai also joined the permanent staff, and Professor Haruka Nakayama (2004-2007), who had been with the University since 1986, was transferred from the Faculty of Information Sciences to the Department of Foreign Languages and Translation. Also in 2004, temporary professors Ilka Hitomi Joko (2004-2006) and Merlin Calenda di Tavani (2004-2004 / 2008-2010) joined.

In 2005, the Japanese course at the University of Brasília once again demonstrated its innovative spirit in promoting research. After a re-edition of the CIEJB at UFRGS, the event ceased to be co-hosted with other National Meetings of Teachers of Japanese Language, Literature, and Culture (ENPULLCJ) by other universities. By hosting the ENPULLCJ for the second time, after only half a decade, the university held the 3rd International Congress of Japanese Studies in Brazil (3rd CIEJB). In doing so, not only did the university manage to establish a partnership with the Japan Foundation, but it also firmly established the multinational character of the event. Since then, all subsequent ENPULLCJs have been held in conjunction with the CIEJB.

If the content of the paragraph above was not enough, in the year 2005, the course also welcomed new substitute professors Alisson Torreão de Freitas (2005-2006) and Kimiko Uchigasaki Pinheiro (2005-2006 / 2014-), with the latter becoming a full-time member of the course in 2015.

Another transformative step towards the innovation of the course was the organization of the 1st Forum on Japanese Studies in the Midwest, initiated by Professor Yuko Takano. In addition to serving as a showcase for the work carried out by the course and presenting professional and academic opportunities available to graduates, the first edition aimed to discuss the Course Pedagogical Project (CPP) with representatives of the student body. Since then, it has been part of the academic calendar, and more details about the extension activities are available in Chapter 2, *Trajetória Histórica das Atividades Extensionistas do curso de Licenciatura em Língua japonesa e Respectiva Literatura*, written by Yuko Takano.

The years 2006 and 2007 saw more substitute professors contributing to the course, such as Edson Teixeira do Nascimento (2006-2007), Vanessa Cristina Zerbinato Velasques

(2006-2008), Aiko Tanonaka Ogassawara (2006-2008), Fabiane Nakagawa dos Santos (2007-2008), Ilze Maria Teixeira Maeda (2007-2008), Ernesto Atsushi Sambuichi (2007-2007 / 2011-2012), and Kaoru Tanaka de Lira Ferreira (2006-2008 / 2011-2013 / 2019-).

It's important to note that all those mentioned in the previous paragraph are graduates of the course and, in the last two cases, along with Cacio José Ferreira, another graduate of the course, UnB took its pioneering spirit to the start of the undergraduate course in Japanese language and literature at the Federal University of Amazonas, in which they were 3 of its first 4 full-time professors. This is another story of great importance for the spread of the Japanese language in the northern region of the country, but one that can be better told by its participants, leaving Brasília the satisfaction of having been part of another success story in the field of Japanese studies in Brazil.

Furthermore, the second decade of the course's history would bring even more achievements.

| The Consolidation of the Second Decade

The onset of the second decade of the course held significant importance, not just because it coincided with the centenary of Japanese immigration to Brazil, marking the arrival of the ship *Kasato Maru* at the port of Santos, São Paulo in 1908. This historical milestone solidified Brazil as the home to the world's second-largest population of Japanese descent, trailing only behind Japan itself. Concurrently, the course continued its steady growth and consolidation.

The initial notable change was in relation to the early stage of Japanese language instruction at UnB, initially offered as an extension course. Until 2008, language extension activities at UnB were overseen by the University's Language School. The shift occurred in June when the Dean of Extension (DEX), the Department of Foreign Languages and Translation (LET), and the Institute of Letters (IL) established the Permanent Extension Program 'UnB Idiomas,' set to be launched the following year. This refined institutionalization of language teaching courses at the university bolstered the funding processes, enabling the financing of research, teaching, and scientific production activities in the Department of Foreign Languages. Once again, the Japanese course played a role in the university's expansion, now with a dedicated language secretariat within the program.

The subsequent years also witnessed a surge in the number of teachers. Not only did new substitute teachers join, including Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka (2008-2010 / 2012-2013 / 2015-) and Zauder de Castro (2009-2009), but there was also a competition

for permanent positions. Kyoko Sekino, Fausto Pereira, and Donatella Natili, previously mentioned, were successfully appointed. Additionally, Tae Suzuki (2009-2015), daughter of Teiichi Suzuki, who played a pivotal role in the initial appointment of the course coordinator, joined the team. In Professor Natili's case, this marked the formalization in 2010 of the first of two planned positions for the course in the Department of Literary Theory and Literature (TEL), further advancing the degree program across various departments of the Institute of Letters. From 2010 onwards, the course also benefited from the contribution of Professor Kaori Sato, who served as a young volunteer from JICA, assisting with course offerings until the following year.

In 2010, the tenth anniversary of the CIEJB marked its return to the University of Brasília for the VIII CIEJB, co-hosted with the XXI ENPULLCJ, reaffirming the success of the initiative launched by the course. However, due to the size of the event, it was decided to transition it from an annual occurrence to a biennial one, a practice that remains in effect to this day.

| The Recent Past

In 2011, Japan once again became a focal point in Brazilian households with images of the nuclear accident triggered by the tsunami following the Tohoku earthquake. Within the course, this period commenced with the introduction of more substitute teachers. Subsequent years saw the inclusion of educators such as Rafael Leandro Pinho (2011-2012), Valdeilton 'Tama' Lopes de Oliveira (2011-2012 / 2016-2017), Augusto Profeta dos Reis (2012-2014), Saori Nishihata (2013-2015), and André Willian Marques de Oliveira (2013-2013). Additionally, Michele Eduarda Brasil de Sá (2013-2018) joined, having been involved in the early stages of the UFAM course mentioned earlier.

During this period, the Japanese language course also expanded its horizons by integrating Japanese language teachers into UnB's postgraduate courses. The initiative commenced with Professor Yūki Mukai joining the Graduate Program in Applied Linguistics (PPGLA) in 2011. This avenue allowed our graduates to pursue studies in one of the three major fields of language studies within applied linguistics. It not only broadened research and study opportunities for students but also facilitated seamless collaboration with peers from various fields within the university.

In the mid-2010s, Brasília, like the rest of the country, played host to major international events including the FIFA World Cup (2014) and the Rio Olympics (2016). This period also marked significant strides for the Japanese language course, presenting new prospects.

One such development was the increased pace of book publications by the course. Works like 'A Língua Japonesa no Brasil: Reflexões e Experiências de Ensino e Aprendizagem' (The Japanese Language in Brazil: Reflections and Teaching and Learning Experiences), co-edited by Yūki Mukai, Alice Tamie Joko, and Fausto Pinheiro Pereira in 2012, along with 'O Japão no Caleidoscópio: Estudos da Sociedade e da História Japonesa' (Japan in the Kaleidoscope: Studies of Japanese Society and History) by Ronan Pereira in 2013, brought the course's work to a wider audience through the 'Japão em Foco' (Japan in Focus) series, making knowledge more accessible. Presently, the series comprises 7 volumes.

In 2014, the number of slots for first-year students increased by 40%, with 28 slots available in the entrance exam for the teaching degree, up from the 20 slots offered in the previous 17 years.

With Sachio Negawa's return to Japan (2014) and Tae Suzuki's retirement (2015), 2015 also witnessed the appointment of Kimiko Uchigasaki Pinheiro and Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka after a public competition, in which Kaoru Tanaka de Lira Ferreira was also successful. She would become a permanent member of the staff four years later. To this date, this was the last permanent staff renewal in the course.

In 2016, Japanese language classes were also introduced in the Languages Without Borders program, initially under the Ministry of Education (MEC), and from 2019, as part of the Andifes Network (National Association of Federal Higher Education Institutions). The University of Brasília participated in this initiative as one of the higher education institutions involved in the project.

In the same year, the Secretariat of Education of the Federal District launched Announcement #23, which opened a public competition for a public teaching career in the Federal District with specialization in Japanese language. This allowed for the opening of Japanese language courses at Inter-School Language Centers (CILs).

These were not the only achievements of the course during this period. In 2016, the course underwent evaluation by the National Institute for Educational Studies and Research Anísio Teixeira (INEP/MEC) as part of the regular assessments by the Ministry of Education regarding the quality of different national higher education programs. It received the highest rating (5). In other words, the course's excellence was acknowledged not only within the realm of Japanese studies but also within the broader landscape of Brazilian higher education.

Furthermore, during this period, more substitute teachers contributed, including Marley Francisca de Lima (2014-2015), Gabriel de Oliveira Fernandes (2015-2017), Débora Habib Vieira da Silva (2016-2018), Ítalo Silva Bernardes (2017-2019), Suzana Sumire Niho Garbin

(2018-2020), Égon Lucas Alves Neves (2019-2021), Wanderson Tobias Rodrigues, and Camila Regina Ferracioli Pimentel (2017-2018). Pimentel, following in the footsteps of her senpais, or veterans, also later became a graduate of UnB working at UFAM, strengthening the ties between the institutions.

2019 and 2020 were also a milestone in the course of research at the undergraduate level, with the completion of the first and second scientific initiations, in descriptive linguistics and applied linguistics, respectively, opening new doors for research among students beyond the final course projects, which have been defended every semester for two decades.

The Post-Pandemic

With the onset of the COVID-19 pandemic, the course of Japanese studies faced an unprecedented situation. Following the rotation of universities with courses of Japanese studies, it was UnB's turn to host the ENPULLCJ/CIEJB. The distinctive aspect in this case was that due to the COVID-19 pandemic, none of the in-person activities could occur in 2020, the year for which the congress was initially scheduled. Lockdowns and quarantines both in Brazil and abroad not only hindered local activities but also made organizing an international congress seem unfeasible.

To adapt to the new reality, the congress was postponed by a few months, and in 2021, the first ENPULLCJ/CIEJB was held entirely online, with simultaneous streaming of up to six events on public platforms such as Facebook and YouTube. Despite being accessible to the general public, ensuring security against potential malicious attacks was a top priority for the event's organizers. Once again, the course demonstrated innovation in the field of research. While the first CIEJB allowed researchers from around the world to participate in the inaugural international congress, this most recent event was accessible to the entire global academic community. The Japanese teaching degree at UnB continued to emphasize its role as a disseminator of knowledge, giving equal weight to research and extension activities, both of which play a fundamental role in the course.

Throughout the pandemic and its aftermath, the course welcomed two additional substitute teachers, Angélica Louise de Souza Alencar (2022-) and Joshua Ferreira Sabino (2022-), ensuring the continuity of activities even during such a challenging period.

Partnerships and the Future

Lastly, it is noteworthy to mention that since its inception, the course has collaborated with various institutes and centers at the university for teaching and researching about Japan. In 1986, with the appointment of Marcus Vinicius Marques, the course 'Politics of the Far East' was established in the Department of International Relations - REL.

The Course of Japanese studies also played a pivotal role in the establishment of Center for Asian Studies in 1987, at the Multidisciplinary Advanced Studies Center. It was coordinated by professors in the course such as Ronan Alves Pereira (1999-2003) and Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka (2016-2022), as well as former students who pursued elective language courses while focusing on other specializations, like Stella Maris Figueiredo Bertinazzo (1995-1999) and Maria Cláudia Candeia de Souza (2022-). Even the vice-coordination of the center is often held by the Course of Japanese studies, as is the case with the current vice, Kaoru Tanaka de Lira Ferreira (2022-).

In a lecture to the Japanese Studies course in 2019, the former coordinator Lytton Leite Guimarães detailed the strong integration of NEASIA with the course, with initiatives from one reinforcing the development of the other. As far as can be seen, part of the future lies here.

In the latest of these collaborative efforts, led by Alice Tamie Joko and spearheaded by Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka, the JICA Chair was established at NEASIA. Its aim was to promote Japanese studies beyond the course, focusing on studies of Japan's economic modernization history, among other research possibilities aimed at Brazil's development. Only time will reveal what the future holds for the growth of Japanese studies at UnB beyond the course.

New challenges are also anticipated with changes in the student body profile. On one hand, there is a shift in terms of ancestry. Looking at the student body, we find the first generations that dealt with Japanese language teaching in Brazil. Initially, 43.75% of the professors (both permanent and substitutes) in the course's history had some Japanese ancestry. According to the graduate of the first teaching class, Fausto Pereira, the initial students were mostly descendants. However, among the 281 graduates of the teaching program since then, counted over the last 25 years, the number of descendants has dropped to 23.84%. Among the 244 active students currently enrolled in the course, the proportion of those with some Japanese background falls to 6.97%. The ongoing shift from teaching Japanese as a heritage language to foreign language instruction, seen since the time of the now-defunct Midori Institute, continues to be a hallmark of Japanese studies in the Federal District.

On the other hand, teacher training from the teaching program has not only equipped the staff of extension programs like UnB Idiomas and Andifes-ISF, but it has also made it possible to teach Japanese in the Inter-School Language Centers (CILs), bringing in freshers with prior knowledge of the language. It is worth noting that, in 2020, out of all the teachers in the 7 CILs, only one was not a graduate of the course.

The impact of course graduates on Japanese language teaching in the Federal District is measurable not only among teachers but also among students. As a metric, it is possible to analyze the number of participants in the JLPT, the Japanese Language Proficiency Test (日本語能力試験). Keeping proportions in mind, according to official data from the Japan Foundation, 5.85 out of every 100 thousand people in the Federal District participated in at least one of the last two editions of the JLPT whose statistics were published (December 2021 and/or July 2022). This is the highest frequency among all units of the federation that administer the exam, followed by Amazonas (2.63 out of every 100 thousand) and São Paulo (2.42 out of every 100 thousand). With the exception of the highest level, N1, where the Federal District comes in second after Paraná (0.25 out of every 100 thousand in Paraná compared to 0.22 out of every 100 thousand in Brazil), the leadership in candidate frequency remains in the other levels, whether advanced, like N2 (0.6 out of every 100 thousand), or introductory, like N5 (2.24 out of every 100 thousand).

Naturally, it is not possible to say that all participants in the Federal District are graduates or have studied with graduates of UnB's Japanese course (or even that they have not come from nearby fields). But, given the course's impact in Brasília and the satellite cities, it is impossible to ignore the role of the teaching program in popularizing the exam, since obtaining approval in this exam is a necessary condition for nomination in the exchange agreements that UnB has with various Japanese higher education institutions. It is achievements like these that strengthen Brasília's status as an important hub for language instruction in the country.

Taking into account everything described above, and what is yet to be written in the history of Japanese language teaching at the University of Brasília, if we could go back in time and tell those present at FUB, the Japan Foundation, and the Embassy of Japan in Brazil about everything that happened after that meeting on March 3rd, 1979, perhaps not even the most optimistic could imagine how far we have come.

References

FEANBRA. Instituto Midori. *In: HAYASHI, S. Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e Cinquentenário da Presença Nipo-Brasileira em Brasília*. Brasília: FEANBRA – Federação das Associações Nipo-Brasileiras do Centro-Oeste, 2008. p. 231-239.

JOKO, A. T. A Área de Japonês da Universidade de Brasília. *In: HAYASHI, S. Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e Cinquentenário de Presença Nipo-Brasileira em Brasília*. Brasília: FEANBRA, 2008. p. 137-139.

JOKO-VELTMAN, I.; TORREÃO, A.; SUGIMOTO, F. M. 1957: Ano 1 da Imigração Japonesa no Distrito Federal. *In: HAYASHI, S. Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e Cinquentenário da Presença Nipo-Brasileira em Brasília*. Brasília: FEANBRA – Federação das Associações Nipo-Brasileiras do Centro-Oeste, 2008. p. 103-110.

OGASSAWARA, A. Dos primeiros tempos até os anos 50. *In: HAYASHI, S. Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e Cinquentenário da Presença Nipo-Brasileira em Brasília*. Brasília: FEANBRA – Federação das Associações Nipo-Brasileiras do Centro-Oeste, 2008. p. 17-39.

CHAPTER 11

History of Agreements in the Japanese Language and Respective Literature Course

Yûki Mukai (UnB)

Marcus Tanaka de Lira (UnB)

According to this year's World University Ranking (Center For World University Rankings, 2023), the University of Brasilia is part of a small but influential group consisting in the top 5% of all universities around the globe. Such degree of excellence stems, in no small part, from the bonds forged by our university with several other top rated higher education institutions, no matter their country of origin. Thanks to its multinational nature, the field of Japanese Language and Respective Literature of the University of Brasilia has, right from the outset, benefited from this cosmopolitan bent.

As described on the first chapter of this book, about the history of the course of Japanese Letters, the very inception of our field in 1979 happened as the fortunate result of a collaboration between the University of Brasilia and the Japan Foundation, mediated by the Embassy of Japan in Brazil. Since then, Brazil and Japan have been linked by the efforts of countless people whose job has been to bridge the gap between the two countries and bring their respective languages and cultures a little closer to one another. Because the creation of the field has been briefly sketched on the chapter about the history of the course, the information therein mentioned will not be repeated here.

To further understand the collaborations that have led to the success of the Japanese Language and Respective Literature program, it is necessary to explain how the university's memoranda with foreign institutions are organized.

University Agreements: A General Explanation

A caveat must be made about the agreements described herein: all memoranda signed by the University of Brasilia are, by their very nature, umbrella agreements valid for all campuses, institutes, departments, and programs. This means that no single agreement can be signed directly with the department, but rather must take into account its position within the structure of the University of Brasilia.

This situation can be explained by the process of signing documents referring to partnership between the university and other institutions. The initiative to sign an agreement may come from a faculty member in the field of Japanese Language and Respective Literature, but the course itself lacks the autonomy to independently sign a memorandum. Initially, one of our professors must submit the proposal to one of the departments in the Institute of Letters, typically the Department of Foreign Languages and Translation (although it may also be submitted to the Department of Literature and Literary Theory, depending on the responsible person for the submission). This ensures that all agreements can, in

fact, be carried out with the assistance of the university administration and that there are no hurdles that may prevent the activities proposed by the agreement.

After approval by our peers, the process may then be forwarded either to the Institute of Letters or, bypassing this step, directly to the Office of International Affairs (INT). The office then also assesses the suitability of the memorandum, analyses whether it complies with the guidelines stipulated by the Federal Attorney's Office at the University of Brasilia, and after all the necessary legal consultations, the request is forwarded to the Office of Research and Innovation. This office publishes the signed instrument, appoints a manager and a substitute manager (usually the individuals responsible for the submission), and then publishes the memorandum in the Official Journal of the Federal Government, the official gazette of the federal government of Brazil. As a result, a path initially blazed by the field of Japanese Language and Respective Literature becomes open to everyone at the University of Brasilia, representing an achievement of dozens of people working together for a common cause.

Also, the opportunities available to our students are far broader than the list of institutions we have partnered with. It is also worth mentioning that our students are encouraged to look for opportunities elsewhere, such as in opportunities offered by the Embassy of Japan in Brazil, the Japan Foundation, and the Japan International Cooperation Agency (JICA), among others. This assistance from Japanese governmental organizations ensures that our faculty and students can always look for new opportunities to expand our horizons.

The Prime Movers

The year of 1999 was a groundbreaking year for the Japanese Language and Respective Literature course. For the first time since its creation, one of its students was appointed by the Japanese Ministry of Education, Science, Sports, Science and Technology (MEXT) for a scholarship in the country. Fausto Pinheiro Pereira, who later joined our faculty (as described in the chapter on the history of our course), after being approved in a local examination carried out by the Embassy of Japan in Brazil, was sent for a one-year language and culture course at the Joetsu University of Education, in the Niigata prefecture, thus spearheading a tendency of students themselves finding higher education institutions where they can carry out their studies. Because these exchange programs are not administered by the University of Brasilia, they will not be herein explained in much more detail, but it is worth noting that these trailblazing students have always played a role in the expansion of our web of relationships.

As a matter of fact, the first agreement kickstarted by our course with a Japanese higher institution was struck thanks to one of these pioneers, albeit not originally from our field. As a matter of fact, concerning the first memorandum signed by a professor of our course, it is quite telling that it was the result of a partnership with a researcher from the fields of international politics and international public health.

While this was happening, MEXT, through the Embassy, was also creating the conditions for us to start building stronger ties with Japanese universities. Years earlier, in 1997, on the recommendation of the then employee of the Embassy of Japan in Brazil, Kyoko Sekino, the graduate in international relations Rodrigo Pires de Campos went to pursue his master's studies at the Graduate School of International Development (GSID) at the University of Nagoya.

Once in Aichi, Rodrigo Pires caught the attention of other professors at the host university, introducing Alice Tamie Joko to HiroYüki Mito, who came from the department of Spanish language at the Faculty of Foreign Languages and Cultures at the University of Nagoya.

Also in 1999, Rodrigo Pires de Campos, a University of Brasilia graduate studying in Nagoya drew the attention of other professors from the host university, thus introducing Alice Tamie Joko to HiroYüki Mito, from the Spanish language department of Graduate School of Foreign Languages and Cultures of Nagoya University. As talks progressed, an exchange scholarship agreement was eventually struck between the two institutions in November of the same year. This was the first such agreement that had our faculty at its helm and the students then enrolled in our course, Valto Cardoso da Silva and Maria Cristina Inatomi, went on to study in Japan shortly thereafter.

From then on, the University of Brasilia has become an important exchange hub, both receiving students from Japan and sending our best and brightest pupils to partner institutions located in the archipelago. Although some data has been lost to time due to changes in how the university keeps track of exchange students and personnel constraints, according to the information gathered for this book chapter, the University of Brasilia has sent more than 50 students to Japanese higher education institutions.

| Destinations for Outgoing Students

In the first few years after the initial MoU led by the Japanese language course was signed, most Japanese language students would often be sent to Japan either on the recommendation of the Embassy of Japan in Brazil, after a selective process involving written tests and oral interviews, or through the direct recommendation of Japanese language professors to the

partner institutions. The latter method was taken to be an exceptional measure due to the short notice opportunities presented by some of the institutions the University of Brasilia had partnered with, making it unfeasible to conduct a more careful selection process. Occasionally, students would also be granted scholarships by the university's International Affairs Office, although candidates who took this path were usually from courses other than the licentiate course in Japanese Language and Respective Literature.

According to the available data compiled by Professor Yüki Mukai, in the last 10 years, 4 students have been sent to Japanese universities by the Embassy of Japan in Brazil, 28 students by the university's International Affairs Office, and 15 times the students were exceptionally nominated directly by a committee of professors from the Japanese Language course, in an initiative called AJAX ("Avaliação do Japonês para Aumento de eXperiências", or "Assessment by the Japanese [Course] for the Broadening of eXperiences" in English). This initiative, initially introduced by Professor Marcus Tanaka de Lira, would recommend students combining the methods utilized by the Embassy of Japan in Brazil, such as interviews and written tests, with the curricular analysis applied by the university's International Affairs Office. This was meant as an intermediate step before handing all the selection processes to the International Affairs Office, which has become the standard as of today, ensuring that students are selected according to objective measures.

Among the Japanese language faculty born in Brazil, as a result of these programs, two of our professors studied in Japan for at least one year – Fausto Pinheiro Pereira, as previously mentioned above, who also did his Master's in the Tokyo University of Foreign Studies, and Kaoru Tanaka de Lira Ferreira, who went on to do her Master's in the University of Nagoya, thus harkening back to the first MoU led by the course. Other Brazilian-born professors, such as Alice Tamie Joko and Kimiko Uchigasaki Pinheiro, also did some teacher training courses in Japan at the Japan Foundation.

Among the 50 or so aforementioned students who studied in Japan, many became language teachers in one of the public Interschool Language Centers (CIL, or "Centros Interescolares de Linguas" in Portuguese), UnB Idiomas – the university's language school, or either teach in the private sector or chose paths other than language instruction, carrying with them the lessons learnt in Japan. The following subsection contains all the information we have about our outgoing students, with some information about the institutions provided by the universities themselves. It is worth noting that it is by no means an exhaustive list due to the problems mentioned heretofore, and some former exchange students might be missing.

| Outgoing students

Students from the University of Brasilia have attended 21 different universities in Japan and participated in 2 distinct programs. One was for language instructors, facilitated by the Japan Foundation, while the other was offered by the Prime Minister's Cabinet Office. Providing further details, the following list is arranged alphabetically, including the name and year of departure whenever a student from our course chose a particular university. Except for Shikoku, these universities are scattered all over the main islands of Japan, thus giving the opportunity for our students to see as many regions of Japan as possible. It must be noted that the information regarding the institutions below were provided by the university themselves. And, in the descriptions below, the expression "undergraduate studies" refer to different types of "Japanese Language and Respective Literature" courses catering to international students.

Doshisha University, often referred to as Dodai, is a prestigious private institution in Kyoto City, Japan. Established in 1875, it stands as one of the oldest private universities in Japan, known for its strong influence in the Kansai region. With around 30,000 students spread across four campuses, Doshisha University is highly selective and holds a prominent position in the academic landscape. In 2014, Douglas Henrique de O. Paiva (2014) spent a year pursuing his undergraduate studies there.

The University of Fukui, abbreviated as Fukudai, is a national institution located in Fukui City, Fukui Prefecture, Japan. Formed in 1949, it emerged from the integration of three national colleges in the region: Fukui Normal School, Fukui Normal School for Youth, and Fukui Technical College. These collectively laid the foundation for this esteemed university. Luis Henrique Torres Pinho commenced his studies at the University of Fukui in 2020, recommended by MEXT, Embassy track, for undergraduate studies.

Gunma University, known by the abbreviation Gundai, is a national university situated in Aramaki-machi, Maebashi City, Gunma Prefecture, Japan. Established in 1949, it was the result of integrating various national colleges in Gunma Prefecture, including Maebashi College of Medical Science, Kiryu Technical College, Gunma Normal School, and Gunma Youth Normal School. In 2015, Marcelo da Cruz Nascimento enrolled at Gunma University, recommended by MEXT, Embassy track, for undergraduate studies.

Hokkaido University, or Hokudai, stands as a cornerstone of academic excellence in Sapporo, Hokkaido. As the fifth Imperial University established in Japan, it was conceived to be the nation's pinnacle of higher education and research. Hokkaido University holds a distinguished position among Japan's top-ranking universities, being ranked 5th in THE Japan

University Rankings (Times Higher Education University Rankings). It was also designated as a “Top Type” university under the Japanese government’s Top Global University Project. In 2015, João Vitor Teixeira Lara Resende joined Hokkaido University, recommended by MEXT, Embassy track, for his undergraduate studies.

In addition to university studies, some of our students have taken courses at the Japan Foundation. These courses were primarily aimed at Japanese language education for instructors, rather than general language learning for students. Among these are George Moroni Teixeira Batista in 2007, Rebeca Barbosa Santos Kelmer, Camila Akemi Nati, and Marcelo da Cruz Nascimento in 2012.

Joetsu University of Education, a national university in Joetsu, Niigata, was, as previously mentioned, the destination of Fausto Pinheiro Pereira who attended Joetsu University of Education in 1999. He was recommended by MEXT, Embassy track, for undergraduate studies.

Josai University, a private institution in Sakado, Saitama, Japan, has been a beacon of learning since its establishment in 1965. Its roots trace back to the foundation of Jōsai Gakuen Middle School, later known as Jōsai High School, in 1918. Founded by Mikio Mizuta, the 17th Minister of Finance, Josai University operates under the Josai University Educational Corporation. In 2013, Leandro Kazuo Okita began studies at Josai University, recommended by MEXT, Embassy track, for undergraduate studies.

Kanda University of International Studies (KUIS) is a private research institution located in Makuhari, Mihama-ku, Chiba, Japan. Established in 1987 as an extension of Kanda Institute of Foreign Languages in Tokyo, KUIS is renowned for its expertise in learner autonomy and international studies. It ranks among the top universities in Japan in this field. In 2016, Gustavo de Souza Cunha Bessoni pursued studies at Kanda University, recommended by AJAX for undergraduate studies. Adam Wallison Teodoro da Silva joined in 2020, also recommended by AJAX for undergraduate studies.

Kobe University, also known as Shindai, is a leading national university nestled in the foothills of Mount Rokkō in Kobe, Hyōgo Prefecture. Founded in 1949, its academic origins trace back to the establishment of Kobe Higher Commercial School in 1902. Over time, it evolved into Kobe University of Commerce and Kobe University of Economics. As one of Japan’s oldest and largest national universities, it enjoys high esteem and ranks among the top in the country. In 2018, Eduardo Nakama and in 2019, Anna Benedicta Gomes de Sousa enrolled at Kobe University, both recommended by AJAX for undergraduate studies.

Kyoto University of Foreign Studies (KUFS) is a distinguished foreign language university located in Kyoto, Japan. Established in May 1945, it has been a hub for linguistic studies and international affairs. In 2020, Alfredo Cardoso Neto commenced studies at Kyoto University of Foreign Studies, recommended by AJAX for undergraduate studies.

Nagoya University, abbreviated to Meidai, is a Japanese national research university located in Chikusa-ku, Nagoya. It was the seventh Imperial University in Japan, one of the first five Designated National Universities and selected as a Top Type university of Top Global University Project by the Japanese government. Nagoya University traces its roots back to 1871 when it was the Temporary Medical School/Public Hospital. In 1939 it became Nagoya Imperial University (名古屋帝国大学), the last Imperial University of the Japanese Empire. Several students from the University of Brasilia embarked on studies here, including Valto Cardoso da Silva (2000), Merlin Calenda di Tavani (2001), Kaoru Tanaka (2002 and 2008), Ernesto Atsushi Sambuichi (2003), Reynaldo Koji Morioka (2005), Violeta Duarte Silva Passos (2005), Liana Luna Ferreira (2006), Maira da Costa Matsui (2007), Vanessa Cristina Zerbinato Velasquez (2008), George Moroni Teixeira Batista (2009 and 2011), Yuri Faulstich (2010), Rafael Maury de Sousa e Silva (2012), Danyella Nunes (2013), Camila Regina F. Pimentel (2014), and Marina Wense Dias Vieira da Silva (2018).

Nanzan University, a private Catholic institution located in Nagoya City, Aichi Prefecture, is considered one of the most prestigious universities in the Chūbu region. Established in 1950, it stands as a coeducational institution operated by the Society of the Divine Word (SVD). Victoria da Silva Sousa joined Nanzan University in 2022, recommended by the International Affairs Office for undergraduate studies.

Oita University, a national institution in Ōita, Ōita Prefecture, Japan, has been a center of learning since its establishment in 1949. In 2004, Edson Teixeira do Nascimento pursued studies at Oita University, recommended by MEXT, Embassy track, for undergraduate studies.

Okayama University, located in Tsushima-Naka, Okayama, Okayama Prefecture, is a national institution with a rich history dating back to 1870. Established as a university in 1949, it has been a beacon of education in Japan. In 2013, Cintia Rios do Nascimento commenced studies at Okayama University, recommended by MEXT, Embassy track, for undergraduate studies.

The Shibaura Institute of Technology, known as Shibaura Kōdai, is a private technological university with campuses in Tokyo and Saitama. Established in 1927, it was initially the Tokyo Higher School of Industry and Commerce before gaining university status in 1949.

The institution has garnered recognition nationally and ranks highly in various university assessments. Notably, most students from the University of Brasilia pursuing exchange studies in Japan, approximately 14 according to our records, gravitated towards Shibaura Institute of Technology, and this trend was particularly pronounced in STEM fields, including engineering and mathematics. There were no students from the Institute of Letters, as far as we are concerned.

Shizuoka University, abbreviated as Shizudai, is a national university in Shizuoka Prefecture, Japan. Founded on May 31, 1949, it brought together several local educational institutions, including Shizuoka High School, Shizuoka Teacher Training Institutes I & II, a Young Teacher Training Institute, and Hamamatsu College of Technology. Initially, only the Education and Engineering faculties were in place. In 2013, Camila Akemi Nati enrolled at Shizuoka University, recommended by MEXT, Embassy track, for undergraduate studies.

Sophia University, a private research institution in Tokyo, Japan, holds a special place in the academic landscape. Established in 1913, it is one of the prestigious Sōkeijōchi universities, a select group of top private universities in Japan, alongside Keio University and Waseda University. Founded by the Jesuits, the university has strong affiliations with the Catholic Church. In 2012, Artur Duarte de Carvalho and in 2017, Caio Luis Dantas de Medeiros joined Sophia University, both recommended by AJAX for undergraduate studies.

The University of Tokyo, affectionately referred to as Tōdai, is a public research university in Bunkyo, Tokyo, Japan. The university was chartered by the Meiji government in 1877 under its current name by amalgamating older government schools for medicine, various traditional scholars and modern learning. It was renamed Imperial University in 1886, and then Tokyo Imperial University in 1897 when the Imperial University system was created, the university was the nation's first Imperial University. In 2013, Flavia Rocha Feijo commenced studies at University of Tokyo, recommended by MEXT, Embassy track, for master's studies.

Tokyo University of Foreign Studies (TUFS) is a specialized research university in Fuchū, Tokyo, with a primary focus on foreign languages, international affairs, and foreign studies. It also houses an institution dedicated to Asia-African studies. The university boasts a rich history, originating from the Institute for Research of Foreign Documents in 1857, which later evolved into the independent Tokyo School of Foreign Languages in 1899. In 2004, Fausto Pinheiro Pereira pursued studies at Tokyo University of Foreign Studies, recommended by Japanese Language and Respective Literature course for master's studies. In 2013, Yuri Cunha Faulstich, in 2017, Juliana Yukari Higa and in 2019 Leticia Naomi Dozono joined TUFS, recommended by MEXT, Embassy track. The first one for his master's studies, and the latter two students for their undergraduate studies.

The University of Tsukuba, a public research institution located in Tsukuba, Ibaraki, Japan, stands as a top 10 Designated National University. It earned the distinction of being ranked Type A in the Japanese government's Top Global University Project. Founded in 1872 and formally established as a university in 1973, it has a strong reputation in Japan's academic community. In 2013, Jaqueline Fukushi commenced studies at Tsukuba University, recommended by JICA (日系人育成事業) for undergraduate studies.

The University of the Ryukyus, abbreviated as Ryūdai, is a Japanese national university in Nishihara, Okinawa Prefecture. Established in 1950, it holds the distinction of being the westernmost national university in Japan and is the largest public university in Okinawa Prefecture. Records indicate that at least one student from the University of Brasilia embarked on studies here.

Wakayama University, or Wadai, is a national university located in Wakayama, Japan, founded in 1949. Ludmila Martins de Oliveira, recommended by AJAX, pursued her studies there in 2018.

Waseda University, affectionately known as Sōdai, is a private research university in Shinjuku, Tokyo. Founded in 1882 as the Tōkyō Senmon Gakkō, it received its present name, Waseda University, in 1902. Our records indicate that at least three students from the University of Brasilia pursued studies here. Valdeilton Lopes de Oliveira enrolled at Waseda University in 2009, recommended by Japanese Language and Respective Literature course for undergraduate studies. In 2018, Carolina Neves and in 2000, Alisson Torreão de Freitas also joined Waseda University, both recommended by Japanese Language and Respective Literature course for undergraduate studies.

Finally, there are also short-term programs funded by the Japanese government, such as "The Ship for World Youth Leaders" operated by Cabinet Office, Government of Japan. This program involves youths from Japan and countries around the world, who study and discuss common issues from a global perspective. They also participate in various activities that involve multi-cultural and multi-national exchange opportunities, aiming to cultivate international awareness and leadership. The program runs for over one month, both onshore and onboard the ship. Lázaro Renan de Souza Viana went in 2014, followed by Naiara Ferreira Martins, also in 2014, and Italo Silva Bernardes and Joyce Rosa Santos in 2015.

| Incoming students and Institutions of Origin

Just as some of Brasilia's most talented students had the opportunity to study in Japan in order to deepen their knowledge about the language and culture as they immerse themselves into the local society, Japanese exchange students have sought Brasilia as a gateway into Brazil and Portuguese language studies.

Although it is quite common for students bound for Brasilia to eventually develop close ties with the faculty of the Japanese Language and Respective Literature course, it must be noted that they come from all sorts of backgrounds, and do not all necessarily come to study the Portuguese language itself. In the last decade there have been students majoring in courses such as arts, economy, and foreign relations. Admittedly, these have been exceptional cases, totaling 6 out of the 65 incoming students we have kept track of in the last 10 years.

This partnership has proven very fruitful for the Department of Foreign Languages and Translation, having since then developed deep bonds with the academic community in our "Little Square" (as the Federal District is affectionately called by its inhabitants).

According to the information we currently have at our disposal, incoming students in the last decade have come from 4 different universities in Japan: Kyoto University of Foreign Studies (29 students), Sophia University (16 students), Kanda University of International Studies (18 students), and Waseda University (1 student). Despite the disruption caused by the COVID-19 pandemic, these numbers show the bonds between University of Brasilia and Japanese higher education institutions remain strong and productive.

| Signed Agreements

The Japanese Language and Respective Literature course has, as of 2023, given support to the signed agreements of the University of Brasilia with the following universities in Japan: Nagoya University, Kyoto University of Foreign Studies, Sophia University, Kanda University of International Studies, Tsukuba University, Kobe University, The University of Ryukyus, Tokyo University of Foreign Studies for courses up to 3 weeks only, Nanzan University, and Kanazawa University.

As general guidelines to apply for a spot, students must be regular University of Brasilia (UnB) students, have completed between 40% and 90% of the course credits (starting from the 5th semester), and have an Academic Performance Index (API) higher than 4.0 (Excellent academic record in a scale that goes up to 5). Additionally, candidates should

demonstrate dedication, commitment, seriousness, and responsibility. They should have at least an N3 level proficiency in the Japanese Language Proficiency Test, except for Nagoya (MEXT), Kanazawa (MEXT), and Tsukuba where an N2 level is required.

It's worth noting that there are other agreements signed by the University of Brasilia, with Graduate School of Engineering of the Hiroshima University, the Japan International Cooperation Agency (JICA), and the Shibaura Institute of Technology. It should also be mentioned that, although the agreement with JICA came to fruition by the hands of the faculty of the Japanese Language and Respective Literature course, the chair administered by the agreement, namely Brasilia's JICA Chair, is administered by the Centre for Asian Studies (NEASIA/CEAM) of the University of Brasilia, as described in the chapter about the history of the field of Japanese language at the university.

| Conclusion

The Japanese Language and Respective Literature course has been a beacon to Asia at the University of Brasilia, reason why there are more agreements signed with Japanese institutions than with any other country in the world's most populous continent. The intense exchange between the two countries is proof that, despite the physical distance, the relentless efforts of the researchers from the licentiate in Japanese Language and Respective Literature course at the University of Brasilia can bridge the gap between the two societies towards a more prosperous and harmonious future.

| References

CENTER FOR WORLD UNIVERSITY RANKINGS. Global 2000 List By The Center for World University Rankings – 2023 Edition. **Center for World University Rankings**, 2023. Disponivel em: <https://www.cwur.org/2023.php>. Acesso em: 17 maio 2023.

ARTIGOS COM OS ESTUDANTES

CAPÍTULO 11

A polícia da memória: uma alegoria aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial

Nátalia Cardozo (UnB)

Kimiko Uchigasaki Pinheiro (UnB)

Introdução

Este capítulo deriva da pesquisa realizada em 2023 no Trabalho de Conclusão de Curso com o título: “Às 8h15 o mundo se despedaça: uma análise de *A polícia da memória*, de Yoko Ogawa, sob a perspectiva da Segunda Guerra Mundial”, que trata das reflexões das análises pelas perspectivas de Paul Ricoeur (2020) sobre as memórias da protagonista do romance escrita por uma autora japonesa contemporânea.

Publicado originalmente em 1994, um ano após a criação do Centro de Pesquisa e Documentação sobre a Responsabilidade de Guerra do Japão, sob o título de *Hisoyakana Kesshō*, *A polícia da memória* chega ao Brasil 27 anos depois, após a tradução em língua inglesa, de Stephen Snyder, ser nomeada finalista do National Book Award for Translated Literature, em 2019.

A polícia da memória, uma história contemporânea escrita por Yoko Ogawa, nos transporta para um mundo em que as memórias e o que elas significam são passíveis de desaparecimento. De acordo com a vontade de um governo opressor e autoritário, as memórias são apagadas e a população, de uma ilha sem nome, é obrigada a se desfazer dos objetos relacionados. Ao mesmo tempo, existem pessoas que não são capazes de esquecer e, por isso, são perseguidas pela polícia secreta e levadas para um lugar desconhecido.

Com um tom sutil e intimista, o livro de Ogawa nos faz refletir sobre a força e a durabilidade da nossa própria memória, e levanta questionamentos sobre a disfunção causada pela falta dela. Essa ilha misteriosa e a fragilidade que a rodeia também nos leva a questionar o funcionamento do mundo: se nossas memórias podem se extinguir, como garantir que os acontecimentos históricos de fato aconteceram? E se de fato aconteceram, podem eles serem moldados de forma a se tornarem outra coisa? Segundo Paul Ricoeur (2020, p. 23), “a experiência temporal e a operação narrativa se enfrentam diretamente, ao preço de um impasse sobre a memória e, pior ainda, sobre o esquecimento.”

Sabemos que a história japonesa, uma das mais antigas do mundo, teve a escrita iniciada a partir da evolução tecnológica ocorrida na China, dando origem aos kanji e, posteriormente, aos seus silabários. Dentre as muitas batalhas vivenciadas por este país, a sua participação na Segunda Guerra Mundial e as consequências enfrentadas pelo arquipélago aparentam estar relacionadas à história de *A polícia da memória*.

Usando a fenomenologia da memória e os acontecimentos históricos como base, este trabalho tem como objetivo principal elucidar a existência de uma alegoria entre o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki e a ocupação estadunidense no Japão com os

personagens anônimos criados por Yoko Ogawa e analisar os pontos que são capazes de sustentar essa tênue relação entre história, memória e esquecimento.

| As histórias: memória e pensamento

O romance, escrito em tom onírico e melancólico, acompanha uma romancista que vive em uma ilha controlada pela polícia da memória. Uma força desconhecida faz com que as pessoas da ilha passem por esquecimentos coletivos e acabem desapegando de objetos e de seus respectivos conceitos. As pessoas imunes a essa força, como a mãe da protagonista, precisam se esconder ou fugir da ilha para evitar serem capturados pela polícia.

R., o editor da protagonista, revela ser um dos que não conseguem esquecer e teme ser levado pela polícia da memória, com a ajuda do velho barqueiro, amigo da família, a protagonista esconde R. em um quarto de sua casa. Durante o seu tempo no esconderijo, ele tenta fazer com que ambos se lembrem de objetos já esquecidos, é também nesse período que a relação entre o editor e a romancista se torna cada vez mais íntima.

A cada objeto desaparecido, a vida na ilha se torna cada vez mais insustentável para as pessoas que o guardam na memória; com o sumiço dos calendários, o inverno continua rigoroso e a primavera parece cada vez mais distante. As frutas desaparecem e a comida se torna escassa. Os habitantes, incluindo a protagonista, começam a desvanecer de suas próprias existências enquanto aceitam seu desfecho.

[...] o desfecho que nos aguarda a todos, que nós, habitantes da ilha, pressentimos, mas do qual não falamos; que nós, no começo, não tínhamos, e do qual não nos preocupamos em escapar. Todos nós compreendemos bem a real natureza dos sumiços, e adotamos conscientemente a atitude que nos pareceu melhor para fazer frente a esse fim (Ogawa, 2021, p. 309).

E então, silenciosamente e sem deixar vestígios, eles são absorvidos. É assim que R. e os outros moradores que conseguem ter acesso às suas memórias se veem livres para reencontrar o mundo exterior.

A polícia da memória, organização secreta responsável pela regulação da ordem na ilha, é descrita como sendo composta por “caçadores de memórias”, cuja principal missão “era levar a cabo o processo de desaparecimento.” Na vida real, existiu a *Tokubetsu Kōtō Keisatsu*, doravante chamada de *Tokkō*, uma força policial da marinha japonesa, criada no período pré Primeira Guerra Mundial, para investigar grupos políticos e ideológicos

considerados capazes de ameaçar a ordem pública. Chamada de a “polícia da paz”, a *Tokkō* era popularmente conhecida como “polícia do pensamento.”

Em *A polícia da memória*, é esclarecida que “[...] não se deve chamar a atenção dos caçadores de memórias. Isso pode arrumar problemas para o nosso lado, pareciam dizer. Todos têm medo da polícia secreta” (p. 31) e mais adiante, há a informação velada sobre os métodos que a polícia secreta poderia usar para realizar os seus intentos. “- Para os dirigentes, em uma ilha onde tudo aos poucos vai sumindo, o simples fato de haver algo que não some é prejudicial... é... inadmissível. Então se as memórias não somem por bem, somem por mal...” (p. 35).

Sendo comparada por alguns historiadores, a GPU da União Soviética e a Gestapo da Alemanha nazista, o que faz com que, neste caso, os *Tokkō* pode ser considerada um elemento do fascismo japonês, também podemos ver o método de abordagem da polícia secreta escrita por Ogawa como uma contraparte da vida real:

As batidas da caça à memória estavam cada vez mais violentas. Ninguém mais recebia intimações com antecedência, como nos tempos da minha mãe. Eram sempre operações-surpresa. Os caçadores de memórias conseguiam abrir qualquer porta e levavam armamento pesado. Pisoteavam as casas invadidas em busca de aposentos secretos. Investigavam nas despensas, debaixo das camas, atrás dos roupeiros. Quando achavam um esconderijo, arrastavam para fora os fugitivos. Também aqueles que ajudaram a acobertar os refugiados iam presos nos caminhões (p. 80).

Dessa forma, podemos observar que os caçadores de memórias já estavam treinados para conseguir feitos semelhantes ao dos soldados armados na busca de eliminação de inimigos, e de controles na população. Além disso, neste ponto não podemos deixar de lado a admiração e inspiração que Ogawa tem pelo *Diário de Anne Frank*. Em entrevista dada ao *The Sydney Morning Herald*, Ogawa (2019, tradução própria) diz:

O coração e a mente de Anne eram tão ricos, seu diário provou que as pessoas podem crescer mesmo em uma situação tão confinada. E escrever pode dar liberdade às pessoas. [...] Eu queria digerir a experiência de Anne à minha maneira e depois recompô-la em meu trabalho¹⁶.

16 No original: “Anne’s heart and mind were so rich, her diary proved that people can grow even in such a confined situation. And writing could give people freedom. [...] I wanted to digest Anne’s experience in my own way and then recompose it into my work.”

A fala de Ogawa sobre a experiência de Anne pode nos ajudar a compreender de que forma os acontecimentos da história japonesa foram introduzidos na sua escrita, uma vez que o Diário se trata de uma narrativa real e por essa razão também nos ajudou a compreender determinado ponto de vista sob um acontecimento histórico.

Para Aristóteles, a memória é do passado e nesse sentido se caracteriza por ser uma afecção, algo que pode aumentar ou diminuir a nossa potência enquanto corpos que se relacionam com outros corpos, o que por si só a distingue de uma recordação, que seria uma simples presença no espírito, que pode “ser considerada como neutra ou não marcada, na medida em que se diz que a lembrança sobrevém como presença do ausente” (Ricoeur, 2000, p. 55).

Ao mesmo tempo, imaginar as coisas sumidas era um trabalho difícil. O objeto repousado na palma da minha mão parecia um animalzinho a hibernar — enroscadinho, imóvel, silente. Não me transmitia nenhum sinal. Eu me via tomada por uma sensação de impossibilidade, como alguém que tentasse reproduzir com argila a forma das nuvens que boiam no céu (Ogawa, 2021, p. 11).

No trecho anterior, podemos notar a presença tanto da falta de uma memória quanto da presença de uma lembrança. A protagonista, ao mesmo tempo que se lembra de sua mãe lhe mostrar objetos esquecidos e lhe explicar o que eram e para o quê serviam, não possui nenhuma memória desses mesmos objetos e justamente por isso, na mesma página, é dito que eles lhe “remetiam a nomes de meninas estrangeiras, ou de plantas desconhecidas”.

Já com relação aos objetos de que ela possuía memórias, mas que passaram pelo sumiço da ilha, como, por exemplo, as fotografias, podemos ver os sentimentos da personagem com relação a eles, nos seguintes trechos:

Eu estava pronta para juntar todas as fotografias que tinha em casa (inclusive a de minha mãe que estava no porta-retratos em cima da lareira) e queimá-las no jardim, mas R. insistiu que eu não fizesse isso.

— As fotografias servem para guardar as suas memórias. São um bem insubstituível. Se vocês queimá-las, não tem mais volta. Não faça isso.

— Não tem nada que eu possa fazer. O sumiço já aconteceu.

— Sem as fotos, como você vai se lembrar do rosto de seu pai e de sua mãe?
— perguntou, com uma expressão séria.

— O que desaparece é a fotografia, não é meu pai nem minha mãe. Claro que não vou esquecer o rosto deles. [...] Eu adorava minhas fotos. Cada vez que olhava

para elas, ressuscitavam minhas mais queridas lembranças. Sentia saudades, tristeza, um aperto no coração... As fotografias eram a bússola mais confiável que eu tinha para andar na floresta das minhas lembranças. Mas agora preciso renunciar a tudo isso. É desolador e doloroso perder essa bússola, mas não sou capaz de impedir um sumiço (Ogawa, 2021, p. 113).

Para a fenomenologia da memória, essa diferenciação “diz respeito à ausência de referência expressa à marca distintiva da memória, isto é, à anterioridade das “marcas” [...] nas quais se significam as afecções do corpo e da alma às quais a lembrança está ligada” (Ricoeur, 2000, p. 31).

Para o velho balseiro e a protagonista, que são personagens atingidos pelo lapso de memória que afeta a ilha, não há familiaridade com os objetos esquecidos. Pelo contrário, para eles, há uma imensa dificuldade em lidar com as coisas sumidas, mesmo quando faziam parte de seu cotidiano, como os romances. No trecho a seguir, veremos o que estes personagens dizem sobre suas tentativas de rememoração:

— Estou me esforçando, mas por enquanto não deu em nada.

— É claro. É muito difícil lidar com uma coisa que sumiu. Para ser sincero, cada vez que eu dou corda nesta caixinha, fico com um sentimento de vazio. Quando a tiro do armário, tento me convencer de que, desta vez, vai acontecer algo diferente, mas sempre sou traído pelas minhas expectativas. Só que como R. me deu este presente com todo o carinho, cumprio diariamente o meu dever de ouvir a melodia.

— Eu também olho para a folha em branco em cima da escrivaninha e fico sem saber o que fazer depois. Não sei onde estou nem para onde devo ir. Sinto-me como se tivesse sido abandonada no meio de uma profunda névoa. Às vezes experimento bater à máquina, para ver se vem alguma inspiração. Estou com uma máquina que peguei emprestada da firma. Deixo-a sempre na escrivaninha. Fico um bom tempo olhando para ela. É um objeto atraente. Complexo, cheio de detalhes, mas tem uma beleza delicada... como um instrumento musical. Quando empurro a alavanca, presto atenção no som das molas, na esperança de que me venha alguma ideia relacionada ao romance... (Ogawa, 2021, p. 226-227).

Quando pensamos na oposição entre hábito e memória, notamos que o hábito, no que se refere à reflexividade, é um ato efetuado sem que, em tese, precisemos fazer esforço, o que não ocorre com nenhum dos dois personagens, mas principalmente com a protagonista,

que, por ser romancista, não deveria precisar fazer esforço para se lembrar de como ocorre o ato de escrever um romance. Já com relação à memória e ao ato de, conscientemente, rememorar, o objeto a ser rememorado deve estar no passado, desprendido e longe de nossa percepção, e este é o motivo pelo qual o velho balseiro não consegue se conectar emocionalmente com a caixinha de música: ele não possui memórias acerca dela.

O esquecimento é indissociável à memória, mas pode, sob alguns aspectos, ser um de seus inimigos, uma inquietante ameaça que se mantém no plano de fundo de sua fenomenologia, ao mesmo tempo em que a memória, também apenas sob alguns aspectos, pode ser definida pela luta contra o esquecimento.

Ricoeur utiliza duas grandes figuras para definir o esquecimento profundo: o esquecimento por apagamento de rastros e o esquecimento de reserva. A primeira leva ao esquecimento definitivo e sendo este o pressuposto do estudo sobre o livro analisado, trataremos apenas dela. Além disso, trataremos o rastro como sendo “o correspondente mental (ou psíquico) do cortical em termos de representações e de imagens, entre as quais as imagens mnésicas” (Ricoeur, 2000, p. 428). Assim consideramos a fenomenologia e a neurologia, que estão relacionadas.

A neurologia, enquanto clínica, aborda o esquecimento no limiar das disfunções e distorções da memória, deixando-o majoritariamente associado ao envelhecimento ou à morte do corpo, sendo este o corpo objetivo, o corpo físico ou o corpo-objeto. A problemática biológica e médica eleva o esquecimento à amnésia e ignora o esquecimento comum.

O esquecimento comum está, sob esse aspecto, do mesmo lado silencioso que a memória comum. Esta é a grande diferença entre o esquecimento e as amnésias de todos os tipos sobre as quais é fértil a literatura clínica. Mesmo a infelicidade do esquecimento definitivo continua a ser uma infelicidade existencial que convida mais à poesia e à sabedoria do que à ciência. E, se esse esquecimento tivesse uma palavra a dizer no plano do saber, seria para questionar novamente a fronteira entre o normal e o patológico (Ricoeur, 2000, p. 435).

A memória, a princípio, parece ser unicamente singular: não se pode transferir memórias de uma pessoa para outra e as minhas lembranças não são as suas. Até o século XX, acreditava-se que ela era regida exclusivamente por leis biológicas, mas o sociólogo Maurice Halbwachs trouxe junto ao estudo da memória o fator social, mostrando que existe uma relação íntima entre a memória individual e a do coletivo.

Em *A polícia da memória*, o esquecimento é um dano sentido através da análise direta de que o trauma causado através de uma patologia da memória, que aqui pode ser considerada uma amnésia, se refere a um trauma e consideramos que existe uma grande ferida da memória coletiva através da fragilidade do corpo-objeto, logo, a fragilidade da memória enquanto experiência temporal, e da identidade.

Aquilo que celebramos como acontecimentos fundadores são essencialmente atos violentos legitimados posteriormente por um estado de direito precário. A glória de uns foi humilhação para outros. À celebração, de um lado, corresponde à execração, do outro. Assim se armazenam, nos arquivos da memória coletiva, feridas simbólicas que pedem uma cura (Ricoeur, 2000, p. 92).

Hoje, pouco mais de meio século depois dos acontecimentos históricos de guerras, ainda conseguimos observar sequelas da complexidade de interações que ocorrem entre os “vencedores” e os “vencidos”. O Japão que conhecemos é a consequência da reestruturação pela qual o país se viu obrigado a passar depois da Segunda Guerra Mundial e apesar do surgimento de um mundo conservador após a guerra, os ideais de paz e democracia chegaram ao Japão não como um ideal emprestado ou uma visão imposta pela ocupação estadunidense, mas como experiências vividas e oportunidades aproveitadas. “Certamente, há muito a ser aprendido do mundo visto pelos olhos dos derrotados – não apenas sobre miséria, desorientação, cinismo e ressentimento, mas também sobre esperança, resiliência, visões e sonhos”¹⁷ (Dower, 1999, p. 24, tradução própria).

As feridas simbólicas pelas quais o povo japonês passou ainda estão abertas, no tocante às ameaças nucleares que o mundo constantemente sofre, e continuam propensas ao luto e à melancolia. Apesar de não ser o foco do presente trabalho, é através do trabalho de Ricoeur e de Sigmund Freud (1917) que percebemos que o trabalho do luto e o trabalho da lembrança estão imbricados e juntos, através da memória coletiva, adquirem seu sentido pleno. O tratamento de feridas do amor-próprio nacional justifica o luto por um amor perdido, e uma memória igualmente ferida se torna mais propensa a perdas. “A amnésia histórica relativa a crimes de guerra naturalmente assumiu formas particulares no Japão, mas os padrões de lembrança e esquecimento são mais significativos quando vistos no contexto mais amplo da memória pública e da criação de mitos em geral”¹⁸ (Dower, 2000, p. 30, tradução própria).

17 No original: “Certainly, there is much to be learned from the world as viewed through the eyes of the defeated--not only about misery, disorientation, cynicism, and resentment, but also about hope, resilience, visions, and dreams.”

18 No original: “Historical amnesia concerning war crimes has naturally taken particular forms in Japan, but the patterns of remembering and forgetting are most meaningful when seen in the broader context of public memory and myth-making generally.”

Assim como o arquipélago japonês teve que se reestruturar no pós-guerra, a ilha apresentada no livro também passa por uma “reconfiguração de sociedade”¹⁹ (Colombo, Pamela; Schindel; Estela, 2014, p. 4, tradução própria), ou seja, uma reconfiguração espacial, muitas vezes motivada pela violência patrocinada pelo Estado que possui como característica principal o não deixar vestígios visíveis. O governo autoritário apresentado no romance possui recursos tecnológicos que viabilizam o desaparecimento forçado dos objetos e de pessoas, além de um instituto de pesquisa que, teoricamente, faz um mapeamento de consciência para distinguir a fragilidade da memória dos moradores, como podemos ver nos trechos a seguir:

— Ainda não passa de um boato, mas ouvi dizer que eles descobrem quem tem consciência especial por análise cromossômica. Os técnicos responsáveis pelo sequenciamento do DNA estariam sendo treinados em laboratórios de universidades. [...] Ainda que a aparência dos suspeitos não revele características comuns, seria possível, mediante uma análise genética aprofundada, identificar quais deles desenvolveram uma consciência diferente (Ogawa, 2021, p. 34).

E mais adiante, quando somos apresentados ao professor Inui, que é dermatologista e professor em uma universidade:

— Intimação para comparecer ao Instituto de Pesquisa em Genética. [...] Ninguém sabe onde fica, que cara tem o prédio. Mas sabemos mais ou menos o que eles fazem lá. Declaradamente, é um instituto de pesquisa para novas terapias, mas, na verdade, é um braço da polícia secreta que forma novos caçadores de memórias. Querem usar minha pesquisa para detectar pessoas que não esquecem (Ogawa, 2021, p. 42).

O governo autoritário subjuga a mente dos habitantes e os reprime através de mudanças políticas, socioculturais e tecnológicas. A memória é inegavelmente importante para recuperar informações, lembrar experiências do passado, reconhecer o mundo que nos cerca, mas, mais que isso, sem memória não poderíamos nem mesmo aprender a andar. O estado de repressão de memórias encontrado na ilha construída por Ogawa, podemos identificar, além de distorção da percepção de realidade ao deixar os habitantes em constante estado de impotência, também parece nos apresentar uma teia costurada por traumas.

Um trauma não é definido pelo evento violento e original que ocorreu na vida do indivíduo, mas sim pela forma pelo qual ele retorna para assombrar o sobrevivente mais

19 No original: “reconfiguration of society”.

tarde. Quando vivenciamos uma situação opressiva e angustiante, é a nossa reação diante desses acontecimentos que define o trauma. Quanto mais vivemos, mais traumas vivenciamos. Em *A polícia da memória*, o trauma afeta e se instala em vários âmbitos da vida dos personagens, e podemos acompanhar isso nas sensações de vazio, adormecimento, ansiedade e lapso mental que ocorrem com a narradora enquanto as outras pessoas parecem silenciosamente concordar com seus destinos. Aqui, o silêncio e o esquecimento são ferramentas estratégicas para metaforizar o trauma e a perda.

As cerimônias solenes realizadas, sem explosões emocionais ou protestos, após o desaparecimento dos objetos, mostram o entorpecimento da dor e a sensação de perda. Os personagens se reúnem para descartar os objetos esquecidos e fingem que nada aconteceu, mesmo que tenham acabado de passar por uma perda e sintam seus corações cada vez mais vazios. Há solidão e talvez haja arrependimento, mas eles consolam-se uns aos outros.

A noção de objeto perdido encontra uma aplicação direta nas “perdas” que afetam igualmente o poder, o território, as populações que constituem a substância de um Estado. As condutas de luto, por se desenvolverem a partir da expressão da aflição até a completa reconciliação com o objeto perdido, são logo ilustradas pelas grandes celebrações funerárias em torno das quais um povo se reúne. Neste aspecto, pode-se dizer que os comportamentos de luto constituem um exemplo privilegiado de relações cruzadas entre a expressão privada e a expressão pública (Ricoeur, 2000, p. 92).

Entretanto, nesta ilha, não há reconciliação com os objetos perdidos. Muito pelo contrário, cada sumiço torna a vida um pouco mais difícil e puída, como um trapo que não tem remendo.

O parágrafo apresentado acima também poderia ser utilizado para falar da situação japonesa após a rendição. Dower (1999), ao explorar as subculturas dos povos devastados, nos mostra o movimentado mundo da prostituição: a exploração sexual como forma de fomentar o afeto inter-racial e arrefecer os estereótipos raciais e também o mercado negro, um símbolo de vergonha nacional, um canal para os novos valores estadunidenses de luxo, hedonismo e materialismo, e também uma base para gangues criminosas. Mas mais que isso, o mercado negro construído no pós-guerra também foi considerado um símbolo do fracasso do governo japonês em prover alimentos e qualidade de vida para a população para uma visão europeia e norte-americana. E também como reflexo do mercado financeiro pós-guerra que, inflacionado, provocou escassez de alimentos e gerou um período de

fome. Num momento de riquezas destruídas a níveis mundiais e com a vergonha nacional pairando sobre a terra do sol nascente, “ninguém pensou em economizar para o futuro. Afinal, não havia futuro claro além, ao que parecia, da inflação desenfreada sem fim”²⁰ (Dower, 2000, p. 145, tradução própria).

A prostituição, o mercado negro e toda decadência do país provocados pelos Estados Unidos não foram as únicas coisas que o Japão enfrentou juntamente à ocupação, naquele momento:

O Japão não tinha soberania e, portanto, nenhuma relação diplomática. Nenhum japonês tinha permissão para viajar para o exterior até que a ocupação estivesse quase terminada; nenhuma grande decisão política, administrativa ou econômica era possível sem a aprovação dos conquistadores; nenhuma crítica pública ao regime americano era permitida²¹ (Dower, 1999, p. 23, tradução própria).

O plano político criado pelos Estados Unidos “garantia” que o povo japonês não seria escravizado ou destruído enquanto nação, mas suas diretrizes “norteadoras” poderiam estipular uma política de “reeducação” que incorporavam “uma poderosa noção emergente entre os burocratas políticos, a saber, que as autoridades da ocupação deveriam se engajar ativamente na tentativa de alterar a psicologia do povo japonês” (Dower, 2000, p. 74, tradução própria). Essa política de reeducação exigia a promoção ativa dos objetivos estadunidenses em toda a mídia, além do controle e censura da imprensa japonesa como um todo.

A hecatombe das cidades de Hiroshima e Nagasaki, uma tragédia nacional e mundial, “tornaram-se ícones do sofrimento japonês – tesouros nacionais perversos, de certa forma, capazes de fixar a memória japonesa da guerra naquilo que aconteceu com o Japão e simultaneamente apagar a lembrança da vitimização japonesa de outros”²² (Dower, 1996, p. 123, tradução própria). Ao mesmo tempo, a censura imposta pela ocupação estadunidense fez com que “aceitar publicamente a morte, a destruição e a derrota fosse mais problemático”. Aqui, a censura poderia impedir expressões razoáveis e terapêuticas de pesar²³ (Dower, 1999, p. 414, tradução própria). Assim, ainda segundo Dower (1996), isso levou os *hibakusha*

20 No original: “No one had any thought at all about saving for the future. After all, there was no clear future beyond, it appeared, endless runaway inflation.”

21 No original: “Japan had no sovereignty and accordingly no diplomatic relations. No Japanese were allowed to travel abroad until the occupation was almost over; no major political, administrative, or economic decisions were possible without the conquerors’ approval; no public criticism of the American regime was permissible.”

22 No original: “[...] became icons of Japanese suffering – perverse national treasures, of a sort, capable of fixating Japanese memory of the war on what happened to Japan and simultaneously blotting out recollection of the Japanese victimization of others.”

23 No original: “Coming to terms publicly with death, destruction, and defeat was more problematic. Here, censorship could impede reasonable and therapeutic expressions of grief.”

a um estado em que “eles não podiam lamentar publicamente, não podiam compartilhar suas experiências por meio de palavras escritas, não podiam receber aconselhamento público e apoio”²⁴ (p. 127, tradução própria).

Nessas circunstâncias, os sobreviventes das bombas acharam extremamente difícil buscar consolo uns nos outros ou contar aos outros o que a guerra nuclear significava no nível humano. Além disso, a censura aberta estendeu-se aos escritos científicos. Muitos relatórios sobre os efeitos das explosões e da radiação resultante não puderam ser divulgados até os últimos meses da ocupação. Por mais de seis anos, cientistas e médicos japoneses e até mesmo alguns cientistas americanos, em Hiroshima e Nagasaki, que estavam conduzindo pesquisas sobre os efeitos da radiação, tiveram acesso negado a dados que poderiam tê-los ajudado a se comunicar e ajudar vítimas de bombas atômicas²⁵ (Dower, 2000, p. 414, tradução própria).

Como resultado da negação do sofrimento das vítimas estrangeiras e dos *hibakusha*, o Japão se viu em um momento de manipulação da história nacional para negar e alterar seu passado. Esse modo de funcionar corresponde à descrição do trabalho realizado pela polícia secreta, feita por um funcionário do alto escalão na hierarquia:

— Nossa principal missão é promover os desaparecimentos de forma rápida e apagar as memórias associadas às coisas que sumiram, quando elas não são mais necessárias. Não é prudente ficar guardando memórias inúteis do passado. A senhorita não acha? Se o dedão do pé gangrena, ele deve ser extirpado sem demora. Do contrário, o paciente pode perder a perna inteira. Com as memórias é a mesma coisa. No entanto, as lembranças e o coração humano não têm forma nem substância. As pessoas são capazes de guardar memórias em segredo. Como nosso trabalho é lidar com o intangível, precisamos proceder com muita sensibilidade. É um trabalho de grande sutileza, de grande delicadeza. Precisamos localizar segredos impalpáveis, analisá-los, selecioná-los e dar-lhes um destino adequado (*idem*, p. 126).

24 No original: “could not share their experiences through written word, could not be offered public counsel and support”.

25 No original: “In these circumstances, survivors of the bombs found it exceedingly difficult to reach out to one another for comfort, or to tell others what nuclear war meant at the human level. Beyond this, overt censorship extended to scientific writings. Many reports concerning the effects of the blasts and ensuing radiation could not be made public until the closing months of the occupation. For over six years, Japanese scientists and doctors and even some American scientists in Hiroshima and Nagasaki who were conducting research on radiation effects were denied access to data that might have assisted them in communicating to and helping atomic-bomb victims.”

Nesse sentido, a existência dos *hibakusha* foi ostracizada, cortada da sociedade como um dedo do pé gangrenado. Ao mesmo tempo em que “para a grande maioria das pessoas comuns, era emocionalmente impossível aceitar a morte de familiares e conhecidos ou seu próprio sofrimento como uma retribuição merecida”²⁶ (Dower, 1999, p. 415, tradução própria), outros ficaram felizes em esquecer dos sobreviventes nucleares, afinal, eles “eram lembranças deformadas de um passado miserável”²⁷ (Dower, 1996, p. 128, tradução própria).

Foi só depois da morte do imperador Hirohito, que governou durante a Segunda Guerra Mundial, e a subida de Akihito ao poder, em 1989, que houve mudança no pensamento cultural japonês, como, por exemplo, a decisão de usar a literatura relacionada à bomba atômica como material educativo para as gerações mais jovens, que não vivenciaram a guerra. Relativamente mais importante que isso: o Japão se entendeu como vítima e conseqüentemente, a cidade de Hiroshima, agora reconstruída, se tornou um símbolo de paz e o símbolo incontestável do renascimento dos japoneses. Neste momento, o abandono da negação, a aceitação da responsabilidade das partes envolvidas com relação aos acontecimentos e sobretudo, os pedidos de desculpa, tornaram-se símbolos da abertura de uma nova era para o Japão.

Quando olhamos os estudos mais detalhados com relação às conseqüências psicológicas sofridas pelos *hibakusha*, notamos uma sensação de esvaziamento da vida, chamada pelo médico responsável de “morte em vida”:

Eles viram tantas pessoas morrendo em agonia e gritando por socorro e pedindo um gole d’água, mas tiveram que ignorá-los para sua própria sobrevivência. Seu dano psicológico foi tão grave que quase todos os sobreviventes encontraram o sentimento negativo de ‘também estamos mortos, embora ainda vivos’. Eles também sentiram que ‘perdemos nossa humanidade; nós cometemos um pecado’²⁸ (Lifton, 1991, tradução própria).

Esse sentimento também pode ser encontrado na protagonista e se intensifica a cada sumiço experienciado dentro da ilha. Em uma de suas primeiras conversas sobre os objetos esquecidos com R., antes ainda do esconderijo, já notamos que, apesar de se tratar

26 No original: “To the great majority of ordinary people, it was in any case emotionally impossible to accept the death of family and acquaintances or their own suffering as being deserved retribution.”

27 No original: “were deformed reminders of a miserable past.”

28 No original: “They saw so many people dying in agony and screaming for help and asking for a sip of water. But they had to ignore them for their own survival. Their psychological damage was so severe that almost all the survivors encountered the negative feeling of “we are also dead although still alive”. They also felt that “We lost our humanity; we committed a sin.”

majoritariamente de uma lembrança de sua mãe, quando ela reflete sobre a sua própria memória, essa reflexão carrega um pesar que é percebido e consolado pelo seu editor:

— Eu acho que sim. Minha mãe punha a pedra no dedo e ficava olhando para ela sob a luz do luar. Mas digo isso levando em consideração a reação dela, porque, para mim, aquilo não tinha significado nenhum. Não me lembro de sentir nenhuma emoção: não achava lindo, não achava que ficava bem no dedo de minha mãe, não desejava ter uma coisa daquelas. Lembro que era uma coisa fria ao toque. Diante deste móvel, minha memória é como o bicho-da-seda que dorme em seu casulo.

[...]

— Não há do que se desculpar. É muito difícil se lembrar das coisas que sumiram (p. 79-80).

Já dentro do esconderijo, a protagonista se sente mais segura para pensar acerca do seu próprio esquecimento e os sentimentos que ele lhe causa. Analisando esses momentos, notamos que o pesar verificado anteriormente, bem como a sensação de vazio de seu coração, se intensifica a cada desaparecimento da ilha. Esses sentimentos são confidenciados a R., que, como podemos ver no trecho a seguir, vive a experiência oposta à da narradora com relação ao estado de seu coração, mas ainda assim se torna o guardião das memórias e seu consolador.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Qual é a sensação de nunca se perder nenhuma memória?

Ele arrumou os óculos e segurou a garganta.

— Que pergunta difícil.

— Você não fica com o coração transbordando, lotado de coisas?

— Não, isso não acontece. O coração humano não tem limite de capacidade. Ele aceita coisas de todos os tamanhos e formas, na quantidade que for.

— Então você tem guardadas intactas no coração todas as coisas que já sumiram desta ilha?

— Não sei se intactas. As memórias não são algo que se acumule simplesmente. Elas vão se transformando, mudando de lugar com o tempo, desaparecendo aos

poucos. Claro, a forma como as coisas desaparecem da sua memória, quando há um sumiço, é completamente diferente.

— Qual é a diferença? — perguntei, mexendo nas unhas.

— As minhas memórias não são, por assim dizer, arrancadas com raiz e tudo. Mesmo as coisas esquecidas deixam algum traço em algum lugar do coração. Como pequenas sementes. Se algo as desperta, voltam a crescer. Mesmo quando a memória em si desaparece, ela deixa em seu lugar alguma coisa: um tremor, uma dor, um prazer, uma lágrima.

Ele escolhia cuidadosamente as palavras — como se cada uma fosse investigada pela língua, antes de sair pelos lábios.

— A julgar pelos seus romances, não consigo imaginar seu coração como um oco cheio de buracos.

— É cada vez mais difícil escrever romances nesta ilha. Cada vez que há um sumiço, sinto como se as palavras fossem se distanciando rapidamente. Acho que só consegui continuar até agora porque você se lembra das coisas e me ajuda a escrever (p. 98-99).

Há certa impessoalidade na relação entre a escritora e o editor até que, numa espécie de rompante emocional, causado pela visita dos Inui e pelo medo da polícia secreta, a escritora decide esconder R. em sua casa. No começo, pela incerteza da conexão, conforme dito acima, há relutância em aceitar a ajuda oferecida e algum tempo depois, é perceptível o estreitamento dessa relação.

O resultado de seu relacionamento com R. juntamente com o contato próximo com suas emoções, até então guardadas dentro de seu coração, fazem com que a narradora questione tanto a sua vontade com relação ao lembrar e ao esquecer, quanto os acontecimentos que a cercam. Antes do esconderijo, os questionamentos referentes à polícia secreta são apenas com relação à distinção entre as pessoas que passam pelo apagamento de memórias e as imunes a este sofrimento, mas a partir do momento em que ela e o velho balseiro se propõem a esconder R., o *modus operandi* e a eficácia dele também passam a ser questionados.

Esse questionamento é acompanhado por uma contradição de sentimentos: apesar de ter R. e pensar que “o sumiço de uma coisa não é digno do estardalhaço que a polícia secreta faz”, uma vez que “a maioria das coisas desaparece ao queimar” (p. 160), a protagonista é pega constantemente pensando sobre querer que R. esqueça ou que, ao menos, consiga entender a intensidade dos sumiços aos quais ela e o velho são expostos:

— Você quer se lembrar das coisas que perdeu?

— Não sei. Na verdade, não sei nem do que exatamente eu devia me lembrar. Quando uma coisa me some, o sumiço é completo. Não fica nada para trás. Tenho de continuar vivendo com um coração oco, cada vez com mais buracos. (p. 99)

— Sim, é. Será que em uma noite como esta está ocorrendo alguma operação de caça às memórias? As memórias não se apagam no frio da neve?

— Claro que há caça às memórias. As memórias são mais resistentes do que você imagina. Os corações que não esquecem também são resistentes.

— É mesmo?

— Você parece decepcionada.

— Sim, porque se houvesse uma maneira de ajudar você a esquecer, você não precisaria estar aí preso.

— Ah, entendi.

A voz dele era um murmúrio, um suspiro (p. 130).

Ao longo do livro, conseguimos ver uma escalonada de sentimentos, até o momento que a narradora, também assombrada pelo luto do que representa a sua figura paterna, desiste de lutar contra o esquecimento e aceita sumir por completo, indo contra o pedido de R. e assim passando pela morte em vida, em que seu corpo, apesar de ainda poder ser tocado, desvanece junto com seu espírito.

R., enquanto guardião das memórias, representa a parcela da população japonesa que não acatou os sentimentos e as ordens de quem estava no poder durante o pós-guerra japonês. O capítulo final, em que mais do que as pernas esquerdas, mas os corpos como um todo somem da ilha, representa a abertura dessa nova era. R., enquanto personagem que rompe com a realidade apresentada ao ponto de sua própria existência ser censurada, acaba por se tornar o verdadeiro protagonista dessa ficção.

A semelhança entre a polícia secreta e o pensamento japonês durante o pós-guerra podem mostrar a obsessão por memórias seletivas que fazem jus somente ao que convém, um comportamento que nos leva ao esquecimento comandado (anistiado) de histórias e de memórias, o desaparecimento de pessoas e do que elas, enquanto seres humanos, representam. O trabalho de Ogawa nos mostra o retorno e a valorização de um passado esquecido, a prova de que alguns esquecimentos representam a morte do saber.

Conclusão

A história japonesa, infelizmente, marcada por catástrofes, contempla o principal aspecto teórico dessa pesquisa e a partir dela podemos conhecer a alegoria feita por Yoko Ogawa e nos aprofundarmos na importância dos *hibakusha* para a história presente e a que ainda está por vir. Com a literatura feita por Ogawa e as lentes importadas da fenomenologia da memória e, principalmente, da memória histórica, também analisamos a representação dos traumas e das perdas pelas quais o Japão passou.

O antropoceno, época geológica em que vivemos, é marcado tanto pelos bons quanto pelos maus impactos que a humanidade tem causado. No entanto, os conflitos, as guerras e as hecatombes movidas pelo ódio e pela ganância não deixam marcas apenas no corpo terrestre, muito pelo contrário, acompanham as vítimas e seus familiares como um fantasma sempre à espreita, seja em forma de trauma, de relatos da sobrevivência ou de pesar. No caso dos sobreviventes japoneses, o fantasma tem sido constantemente moldado ao formato de arte e de luta por um mundo de paz, sem armas nucleares, sem nenhum tipo de armas, precisamos de vidas.

Hoje estamos entrando numa época do mundo em que não teremos sobreviventes para relatar e nos fazer refletir sobre as consequências de um mundo em conflito e com armas nucleares ao alcance da mão. Por esse motivo, é vital que sigamos o exemplo japonês e que usemos a literatura e tudo mais que seja possível, para que a nova geração não siga os mesmos passos das gerações passadas.

Ricoeur (2020, p. 17) apresenta uma preocupação pública: “perturba-me o inquietante espetáculo que apresentam o excesso de memória aqui, o excesso de esquecimento acolá, sem falar da influência das comemorações e dos erros de memória — e de esquecimento”. Se olharmos para trás e refletirmos sobre a nossa história, enquanto humanidade, é possível ver o que o excesso de memória e de esquecimento, bem como o empenho de certos políticos em distorcer a política da memória, podem causar ao imaginário da população.

Os Estados Unidos, essa grande potência, detentora da liderança no poderio industrial, militar, financeiro, nuclear, estratégico e cultural mundial, se sente à vontade para se apossar do cargo de justiceira do mundo e travar batalhas ideológicas tanto no campo imaginário quanto físico e territorial. A corda sempre arrebenta para o lado mais fraco e temos visto há muito tempo que, com relação à Ásia, a corda é constantemente cortada através de *fake news* e propagandas negativas motivadas, se não totalmente, quase todas por um racismo nascido muitas décadas atrás.

Assim, toda falta de conhecimento e de representação amarela que chega até nós é vista sob o olhar baço de quem se influencia pelo Oriente inventado por ocidentais.

| Referências

COLOMBO, P.; SCHINDEL, E. Introduction: The Multi-layered Memories of Space. *In*: COLOMBO, P.; SCHINDEL, E. **Space and the Memories of Violence**: Landscapes of Erasure, Disappearance and Exception. London: PalgraveMacmillan, 2014. p. 1-17.

DOWER, J. W. The Bombed: Hiroshimas and Nagasakis in Japanese Memory. *In*: DOWER, J. W. **Hiroshima in History and Memory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

DOWER, J. W. **Embracing Defeat**: Japan in the wake of World War II. New York: W. W. Norton & Company, The New Press, 1999.

FREUD, S. **Luto e Melancolia**. Tradução Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LIFTON, R. J. **Death in Life**: Survivors of Hiroshima. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1991.

MIRANDA, L. M. de. **Memória individual e coletiva**. 27 maio 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva>. Acesso em: 31 dez. 2022.

OGAWA, Y. **The strange case of Yoko Ogawa and Anne Frank**. The Sydney Morning Herald, 25 ago. 2019. Disponível em: <https://www.smh.com.au/entertainment/books/the-strange-case-of-yoko-ogawa-and-anne-frank-20190816-p52hsj.html>. Acesso em: 19 dez 2022.

OGAWA, Y. **A polícia da memória**. Tradução Andrei Cunha. 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2021.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução Alain François. 9. reimpressão. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

CAPÍTULO 13

Língua Japonesa de Sinais: uma visão geral

Gustavo Henrique Torres de Goes (UnB)

Victória da Silva Sousa (UnB)

Yuko Takano (UnB)

Fausto Pinheiro Pereira (UnB)

| Introdução

A língua japonesa de sinais – em japonês: 日本手話, *nihon shuwa* – é uma língua de modalidade visual-espacial pertencente à família japonesa de línguas de sinais (que engloba ainda a língua coreana de sinais e a língua taiwanesa de sinais), sendo a língua gestual mais utilizada dentro do arquipélago japonês atualmente. Diferentemente do senso comum, não é a mera sinalização do japonês falado, sendo um idioma distinto com suas próprias normas, especificidades e cultura linguística.

Levando tudo isso em consideração, buscamos apresentar ao leitor, através do presente capítulo, um pequeno compilado de informações que consideramos relevantes para o primeiro contato com essa língua.

Dessa forma, trataremos de questões como a história das línguas de sinais e os desafios enfrentados pelos sinalizadores ao redor do mundo, a trajetória do ensino formal da língua japonesa de sinais, suas características e um breve resumo das pesquisas realizadas e publicadas por discentes da Universidade de Brasília acerca do tema. Esperamos, portanto, que este texto seja de grande valor para todos aqueles que possuem interesse pelo estudo da língua japonesa de sinais.

| Sobre as Línguas de Sinais

Antes de tratarmos da língua japonesa de sinais em específico, julgamos ser importante primeiramente compreender o que são e como funcionam as línguas de sinais de modo geral, bem como alguns dos problemas enfrentados por aqueles que as têm como primeira língua. Assim, temos por definição que essas são línguas de modalidade visual-espacial, originárias de comunidades de pessoas surdas e com gramática e léxicos próprios. No Brasil, destaca-se a Língua Brasileira de Sinais (Libras ou LSB), reconhecida constitucionalmente como meio legal de comunicação, através da lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e utilizada por 22,4% dos brasileiros entre 5 e 40 anos que possuem muita dificuldade em ouvir ou não o conseguem fazer de modo algum (IBGE, 2019).

Apesar de relatos de formas de comunicação gestual entre pessoas surdas existirem desde os tempos de Platão, foram os estudos de pesquisadores como William Stokoe, nos anos 1960, e Robbin Battison, Edward S. Klima e Ursulla Bellugi, nos anos 1970, que revolucionaram nosso entendimento sobre o funcionamento das línguas de sinais (Câmara, 2014). Assim, graças aos trabalhos desses autores e de outros subsequentes, hoje sabemos que os sinais são formados a partir da combinação adequada de parâmetros

como configuração de mão, local de articulação, orientação e movimento, bem como expressões não-manuais, que assumem funções gramaticais como negação, interrogação e exclamação. Ademais, como bem explica Karnopp (2008), cada indivíduo tem sua maneira única de fazer os sinais, que pode ser influenciada por fatores como idade, escolaridade, gênero e classe social. Do mesmo modo, assim como nas línguas faladas, existem também dialetos dentro de uma mesma língua de sinais, bem como toda uma variedade de línguas de sinais distintas ao redor do globo, que surgiram dentro das comunidades locais de pessoas surdas e que são mutualmente ininteligíveis entre si.

No entanto, como relata Power (2022), as línguas de sinais foram, por muito tempo, tratadas sob uma ótica universalista, de modo que, mesmo entre os linguistas, era comum a noção de que as várias línguas gestuais eram todas conectadas, sendo suas diferenças atribuídas a uma simples variação regional e suas relações histórico-sociais com suas comunidades de origem frequentemente negligenciadas. Reflexo disso é que, mesmo hoje em dia, ainda persiste entre grande parte da população a ideia de que só existe uma única língua de sinais, que é utilizada e entendida por todas as comunidades de Surdos²⁹ ao redor do mundo. Não obstante, persiste também a ideia completamente equivocada de que todos os sinais têm motivação puramente icônica – ou seja, replicam e/ou remetem visualmente às ideias sendo apresentadas no ato da comunicação –, o que faria com que as línguas de sinais fossem incapazes de expressar o mesmo rol de ideias abstratas que estão presentes nas línguas de modalidade oral-auditiva. Como resultado disso e do preconceito sofrido pelos Surdos, ainda há, mesmo na academia, certa relutância em conduzir estudos sobre as línguas de sinais, tidas por alguns como menos importantes e dignas de serem pesquisadas (George, 2011).

Até muito recentemente nos Estados Unidos, e ainda em muitos países, as línguas de sinais sofriam também grande estigmatização. Eram vistas como primitivas, limitadas ao icônico ou concreto e desprovidas de gramática, dentre outros. Professores criticavam o seu uso, alegando que a sinalização impede a aquisição da fala. No entanto, não há qualquer fundo de verdade nesse mito³⁰ (Fischer, 2014, p. 2, tradução própria).

29 Optou-se por escrever “Surdo” com S maiúsculo neste capítulo para se referir àqueles indivíduos que possuem uma língua de sinais como primeira língua, além de terem na surdez parte indissociável de sua identidade e cultura linguística. Já para se referir à condição audiológica, fez-se uso de “surdo” com S minúsculo.

30 No original: “Until quite recently in the US, and still in many countries, sign languages have also been heavily stigmatized. They have been viewed as primitive, limited to the iconic or concrete, and lacking grammar, among other things. Teachers rail against them, saying that signing prevents the acquisition of speech. There is, by the way, no truth to that myth”.

É necessário também ressaltar o domínio político e cultural que as línguas faladas possuem sobre as línguas de natureza visual-espacial. George (2011) ilustra isso muito bem ao discorrer sobre o impacto do Congresso de Milão de 1880, que foi organizado por proponentes do oralismo que visavam substituir o uso das línguas de sinais na educação de surdos pelo uso das línguas faladas. Como consequência, vários países optaram por banir o uso das línguas gestuais em seus sistemas educacionais, impondo a oralização e trazendo imenso prejuízo à educação e ao desenvolvimento das línguas que eram utilizadas pelas diversas comunidades de Surdos. Além disso, como bem pontuam Thomason e Kaufman (1988), essa dominância das línguas orais resulta em um número desproporcional de empréstimos linguísticos para as línguas de sinais, que possuem menor prestígio social, chegando a afetar até mesmo suas características estruturais. Em uma sociedade estratificada, com um número muito maior de falantes de uma língua e que ocupam cargos de maior importância dentro do corpo social, é comum que os falantes das línguas marginalizadas cresçam em ambientes dominados pelo uso do idioma hegemônico, gerando como consequência uma maior pressão para o uso desse em detrimento de sua própria língua. Fischer (2014) explica que, no caso específico das línguas de sinais, esse fenômeno é ainda mais acentuado, uma vez que boa parte das crianças surdas nascem de pais ouvintes que possuem pouco ou nenhum conhecimento de uma língua gestual, o que faz com que elas tenham o primeiro contato efetivo com uma língua de sinais já em idade mais avançada. Como resultado, é comum a prevalência do bilinguismo nas comunidades de Surdos, que crescem sendo expostos e sofrendo influência da língua oral prevalecente.

Uma breve história da Língua Japonesa de Sinais

Conta Hall (1905) que a primeira escola para a educação de surdos no Japão foi inaugurada no ano de 1878, na cidade de Quioto. Essa escola, que passou a ser administrada pelas autoridades municipais e se tornou pública já no ano seguinte, deve sua existência aos esforços do professor Tashirô Furuwaka (1845-1907), que dedicou sua vida ao ensino da língua japonesa de sinais e foi responsável pela elaboração de muitas das técnicas utilizadas ainda hoje para a educação formal de surdos japoneses.

Ainda segundo Hall (ibid.), em 1880, foi aberta na capital do país, Tóquio, uma escola que aceitava tanto estudantes cegos quanto estudantes surdos. Cinco anos depois, em 1885, essa escola passou para o controle do Ministério da Educação, que assumiu também a gestão de várias outras instituições para pessoas com deficiência que surgiram no país nos anos seguintes. O professor Hall, no entanto, esclarece que o financiamento do governo japonês não era mera caridade, mas sim um investimento que resultaria em mais mão de

obra capacitada para uma nação que passava por rápido processo de industrialização àquela altura.

Dessa forma, cursos como os de desenho, gravura, escultura e costura eram oferecidos aos alunos, que também aprendiam a escrever, fazer operações matemáticas básicas e até mesmo a dizer algumas frases simples na língua japonesa oral (no caso daqueles que demonstravam alguma aptidão para tal). Tamon (2012) relata que muitas das escolas para surdos possuíam alojamentos coletivos em suas dependências, o que fez com que alunos e ex-alunos formassem laços entre si e passassem a se reunir frequentemente para a realização de atividades e para a criação de associações, o que levou ao desenvolvimento de uma comunidade de prática sólida que estabeleceu muitas das bases para a língua japonesa de sinais tal como ela é hoje – como explicam Takada e Andô (1979) e George (2011), um ambiente propício ao estudo e à prática de uma língua gestual naturalmente leva a um rápido desenvolvimento dessa, bem como uma melhora na vida social e na formação de identidade dos Surdos.

Em 1908, um simpósio de educação para surdos e deficientes auditivos foi realizado em Tóquio, contando também com a presença de representantes da comunidade Surda de Quioto. Como resultado, deu-se a unificação das variedades que eram ensinadas no leste e no oeste do Japão, o que contribuiu ainda mais para o desenvolvimento da língua (Kurione, 2002).

No entanto, os surdos japoneses não ficaram imunes aos impactos do Congresso de Milão por muito tempo. Já ao final do período Taishô (1912-1926), a educação de surdos por meio da oralização passou a ser privilegiada dentro da comunidade educacional (Tamon, 2012), enquanto “tentativas de integrar ou permitir o uso da língua de sinais dentro das escolas foram abolidas” (George, 2011, p. 16, tradução própria), o que causou isolamento e queda na qualidade de vida e na mobilidade social dessa comunidade. Como consequência da proibição de se comunicarem em sua primeira língua e da estigmatização dessa, os Surdos passaram a enfrentar muito mais dificuldades no ambiente escolar e no convívio social com os ouvintes. Uma das figuras centrais na promoção do oralismo foi o educador Unosuke Kawamoto (1888-1960), que rejeitava o uso da língua de sinais na educação dos surdos e defendia que era preciso ensiná-los a língua oral para que pudessem ter a autonomia necessária para se tornarem cidadãos úteis para a sociedade (Tamon, 2012). Mesmo assim, apesar do crescente preconceito contra as pessoas com deficiência, a língua japonesa de sinais continuou se desenvolvendo dentro dos círculos sociais já consolidados entre os Surdos, que continuaram a utilizar a sua língua apesar das proibições impostas contra o seu uso (Takada; Andô, 1979).

Após a Segunda Guerra Mundial, foi refundada a Federação Japonesa de Surdos – previamente estabelecida sob o nome de Associação Japonesa de Surdos, em 1925, e dissolvida em 1942 –, que, em conjunto com outras associações de pessoas com deficiência, conquistou e assegurou vários direitos aos Surdos japoneses por meio de reuniões com entidades governamentais, bem como promoveu um melhor entendimento acerca das línguas de sinais e da importância dos intérpretes para pessoas surdas em espaços oficiais (Takada; Andô, 1979). Além disso, garantiu a revogação de leis discriminatórias que impediam surdos e deficientes auditivos de trabalharem em certas áreas cujo exercício independe da capacidade auditiva do profissional, como os cargos de farmacêutico e tecnólogo médico (George, 2011).

Embora a proibição do uso da língua japonesa de sinais não mais exista e grandes avanços tenham sido feitos ao longo dos anos, espaços públicos e instituições de ensino ainda carecem de profissionais capacitados e de infraestrutura adequada para a integração dos Surdos, o que resulta em prejuízos à socialização e mesmo ao desenvolvimento linguístico desses, que raramente conseguem ingressar no ensino superior e sofrem muito mais com subempregos e desemprego do que os ouvintes (George, *ibid.*).

| Características gerais da Língua Japonesa de Sinais

Tendo historicamente existido em um contexto social semelhante ao de uma diglossia³¹, a língua japonesa de sinais recebeu diversas influências da língua japonesa oral e escrita, que vão desde simples empréstimos lexicais até o uso da mesma estrutura oracional e da articulação labial de determinados fonemas ao sinalizar (George, 2011). Essa influência é perceptível já no silabário manual (指文字, *yubimoji*), cujos sinais foram concebidos diretamente a partir das sílabas fonéticas da língua falada.

³¹ A definição de “diglossia” aqui adotada é a de Charles Ferguson, que descreve situações em que duas variedades do mesmo idioma são utilizadas pela mesma comunidade, porém com funções e prestígios distintos dentro daquela sociedade (ABA, 2019). Vale reforçar, entretanto, que a língua japonesa de sinais e a língua japonesa oral são idiomas distintos.

Figura 1 – Silabário Manual Japonês



Fonte: Benricho (2022)

Como explica George (2011), os sinais do silabário manual raramente são utilizados pelos Surdos japoneses em seu dia a dia, sendo reservados normalmente para a explicação de novos conceitos ou para nomes próprios. Entretanto, ao contrário da língua oral, que faz uso de dois silabários distintos – *hiragana* e *katakana* –, não há na língua japonesa de sinais essa distinção. Dessa forma, a vogal “E”, grafada em *hiragana* como え e em *katakana* como エ, possui apenas um único sinal no silabário manual.

Um fato interessante é que os sinais do silabário manual podem ser agrupados em quatro grandes conjuntos, formados a partir das diferentes fontes que foram utilizadas como inspiração para a elaboração dos sinais: no primeiro conjunto, os sinais que possuem inspiração nas letras do alfabeto latino – e que reservam grande semelhança com os sinais dos alfabetos manuais da família francesa de línguas de sinais³² –; no segundo, os sinais que utilizam diferentes configurações de mão para se assemelhar às formas das sílabas do japonês escrito; no terceiro, sinais que possuem leituras homófonas aos algarismos da língua japonesa oral e, portanto, compartilham os mesmos sinais com determinados números; por fim, aqueles que possuem inspiração em palavras e conceitos da língua e

32 Wittmann (1991) propõe que a família francesa de línguas de sinais é composta, dentre outras, pela Língua Francesa de Sinais (LSF) e a Língua Americana de Sinais (ASL). O silabário manual japonês como o conhecemos teria surgido após uma viagem do educador Gensuke Ôzone aos Estados Unidos, em 1929, quando entrou em contato com o alfabeto manual americano e o teve como inspiração para a elaboração de diversos sinais do silabário manual japonês (Kajimoto, 2002).

da cultura do povo japonês (Goes, 2022). Como exemplos, trazemos para o leitor o sinal da sílaba NE (figura 2), que buscou na forma como as raízes das plantas se fincam no chão a inspiração para sua elaboração – a palavra em japonês para “raiz” é lida como *ne*, homófona à sílaba –, e o sinal da sílaba RU (figura 3), que foi concebida a fim de reproduzir com a mão a forma da sílaba ル (*ru*) do silabário *katakana*.

Figura 2 – Sinal da sílaba NE



Fonte: 手話しゅわ Shushushu (2015)

Figura 3 – Sinal da sílaba RU



Fonte: 手話しゅわ Shushushu (2015)

Ademais, os diacríticos da língua oral também se fazem presentes aqui. As sílabas sonoras (濁音, *dakuon*) possuem a mesma configuração de mão e orientação que suas correspondentes surdas, se diferenciando a partir do movimento da mão dominante do sinalizador: lateralmente para a direita, caso seja destro; ou lateralmente para a esquerda, caso seja canhoto – exemplificando, podemos citar o sinal da sílaba BI, formada a partir da movimentação lateral do sinal da sílaba HI. Já as sílabas semissonoras (半濁音, *handakuon*), por sua vez, funcionam de modo semelhante, mas a movimentação da mão passa a ser vertical e para cima. Exemplo disso é o sinal da sílaba PA, feito a partir da movimentação vertical do sinal da sílaba HA.

As consoantes geminadas (促音, *sokuon*) são feitas “puxando” o sinal da sílaba つ (*tsu*) para trás, em direção ao corpo do sinalizador, enquanto mantém-se a mesma configuração de mão e orientação da sílaba regular. De forma semelhante, os sons contraídos (拗音, *yôon*) são realizados ao se “puxar” o sinal que forma a segunda parte da sílaba – por exemplo, para fazer きゃ (*kya*), primeiro faz-se o sinal de き (*ki*) e, após fazer o sinal de や (*ya*), puxa-se esse último em direção ao corpo. Por fim, o prolongamento (長音, *chôon*) é feito a partir do desenho do caractere — (*chôonpu*) no ar com o dedo indicador, na vertical e para baixo.

Outro aspecto notório da língua japonesa de sinais são os sinais isomórficos, que emulam as formas dos ideogramas utilizados na língua escrita – como pode ser visto abaixo no sinal de “arrozal” (figura 4), que é sinalizado de forma a se assemelhar ao caractere 田 (*ta*). Como explica George (2011), contudo, esse grupo de sinais representa um número relativamente pequeno das unidades que constituem o léxico da língua – muito em razão das limitações naturais da fisiologia das mãos.

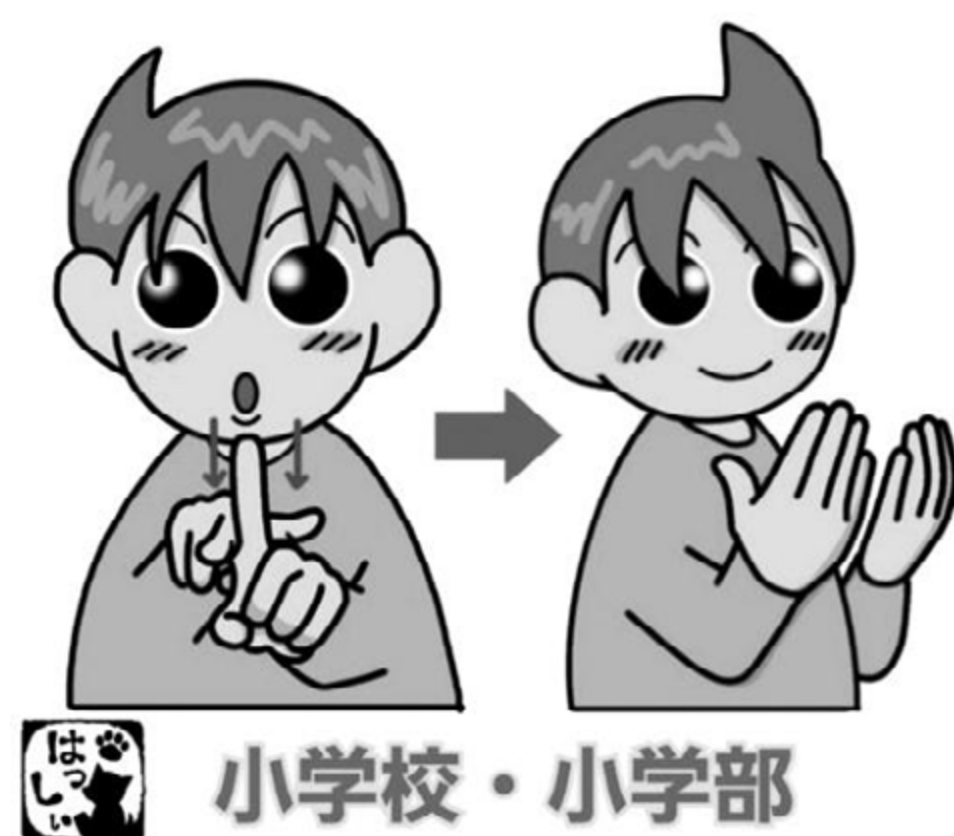
Figura 4 – Sinal de 田



Fonte: 手話しゅわ Shushushu (2016)

Temos ainda os calques morfológicos, que abrangem grande parte dos sinais da língua japonesa de sinais. Formados a partir da adaptação literal de termos do japonês falado, esses sinais evidenciam a influência direta que a cultura e o idioma dos ouvintes tem sobre a comunidade Surda. Além dos motivos já citados anteriormente neste artigo, George (2011) ainda sugere que outra das possíveis causas para esse fenômeno é o fato de que vários ouvintes historicamente assumiram e ainda assumem posições de autoridade no que se trata da educação formal de Surdos, o que faria com que integrassem palavras e expressões de sua língua nativa ao léxico da língua japonesa de sinais. Como exemplo, temos o sinal de “escola primária” (figura 5), que é feito a partir da combinação dos sinais de “pequeno” (小, “*shô*”) e “escola” (学校, “*gakkô*”).

Figura 5 – Sinal de 小学校



Fonte: 手話しゅわ Shushushu (2016)

Características notáveis da língua japonesa de sinais incluem ainda um uso de articulações labiais (口話, *kôwa*) muito mais frequente do que em outras línguas de modalidade visual-espacial, sendo um resquício das políticas de oralização compulsória de Surdos do período Taishô e que se tornou um recurso necessário para a distinção de certos sinais semanticamente parecidos. Desenhar ideogramas no ar (空書, *kûsho*) também é um recurso comumente utilizado, geralmente para informar nomes próprios e números (Jeed, 2023).

Estudos sobre a Língua Japonesa de Sinais publicados pela Universidade de Brasília

Existem duas pesquisas sobre a língua japonesa de sinais publicadas pela Universidade de Brasília no momento da redação deste texto, sendo ambas de nossa autoria e publicadas no ano de 2022.

A primeira, realizada por Victória da Silva Sousa e orientada pelo professor doutor Fausto Pinheiro Pereira, descreve o processo de ensino de uma língua de sinais estrangeira para um estudante Surdo que tem a língua brasileira de sinais como língua materna, sendo uma pesquisa qualitativa feita a partir de pesquisa documental, estudo de caso e etnografia. Como resultado, foi possível traçar um indicativo de que alunos Surdos se sentem mais à vontade aprendendo uma língua estrangeira de modalidade visual-espacial a uma de modalidade oral-auditiva, dado o seu aumento de interesse e de desempenho durante o processo de aprendizagem.

O segundo trabalho foi produzido por Gustavo Henrique Torres de Goes e orientado pela professora doutora Yuko Takano, apresentando o processo de elaboração de um mini glossário da língua japonesa de sinais a partir do uso de conceitos da área da lexicografia e do auxílio de técnicas mnemônicas. Por meio de uma pesquisa qualitativa de natureza

bibliográfica, foram selecionados 36 sinais – entre sílabas manuais e sinais de uso corriqueiro – para compor o mini glossário, que contou ainda com ilustrações, vídeos e descrições em texto para facilitar o processo de memorização por parte dos aprendizes. Os resultados mostram a atuação direta de fatores histórico-culturais e das relações entre surdos e ouvintes na formação dos sinais, bem como a importância dos glossários para o mapeamento e registro desses fenômenos. Também se destaca a aplicabilidade de técnicas mnemônicas nos estágios iniciais de ensino-aprendizado de línguas de sinais.

Por fim, destacamos também o estudo realizado por Gabriel Câmara, orientado pelo professor doutor Yüki Mukai e publicado no ano de 2014. Apesar de não envolver diretamente a língua japonesa de sinais, uma vez que a pesquisa retratou o processo de ensino da língua japonesa oral e escrita para alunos Surdos da rede pública do Distrito Federal, várias das técnicas e métodos descritos ao longo do trabalho nos serviram de referência para a concepção de nossos próprios estudos.

| Considerações finais

No decorrer deste capítulo, procuramos apresentar, de forma sucinta, algumas informações que consideramos pertinentes para uma introdução satisfatória à língua japonesa de sinais. Assim, buscamos fornecer ao leitor noções sobre o que são e como funcionam as línguas de modalidade visual-especial, uma breve história do ensino formal da língua japonesa de sinais e dos percalços que essa teve em sua trajetória, características gerais da língua e sugestões de pesquisas complementares.

A partir deste texto, portanto, esperamos que mais e mais pesquisadores se interessem pelo estudo da língua japonesa de sinais e de outras línguas de sinais no geral, tanto na Universidade de Brasília quanto nas demais instituições de ensino do país. Esperamos também que nossas pesquisas sirvam como contribuição, mesmo que limitada, para aqueles que porventura tenham interesse em aprender a língua japonesa de sinais.

| Referências

ABA, O. Ferguson's 9 Criteria of Diglossia. **Sociolinguistic Studies**, out. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336671918_Ferguson%27s_9_criteria_of_diglossia. Acesso em: 28 jul. 2022.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 15 dez. 2022.

CÂMARA, G. M. da. **O ensino da língua japonesa escrita para surdos que têm a libras como língua materna**. Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/9796>. Acesso em: 17 abr. 2022.

FISCHER, S. Constituent Order in Sign Languages. **Gengo Kenkyu** (Journal of the Linguistic Society of Japan), v. 146, p. 1-12, 2014. Disponível em: https://www.ls-japan.org/modules/documents/LSJpapers/journals/146_fischer.pdf. Acesso em: 21 jan. 2023.

GEORGE, J. E. **Politeness in Japanese Sign Language (JSL)**: Polite JSL Expression as Evidence for Intermodal Language Contact Influence. 2011. Dissertação (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade da Califórnia, Berkeley, 2011. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/4jq1v247>. Acesso em: 11 abr. 2022.

GOES, G. H. T. de. **Mini Glossário do Nihon Shuwa**: uma ferramenta para o Ensino da Língua Japonesa de Sinais. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/32903>. Acesso em: 15 dez. 2022.

HALL, P. The Education of the Deaf in Japan. **American Annals of the Deaf**, Washington DC: Gallaudet University Press, v. 50, n. 3, maio 1905. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44461837>. Acesso em: 13 abr. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde 2019**: Ciclos de Vida. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.pns.iciet.fiocruz.br/wp-content/uploads/2021/12/liv101846.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2023.

KAJIMOTO, K. 手話法から口話法への移行期における"手真似文字"と私立佐世保盲啞学校. 発達人間学論叢, v. 5, p. 125-149, 2002. Disponível em: <https://opac-ir.lib.osaka-kyoiku.ac.jp/webopac/TD00005376>. Acesso em: 30 maio 2023.

KARNOPP, L. Fonética e Fonologia. In: PEREIRA, A. T. C.; STAMPF, M. R.; QUADROS, R. M. (org.). **Eixo de Formação Básica**. Coleção Letras Libras. Santa Catarina: Editora UFSC, 2008. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/foneticaEFonologia/assets/359/FoneticaFonologia_TextoBase.pdf. Acesso em: 12 fev. 2023.

POWER, J. Historical Linguistics of Sign Languages: Progress and Problems. **Frontiers in Psychology**, 9 de março de 2022. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2022.818753/full>. Acesso em: 4 jul. 2022.

SOUSA, V. da S. **Como viabilizar o ensino de japonês para a comunidade surda na UnB?** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/32879>. Acesso em: 13 dez. 2022.

TAKADA, E.; ANDÔ, T. 日本における手話通訳の歴史と理念（第8回世界ろう者会議提出論文）. **Nihon Chôryoku Shôgai Shinbun (Japan Hearing Impairment Newspaper)**, 1 de junho de 1979. Disponível em: <https://hirotsuiken.com/wp-content/uploads/2012/11/18e9f574b5ec56a320449ad6d6509df3.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2023.

TAMON, H. 「手話の復権」手話言語法運動の背景と法的根拠を考える. **Shuwa-gaku Kenkyû (Japanese Journal of Sign Linguistics)**, v. 21, p. 81-96, 2012. Disponível em: https://www.jstage.jst.go.jp/article/jasl/21/0/21_81/_pdf/-char/ja. Acesso em: 15 fev. 2023.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics**, Berkeley: University of California Press, 1988. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/218211/mod_resource/content/2/THOMASON_KAUFMAN_LanguageContact.pdf. Acesso em: 13 jan. 2023.

WITTMANN, H. Classification Linguistique des Langues Signées Non Vocalement. **Revue Québécoise de Linguistique Théorique et Appliquée**, v. 10, p. 215-288, 1991. Disponível em: <https://www.nou-la.org/ling/1991a-class.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.

カテゴリ：指文字・指文字表・都道府県名表. 手話しゅわSHUSHUSHU, 2015. Disponível em: https://hs84.blog.jp/archives/cat_48436.html. Acesso em: 7 jul. 2022.

手話の誕生. くりおね (Kurione), 2002. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20021119053900/http://www002.upp.so-net.ne.jp/kurione/rekisi.html>. Acesso em: 10 fev. 2023.

手話単語：2 1 6 【小学校】 【小学部】. 手話しゅわSHUSHUSHU, 2016. Disponível em: <https://hs84.blog.jp/archives/3391451.html>. Acesso em: 2 jan. 2022.

手話単語：3 3 5 【田】. 手話しゅわSHUSHUSHU, 2016. Disponível em: <https://hs84.blog.jp/archives/7086745.html>. Acesso em: 2 jan. 2022.

指文字 五十音一覧. みんなの知識 ちょっと便利帳 (Benricho), 2022. Disponível em: <https://www.benricho.org/yubimoji/50on.html>. Acesso em: 19 jan. 2023.

高齢・障害・求職者雇用支援機構 (JEED). 令和5年版障害者職業生活相談員資格認定講習テキスト. Chiba: JEED, 2023. Disponível em: https://www.jeed.go.jp/disability/data/handbook/soudaninn_book/index.html. Acesso em: 5 ago. 2023.

CAPÍTULO 14

Análise da beleza da personagem Yôkihi (Yang Guifei) 楊貴妃 no filme de Kenji Mizoguchi

Raphael Morbeck Esteves (UnB)

Kimiko Uchigasaki Pinheiro (UnB)

Introdução

Esta pesquisa é uma parte do Trabalho de Conclusão de Curso realizado em 2021 e tem como principal objetivo identificar como a beleza feminina é representada na personagem Yang Guifei (楊貴妃) (719-756), a partir da análise do filme *Yôkihi* (楊貴妃), lançado em 1955, dirigido por Kenji Mizoguchi (1898-1956) e de outras representações da personagem. As motivações iniciais deste trabalho partiram da vontade de compreender as influências da beleza de um ícone na história no continente asiático e na literatura japonesa.

Neste trabalho, os nomes de origem chinesa foram romanizados com base no *pinyin*, excluindo as marcações fonéticas. Optamos por usar principalmente a grafia chinesa do nome da personagem (Yang Guifei) em vez da grafia japonesa (Yôkihi), pois ela é uma figura originalmente chinesa amplamente conhecida por essa grafia.

Explorando a beleza: uma perspectiva cultural e filosófica

A fim de compreender a representação da beleza feminina na personagem Yang Guifei, consideramos fundamental realizar uma análise das diferentes concepções de beleza ao longo do tempo e em diversas culturas, com ênfase nas culturas chinesa e japonesa.

Umberto Eco (2004), em sua obra *História da beleza*, explora as definições de beleza ao longo da história, focando principalmente na construção ocidental desse conceito. Eco enfatiza que a beleza é um conceito subjetivo que varia de acordo com o contexto cultural e temporal, tornando assim complexa uma definição precisa. Além disso, Eco destaca que, apesar da influência da arte e cultura na percepção estética, o livre-arbítrio individual continua a desempenhar um papel significativo. Assim, qualquer conclusão sobre beleza não pode ser universal ou consensual. Apesar disso, buscamos reunir as concepções consideradas relevantes ou úteis na análise fílmica da personagem Yang Guifei para, assim, compreender a influência de sua imagem e beleza nas decisões tomadas.

Antes de explorar o conceito de beleza, esclarecemos a distinção entre beleza e desejo. De acordo com as palavras de Umberto Eco (2004), beleza e desejo não são sinônimos. Eco argumenta que o desejo não é um fator que atribui beleza a algo:

O sequioso que, ao dar com uma fonte, precipita-se para beber, não lhe contempla a Beleza. Poderá fazê-lo depois, uma vez satisfeito o seu desejo. Por isso, o sentido da Beleza é diverso do sentido do desejo. Podemos considerar alguns seres humanos belíssimos, mesmo que não os desejemos sexualmente, ou que saibamos que nunca poderão ser nossos. Se, ao contrário, se deseja um ser

humano (que além do mais poderia até ser feio) e não se pode ter com ele as relações almejadas, sofre-se (Eco, 2004, p. 10).

Dessa forma, a distinção entre beleza e desejo pode ser compreendida. É possível reconhecer a beleza em alguns indivíduos, mesmo que eles não despertem desejos sexuais ou mesmo que se saiba que nunca poderiam ser alcançados. Por outro lado, o desejo por alguém, mesmo que essa pessoa seja considerada feia, pode causar sofrimento. Outro aspecto relevante é a relação entre a percepção ocidental e oriental da beleza. Eco (2004) observa que é difícil estabelecer até que ponto conceitos específicos de beleza em culturas como a indiana ou chinesa podem ser equiparados aos conceitos ocidentais, embora a tradição muitas vezes os traduza como "belo" ou "justo". Isso sugere que as concepções de beleza podem ser profundamente influenciadas pela cultura local e pelas filosofias subjacentes. Além disso, existe a possibilidade de que, apesar das diferenças culturais, alguns padrões de beleza tenham permanecido comuns a todas as sociedades ao longo do tempo, embora a beleza seja relativa e mutável. Ao analisar os padrões da Grécia Antiga, Eco chega a uma definição que abrange diferentes formas artísticas, incluindo música, dança e poesia, destacando a importância da harmonia, da proporção e do ritmo na percepção da beleza.

De acordo com Umberto Eco (2004), na perspectiva de Platão, a Beleza possui uma existência autônoma, não estando intrinsecamente ligada a um objeto físico, mas resplandecendo em toda parte. A Beleza transcende a mera apreensão visual; é uma experiência que vai além dos sentidos e requer uma compreensão mais profunda da filosofia. Assim, a verdadeira Beleza não está disponível para todos. Com base na visão de Platão, podemos discernir que uma apreciação da Beleza existe no ocidente, e uma forma similar de Beleza também é presente no oriente. No entanto, ao contrário da abordagem ocidental, a concepção de Beleza no oriente é forjada pelas filosofias orientais.

Para aprofundar nossa compreensão da beleza oriental, exploraremos como a beleza é representada na China e no Japão. Para isso, recorreremos às definições e reflexões de Cho Kyo (2012) em seu livro *The Search for the Beautiful Woman*.

Um dos primeiros aspectos possivelmente relevantes para nossa análise diz respeito às características físicas. Existem expressões chinesas que descrevem olhos brilhantes, dentes brancos, sobrancelhas finas com uma leve curvatura e cintura fina, sendo esses aspectos considerados ideais (Kyo, 2012, p. 15).

O *status* social também era considerado um fator relevante, o que pode ter levado a corte a ditar os padrões estéticos:

Em qualquer época, como dito anteriormente, “aristocrático” é bonito e “humilde” feio. “Superior” é bonito e “inferior” feio. “Rico” é bonito e “pobre” feio. Esse paradigma também pode explicar as mudanças na estética durante a dinastia Tang. Não é difícil conjecturar que os plebeus de Tang foram influenciados por critérios de beleza em mulheres de classe alta vestindo roupas bonitas e sentadas em lindos palanquins. A visão estética que favorece os corpos gordinhos provavelmente se desenvolveu dessa maneira (Kyo, 2012, p. 37, tradução própria³³).

Para complementar, é provável que os padrões da corte sofressem influência direta de seus governantes, em especial, do imperador, pois ele tinha o poder de elevar socialmente a posição de suas amadas. Consequentemente, os padrões estéticos acabavam sendo moldados de acordo com os desejos da família imperial.

De acordo com Cho Kyo (2012), o comportamento também era de suma importância e era um dos critérios para caracterizar uma mulher como bela. No entanto, esses padrões sofrem alterações ao longo do tempo. Há também a crença de que as mulheres bonitas são más ou cruéis, causando desastres e levando os homens à ruína. Essas concepções estão relacionadas a contos, histórias de fantasmas ou figuras míticas, bem como a eventos passados. Devido à estrutura social da época, os homens podiam usar dinheiro ou poder para conquistar as mulheres. Por outro lado, as mulheres não tinham essa mesma capacidade, restando-lhes o uso de sua beleza para persuadir e alcançar seus objetivos (Kyo, 2012, p. 46). Por outro ângulo, a fragilidade feminina também era considerada bela. “A admiração por um corpo magro deve ser a causa original para conectar beleza com fragilidade” (Kyo, 2012, p. 58).

No que diz respeito às pinturas e desenhos, Cho Kyo (2012, p. 77, tradução própria³⁴) observa o seguinte:

Nas representações pictóricas da beleza feminina, o Japão supera de longe a China tanto no número de peças quanto na altura do nível de realização, mas a representação do rosto enfatizando o desenho de linhas é comum a ambos. Como os artistas não dão uma expressão tridimensional ao rosto com o uso de sombreamento na cor, a ênfase da representação vai para o brilho das roupas e

33 No original: “In any era, as stated earlier, “aristocratic” is beautiful, and “humble” ugly. “Upper” is beautiful, and “lower” ugly. “Affluent” is beautiful, and “poor” ugly. This paradigm can also explain the changes in aesthetics during the Tang. It is not hard to conjecture that Tang commoners were influenced by criteria of beauty in upper-class women wearing lovely clothing and seated on gorgeous palanquins. The aesthetic view favoring plump body shapes probably developed in this manner.”

34 No original: “In pictorial representations of feminine beauty, Japan surpasses China by far in both the number of pieces and the height of the level of achievement, but depiction of the face emphasizing line drawing is common to both. Because artists do not give a three-dimensional expression to the face with the use of shading in color, emphasis of depiction goes to the brilliance of clothing rather than to facial expression. For this reason gorgeous robes, dazzling hair ornaments, and specific gestures were stressed almost to excess.”

não para a expressão facial. Por essa razão, vestes deslumbrantes, enfeites de cabelo deslumbrantes e gestos específicos eram enfatizados quase em excesso.

Assim, essas obras não se concentram na representação detalhada dos traços físicos, mas sim na ilustração de situações e vestimentas, elucidando diferentes aspectos.

Portanto, com base nas referências apresentadas, podemos compreender que a beleza é, em resumo, algo que agrada os sentidos do espectador e que pode ser moldada pelas diferenças de classes sociais, variando de acordo com a localização geográfica e a época histórica. Isso a torna suscetível à influência das tradições culturais e filosóficas de um povo. É importante destacar que a subjetividade individual continua desempenhando um papel relevante, permitindo que cada pessoa concorde ou discorde dos padrões estabelecidos.

| A teoria da adaptação

Analisaremos o filme *Yôkihi* (楊貴妃), de Kenji Mizoguchi, a partir da teoria da adaptação apresentada por Linda Hutcheon no livro *Uma teoria da adaptação*. Optamos por adotar a teoria da adaptação proposta por Linda Hutcheon, uma vez que consideramos o filme *Yôkihi* (楊貴妃) como uma releitura de um registro histórico da China.

O debate sobre a relevância e a importância da adaptação ganhou complexidade ao longo do tempo. Inicialmente, a adaptação era vista como uma versão inferior à obra original, frequentemente rotulada como "culturalmente inferior", "tardia", "convencional" e associada a termos como "suavização", "interferência", "deformação", "infidelidade" e "profanação" (Hutcheon, 2013, p. 22). Virgínia Woolf expressou sua visão sobre a simplificação da obra literária para as telas do cinema, denominando o filme como um parasita que vitimiza a literatura (Hutcheon, 2013, p. 23).

Apesar da negatividade associada à adaptação, o cinema foi reconhecido como uma ferramenta que possibilita a expansão e ampliação da obra, permitindo o desenvolvimento de um idioma próprio e independente (Hutcheon, 2013, p. 23). De acordo com Linda Hutcheon (2013, p. 23), o mesmo princípio se aplica a outras formas de adaptação:

Todos esses adaptadores contam histórias a seu próprio modo. Eles utilizam as mesmas ferramentas que os contadores de histórias sempre utilizaram, ou seja, eles tornam as ideias concretas ou reais, fazem seleções que não apenas simplificam, como também ampliam e vão além, fazem analogias, criticam ou mostram seu respeito, e assim por diante. As histórias que contam, entretanto, são tomadas de outros lugares, e não inteiramente inventadas. Tal como as paródias,

as adaptações têm uma relação declarada e definitiva com textos anteriores, geralmente chamados de “fontes”; diferentemente das paródias, todavia, elas costumam anunciar abertamente tal relação. A valorização (pós-) romântica da criação original e do gênio criativo é claramente uma das fontes da depreciação de adaptadores e adaptações. No entanto, essa visão negativa é, na realidade, um acréscimo tardio ao velho e jovial hábito da cultura ocidental de emprestar e roubar – ou, mais precisamente, de partilhar – diversas histórias.

Sendo assim, as adaptações passaram a ser definidas a partir de três perspectivas. Primeiro, como uma transposição da obra:

Em primeiro lugar, vista como uma entidade ou produto formal, a adaptação é uma transposição anunciada e extensiva de uma ou mais obras em particular. Essa “transcodificação” pode envolver uma mudança de mídia (de um poema para um filme) ou gênero (de um épico para um romance), ou uma mudança de foco e, portanto, de contexto: recontar a mesma história de um ponto de vista diferente, por exemplo, pode criar uma interpretação visivelmente distinta. A transposição também pode significar uma mudança, em termos de ontologia, do real para o ficcional, do relato histórico ou biográfico para uma narrativa ou peça ficcionalizada (Hutcheon, 2013, p. 29).

Segundo, como uma criação particular, baseada na obra inicial, mas sujeita a modificações, reinterpretando, recriando, readaptando ou até mesmo expandindo seu universo:

Em segundo, como um processo de criação, a adaptação sempre envolve tanto uma (re)interpretação quanto uma (re)criação; dependendo da perspectiva, isso pode ser chamado de apropriação ou recuperação. Há sempre um recuperador paciente para cada apropriador expulso por um oponente político (Hutcheon, 2013, p. 29).

Terceiro, partindo da recepção do indivíduo, composta por um engajamento intertextual extensivo:

Em terceiro, vista a partir da perspectiva do seu processo de recepção, a adaptação é uma forma de intertextualidade; nós experienciamos as adaptações (enquanto adaptações) como palimpsestos por meio da lembrança de outras obras que ressoam através da repetição com variação (Hutcheon, 2013, p. 29).

Assim, a adaptação atinge um estágio de reconhecimento, não sendo mais meramente uma reprodução, mas sim ganhando reconhecimento por suas mudanças de foco, perspectivas alternativas, expansão de conteúdo e muito mais. Essas obras fazem uso de diferentes mídias e dos recursos que elas oferecem, ampliando os horizontes dos seus receptores de maneiras que originalmente não seriam possíveis, contribuindo também para a maior disseminação das obras.

Devido à abrangência de sua teoria, Linda Hutcheon (2013, p. 29) apresenta a possibilidade de analisar obras de diversos tipos:

A minha definição dupla de adaptação como processo e produto, por ser restrita, aproxima-se mais do uso comum da palavra e é abrangente o suficiente para permitir que eu aborde não somente filmes e peças de teatro, mas também arranjos musicais e *covers* de canções, revisitações de obras passadas no campo das artes visuais e histórias recontadas em versões de quadrinhos, poemas musicalizados e refilmagens, além de jogos de videogame e arte interativa.

Além disso, em diversas situações, as adaptações são traduções na forma de transposições intersemióticas de signos, ou seja, recodificações de um sistema para outro, por exemplo, de palavras para imagens (Hutcheon, 2013, p. 40). Outra questão relevante é o processo dialógico contínuo, no qual comparamos a obra às que já conhecemos (Hutcheon, 2013, p. 45). Consequentemente, são inúmeras as variáveis presentes que levam o receptor a interpretar e formar sua opinião sobre uma obra:

Nós nos engajamos no tempo e no espaço, dentro de uma sociedade em específico e de uma cultura maior. Os contextos de criação e recepção são tanto materiais, públicos e econômicos quanto culturais, pessoais e estéticos. Isso explica por que, mesmo no mundo globalizado de hoje, mudanças significativas no contexto – isto é, no cenário nacional ou no momento histórico, por exemplo – podem alterar radicalmente a forma como a história transposta é interpretada, ideológica e literalmente. [...]. Ao trocar as culturas e, por conseguinte, em alguns casos, também as línguas, as adaptações fazem alterações que revelam muito sobre os contextos mais amplos de recepção e produção (Hutcheon, 2013, p. 54).

Linda Hutcheon também enxerga a adaptação como uma transformação da obra para adequar-se ao contexto cultural em que está inserida, prolongando sua existência:

Acho bastante sugestivo pensar a adaptação narrativa em termos de permanência de uma história, seu processo de mutação ou adequação (através da adaptação) a um dado meio cultural. As histórias não são imutáveis; ao contrário, elas também evoluem por meio da adaptação ao longo dos anos. Em alguns casos, tal como ocorre na adaptação biológica, a adaptação cultural conduz a uma migração para condições mais favoráveis: as histórias viajam para diferentes culturas e mídias. Em resumo, as histórias tanto se adaptam como são adaptadas (Hutcheon, 2013, p. 58).

Assim, podemos supor que as obras e lendas originadas no Japão, tendo como base a história de Yang Guifei, são adaptações que se adéquam ao meio cultural japonês.

Portanto, Hutcheon explica as diversas formas de adaptação existentes e de que modo podemos fazer as leituras dessas adaptações. Seguindo essa perspectiva, analisaremos posteriormente a obra de Mizoguchi, levando em consideração que sua obra, assim como todas as outras, ajuda a coletivamente enriquecer a imagem da personagem Yang Guifei.

| Representações poéticas da beleza de Yang Guifei

Exploraremos agora as interpretações de Yang Guifei por diferentes autores e como suas descrições e percepções contribuem para uma compreensão mais profunda da beleza da personagem. Através das palavras de outros escritores e estudiosos, somos levados a uma jornada que revela a complexidade e a profundidade da apreciação da beleza de Yang Guifei, muitas vezes associada a sentimentos como a tristeza, a saudade e a esperança.

Che-Wen Lin, em seu estudo de 2012, nos leva a um olhar mais profundo sobre a apreciação da beleza de Yang Guifei por meio das palavras de Sei Shônagon em *O livro do travesseiro*. A beleza da personagem é descrita de maneira poética e evocativa, como “uma flor de pêra coberta de gotas de chuva de primavera” (Lin, 2012, p. 29, tradução própria³⁵). No entanto, o que torna essa descrição ainda mais fascinante é o contexto emocional que a envolve. Lin argumenta que essa apreciação da beleza está intrinsecamente ligada a sentimentos negativos, como a tristeza. A comparação dos sentimentos de Xuanzong³⁶ e Genji, com seu sofrimento e esperança, lança luz sobre a profundidade da conexão emocional entre a beleza de Yang Guifei e a experiência humana.

35 No original: “a pear flower covered in spring raindrops”.

36 Xuanzong (玄宗), foi um imperador da Dinastia Tang na China, que governou de 712 a 756. É frequentemente lembrado por seu relacionamento com a concubina Yang Guifei.

Essa associação com sentimentos como saudade e melancolia destaca a capacidade da beleza de Yang Guifei de tocar a alma e inspirar ações. Essa beleza não é apenas estética, mas sim uma força emocional que motiva o indivíduo a buscar algo maior. Um exemplo notável é o Imperador Kiritsubo³⁷, cujo sofrimento pela perda de sua esposa é intensificado pela visão da imagem de Guifei.

Através dessas interpretações, descobrimos que a beleza de Yang Guifei vai além da mera estética e se conecta a aspectos profundos da experiência humana. É uma beleza que transcende o tempo e a cultura, inspirando sentimentos e ações que ecoam através das palavras de escritores e estudiosos ao longo dos séculos.

Berkel (2017, p. 15, tradução própria³⁸) nos revela como Yang Guifei é retratada pelo escritor chinês Li Bai (701-762) em sua obra *Qing Ping Diao* (清平调): “Nuvens nos lembram de suas vestes, flores de sua aparência”. Além disso, Berkel menciona que a beleza da personagem é tão intensa que é capaz de distrair os homens a ponto de negligenciarem suas obrigações. Em um poema intitulado *Song of Everlasting Sorrow* de Bai Juyi, Yang Guifei é descrita da seguinte maneira:

A natureza a dotou de belos encantos. Sua pele acetinada ela gentilmente banhava no calor sedoso das águas termais. Delicada e frágil com graças encantadoras ela surgiu. [...] Cabelos como nuvens, um rosto como uma flor, ela era uma bela com sobancelhas de corvo [...] Ver seu rosto em cada hibisco, suas sobancelhas nos salgueiros curvados [...] Sua pele nevada e seu rosto florido (Berkel, 2007, p. 16, tradução própria³⁹).

Berkel (2017) ainda destaca que Yang Guifei é comparada a um total de 28 flores, à pedra de jade e a outras personagens igualmente consideradas belas. Entre essas comparações, encontramos a bodisatva Guanyin (觀音⁴⁰), frequentemente associada à compaixão. O autor também aponta que a expressão idiomática 閉月羞花⁴¹ carrega o significado de “beleza feminina que excede até mesmo a do mundo natural” (Berkel, 2007, p. 38, tradução própria⁴²), e foi originalmente criada para descrever a beleza de Yang Guifei. Berkel enfatiza que a lua é frequentemente utilizada como metáfora de pureza na literatura chinesa.

37 É um personagem do livro *Genji Monogatari* de Murasaki Shikibu.

38 No original: “Clouds remind us of her raiment, flowers of her appearance”.

39 No original: “Nature endowed her with beauteous charms. Her satiny skin she gently bathed in the silken warmth of the hot spring waters. Delicate and frail with bewitching graces she came forth. [...] Cloudlike hair, a flowerlike face, she was a raven-browed beauty. [...] Seeing her face in each hibiscus, her brows in the bending willow trees. [...] Her snowy skin and flowerlike face”.

40 Kannon em japonês.

41 Traduzida por ele como: “outshines the moon and put flowers to shame”. Tradução própria: “supera (em seu brilho) a lua e envergonha as flores”.

42 No original: “female beauty exceeding even that of the natural world”.

Diversas são as formas que descrevem a beleza de Guifei, muitas assumindo forma poética, mas que têm pouca relação com as características físicas reais da personagem. A falta de fontes que relatem suas características físicas torna essa análise praticamente impossível. Concordamos, portanto, com Berkel quando ele afirma que não é possível verificar a veracidade das descrições em relação à identidade física de Yang Guifei. Logo, nossa análise se limita à sua beleza conforme descrita por terceiros, com a possibilidade de que essa estética tenha sido moldada pelos interesses dos próprios autores, pelos padrões estéticos da época em que foram criadas ou pelas interpretações de outros autores acerca das obras já existentes. Isso resulta em uma pluralidade de definições e na expansão da abrangência delas.

| A arte e o olhar de Mizoguchi

A vida do diretor foi marcada por eventos familiares e pessoais que se refletiram em suas obras, contribuindo para a criação de personagens complexos e temas significativos em seu cinema. Como apontado por Novielli (2007), a vida de Mizoguchi teve um impacto notável em sua visão artística e na maneira como ele retratou tanto as personagens femininas quanto masculinas em seus filmes. Vamos explorar essas influências e seu papel na construção das obras do diretor.

Em particular, sua família desempenhou um papel fundamental. Como Novielli (2007, p. 44) aponta, frequentemente vemos traços violentos de seu pai contrastados com a sublimação das figuras femininas em suas obras. Outro aspecto influente foi sua esposa, cuja insanidade causou profundo sofrimento a Mizoguchi: “A maior tragédia da vida de Mizoguchi foi a insanidade de sua esposa, que lhe causou profundo sofrimento. Isso pode ser visto vividamente na cristalização de uma arte baseada na ideia budista de expiação e oração” (Sato, 2008, p. 74, tradução própria⁴³).

Ao explorar o estilo de direção de Mizoguchi, é essencial analisar como ele representou as mulheres em suas obras e qual era sua relação com os personagens masculinos. Mizoguchi é amplamente considerado um diretor feminista e, como tal, é fundamental entender seu senso estético em relação às figuras femininas. Novielli (2007, p. 79) descreve as personagens de Mizoguchi da seguinte forma:

As mulheres de Mizoguchi são sobretudo objeto de uma impiedosa mercantilização por parte do homem. Quase sempre obrigadas pelo seu triste destino a sucumbir

43 No original: “The greatest tragedy in Mizoguchi’s life was his wife’s insanity, which caused him deep suffering. This can be vividly seen in the crystallization of an art based on the Buddhist idea of atonement and prayer [...]”.

à exploração do próprio corpo, são conscientes do papel ao qual foram relegadas e, não podendo modificá-lo, sobrevivem o melhor que podem. Os personagens masculinos, ao contrário, são despóticos e viris ou então inativos e prontos a desaparecer quando a situação os compromete. A mulher era para o diretor um universo tão amplo quanto demarcado em um ideal antigo e um moderno, como símbolo da tradição nipônica, mas também sinal da ocidentalização do país.

Tadao Sato (2008, p. 75, tradução própria⁴⁴) complementa essa interpretação ao dizer que as mulheres são responsáveis pelo sucesso dos homens que, por sua vez, não conseguem reagir:

O fato de que a base para o sucesso mundano de um homem era o sacrifício de uma mulher era particularmente verdadeiro para a ideologia Meiji de 'sucesso na vida' (*risshin shusse*). Era considerado natural que uma irmã mais velha ou mais nova trabalhasse arduamente para poder educar o filho ou irmão mais velho. As tragédias *shinpa* de Izumi Kyoka⁴⁵ foram baseadas em tais práticas existentes. Mizoguchi começou dando forma a essa tragédia e terminou mergulhando em sua própria essência. Ele criou a imagem de uma mulher que se oferece como um sacrifício, seja desaparecendo (*The Nihon Bridge*), cometendo suicídio (*Cascading White Threads*) ou enlouquecendo (*The Downfall of Osen*). [...] o homem é subitamente colocado em um dilema sobre reconhecer ou se desculpar com a mulher e fica congelado em inação.

Continuando esse pensamento sobre Mizoguchi:

Ele baseou suas tragédias na ideia de que a contradição fundamental na sociedade era a desigualdade da relação homem-mulher. Isso foi expresso de forma mais aguda nos males da ideologia Meiji que buscava 'sucesso na vida' para os homens (Sato, 2008, p. 76, tradução própria⁴⁶).

Ainda segundo Tadao Sato (2008), o diretor costumava desenvolver essa ideia em três partes distintas em seus filmes: primeiro, ele comparava a devoção das mulheres ao

44 No original: "That the basis for a man's worldly success was the sacrifice of a woman was particularly true of the Meiji ideology of 'success in life' (*risshin shusse*). It was considered natural for an older or younger sister to work herself to the bone to be able to educate the eldest son or brother. Izumi Kyoka's *shinpa* tragedies were based on such existing practices. Mizoguchi began by giving form to this tragedy and ended by immersing himself in its very essence. He crafted the image of a woman who offers herself as a sacrifice either by disappearing (*The Nihon Bridge*), committing suicide (*Cascading White Threads*) or going mad (*The Downfall of Osen*). [...] the man is suddenly placed in a quandary about whether to acknowledge or apologize to the woman, and is frozen into inaction."

45 Romancista japonês. Algumas de suas obras foram adaptadas para o cinema por Mizoguchi.

46 No original: "He based his tragedies on the idea that the fundamental contradiction in society was the inequality of the man-woman relationship. This was expressed most acutely in the evils of the Meiji ideology which sought 'success in life' for men."

crime dos homens; em seguida, mostrava mulheres conscientes do egoísmo masculino e resistindo a ele; e, por fim, revelava homens que, supostamente felizes, eram absorvidos pela devoção das mulheres. A passividade dos personagens masculinos contrasta vividamente com a figura feminina que, muitas vezes, se sacrifica. Os filmes de Mizoguchi ilustram como a devoção das mulheres serve de alicerce para o sucesso dos homens, enquanto estes, frequentemente, permanecem passivos, aguardando que a felicidade lhes seja entregue. Essa ideia é expressa no seguinte trecho:

Os filmes de Mizoguchi mostram a devoção de uma mulher como a base do sucesso de um homem enquanto ele espera complacentemente que a felicidade venha para si. Comparado com a protagonista feminina que, no fim, se destruiu, a felicidade do protagonista masculino aparece distorcida e fora de lugar. Destacar o ego masculino às vezes pode ser confundido com o apoio pessoal de Mizoguchi a uma sociedade patriarcal. Em filmes como *The Nihon Bridge*, o protagonista mostra uma apreciação e respeito à mulher por seu sacrifício, e até entrega seu *status* de elite; em *Cascading White Threads*, ele homenageia a mulher que comete um crime por ele ao cometer suicídio; e em *The Downfall of Osen*, o protagonista está profundamente angustiado, porque a mulher perdeu a sanidade por causa dele (Sato, 2008, p. 81, tradução própria⁴⁷).

Mizoguchi, por meio de suas narrativas, frequentemente apresenta uma constante: figuras femininas subjugadas pelas normas e ideologias predominantes de sua época, mesmo que, em suas ações, sejam as responsáveis por provocar mudanças significativas. Essa característica só começou a se transformar com o progresso em direção à democracia. Apesar disso, em seus filmes, podemos identificar mulheres fortes que evidenciam a mediocridade dos personagens masculinos que as rodeiam. Como afirmou Tadao Sato (2008, p. 90, tradução própria⁴⁸), “Os homens que cercam a heroína apaixonada são todos espécimes vergonhosos, dos quais não vale a pena ajudar; a tarefa da heroína é destruir as ilusões sobre a autoridade masculina”.

No que se refere às técnicas de filmagem, Mizoguchi adotava uma abordagem distintiva, caracterizada por longas cenas sem cortes, nas quais buscava a excelência da atuação e

47 No original: “Mizoguchi’s films show a woman’s devotion as the basis of a man’s success as he complacently waits for happiness to come his way. Compared to the female protagonist who, by the end, has destroyed herself, the male protagonist’s happiness comes across as skewed and out of place. Highlighting the male ego could sometimes be mistaken for Mizoguchi’s personal support of a patriarchal society. In films such as *The Nihon Bridge*, the protagonist does show an appreciation of, and respect for, the woman for her sacrifice, and even surrenders his elite status; in *Cascading White Threads*, he honours the woman who commits a crime for him by committing suicide himself; and in *The Downfall of Osen*, the protagonist is deeply anguished, because the woman has lost her sanity because of him.”

48 No original: “The men who surround the passionate heroine are all shameful specimens, not worth helping; the heroine’s task is to shatter the illusions about male authority.”

a visualização completa dos atores, evitando ao máximo os *close-ups* (Sato, 2008). Essas peculiaridades podem ser atribuídas, em grande parte, à sua influência do teatro.

| Yang Guifei em foco: análise da representação de Mizoguchi

Princess Yang Kwei Fei (Yôkihi, 1955) é um filme de temática histórica, dirigido por Kenji Mizoguchi, baseado na história da corte imperial da China antiga. Tendo como foco Yang Guifei, amada concubina do imperador Xuanzong (685-762) da Dinastia Tang (618-907).

Exploraremos a obra fílmica de Kenji Mizoguchi a partir da perspectiva da teoria da adaptação de Linda Hutcheon. Portanto, compreendemos a obra de Mizoguchi como uma adaptação que possui como base os fatos históricos. Porém, não se limita apenas a eles, podendo conter mudanças que podem vir a expandir ou alterar o recorte inicial, assim como expandir ou modificar a imagem que a personagem apresenta. Sendo assim, a análise proposta busca compreender a personagem na obra fílmica de Mizoguchi, dialogando com outras percepções e fatos relacionados à personagem dentro e fora da obra, tendo em vista que a construção estética da personagem através da história e da literatura é composta pela interpretação e pela opinião de diversos autores.

Podemos notar algumas diferenças entre o roteiro e os fatos históricos. De acordo com os trabalhos de Howard S. Levy, *The Career of Yang Kuei-fei* (1957) e *The Selection of Yang Kuei-fei* (1962), Yang Guozhong, primo de Yang Guifei, não possuía bom relacionamento com o general An Lushan. No filme de Mizoguchi, o conflito entre os dois é brevemente ilustrado depois que Guozhong se torna ministro. Antes disso, Yang Guozhong e o general demonstram ter uma relação próxima e até se unem para tentar agradar o imperador.

No enredo apresentado no filme, é importante observar que Li Linfu permanece vivo enquanto Yang Guozhong ocupa a posição de ministro. Historicamente, Guozhong só assumiu essa função após a morte de Li Linfu. Além disso, Li Linfu desempenhou um papel crucial no recrutamento de An Lushan, o que estabeleceu uma relação sólida entre eles. No entanto, na obra de Mizoguchi, essa proximidade não é retratada, e Yang Guozhong e Gao Lishi demonstram descontentamento com a influência de Li Linfu, lamentando a baixa influência de suas famílias.

Outra diferença notável se refere à forma como Yang Guifei conhece o imperador. No filme, a jovem vem do interior para morar com seus primos após a morte de seus pais e, posteriormente, An Lushan nota o encanto da Guifei e a apresenta ao imperador. An Lushan

demonstra entusiasmo, esperando ser recompensado por essa descoberta. No entanto, Yang Guifei não está satisfeita com essa situação, percebendo que será usada apenas como uma ferramenta, assim como quando era uma serva de seus primos. Em contraste, na versão histórica, ela se casa com o filho do imperador e só conhece o imperador após o casamento.

Conforme observado por Sato (2008, p. 135), as incongruências na ambientação e no cenário do filme podem ser atribuídas à insuficiência de referências, mesmo com a assistência de um colaborador chinês na confecção do manuscrito. Sato argumenta que a cena na qual os personagens se disfarçam e participam do festival local é, em sua opinião, meramente romântica e provavelmente inventada pelo diretor.

Inicialmente, é evidente que a personagem se encaixa perfeitamente nas características das personagens femininas frequentemente retratadas por Mizoguchi. A Yang Guifei de Mizoguchi é uma personagem sincera, demonstrando o profundo amor ao sacrificar-se em prol do imperador. Além disso, suas intenções de não interferir nos assuntos políticos são evidentes, chegando ao ponto de propor a abdicação de seu *status* para salvar sua família e o bem-estar do governo. Seu comportamento estava alinhado com os padrões morais da época, uma vez que não manifestava intenções negativas e esforçava-se para manter discrição diante dos demais. No entanto, infelizmente, acabou sendo utilizada como uma ferramenta para a ascensão de sua família, tendo suas próprias vontades silenciadas pelo sistema patriarcal.

No filme, testemunhamos cenas em que a personagem demonstra suas habilidades artísticas ao tocar o *biwa*⁴⁹ e ao dançar diante do imperador. Ao apreciar suas habilidades, somos levados a admirar sua beleza e graciosidade, que se manifestam em diferentes formas. A união de suas características físicas, personalidade e habilidades artísticas exhibe a complexidade de sua beleza, indo além das meras limitações visuais. Portanto, para apreciar plenamente essa complexidade, é necessária uma compreensão filosófica e artística.

Além disso, Yang Guifei se encaixa na definição de “mulher fatal”, já que sua beleza tem o poder de levar o imperador à negligência, o que acaba contribuindo para a destruição de seu reino. A beleza da personagem atribui a ela a capacidade de manipulação. Sua figura também demonstra a fragilidade feminina, tanto fisicamente, com sua morte, como politicamente, uma vez que depende de uma figura masculina para que suas vontades

49 Instrumento musical de cordas tradicional (琵琶).

sejam concretizadas. No entanto, é perceptível que ela possui atitude em suas tomadas de decisões, o que é mais uma característica da cinematografia de Mizoguchi.

Em relação a suas características físicas, podemos intuir que Machiko Kyô, atriz que interpretou Yang Guifei, se enquadrava nos padrões estéticos japoneses da época (1955). Além do mais, podemos notar que seus olhos, dentes e sobrancelhas parecem se adequar às descrições apresentadas por Cho Kyo, possuindo olhos brilhantes, dentes brancos e sobrancelhas finas.

Por fim, é evidente que a intensidade da beleza de Yang Guifei, como retratada no filme de Kenji Mizoguchi, exerce um poderoso efeito sobre o imperador, fazendo-o ansiar por sua companhia. A ausência dela, por outro lado, mergulha o imperador na melancolia. Essa beleza, que “excede até mesmo a do mundo natural”, estende-se para além da vida terrena, transcendendo a própria morte. A morte da personagem eterniza seu amor, tornando a sua degradação ou corrupção impossíveis, pois sempre será lembrado da forma que foi antes da morte. Assim, ao imperador resta apenas a tristeza e a esperança de um reencontro no pós-vida, deixadas pela impressionante imagem de Yang Guifei.

| Considerações finais

No presente trabalho, nossa investigação buscou desvendar a representação da beleza feminina na personagem Yang Guifei no filme *Yôkihi* (楊貴妃), lançado em 1955 e dirigido por Kenji Mizoguchi. A jornada nos levou a explorar diversas definições de beleza, tanto no Ocidente quanto no Oriente, proporcionando um contexto rico para nossa análise. Além disso, consideramos as interpretações de outros estudiosos sobre a beleza da personagem, situando-as no contexto histórico em que Yang Guifei viveu.

Ao longo deste trabalho, também mergulhamos nas características distintas das personagens femininas nos filmes de Kenji Mizoguchi, revelando como Yang Guifei se encaixa nesse cenário. Nossa abordagem analítica foi fundamentada na Teoria da Adaptação de Linda Hutcheon, escolhida deliberadamente para fornecer uma perspectiva única. No entanto, reconhecemos que existem diversas abordagens e métodos de análise igualmente válidos.

Nossas descobertas reforçam a importância da beleza na construção de personagens e na narrativa cinematográfica. Yang Guifei, com sua beleza transcendentemente etérea, representa não apenas um padrão estético, mas também uma figura que atravessa o tempo, evocando emoções e reflexões duradouras.

Vale ressaltar que, devido à falta de referências sobre as características físicas reais da personagem, não foi possível estabelecer uma conexão direta entre a representação no filme e a figura histórica de Yang Guifei. Assim, nosso estudo da beleza de Yang Guifei se baseou nas imagens e percepções construídas por outros autores ao longo do tempo, reconhecendo que essas interpretações podem variar de acordo com as sensibilidades individuais de cada autor. Consideramos que essa multiplicidade de perspectivas enriquece a imagem da personagem e a mantém viva através das eras.

Nossas análises ao longo deste trabalho procuraram explorar a maneira como Yang Guifei é retratada no filme de Kenji Mizoguchi, levando em consideração o contexto histórico, a cinematografia do diretor, os conceitos estéticos apresentados por Umberto Eco e Kyo Cho, bem como a representação da beleza de Yang Guifei em obras de outros autores. Buscamos responder a perguntas fundamentais: qual imagem da estética da beleza feminina a personagem transmite? Como sua influência se manifestou no contexto histórico da China no período em que viveu? Qual é a representação da beleza feminina da personagem no filme?

Em última análise, esperamos que nossas conclusões tenham contribuído para enriquecer a compreensão da beleza que Yang Guifei personifica, expandindo sua estética e destacando sua importância duradoura na literatura chinesa e japonesa. Acreditamos que a beleza de Yang Guifei transcende sua representação em qualquer meio, tornando-a uma figura imortal na cultura e no imaginário coletivo.

Referências

BERKEL, M. A. C. van. **The changing portrayal of Yang Guifei's beauty**: An analysis of female beauty ideals and the male gaze as reflected in the portrayal of Yang Guifei in Chinese literature from the Tang to the Qing dynasty. 2017. Thesis (Master of East Asian Studies) – Faculty of Humanities, Leiden University, 2017.

ECO, U. **História da Beleza**. 1. ed. São Paulo: Editora Record, 2004. p. 1-438.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação**. 2. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2013. p. 1-280.

KYO, C. **The Search for the Beautiful Woman**: A Cultural History of Japanese and Chinese Beauty. 1. ed. [S. l.]: Rowman & Littlefield Publishers, 2012. p. 1-287.

LEVY, H. S. The Career of Yang Kuei-fei 楊妃貴. **T'oung Pao**, [S. l.], v. 45, n. 4/5, p. 451-489, 1957.

LEVY, H. S. The Selection of Yang Kuei-Fei. **Oriens**, [S. l.], v. 15, p. 411-424, 31 dez. 1962.

LIN, C.-W. **Bai Juyi's Poetry as a Common Culture in Pre-modern East Asia**. 2012. Thesis (Master of Arts) – Graduate Department of East Asian Studies, University of Toronto, Toronto, 2012.

NOVIELLI, M. R. **História do Cinema Japonês**. 1. ed. Brasília: Editora UnB, 2007. p. 1-460.

SATO, T. **Kenji Mizoguchi and the Art of Japanese Cinema**. 1. ed. [S. l.]: Berg Publishers, 2008. p. 1-196.

CAPÍTULO 15

Marugoto: uma análise quantitativa de suas imagens e análise dos recursos visuais do livro didático de japonês, Marugoto

Bruno Barbosa Malzoni (UnB)

André Nogueira de Alcântara (UnB)

Kyoko Sekino (UnB)

1. Introdução

O presente texto é uma compilação de dois trabalhos de conclusão de curso (TCCs) defendidos por Bruno Barbosa Malzoni (2017), cujo título é *Marugoto: uma análise quantitativa de suas imagens*, e André Nogueira de Alcântara (2018), cujo título é *Análise dos recursos visuais do livro didático de Japonês, Marugoto*. Ambos os autores investigaram o número de imagens contidas na coleção de livros didáticos *Marugoto*, publicados pela Fundação Japão a partir de 2013. Conforme foi informado por Sekino – neste volume, capítulo X –, na época em que os trabalhos supracitados foram elaborados, ocorria o programa de ensino de línguas estrangeiras (LEs) denominado Idiomas sem Fronteiras (IsF), em parceria com a Fundação Japão. Esta, por sua vez, introduziu o uso do referido livro e, a partir disso, o *Marugoto* tornou-se amplamente conhecido por meio de orientações realizadas pela própria fundação. O emprego desse material didático influenciou bastante as aulas de japonês, fazendo surgir diversas reflexões posteriores ao seu uso em contexto de classe, estas materializadas em alguns trabalhos de TCC relacionados ao livro didático. Malzoni e Alcântara engajaram-se com a investigação da abundância de imagens no livro e apresentaram dois trabalhos interessantes, sendo que Alcântara complementa uma parte do trabalho de Malzoni, além de propor seu próprio questionamento acerca da pesquisa.

A existência de uma vasta quantidade de livros didáticos de língua japonesa, com conteúdos e métodos diversificados no mercado, traz uma certa dificuldade para os professores de línguas em decidir qual livro didático é o mais adequado para o contexto tanto do curso quanto de seus aprendizes. Existe uma constante necessidade de analisar e discutir os livros didáticos de japonês como LE para que se melhore e desenvolva a relação de ensino-aprendizagem.

O uso da coleção de livros didáticos *Marugoto* por meio do IsF multiplicou rápida e amplamente no Brasil. No entanto, na época de sua implementação, poucas análises foram realizadas. Malzoni e Alcântara observaram uma gama de imagens empregadas na coleção e, desse modo, intuíram o fomento de suas pesquisas. Ambos se fundamentaram nas perspectivas teóricas de seus respectivos pontos de vista. Isto posto e temas delimitados, foi necessário coletar um vasto número de imagens, bem como classificá-las de acordo com os critérios estabelecido por eles.

A fim de entender a coleção, a pesquisa se iniciou com as seguintes perguntas de pesquisa, apresentadas na próxima seção.

1.1 Pergunta da pesquisa

A coleção de livros didáticos *Marugoto, Coursebook for communicative language competences* (Fundação Japão, 2011) impressiona e surpreende pela qualidade das imagens em seus livros. Desse ponto, surgiram as seguintes questões:

- a) Quantas imagens e ícones essa coleção de livros tem? (Malzoni, 2017; Alcântara, 2018);
- b) Essa quantidade de imagens e ícones é necessária para a aprendizagem de língua japonesa? (Malzoni, 2017);
- c) O número de imagens dos livros prevalece ou diminui com a progressão dos níveis? (Alcântara, 2018).

1.2. Objetivo geral

O objetivo geral dos trabalhos compreendeu: verificar o número de recursos visuais na coleção, bem como observar se há uma correlação entre eles (imagens e ícones) e os estímulos de aprendizagem postulados por Krashen (1982). Por fim, analisá-los tendo como base os conceitos de gramática visual e de texto multimodal.

1.3. Objetivos específicos

- a) Identificar a quantidade de imagens, desenhos e ícones presentes nos livros.
- b) Verificar a proporção entre *desenhos* e *imagens reais*.
- c) Analisar a frequência de elementos visuais durante os livros didáticos.
- d) Comparar os padrões que ocorrem nos livros didáticos para verificações.

1.4. Justificativa das pesquisas

Estes trabalhos se justificam na medida em que os recursos visuais em seus aspectos conceituais, bem como os desdobramentos envolvidos nessa temática, possuem alta relevância no ensino de línguas estrangeiras. Já em termos acadêmicos, o trabalho se justifica pelo fato de contribuir com esclarecimentos acerca do tema, por meio do aporte teórico de renomados autores. Por fim, em termos institucionais, a justificativa diz respeito à eficácia dos recursos visuais em livros didáticos.

2. Fundamentação teórica e revisão de literatura

As pesquisas foram norteadas por diversas teorias que explicam a importância do uso da imagem no livro didático e, sobretudo, no processo da aquisição e aprendizagem de LEs.

2.1. Gramática visual

A gramática visual de Kress e van Leeuwen (2006) defende o uso da imagem como um meio semiótico⁵⁰, uma vez que as imagens servem para explicar a cultura de um povo ou sua história, as quais estão por trás da língua-alvo. As imagens, então, são importantes por possuírem significados para aquela cultura. Nesse sentido, argumentam que os padrões e os significados de uma cultura ou sociedade interferem na linguagem verbal, assim como na linguagem visual, pois a imagem possui a capacidade de gerar significados. No entanto, a pesquisa do uso de imagens dentro dos livros didáticos de LEs vem sendo negligenciada, uma vez que não se dá a devida atenção à carga semiótica por detrás da imagem daquela cultura, comparando-se com o uso da linguagem verbal.

Conforme sua definição, as imagens vão além da representação da realidade: elas “produzem imagens da realidade” (*apud* Araujo, 2011, p. 68). Essas não apenas auxiliam a compreensão da cultura ou da sociedade, mas aprofundam a compreensão de valores, costumes, crenças e práticas sociais da cultura em questão. Isto quer dizer que são meios semióticos profícuos no que se refere à provisão de detalhes de sentidos “investidos” de política e de ideologia (Frow, 1985 *apud* Fairclough, 2001, p. 95).

No que diz respeito a sua função, a gramática é um instrumento que “representa padrões de experiências”, por meio da capacidade dos “seres humanos de dar sentido à sua experiência” (Halliday, 1985, p. 101 *apud* Kress; van Leeuwen, 2006, p. 2), os humanos a utilizam para validar a gramática visual e para fundamentá-la. Portanto, o ser humano usa a gramática além do seu uso normativo, ou seja, além de absorver regras e normas gramaticais da língua, ela, por sua vez, também integra a linguagem em uma perspectiva social, cultural e humana. Kress e van Leeuwen defendem que a gramática visual deve andar lado a lado com a gramática formal, pois a primeira com seu conjunto de regras de produção permite especificar uma linguagem ou língua. O ser humano, ao fazer uso da língua no mundo, constrói significação realizada na forma de eventos linguísticos como “ser”, “fazer”, “sentir” (Araujo, 2011).

50 De acordo com Umberto Eco (*The Role of the Reader. Explorations in the Semiotics of Texts*, 1995, p. 198), a semiótica se trata de um termo introduzido por Charles Sanders Peirce para designar o processo de significação da produção de significados.

Com a base desses pressupostos, os autores buscam descrever o campo do visual nos domínios da sua prática, suas regras e o seu significado, preservando o seu caráter semiótico, isto é, suas propriedades específicas de criar e desenvolver seus significados, independente e diferentemente do padrão linguístico. Para os seus criadores, a imagem sendo um texto visual, consiste em uma mensagem organizada e estruturada de si mesma; conectada ao texto verbal, mas de forma alguma dependente dele (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 18). Destarte, os significados que são gerados de maneira verbal ou visual são determinados por marcas culturais e históricas. Assim, a imagem adquire um significado maior que apenas “representar alguma coisa”, ela, por outro lado, tem a sua própria gramática e se coloca em igualdade com a gramática formal de uma cultura, contribuindo para noção de que a linguagem visual é “culturalmente definida”, desconstruindo o conceito de uma linguagem “universal e transparente” (p. 4).

2.2. Livro didático

O livro didático possui ideologias, representações sociais e culturais da língua ensinada, tendo grande influência no processo de ensino e aprendizagem e na construção da identidade do aluno (Tílio, 2008, p. 117). O livro didático, então, se torna um subsídio valioso para professor e aluno. Para o professor, esse subsídio constitui uma ferramenta que orienta o caminho para ministrar a aula, enquanto para o aluno, o livro é um “guia” que propicia uma aprendizagem adequada dentro e fora da sala de aula. Ele é, então, uma ferramenta necessária para o ensino de qualquer disciplina. Ainda, quando se trata de LE, também se faz necessário refletir e compreender o uso do livro didático de modo que tal ação não se torne uma limitação para o professor, mas sim, uma ferramenta e uma facilitação para ambas as partes, docência e discência (Tílio, 2008, p. 122). Segundo Grigoletto (1999), o livro didático exerce grande influência no ensino de diversas áreas, apesar do fato de sua estrutura ser quase sempre fechada e controlada. Sendo assim, o livro didático também é o maior responsável pela limitação do espaço para outros tipos de leituras, entre as quais se encontra a leitura visual, a qual é, por vezes, negligenciada. Contudo, com o advento das novas tecnologias, por meio dos conceitos introduzidos por Kress e van Leeuwen (2006), a leitura visual vem sendo disseminada, evidenciando-se a importância do texto multimodal nos livros didáticos.

2.3. Texto multimodal

O texto multimodal, em contraste com o texto linear, é um gênero de texto caracterizado pelo emprego de duas ou mais modalidades de formas linguísticas, aliando linguagem verbal e não verbal, cujo objetivo é proporcionar uma melhor inserção do leitor no mundo

contemporâneo. Essa composição de formas linguísticas, quando adotada em livros didáticos para o ensino de LEs, parte da premissa de que a imagem aliada ao texto verbal constitui um meio facilitador para o aprendizado.

O conceito de multimodalidade, de acordo com Barros (2005), nasce a partir da Semiótica, dando conceito à multimodalidade textual como um refinamento compositivo atrelado ao estudo de gêneros discursivos, tendo em vista que amplia o foco para além do sistema semiótico verbal, sistematizando procedimentos e categorias para a análise de elementos não-verbais, tais como a imagem e o som.

2.4. Aquisição de LE (Abordagem natural)

A *hipótese de input* de Stephen Krashen é apenas uma dentre o rol de hipóteses com relação às causas de aquisição e aprendizagem de linguagem. Esse conjunto de hipóteses é considerado e denominado de Abordagem Natural.

Método (ou abordagem) desenvolvido por Stephen Krashen (1982), a teoria da abordagem natural de Krashen defende a ideia de Asher (1977 *apud* Krashen, 1982) sobre a aquisição de uma língua estrangeira ser semelhante ao processo de assimilação de língua materna das crianças, no qual o período de "silêncio" (em que o aprendiz apenas recebe *input* da LE e o processa cognitivamente) é essencial para a construção da autoconfiança, levando o aprendiz a produzir enunciado na língua estrangeira quando se sentir pronto para fazê-lo. A maior preocupação está no significado do enunciado, dando pouca importância para regras gramaticais. Esse é um processo gradual que é criado como se fosse um desenvolvimento natural. O conjunto de hipóteses da teoria de Krashen são: *aquisição* (assimilação) e *aprendizado, monitoramento, input, ordem natural e filtro afetivo*. O ponto de destaque que será utilizado nesta pesquisa é a hipótese de Input, portanto vejamos o que ela diz.

2.4.1. Input

Na *hipótese de input*, postula-se que, ao adquirir uma língua, o indivíduo passa por um processo gradual. Para que tal aquisição se processe, ou seja, para que o aprendiz passe de um estágio da língua para outro, é necessário que o *input* esteja um pouco além do estágio em que ele se encontra no momento. Em outras palavras, se sua competência atual na língua é *i*, o *input* deve conter informação linguística além dessa, simbolizado por *+1*. Ainda, o indivíduo em fase de aquisição deve ser capaz de entender essa informação, fato denotado pela expressão *i+1*. Esse entendimento só é possível conquistar caso o aprendiz se concentre no significado e não na forma da mensagem. Krashen (1985, p. 21)

afirma que “com a ajuda do contexto de informação extralinguística, nosso conhecimento do mundo e competência linguística previamente adquirida, o estado da competência do aprendiz avança”.

2.5. Revisão de literatura

A partir de agora, apresentar-se-á nossa revisão de literatura, estudos relativos às imagens empregadas no livro didático.

2.5.1. Elementos visuais no ensino de inglês como LE

No estudo de Lelah Moghtadi (2012), quatro (04) livros foram avaliados e analisados, sendo os mesmos da coleção chamada *English Book* pela editora *Textbook Publishing Company of Iran*. A pesquisa indicou que, através dos livros analisados, 95,71% de todos os visuais eram desenhos e apenas 4,29% eram fotos. Além disso, o estudo investiga as categorias de função de imagens, sendo algumas delas as funções: ilustrativa, estímulo resposta e a imagem gerada por alunos.

A função ilustrativa serve de auxílio para o aluno ascender ao contexto, para compreender melhor ou aumentar sua motivação (Eyles, n.d., para. 5). Esse tipo de imagem correspondeu a 29,49%. A função estímulo resposta compreende quando uma imagem requer uma resposta ativa do leitor de maneira escrita, falada ou cinética. Esse tipo de imagem corresponde à grande maioria, sendo encontrada em 70,50% da coleção. Por fim, a função da imagem gerada por alunos é quando o leitor recebe a autonomia de selecionar ou criar suas próprias imagens para usar como ferramenta de aquisição da língua (Eyles, n.d., para. 7). Esse tipo de imagem não foi encontrado nos livros escolhidos.

As imagens dos livros didáticos foram largamente utilizadas como parte de prática de linguagem gramatical, sendo essa quantidade constituída de 87,45% das imagens. O estudo conclui que ainda há uma grande necessidade de mais estudos na área de análise de livros didáticos.

2.5.2. Avaliação dos elementos visuais em dois livros didáticos de inglês como LE

O estudo de Ali Roohani e Mohammad Sharifi (2013) faz uma avaliação dos elementos visuais em dois (02) livros didáticos de inglês como língua estrangeira adotados na maioria das escolas do Irã. Nesse estudo, são analisadas as ilustrações com o intento de encontrar um balanço entre desenhos e fotos, coloridas e a preto-e-branco. Da mesma forma, é examinada a extensão e se tais elementos visuais são usados apenas por motivos decorativos.

Os livros escolhidos pelos autores são o *Interchange 3* (2005) e o *Top Notch 3B* (2006). Ao analisar as ilustrações contidas neles, os autores identificaram, primeiramente, que, em ambos os livros, as imagens coloridas constituem uma grande porcentagem das ilustrações. Segundo a análise, o livro *Interchange 3* possui mais desenhos que o *Top Notch 3B*. Entretanto, o último citado tem mais fotos, exaurindo o intuito de estabelecer uma maior autenticidade, o que por um lado resulta em um maior preço para sua aquisição. Terceiro, a maioria dos retratos são coloridos e as ações são mais representadas mediante desenhos do que fotos. Nesse contexto, os autores presumem que tal fato ocorre por motivos práticos. Finalmente, as imagens empregadas puramente por motivos cosméticos constituem uma pequena porcentagem das ilustrações em ambos os livros, indicando que as ilustrações contidas neles são mais voltadas a produzir efeitos de facilitadores pedagógicos.

2.5.3. A questão da representação em livros didáticos de inglês como LE

O estudo de Tugba Elif Toprak e Yasemin Aksoyalp (2014) faz uma avaliação de dezessete (17) livros didáticos de língua inglesa como LE, verificando a quantidade de representações culturais dos principais países anglófonos. O estudo debate de forma bastante extensa perguntas como: o que é cultura? Como identificá-la? Como ela se relaciona com o estudo de uma língua e como ela é representada dentro de um livro didático?

Para a análise dos livros, categorizou-se três diferentes modos de citar a cultura de um país, primeiramente, como simples menção de algo ou alguém, secundamente, uma descrição de algo mais específico, com detalhes e, por fim, um *input* visual, mostrando qualquer elemento para estabelecer contexto cultural.

Foi identificado que 58% do conteúdo cultural contemplado nos livros era de uma simples menção, 25% do conteúdo era um *input* visual e apenas 17% era uma descrição. Os conteúdos culturais em 48% eram relacionados à Inglaterra e 42% eram relacionados aos Estados Unidos. O estudo ainda analisa a relação de elementos culturais de acordo com o nível dos livros e constata que apenas nos livros intermediários houve um decréscimo nos elementos visuais-culturais nos livros didáticos.

Em seguida, apresentar-se-á o método de coleta e análise para responder às perguntas de pesquisa.

3. Métodos

3.1. Natureza da pesquisa

O presente trabalho se trata de uma pesquisa bibliográfica de natureza quantitativa. A pesquisa quantitativa permite a mensuração de opiniões, reações, hábitos e atitudes em um universo, por meio de uma amostra que o represente estatisticamente. Suas características principais são (Denzin; Lincoln, 2005; Neves, 1996; Hayati; Karami; Slee, 2006):

- a) Obedece a um plano preestabelecido, com o intuito de enumerar ou medir eventos;
- b) Utiliza a teoria para desenvolver as hipóteses e as variáveis da pesquisa;
- c) Examina as relações entre as variáveis por métodos experimentais ou semiexperimentais, controlados com rigor;
- d) Emprega, geralmente, para a análise dos dados, instrumental estatístico;
- e) Confirma as hipóteses da pesquisa ou descobertas por dedução, ou seja, realiza previsões específicas de princípios, observações ou experiências;
- f) Utiliza dados que representam uma população específica (amostra), a partir da qual os resultados são generalizados, e;
- g) Usa, como instrumento para coleta de dados, questionários estruturados, elaborados com questões fechadas, testes e *checklists*, aplicados a partir de entrevistas individuais, apoiadas por um questionário convencional (impresso) ou eletrônico.

Nesta pesquisa, os pontos a), b), c) e d) foram utilizados de alguma maneira, visto que a pesquisa é considerada quantitativa.

3.2. Material de pesquisa

Usa-se a coleção de livros didáticos *Marugoto* publicada pela Fundação Japão. A relação se encontra no Quadro 1. Na pesquisa de Marzoni (2017), como não houve disponibilidade de alguns volumes, Alcântara (2018) procedeu à continuidade da coleta e análise.

Quadro 1 – A coleção *Marugoto* para a pesquisa bibliográfica

Título	Nível (JF Standard)	Ano	Nível	Pesquisador
<i>Marugoto Katsudou</i>	A1	2013	Iniciante	Malzoni (2017)
<i>Marugoto Rikai</i>	A1	2013	Iniciante	Malzoni (2017)
<i>Marugoto Katsudou</i>	A2-1	2014	Elementar 1	Malzoni (2017)
<i>Marugoto Rikai</i>	A2-1	2014	Elementar 1	Malzoni (2017)
<i>Marugoto Katsudou</i>	A2-2	2014	Elementar 2	Malzoni (2017)
<i>Marugoto Rikai</i>	A2-2	2014	Elementar 2	Malzoni (2017)
<i>Marugoto</i>	A2/B1	2015	Intermediário inicial	Malzoni (2017)
<i>Marugoto</i>	B1	2016	Intermediário 1	Alcântara (2018)
<i>Marugoto</i>	B2	2017	Intermediário 2	Alcântara (2018)

Fonte: Elaboração própria

Os primeiros níveis usam dois livros denominados *Rikai* e *Katsudou*. O *Rikai* aborda uma didática para competência comunicativa da língua; tendo como objetivo estudar as características da língua japonesa necessárias à sua compreensão, assim como fornecer um estudo metódico da aplicação da língua japonesa no dia a dia. Em contrapartida, o *Katsudou* aborda uma didática para atividades comunicativas na língua; cujo objetivo é levar o aluno a adquirir habilidades comunicativas mediante situações práticas do dia a dia, tendo enfoque na prática e compreensão auditiva oral.

3.3. Método de coleta de dados

O método de coleta utilizado nesse trabalho é o de *análise de conteúdo*, uma metodologia voltada para as ciências sociais, para estudos de conteúdo em comunicação e textos que partem de uma perspectiva quantitativa, analisando numericamente a frequência de ocorrência de determinados termos, construções e referências em um dado texto. Conforme Elo e Kyngas (2008, p. 107), “análise de conteúdo é um método de análise escrita, verbal, ou mensagens comunicativas visuais”⁵¹, que pode ser usada para textos e imagens. A

51 ELO, S.; KYNGÄS, H. Content analysis is a method of analysing written, verbal or visual communication messages. The qualitative content analysis process. *J. Adv. Nurs.*, n. 62, p. 107-115, 2008.

análise de conteúdo foi realizada quantitativamente a partir da coleta de todas as imagens encontradas na coleção *Marugoto*.

Todavia, por não serem exclusivamente material de sala de aula, as seções dispostas subsequentemente foram excluídas da análise, sendo elas:

- a) Introduções dos livros didáticos em inglês e japonês;
- b) Sumário do livro;
- c) Preparações da prova;
- d) Tabelas e dicionários extras ao final do livro;
- e) Respostas de exercícios ao final do livro.

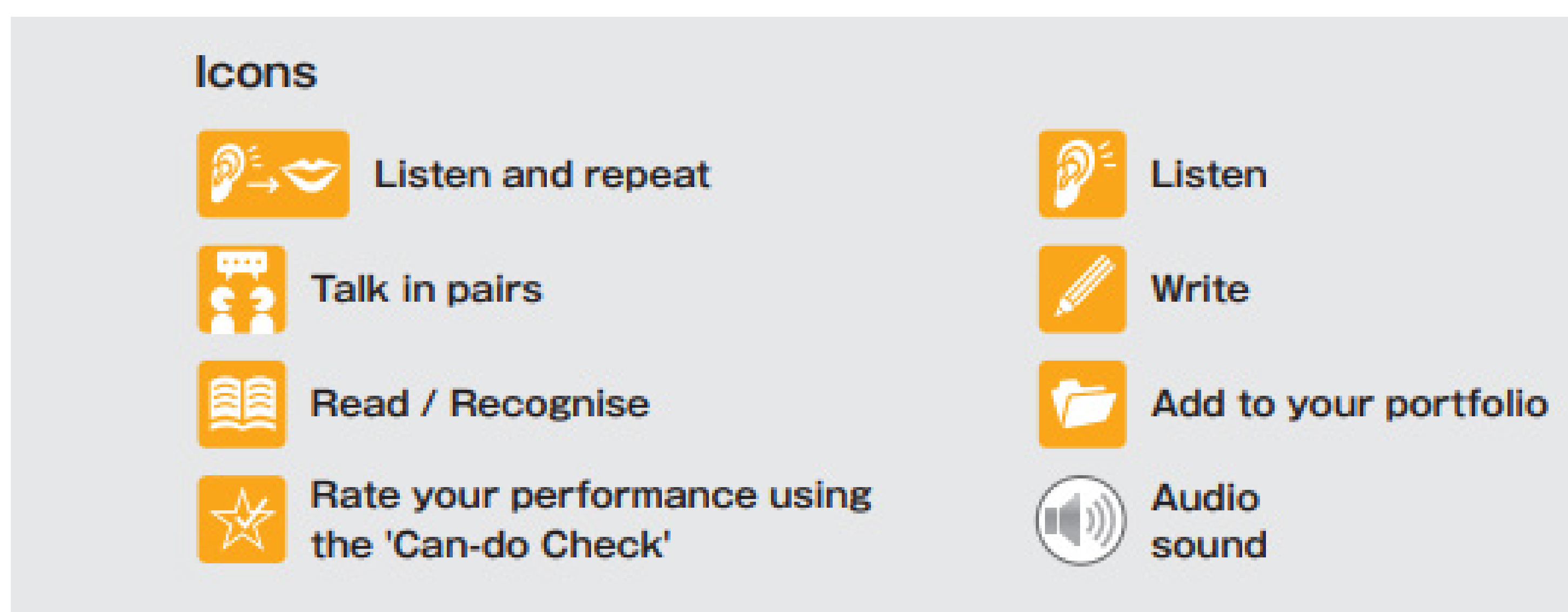
Posteriormente, foi necessário entrar em acordo sobre o que seria considerado uma imagem e o que seria considerado um ícone, bem como suas subsequentes subdivisões.

3.3.1. Ícones

Nesta pesquisa, ícone compreende todas as imagens que seguem um mesmo padrão definido pelo livro, normalmente, são caixas laranjas com desenhos em cor branca em seus interiores e um ícone específico para os áudios.

Os ícones na coleção de livros são considerados comandos para os alunos, sendo que cada um atribui uma função específica. Sendo assim, na introdução de cada livro é mostrado quais são os ícones que serão utilizados, conforme pode ser verificado na Figura 1.

Figura 1 – Ícones do *Marugoto Katsudou A1*



Fonte: Marugoto Starter A1 Katsudou (2013, p. 15)

3.3.2. Imagens

As imagens foram categorizadas de duas (02) maneiras, imagens que foram feitas especificamente para o livro didático com um estilo único e cartunesco que, conseqüentemente, foram cunhadas no decorrer deste trabalho como *desenhos*. Há também imagens que são consideradas fotos, sejam elas fotos de desenhos ou fotos de pessoas e locais. Estas, no decorrer do trabalho são chamadas de *imagens reais*. Como exemplo de *desenho*, tem-se o vislumbre da Figura 2 considerada como uma imagem única.

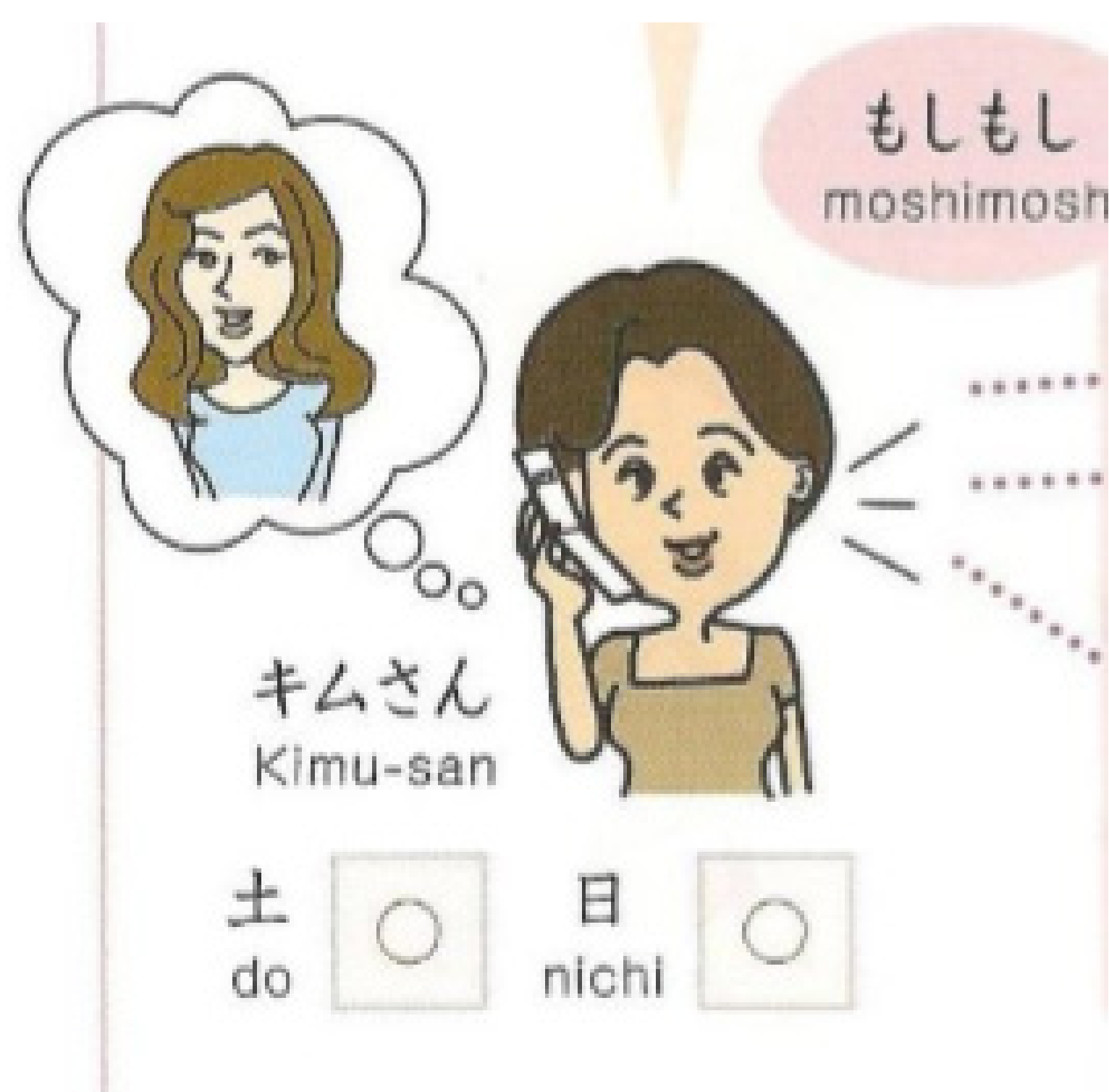
Figura 2 – Exemplo de imagem considerada como um (01) *desenho*



Fonte: Marugoto Starter A1 Katsudou (2013, p. 30)

Entretanto, ao se contar a quantidade de imagens consideradas *desenhos*, um tipo de exceção foi feito, como mostrado na Figura 3. Tal figura foi considerada como abarcante de duas (02) imagens, melhor dizendo, de dois *desenhos*:

Figura 3 – Exemplo de imagem considerada como dois (02) desenhos



Fonte: Marugoto Starter A1 Katsudou (2013, p. 30)

Como exemplo de imagem considerada como *real*, tem-se a Figura 4, a qual contempla uma (01) imagem.

Figura 4 – Exemplo de imagem considerada como uma (01) *imagem real*



Fonte: Marugoto Starter A1 Katsudou (2013, p. 35)

4. Resultados

4.1. Imagens e desenhos

Encontra-se o resultado na Tabela 1, com o número total identificado.

Tabela 1 – Número de *desenho* e *imagem real*

	Desenhos	Imagens reais	Total
A1 Katusdo	385	307	692
A1 Rikai	663	108	771
A2/1 Katsudo	365	230	595
A2/1 Rikai	437	68	505
A2/2 Katsudo	386	210	596
A2/2 Rikai	458	84	542
A2/B1	257	118	375
B1	371	271	642
B2	377	314	691
	3699	1710	5409

Fonte: Elaboração própria

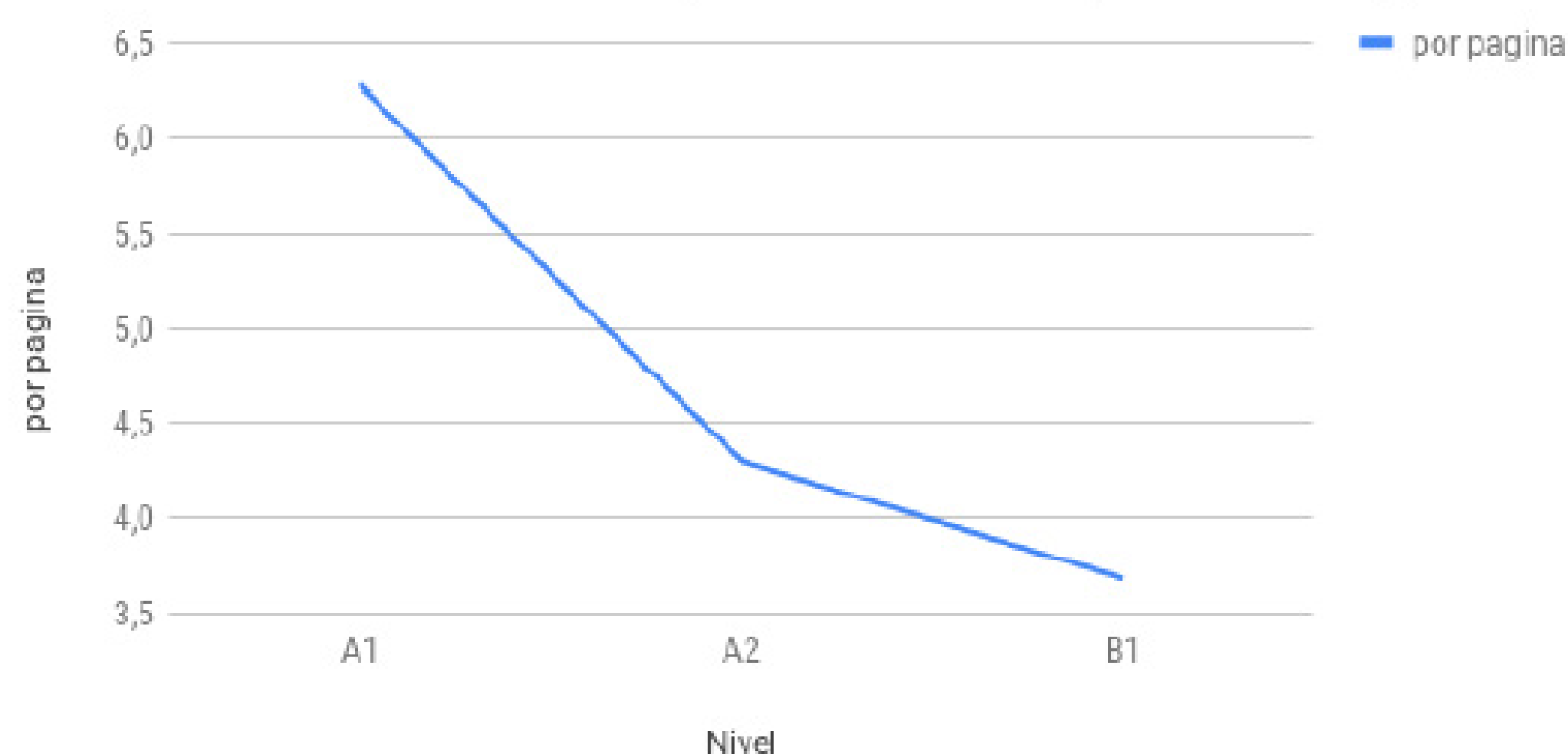
Tabela 2 – *Imagem e desenho* por página

Livro	Número de Páginas	Imagem/Desenho	Total de Imagens Por página
A1Katsudou	91	692	7,60
A1Rikai	142	771	5,42
A2/1Katsudou	116	595	5,12
A2/1Rikai	144	505	3,50
A2/2 Katsudou	115	596	5,18
A2/2 Rikai	144	542	3,76
A2/B1	90	375	4,16
B1/1	184	642	3,48
B1/2	184	691	3,75

Fonte: Elaboração própria

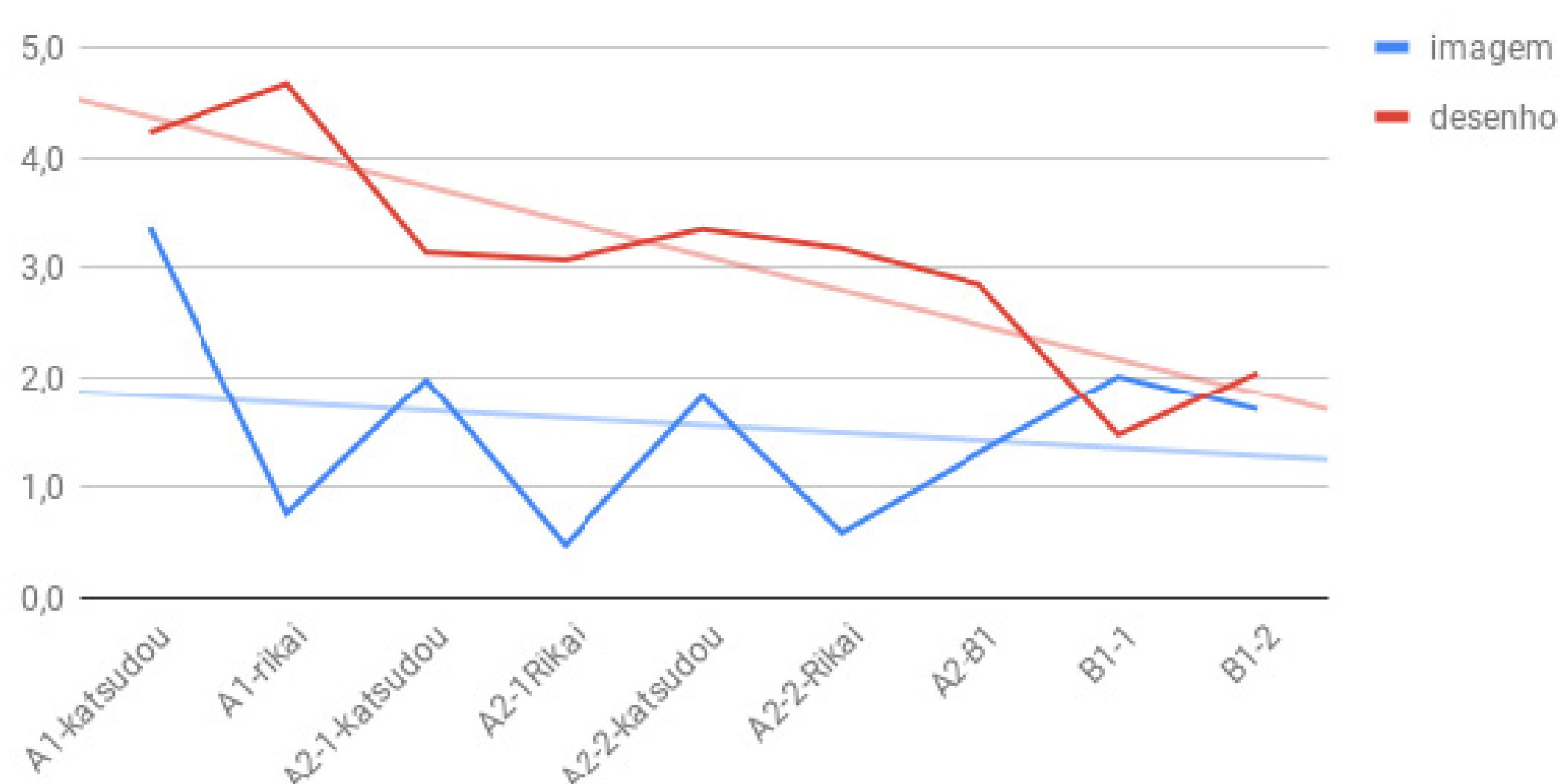
Por meio dos dados dessas tabelas, observa-se o declínio da quantidade de *imagens* e *desenhos* da coleção *Marugoto* (Gráfico 1) à medida que se aumenta o nível.

Gráfico 1 – Méida de *imagens* e *desenhos* por página e por nível



Fonte: Elaboração própria

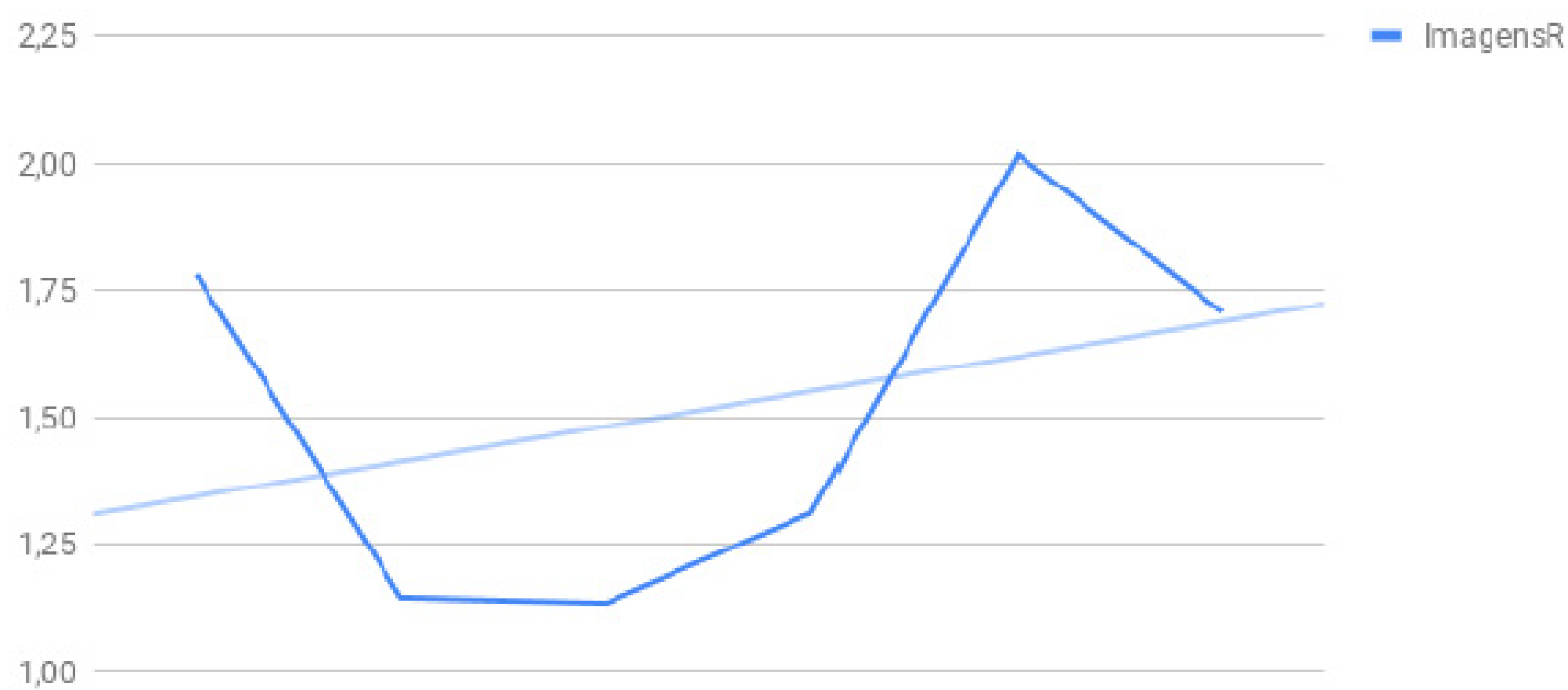
Gráfico 2 – Divisão de Imagem/Desenho por página de cada livro



Fonte: Elaboração própria

No Gráfico 2, verifica-se a distribuição de desenho e imagem por página de exercícios em cada livro. É demonstrado que o número de desenhos diminui, enquanto o número de *imagens reais* se mantém até nos níveis mais avançados. É interessante observar que também há um padrão no uso de imagens entre o *Katsudou* e *Rikai*: o *Katsudou* apresenta mais imagens que o *Rikai*.

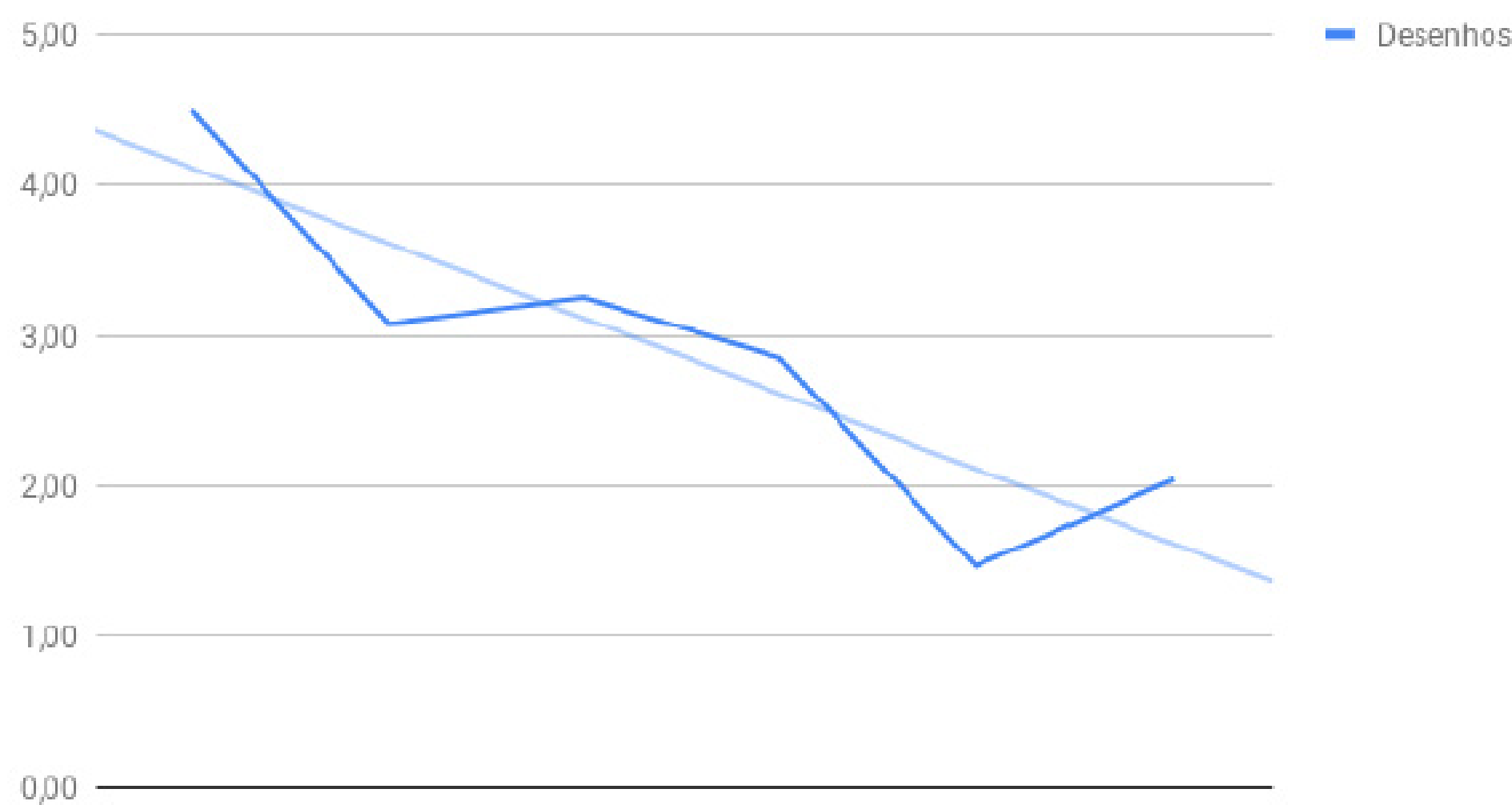
Gráfico 3 – Correlação da imagem e nível (ao avançar o nível, há tendência de aumentar o número de imagens por página)



Fonte: Elaboração própria

O Gráfico 3 apresenta a correlação entre o número de *imagens reais* e os níveis de aprendizagem, demonstrando uma queda do número de imagens no nível intermediário, embora haja uma correlação positiva entre o nível e o número de *imagens reais*, podendo-se inferir a importância delas para o ensino da língua japonesa em relação ao aumento de nível ($r^2 = 0,12$, $p = ns$). Embora o resultado estatístico demonstre a baixa correlação entre o avanço do nível e o número de imagens, pode-se entender que o livro didático, de certa forma, mantém o número de imagens independente do seu nível.

Gráfico 4 – Correlação do nível e desenho (ao avançar o nível, há uma queda no número de desenhos por página)



Fonte: Elaboração própria

Com relação ao desenho, no Gráfico 4, mostra-se a correlação do nível/desenho do livro didático *Marugoto*, confirmando mais uma vez que os recursos visuais diminuem à medida que o aluno avança de nível. Desse modo, pode-se interpretar que o aumento de nível possibilita a abstração, ou seja, não se faz necessária uma abundância de desenhos. Como a correlação é significativa, essa queda é uma evidência da competência do aluno,

que pode entender assuntos sem apoio de desenhos ($r^2 = 0,72, p < 0,05$). Conjuntamente, pode-se dizer que muitos desenhos são substituídos por textos e palavras em japonês, uma vez que desenhos assumem característica mais instrumental do que cultural.

4.2. Ícones

Verificou-se que havia doze (12) tipos de ícones, os quais representam comandos. O resultado do número de ícones se encontra na Tabela 3.

Tabela 3 – Tipos de ícones

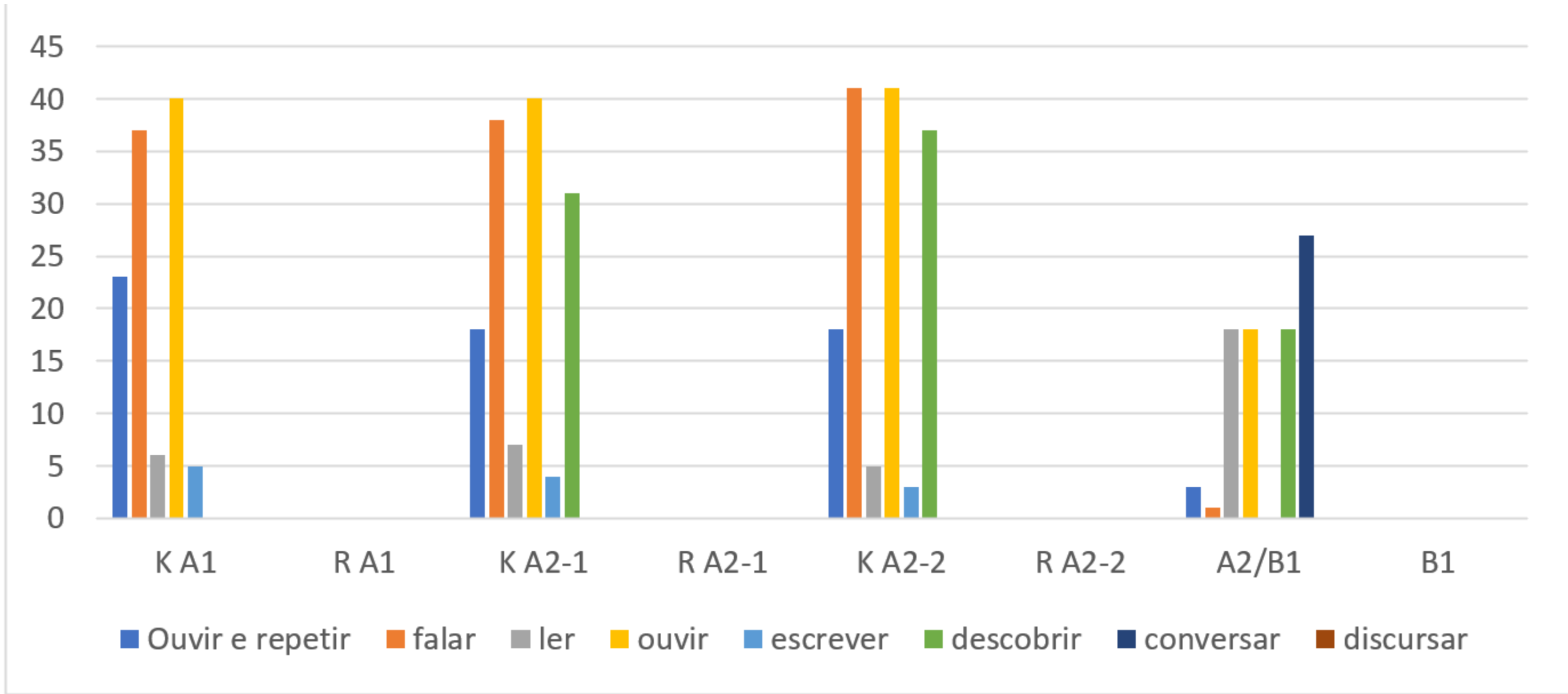
nível	Ouvir e repetir	falar	ler	ouvir	escrever	descobrir	conversar	discursar	áudio	checar	arquivar	Total
K A1	23	37	6	40	5	0	0	0	76	0	6	193
R A1	0	0	0	0	0	0	0	0	16	210	0	226
K A2-1	18	38	7	40	4	31	0	0	69	4	0	211
R A2-1	0	0	0	0	0	0	0	0	205	0	9	214
K A2-2	18	41	5	41	3	37	0	0	58	0	6	209
R A2-2	0	0	0	0	0	0	0	0	225	0	9	234
A2/B1	3	1	18	18	0	18	27	0	109	0	7	201
B1	0	0	0	0	0	0	0	0	209	0	15	224
Total	62	117	36	139	12	86	27	0	967	214	52	1712

Fonte: Elaboração própria

Identificou-se que os ícones de “áudio”, “checar” e “arquivar” são comandos diferentes dos outros por suas naturezas. O de “áudio” indica a disponibilidade do áudio na página correspondente dos materiais (recursos externos, presentes no *site do Marugoto*⁵²) que a coleção *Marugoto* possui. O de “checar” aparece exclusivamente no primeiro volume de *Rikai*, assumindo a função de instruir o aluno no que pode ser realizado para otimizar sua própria aprendizagem. Por isso, nos outros livros de *Rikai*, não há mais sua ocorrência, evitando, assim, duplicidade. O “arquivar” também é uma sugestão para que se adicione produtos no portfólio de cada um dos alunos. Excluindo os comandos supracitados, elaborou-se um gráfico da relação dos comandos.

52 Disponível em: <https://marugotoweb.jp/>.

Gráfico 5 – Ícones de comandos de exercícios



Fonte: Elaboração própria

Como se vê no Gráfico 5, nos livros de *Rikai*, não há nenhum comando com ícones. Por conseguinte, entende-se que, pela distribuição dos comandos, o *Katsudou* objetiva o engajamento direto do aluno, faz com que ele assimile com simples comandos, estes fornecidos pelos ícones. Cabe ressaltar que não há comando em modalidade escrita de língua, seja estrangeira, alvo ou materna. O comando de “falar” sempre alto, no nível A2/B1 é substituído pelo comando “conversar”, o que demonstra a transição de exercícios de fala para os de comunicação. Apesar da função explicativa do livro *Rikai*, observa-se também que há uma indução que leva o aluno a descobrir regras e convenções da língua por meio do ícone de “descobrir”. Tal fato corrobora considerar que a coleção *Marugoto* coloca importância na autonomia do aluno; é ele que deve identificar as regras que a língua possui. Percebe-se também que o ícone marcado como “discursar” (fazer oratória), presente no sumário, não apareceu nenhuma vez como uma ação ou exercício ao longo da coleção.

Em geral, entende-se que a coleção objetiva o ensino com uma miríade de exercícios de “falar” e “ouvir”, estimulando o aluno a “descobrir” elementos linguísticos e culturais até o nível intermediário. Ainda, há disponibilidade de aproximadamente mil (1000) conteúdos de áudio.

As análises quantitativas de conteúdo realizadas demonstram as características da coleção, sobretudo, como ela entende o processo de aprendizagem e realiza sua abordagem comunicativa. Pode-se concluir que a coleção se inicia com um número grande de imagens e desenhos orientados por ícones de comando, estes facilmente identificáveis e que acompanham o aluno no processo de usagem do livro didático, dando-lhe oportunidades

de ouvir e falar a língua. Mesmo que se trate da abordagem comunicativa, no início é necessário treinamento para que a comunicação mediante uso das imagens, desenhos e áudio de fato aconteça.

5. Considerações finais

Exposto o trabalho, pode-se asseverar que as três perguntas de pesquisa foram respondidas. Para a primeira pergunta: *quantas imagens essa coleção de livros possui?* A resposta é 5409, sendo 3699 *desenhos* e 1710 *imagens reais* no total. Malzoni (2017) explorou o número de ícones⁵³ nos 8 primeiros livros, cujo resultado foi 1712.

Para a segunda pergunta construída por Malzoni: *essa quantidade de imagens e ícones é necessária para a aprendizagem de língua japonesa?* Nesta abordagem de pesquisa, não se pode responder tal pergunta devido à falta de dados na parte de aprendizagem. Destarte, precisou-se de uma investigação do aluno, ou seja, do usuário do livro em sua aprendizagem. No entanto, o estudo revelou a intenção da coleção *Marugoto*, o qual foi avaliado no fim da sessão anterior. Por meio do presente resultado quantitativo, entende-se a importância da abordagem e da intenção do livro, a qual deve ser analisada previamente pelo usuário-professor. Sem o entendimento desses atributos do livro didático aqui analisado, o seu uso otimizado não pode ser garantido. Dessa forma, embora não tenha sido possível trazer o resultado dessa pergunta, pode-se entender como a aprendizagem do aluno é orientada pela coleção.

Para a terceira pergunta feita por Alcântara: *o número de imagens dos livros prevalece ou diminui com a progressão dos níveis?*, identifica-se pelo resultado estatístico que o número de imagens não prevalece nem diminui, permanecendo igual. Contudo, vale mencionar que o número de desenhos diminuiu significativamente. Isso demonstra que o apoio que o desenho conferia, assumindo o conceito de objetos básicos como “*mesa*”, por exemplo, não é mais necessário ao passo que se avança o nível. Cabe ressaltar que, ainda assim, é necessária a presença de imagens para conferir apoio contextual e cultural.

Verifica-se que uma enorme gama de recursos visuais apresentada na coleção é carregada de significados no contexto da cultura japonesa, proporcionando aos alunos a compreensão por intermédio das imagens e, às vezes, desenhos, utilizados no universo tratado. Fato corroborado pela revisão de literatura e pelos resultados da pesquisa, os quais defendem o uso de textos criativos e ricos em recursos visuais.

⁵³ Este estudo do ícone não foi realizado em Alcântara (2018).

Ressalta-se, nesse contexto, que o livro *Marugoto* tem como subtítulo *kotoba to bunka* que em português significa “idioma e cultura”, remetendo-se ao entendimento de que a língua está inserida dentro da cultura. Outra questão importante diz respeito à apresentação inicial de cada capítulo, a qual é feita por meio das imagens e desenhos, validando a defesa de Kress e van Leeuwen acerca da utilização da gramática visual, ou seja, a imagem possui a capacidade de criar significado.

Verifica-se nesta pesquisa que a abordagem da coleção *Marugoto* considera que tanto a linguagem visual como a linguagem verbal são igualmente importantes, porém o uso de ambas em um mesmo texto configura-se como meio facilitador da aprendizagem. E assim sendo, constata-se a multimodalidade inserida no livro didático *Marugoto*.

Embora não seja desprezado o texto linear, que conforme se pode comprovar vai se inserindo com mais afinco à medida que o aluno ascende o nível, a multimodalidade é um recurso relevante no ensino da língua japonesa, foco deste estudo. Portanto, a pesquisa apresentada se mostra pertinente no que se refere à análise dos livros didáticos adotados para o ensino de língua japonesa. Pertinente, especialmente, por demonstrar uso do texto multimodal, da cultura e da língua, revelando a capacidade das imagens em gerar significado.

Referências

ARAUJO, R. D. Gramática Visual: trazendo à visibilidade imagens do livro didático de LE. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 14/2, p. 61-84, dez. 2011.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage, 2005

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. *In*: KARWOSKI, A. C.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (ed.) **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 131-144.

ELO, S.; KYNGÄS, H. The qualitative content analysis process. **J. Adv. Nurs.**, p. 107-115, 2008.

EYLES, J. **Exploration of computer mediated student centered image based education**. (n.d.). Disponível em: <http://www.e-o-n.org/eyles/thesis/003.htm>. Acesso em: 22 jan. 2025.

FUNDAÇÃO JAPÃO. **Marugoto** Starter (A1) Katsudou Coursebook for communicative language competences. Tokyo, 2013.

FUNDAÇÃO JAPÃO. **Marugoto** Starter (A1) Rikai Coursebook for communicative language activities. Tokyo, 2013.

FUNDAÇÃO JAPÃO. **Marugoto** Elementary 1 (A2) Katsudou Coursebook for communicative language activities. Tokyo, 2014.

FUNDAÇÃO JAPÃO. **Marugoto** Elementary 2 (A2) Katsudou Coursebook for communicative language activities. Tokyo, 2014.

FUNDAÇÃO JAPÃO. **Marugoto** Pre-Intermediate (A2/B1) Coursebook for communicative language competences. Tokyo, 2015.

FUNDAÇÃO JAPÃO. **Marugoto** Intermediate 1 (B1) Coursebook for communicative language competences. Tokyo, 2016.

FUNDAÇÃO JAPÃO. **Marugoto** Intermediate 2 (B2) Coursebook for communicative language competences. Tokyo, 2018.

GERHARDTH, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HAYATI, D.; KARAMI, E.; SLEE, B. Combining qualitative and quantitative methods in the measurement of rural poverty. **Social Indicators Research**, v. 75, p. 361-394, 2006.

HILL, D. A. The visual elements in EFL coursebooks. *In*: TOMLINSON, B. (ed.). **Developing materials for language teaching**. Londres: Continuum Press, 2003. p. 174-182.

KRESS, G.; LEEUWEN, T. van. **Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication**. Oxford UK: Oxford University Press, 2001.

KRASHEN, S. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Internet Edition, 1982. Disponível em: http://www.sdkrashen.com/content/books/principles_and_practice.pdf. Acesso em: 22 jan. 2025.

LAJOLO, M. Livro Didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n. 69, jan./mar. 1996. Disponível em: <https://typeset.io/pdf/livro-didatico-um-quase-manual-de-usuario-cxe25b6aqa.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2025.

- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- MINAYO, M. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MOGHTADI, L. Visual Elements Used in Iran EFL High School Textbooks. **International Journal of Foreign Language Teaching and Research**, Irã, v. 1, n. 1, p. 45-56, 2012. Disponível em: http://jfl.iaun.ac.ir/article_4203_653.html. Acesso em: 22 jan. 2025.
- NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2025.
- NOVELLINO, M. O. **Gramática sistêmico-funcional e o estudo de imagens em livro didático de inglês como língua estrangeira**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.
- NUNES, T. A.; BAPTISTA, L. T. Uma imagem vale mais que mil palavras: as abordagens de leitura e suas implicações para o letramento visual. **Diálogo das Letras**, v. 5, n. 2, p. 138-160, jul./dez. 2016.
- OLIVEIRA, D. M. **Gêneros Multimodais e Multiletramentos**: novas práticas de leitura na sala de aula. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2013.
- SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, jan./abr. 2004.
- ROOHANI, A.; SHARIFI, M. Evaluating visual elements in two EFL textbooks. **Indonesian Journal of Applied Linguistics**, v. 4, n. 2, p. 68-77, 2015.
- SPINASSÉ, K. P. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, v. 1, p. 01-10, nov. 2006.
- TOPRAK, T.; AKSOYALP, Y. The Question of Re-Presentation In EFL Course Books: Are Learners of English Taught about New Zealand? **International Journal of Society, Culture & Language**, Artigo 9, v. 3, p. 91-104, 2015.
- VARGAS, M. D.; KILLNER, M. **Análise de um livro didático de Gramática de Língua Inglesa**. Rio de Janeiro: Edições Entrelugar, 2010. p. 30-43.

VILAÇA, M. L. O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades e papéis. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Unigranrio, v. 8, n. 30, p. 1-14, 2009. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/reihm/article/view/653>. Acesso em: 22 jan. 2025.

CAPÍTULO 16

Uma proposta de análise do artigo da paz da constituição japonesa

Ianne de Angel Jesus Torres (UnB)

Kimiko Uchigasaki Pinheiro (UnB)

| Introdução

Este estudo é uma parte do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: *Uma proposta de análise do Artigo 9º da Constituição Japonesa*, realizado em 2023, e tem por objetivo trazer as reflexões sobre o Artigo nono da constituição Japonesa vigente, com o objetivo de refletir sobre o texto do artigo diante do contexto histórico atual.

| O que é o “artigo da paz”?

Em fevereiro de 2022, a Rússia tomou uma medida de estratégia militar que foi duramente contestada por diferentes países da cúpula internacional: a invasão ao território Ucrâniano⁵⁴. Este conflito resultou algumas medidas protetivas, por parte do Japão, que são controversamente discutidas por parte da população. Observando essa notícia, podemos considerar que existem dois posicionamentos centrais: a população que apoia um posicionamento aparentemente “passivo” (considerando que a nação é uma das três maiores potências econômicas mundiais, além de sua posição geográfica enquanto região de fronteira com a nação russa), e por outro lado a população que está favorável às decisões do primeiro-ministro Fumio Kishida. No entanto, interrogam a demora na revisão do trecho constitucional que limitaria a participação “ativa” do Japão nesse tipo de conflito, por conta da proximidade territorial, e pode-se perceber a causa da ameaça à segurança nacional⁵⁵.

A crítica que podemos permear e levantar hipóteses aos debates sociais às decisões controversas (a exemplo, o aumento de investimento em militarismo⁵⁶), demanda o conhecimento da constituição japonesa, a transcrição do artigo e do histórico de participação do Japão em outros conflitos. No entanto, enfatizamos que neste estudo somente a parte da discussão sobre o artigo quinto é tratada.

O artigo nono da constituição japonesa é reconhecido como o *artigo da paz*, justamente pelo seu texto ainda vigente em 2023:

54 Para maiores informações, indicamos a leitura da matéria jornalística **Guerra entre Rússia e Ucrânia**, escrita por Mateus Campos para o portal *Mundo Educação* da UOL. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/tensao-entre-russia-e-ucrania.htm>.

55 Entenda mais sobre as motivações e decisões do primeiro-ministro através da leitura da matéria jornalística **Por que Japão quer acabar com pacifismo militar adotado após derrota na Segunda Guerra**, escrita por Ángel Bermúdez para o portal BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62197763>. [1] Recomendamos a leitura da matéria jornalística **Japão aprova reforma radical de sua política de defesa para fazer frente à China**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/12/japao-prepara-revisao-radical-de-sua-politica-de-defesa-frente-a-china.ghtml>.

56 Recomendamos a leitura da matéria jornalística **Japão aprova reforma radical de sua política de defesa para fazer frente à China**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/12/japao-prepara-revisao-radical-de-sua-politica-de-defesa-frente-a-china.ghtml>.

Capítulo II. Renúncia à guerra

Artigo 9. Aspirando sinceramente a paz mundial baseada na justiça e ordem, o povo japonês renúncia para sempre o uso da guerra como direito soberano da nação ou a ameaça e uso da força como meio de se resolver disputas internacionais.

Com a finalidade de cumprir o objetivo do parágrafo anterior, as forças do exército, marinha e aeronáutica, como qualquer outra força potencial de guerra, jamais será mantida. O direito à beligerância do Estado não será reconhecido.

Trecho 2 - A Constituição do Japão. Disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/constituicao.html>. Acesso em 06 de setembro de 2023.

Duas observações consideramos importantes, ao analisar o conteúdo desse artigo: primeiramente, observarmos que um conteúdo pode estar ambíguo comparado com a escrita do texto no original; em um segundo aspecto, apesar de ser um texto louvável do parâmetro humanitário, o Japão, enquanto nação e potência econômica internacional, pode não tomar essa medida de forma considerada, voluntária; e para compreender os motivos que levaram à promulgação do artigo, podemos observar a história do Japão em conflitos mundiais.

O Japão antes de 1941

A nação japonesa passou por um período de grande isolamento do cenário internacional, advinda da política interna do *bakufu*, durante os anos 1603 a 1868. Esse período é reconhecido por alguns historiadores como *a idade média japonesa* e marcado cronologicamente como o período *Edo*, período em que o clã Tokugawa assume a posição de comando administrativo do Japão via xogunato. Existe o papel do imperador, mas quem tem o poder é o xogum. Sobre esse período, Lemos e Ribeiro (2018, p. 30) citam:

A principal tarefa de Tokugawa Ieyasu ao chegar ao poder era promover a estabilidade no Japão, uma vez que o país acabara de sair de um período de um século e meio de guerra civil. Portanto, ele definiu a questão da sucessão de poder ao assassinar os herdeiros do clã Toyotomi e isolar do poder a família imperial, delineando, assim, o caminho para a manutenção de sua dinastia no poder. No que tange à divisão dos feudos, Tokugawa instituiu uma balança de poder, visando evitar novos conflitos entre *daimyos*. Já no que se refere à cultura, o *bakufu* via com preocupação a disseminação de ideias ocidentais,

e, por isso, tomou medidas para restringir o acesso da população às mesmas, como o banimento do Cristianismo (Ibidem, 2002).

O isolamento foi findado, via imposição, por um país estrangeiro, Lemos e Ribeiro (2018, p. 32) explicita a situação da chegada dos Estados Unidos no Japão:

Um processo abrupto de liberalização do território japonês estava prestes a ser imposto pelas potências ocidentais. Em 8 de julho de 1853, esse processo se iniciou com a chegada do Comandante Perry em Uraga (PANIKKAR, 1959). Apesar das iniciais tentativas amistosas de diálogo, a chegada de Perry representava de forma clara a chegada do imperialismo americano no Extremo Oriente. Ciente do estrondoso poder de coerção do Ocidente e da impossibilidade de resistência, o Xogum adota uma postura conformista em relação à abertura imposta. Assim sendo, em 31 de março de 1854, ocorre a abertura de dois portos japoneses aos produtos americanos e a permissão para o estabelecimento de representação consular dos Estados Unidos.

A abertura dos portos coincide com a entrada no período Meiji, em que o imperador recuperava o poder, a figura de liderança política, enfraquecida por causa do xogunato. As medidas de abertura dos portos ocasionaram reter os conhecimentos tecnológicos da revolução industrial para acelerar a modernização da forma ocidental no Japão; mas sem abrir margem para que algumas ideias, como *liberdade de expressão e individualismo*, pudessem ser assimiladas pela população de base. Sobre isso, Lemos e Ribeiro (2018, p. 34) dizem:

Por conseguinte, a Restauração Meiji buscava, *a priori*, romper com as políticas do xogunato e a forma como o império japonês se relacionava com o estrangeiro. Em vista disso, na prática, a restauração adotou um cunho muito mais político do que cultural. O restabelecimento da figura do imperador, em outros termos, realizou a tão desejada centralização do poder na ilha; fomentou a criação de uma moderna máquina militar, criou um consenso patriótico, antes inexistente, dentro da ilha; industrializou o país, desenvolvendo-o economicamente; e criou um sistema nacional de educação. Ações que, em conjunto, criaram uma ocidentalização planejada e controlada da ilha, o que fortaleceu a segurança nacional sem romper a identidade cultural singular do país (Idem, 1959).

O *boom* de modernidade japonesa da era Meiji resultou na rápida ascensão econômica do país; faltava a expansão territorial militarizada. Sobre isso, Cardoso (2019, p. 40) explicita:

Em termos geopolíticos, a crescente presença militar dos ocidentais na Ásia colocava territórios estratégicos ou ricos em matéria-prima como a Coreia ou Manchúria e a Península de Shadong, por exemplo, sob o controle destes países, comprometendo assim a segurança e o desenvolvimento japonês. A crescente presença dos europeus e americanos na Ásia significava uma ameaça a um Japão em desenvolvimento, conforme explicamos no início deste capítulo, pois o Japão poderia ser incluído na zona de influência destes países, e assim colonizado. Logo, a principal escolha para o governo japonês era tornar-se um país colonizador, assegurando que territórios ricos e/ou estratégicos não seriam controlados por ocidentais.

Percebemos, por estes autores que a entrada do Japão nos conflitos da Primeira e Segunda Guerra Mundial tinham motivação política e principalmente econômica, semelhante a outras nações imperialistas europeias do mesmo período histórico. Logo, podemos compreender como a existência de apenas dois lados ou se torna um país “colonizador” ou “colonizado”. Além disso, o desempenho do exército japonês, até o ano 1941, foi marcado por vitórias significativas que consequentemente poderiam dar credibilidade às medidas estratégicas de guerra do exército representante do imperador. Porém, a situação modificou-se após o ataque à *Pearl Harbour* em dezembro do citado ano.

| A derrota da Segunda Guerra Mundial e a reformulação constitucional

A entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, advinda do ataque à *Pearl Harbour*, modificou, permanentemente, o rumo da guerra; deu a motivação para a colaboração da nação estadunidense aos aliados e ataque ao exército japonês.

Em dezembro de 1941, o Japão realizou um ataque a Pearl Harbour nos EUA, pensando que, se causassem um dano sério, levariam os americanos a evitarem uma guerra prolongada e buscar uma negociação que poderia ser favorável ao Japão. A Guerra do Pacífico iniciou-se com o ataque, após um ultimato que foi dado ao Japão pelo Secretário de Estado norte-americano Cordell Hull em novembro deste mesmo ano, para que abandonasse sua política expansionista e desocupasse os territórios que ocupou desde a era Meiji. A Guerra colocaria um fim na expansão militarista do Japão e resultaria na ocupação do País pelos ocidentais (Cardoso, 2019, p. 46).

De acordo com Cardoso, podemos compreender que a luta armamentista entre os estadunidenses com os aliados soma-se à ideia de manter o lugar do poderio de colonizador nas regiões orientais, como podemos observar, que o governo dos Estados Unidos manteve a permanência nas regiões como o país de Vietnã, na guerra fria.

Na Alemanha, foi feita a Declaração de Potsdam definindo termos para a rendição japonesa, emitido em 26 de julho de 1945, e entre 6 e 9 de agosto de 1945, os militares estadunidenses lançaram duas bombas atômicas aos civis japoneses em Hiroshima e Nagasaki. Em setembro de 1945, dentre as demandas de rendição, uma das medidas negociadas foi a reformulação do texto constitucional do período Meiji, cujos comandantes militares das nações vitoriosas vinham a culpabilizar, pelas tomadas de decisão, a influência do imperador japonês e a insistência descomunal da luta das tropas militares. Citamos novamente Cardoso: "A ocupação tinha como ponto acabar com a ordem antiga e eliminar os fatores que haviam levado o Japão ao militarismo, e conseqüentemente à guerra, e reconstruir direcionando a uma nova ordem de paz, segurança e justiça" (Watanabe *apud* Cardoso, 2019, p. 51).

Para compreensão dos estadunidenses dos motivos que levavam o Japão à guerra, foi solicitado à antropóloga Ruth Benedict a produção de um estudo:

Na década de 1940, a antropóloga norte-americana Ruth Benedict realizou um estudo sobre a cultura japonesa a fim de esclarecer fatos que eram incompreensíveis aos norte-americanos. Ruth Benedict nunca fora ao Japão, mas sua obra "O Crisântemo e a Espada" foi tida como referência para entender "o outro" no período da guerra. A obra faz referência à grande diferença cultural e social entre os norte-americanos e japoneses, citando a importância social que o Imperador possuía para os japoneses. A Segunda Guerra Mundial não era apenas uma guerra: era necessário para os Estados Unidos entender os japoneses para que pudessem combatê-los (Watanabe *apud* Cardoso, 2019, p. 52)

Dois artigos foram promulgados, na nova constituição, tendo em vista as justificativas para a participação do Japão na Segunda Guerra Mundial. A primeira era a ideia de divindade associada ao imperador, e modificada através do primeiro capítulo da constituição que marcaria o mesmo enquanto um símbolo da nação – em contraponto à sua característica divina – através de 8 artigos da lei. A segunda era a adoção do segundo capítulo (Renúncia à Guerra) que marcaria o abandono às medidas diretas de guerra. Sobre o artigo nono, Watanabe (2012, p. 55) diz:

O principal motivo para a Constituição ter impacto nas relações internacionais do país se dá pela existência do Artigo 9º que, conforme visto anteriormente, proíbe o país de possuir Forças Armadas, renuncia o direito à guerra, impedindo ao país participar de ações de defesa coletiva. Ao longo dos anos, entretanto, pode-se verificar que as interpretações em torno do que é permitido ou proibido mudaram drasticamente, de acordo com o governo. Os pontos abordados neste momento são: a origem do Artigo 9º e a interpretação que o governo construiu ao aceitá-la como lei maior.

Curiosamente, após a promulgação da nova constituição em 03 de novembro de 1946, o Japão manteve o mesmo trecho constitucional vigente até os dias atuais. Isso é justificado pelo já citado por Watanabe (2012) que seriam as diferentes interpretações que governos subsequentes tiveram. Cada primeiro-ministro japonês, que veio a tomar a posição diretiva do país posteriormente, tinha uma visão, diferente do que poderia limitar esse artigo.

| Novas tensões e novas medidas

Durante o período da guerra fria (1946-1989), a interpretação do artigo nono foi levada à máxima: o Japão não manteria forças militares, a partir da interpretação do primeiro-ministro Yoshida. Cardoso (2019, p. 212) informa:

O político acreditava que esse alinhamento em política externa, ainda que custasse a liberdade externa do País, possibilitaria a recuperação econômica do Japão que, à época, se encontrava abalada com a derrota do pós-guerra (PERES, 2009). Yoshida usa o receio americano quanto à segurança do país, que poderia pender para o lado soviético, como moeda de barganha para o apoio dos Estados Unidos em sua recuperação econômica (SUGITA, 2016). Sugita (2016) coloca que o Japão, como um Estado mais fraco em uma região instável e com dois gigantes comunistas, encontrou em sua fraqueza a melhor forma de estreitar suas relações com os Estados Unidos.

Desta forma, Yoshida intencionava em usar o capital do Estado para recuperação econômica do Japão, e usar da ocupação do território pelos estadunidenses para manutenção da ordem contra as ameaças estrangeiras. Porém, em 1950, ocorre a Guerra na antiga Coreia, dividindo o território em dois, em que a Coreia do Norte se alinhava com os valores comunistas, e a Coreia do Sul se alinhava com os valores capitalistas. Sobre o

posicionamento do Japão, enquanto região de fronteira com a nação coreana, Cardoso (2019, p. 58) nos informa:

A Guerra na Coreia serviu para mostrar aos norte-americanos que seria inviável manter o Japão desmilitarizado em meio à Guerra Fria. [...] A Guerra da Coreia estendeu-se até o ano de 1953, em termos econômicos serviu para que houvesse investimentos norte-americanos na economia do Japão por meio de aquisições de guerra (as “Tokuju”) que renderam a entrada de mais de 2 bilhões de dólares durante o período da Guerra da Coreia, o que excedeu o total recebido pelo Japão dos EUA por outras vias entre 1945 e 1951 (DOWER, 1999). Com a autorização do presidente Truman, MacArthur deslocou parte das tropas de ocupação para combater na guerra da Coreia, mas já pensando na segurança do Japão e em como poderia utilizar forças nativas para a segurança do Arquipélago (MAEDA, 1995).

Porém, a guerra da Coreia causou a ressignificação por parte dos estadunidenses, que precisariam de apoio militar por parte dos japoneses para conter a expansão do socialismo e manutenção da paz no território. Sobre isso, Cardoso (2019, p. 220) nos informa:

Após a assinatura do “Mutual Security Agreement”, conforme veremos adiante, a presença militar norte-americana foi permitida no território japonês, e o Japão deveria manter apenas um efetivo necessário para a sua segurança. Mas com a assinatura do acordo, os Estados Unidos passaram a pressionar muito mais para um fortalecimento e maior investimento nas Forças de Autodefesa, pois precisavam de um aliado forte, mas com as capacidades limitadas na região do sudeste asiático.

Com o cessar fogo da guerra na Coreia do Norte, a manutenção de tropas estadunidenses no Japão foi mantida como forma de acompanhar o conflito ainda não findado. Assim, o Japão se manteria com forças militares estadunidenses em seu território, e poderia manter os custos mínimos de capital com investimentos nesse sentido, sendo amparado pelo poderio militar dos Estados Unidos. Isso resultou no *boom* econômico japonês nos anos 80, o milagre econômico que tornou o Japão a principal porta do capitalismo na Ásia Oriental e a terceira maior potência econômica da atualidade.

| Um novo Japão?

Foram mais de 50 anos sem grandes mudanças na política externa japonesa, mesmo considerando os esforços do primeiro-ministro antecessor, Shinzo Abe, e com medidas do governo recente, como a retirada de tropas estadunidenses do Afeganistão, em 2020⁵⁷, e a operação militar especial da Rússia contra a Ucrânia⁵⁸, parece que o Japão se encontra com a necessidade de repensar a política pacifista.

Houve debates sobre a reformulação do artigo quinto em 2017, quando ocorreu o incidente de um civil japonês ser executado por parte do grupo terrorista Estado Islâmico⁵⁹, mas foram intensificadas as discussões, após o assassinato do ex-primeiro-ministro japonês⁶⁰. E o questionamento, a ser observado na atualidade, é como o Japão irá reagir perante as adversidades políticas ocasionadas pelas relações tensas entre Rússia e grupo OTAN⁶¹, assim como Taiwan e China⁶². O atual primeiro-ministro Fumio Kishida já vem demonstrando, por meio de medidas de abertura ao investimento em militarismo, que não aparenta ter espaço para neutralidade por parte do Japão.

| Referências

CARDOSO, T. A. **A política de defesa do Japão e as teorias realistas**. 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-22022021-170929/publico/2019_ThiagoAlvesCardoso_VOrig.pdf. Acesso em: 06 set. 2023.

LE MOS, H. F.; RIBEIRO, M. S. **A inserção do Japão no Sistema Internacional durante os períodos Edo e Meiji**. 2018. Disponível em: Ano_2__Nº_4__Mai._2018-libre.pdf (d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net). Acesso em: 05 set. 2023.

57 Para compreender mais sobre essa informação, sugerimos a leitura da matéria jornalística **EUA concluem retirada das tropas do Afeganistão após 20 anos de ocupação**, escrita por Fabio Manzano para o portal do G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/30/eua-concluem-retirada-das-tropas-do-afeganistao.ghtml>.

58 Esse é um conflito recente na geopolítica internacional, mas sugerimos a leitura da matéria jornalística **Putin autoriza “operação militar especial” em região separatista da Ucrânia**, escrita por Nathan Hodge para o portal CNN, para começar a compreensão de tal tema. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/putin-autoriza-operacao-militar-especial-em-regiao-separatista-da-ucrania/>.

59 Uma das matérias jornalísticas que fala sobre esse incidente é **Estado Islâmico diz ter executado refém japonês, governo analisa vídeo**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/estado-islamico-diz-ter-executado-refem-japones-governo-analisa-video,3b861c22a8c1b410VgnCLD200000b1bf46d0RCRD.html>.

60 Sugerimos a leitura da matéria jornalística **Shinzo Abe: por que assassinato do ex-premiê pode mudar Japão para sempre**, escrita por Rupert Wingfield-Hayes para o portal BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62101010>.

61 Os países que compõem a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) são um total de 31 países, incluindo EUA, Canadá, Reino Unido e França. Para compreensão completa dos países que listam tal grupo, sugerimos a leitura da matéria jornalística **Otan: entenda qual é o significado da sigla, países-membros e objetivos**, do portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/11/15/otan-entenda-qual-e-o-significado-da-sigla-paises-membros-e-objetivos.ghtml>.

62 Esse é um conflito recente na geopolítica internacional, mas sugerimos a leitura da matéria jornalística **O histórico das tensões entre China e Taiwan**, pelo portal UOL, para começar a compreensão de tal tema. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2023/04/12/o-historico-das-tensoes-entre-china-e-taiwan.htm>.

NOGUEIRA, C. D. **Homens e Deuses**: a força do mito da criação na política externa japonesa. 6º Encontro da Associação Brasileira de Relações Internacionais. Disponível em: https://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498427712_ARQUIVO_EncontroABRI2017TrabalhoAvulsoHRICarolinaDantasNogueira.pdf. Acesso em: 22 jan. 2025.

WATANABE, P. D. **Segurança e Política Externa do Japão no pós-segunda guerra mundial**. 2012. Disponível em: <https://shorturl.at/OhoHc>. Acesso em: 06 set. 2023.

CAPÍTULO 17

Reconstruindo o Japonês: reconstrução da fonética do japonês antigo através de comparações entre a língua japonesa e a coreana

Anna Benedicta Gomes de Sousa (UnB)

Marcus Tanaka de Lira (UnB)

Introdução

O presente artigo tem como objetivo específico reconstruir a fonética original dos vocábulos emprestados da língua chinesa para as línguas japonesa e coreana, bem como analisar as mudanças fonéticas ocorridas desde o momento dos empréstimos até os dias atuais.

De acordo com Shibatani (1990, p. 142), a língua japonesa incorporou em seu glossário diversas palavras de origem estrangeira, incluindo o ainu e o coreano, mas, de longe, as mais numerosas são as palavras emprestadas do chinês. Ainda referenciando Shibatani (1990, p. 120), o empréstimo sistemático de palavras chinesas ocorre em três fases. A primeira fase de empréstimos teve início no período pré-Nara, quando o budismo foi introduzido no Japão em 552 d.C. (ou 538). Os sons ou leituras dos caracteres chineses atribuídos a essa primeira fase de empréstimos são conhecidos como *go'on* (pronúncia *go*). Geralmente acredita-se que “*go*” se refere à área de Wu, no sul da China, e, portanto, acredita-se que a leitura *go'on* reflita um dialeto do sul da China do período das Seis Dinastias (início do século IV até meados ou final do século VI).

A segunda fase de empréstimos chineses, mencionada por Shibatani (1990, p. 120), ocorreu durante o período Nara, quando muitos estudantes e funcionários da corte foram estudar em *Luoyang* e *Chang'an*, as duas grandes metrópoles da dinastia Tang. A nova pronúncia associada a essa segunda onda de empréstimos durante a fase inicial do século VIII é chamada de *kan'on* e é considerada como refletindo a linguagem padrão do período Tang. Posteriormente, durante o século XIV, um novo vocabulário e pronúncia foram introduzidos principalmente pelos seguidores do budismo zen. Essa nova pronúncia, que se acredita representar a área de *Hangzhou* da época, é chamada de *tou-sou'on* (“pronúncia de Tang-Song”).

Ainda se referindo a Shibatani (1990, p. 142), tradicionalmente, o léxico japonês é estruturado em três segmentos. São eles: *wago* (“palavras japonesas” ou *Yamato-kotoba*), que se referem ao segmento dos vocabulários nativos; *kango* (“palavras chinesas”), referentes a palavras emprestadas de origem chinesa; e todas as outras palavras emprestadas de idiomas europeus, bem como da língua coreana e de línguas do sudeste asiático, são denominadas *gairaigo* (“palavras estrangeiras”).

Se tratando do histórico da língua coreana, Tranter (2012) explana que o coreano, semelhante ao japonês, por falta de uma forma de escrita, faz empréstimo da forma de escrita da língua chinesa e por consequência assimila vários vocabulários do chinês para o seu léxico.

Para ser realizada a reconstrução, serão comparados vocabulários exclusivos de origem chinesa que existem tanto no léxico japonês quanto no coreano contemporâneo.

Como este projeto trata do estudo dos empréstimos vindos da China após o povoamento do Japão, não se pode retirar informações sobre a origem da língua japonesa ou da língua coreana. No entanto, aproveitando as semelhanças históricas e o empréstimo que ambos, japoneses e coreanos, fizeram, é possível realizar uma reconstrução da fonética antiga das palavras adotadas.

O objetivo geral deste projeto de pesquisa é contribuir para o ambiente acadêmico brasileiro e auxiliar estudantes de língua japonesa a compreender melhor as origens do japonês contemporâneo. Através da compreensão das mudanças linguísticas ao longo dos séculos, pretende-se investigar as irregularidades que surgiram no japonês ao longo do tempo, como o fenômeno de lenição de /p/ para /h/ que será mais detalhado ao longo do projeto, cuja mudança ocorre entre vogais e no início de palavras.

Metodologia

Serão utilizados o método comparativo e a reconstrução linguística conforme abordados por Campbell (1998), Crowley e Bower (2010), com ênfase na ordem de sonoridade ou, mais especificamente, na referência a processos de lenição ou enfraquecimento, que consideram a força e a fraqueza dos sons. Todos esses aspectos estão relacionados à área da linguística histórica.

As línguas mudam constantemente; uma dada língua também varia muito dentro de si. Não obstante, isso não é sempre óbvio. Às vezes é preciso realizar complexas investigações estatísticas quantitativas para identificarmos as correlações que existem entre fatores não linguísticos e aspectos de variação linguística, ou seja, fonologia, morfologia, léxico e sintaxe. A linguística histórica é o estudo desta mudança: o que mudou e como? Quando ocorreu/ocorria? Por quem e para que? (Lehmann, 2019, p. 1).

O método comparativo define-se, segundo Campbell (1998, p. 112), como um conjunto de procedimentos que compara formas de línguas aparentadas, cognatas, descendentes de uma língua ancestral comum, com o objetivo de postular, ou seja, reconstruir a forma na língua ancestral.

Os passos do método comparativo, consoante Campbell (1998, p. 112), são os seguintes:

1. Juntar cognatos: procuram-se cognatos potenciais entre línguas relacionadas e os listamos em algum arranjo ordenado. Em geral, é conveniente começar com cognatos do ‘vocabulário básico’ (partes do corpo, termos de parentesco próximo, números baixos, termos geográficos comuns), uma vez que estes resistem ao empréstimo mais do que outros tipos de vocabulário.

2. Estabelecer correspondências sonoras: determinam-se as correspondências sonoras. Por exemplo, nas palavras para ‘cabra’ no conjunto a seguir. (A primeira linha representa a ortografia convencional; a segunda é a fonêmica)

Quadro 1 – Comparando línguas descendentes do latim

Italiano	Espanhol	Português	Francês
capra /kapra/	Cabra /kabra/	cabra /kabra/	chèvre /ʃɛvr(ə)/

Fonte: Elaboração própria

3. Reconstruir o som original: no final, para completar a tarefa, devem-se estabelecer todas as correspondências e reconstruir o som original do qual os vocabulários descenderam. Existem diretrizes gerais nas quais os linguistas se baseiam para ajudá-los na tarefa de elaborar a melhor e mais realista reconstrução. Algumas delas são:

“Maioria como vencedora”, ou considerando todas as demais variáveis iguais, opta-se por dar preferência à maioria como vencedora. Ou seja, a menos que existam evidências em contrário, tende-se a escolher, para a reconstrução do som original, aquele que está presente em um maior número de línguas descendentes no conjunto de correspondências. Aplicando esta diretriz no conjunto citado anteriormente (quadro 1), levando em consideração o primeiro fonema apresentado em maioria, deduzir-se-ia que o som original do fonema inicial é /k/.

Outra diretriz se refere ao processo de lenição, também conhecida como “hierarquia de sonoridade”. Segundo Crowley e Bown (2010, p. 24), essa hierarquia é determinada pela regra de que os sons mais sonoros são considerados mais fracos, enquanto os menos sonoros são considerados mais fortes na escala de lenição. A seguir, apresenta-se a escala, com os sons mais sonoros à esquerda e os menos sonoros à direita:

a > e, ε > o, ɔ > i, u > róticas > laterais > nasais > fricativas sonoras > fricativas surdas > oclusivas sonoras > oclusivas surdas

Consoantes oclusivas surdas: /p/, /t/, /k/

Consoantes oclusivas sonoras: /b/, /d/, /g/

Consoantes fricativas surdas: /f/, /θ/, /s/, /ʃ/, /h/

Consoantes fricativas sonoras: /v/, /ð/, /z/, /ʒ/

Consoantes nasais: /m/, /n/, /ŋ/

Consoantes laterais: /l/, /ɭ/, /ʎ/

Consoantes róticas: /r/, /R/

Quando a mudança fonética ocorre, geralmente é na direção de um som forte para um som fraco. Ou seja, teríamos mais chances de encontrar uma mudança de /k/ para /g/, por exemplo, do que o contrário, com /g/ se tornando /k/.

Ainda usando o exemplo do quadro 1, comparando o terceiro fonema de cada palavra, /p/, /b/, /v/, deduzir-se-ia o som original como /p/, visto que é mais forte que /b/ e /v/ na escala lenitiva. Como mencionado anteriormente, nas análises da história da língua japonesa e língua coreana, esta pesquisa se baseará em Shibatani (1990) e Tranter (2012).

Para levantamento de dados, foi realizada uma reconstrução linguística composta por três etapas semelhantes aos passos do método comparativo de Campbell (1998). No entanto, diferentemente de Campbell, os vocabulários escolhidos não se enquadram no “vocabulário básico”. Primeiramente, foram estabelecidos temas, como vocabulários de água, escola, línguas e família, que existem em ambas as línguas.

Após essa etapa, foi realizada uma segunda triagem dos vocabulários, selecionando aqueles que apresentam padrões de mudanças fonéticas. Neste projeto, serão analisados três conjuntos, cada um com um padrão de mudança sonora específico.

Em seguida, uma investigação histórica e linguística é feita, tanto do vocabulário coreano quanto do japonês, seguindo pela reconstrução fonética. Segue-se para estes específicos exemplos de reconstrução.

O primeiro vocabulário escolhido é **Segredo**:

Quadro 2 – Comparação /himitsu/ e /pimil/

Japonês	Coreano	Reconstrução
秘密 /himitsu/	비밀 /pimil/	*pimit

Por meio dos processos de lenição, estudados por Crowley e Bown (2010), ao comparar os primeiros fonemas /h/ e /p/, observa-se que o som original se manifesta como /p/, uma vez que, na escala, /p/ é mais forte do que /h/. Prosseguindo a reconstrução, mantêm-se os três fonemas seguintes, pois eles aparecem em ambas as palavras. Por fim, ao comparar

os fonemas /t/ e /l/, conclui-se que, de acordo com a lógica lenitiva, o fonema presente na versão final da reconstrução é /t/. Dessa forma, a reconstrução conclui-se como **pimit*.

O /su/ não está presente no original, pois, de acordo com Shibatani (1990), a língua japonesa não aceita consoantes sozinhas no final de sílaba, desta forma, foi adicionada posteriormente a vogal epentética /u/ com o /s/ surgindo posteriormente num processo de fricatização.

Quadro 3 – Comparação /ha:see/ e /palsayng/**Surto**,

Japonês	Coreano	Reconstrução
発生 /ha:see/	발생 /palsayng/	*patseng

Fonte: Elaboração própria

Analisando os dois vocabulários, por lenição /p/ é um fonema mais forte que /h/ e relembrando, quando a mudança fonética ocorre, geralmente é na direção de um som forte para um som fraco, desta maneira antigamente o provável fonema original seria /p/. O /a/ por se apresentar em ambos os vocabulários é conservado no original. Seguindo, apesar da leitura de 発生 ser *has:ee* com uma consoante surda, /s/, originalmente, separando os dois ideogramas as leituras se apresenta como 発: *hatsu* e 生: *sei*, logo, a comparação a seguir é feita entre os fonemas /t/ da leitura do primeiro ideograma e /l/ de /pal/ do coreano, concluindo /t/ como fonema original por ser um som mais forte que /l/. O /su/ é ignorado por se enquadrar como vogal epentética seguida de fricatização.

Avançando, entre /see/ e /sayng/ tem-se o primeiro fonema, /s/, como fonema original. Os seguintes fonemas comparados são /e/ e /ay/. De acordo com Young e Kim (2012), na romanização Yale, /ay/ representa [ɛ] no Alfabeto Fonético Internacional, assim sendo compara-se /e/ e /ɛ/. Conforme Shibatani (1990), a língua japonesa sempre conteve quatro sons vocálicos, /a/, /u/, /e/ e /o/. Ho-min (2012) mostra que, no coreano médio antigo, as vogais existentes eram /i/, /i̥/, /ə/, /a/, /u/, /o/ e /ʌ/. Assim sendo, pode-se deduzir que o som original do vocabulário trabalhado seja /e/ visto que na época, ao adquirir o vocabulário, não existia o fonema /ɛ/ no coreano, todavia /e/ existia no japonês antigo.

Finalizando, conserva-se /ng/ do coreano por lógica lenitiva concluindo a provável fonética original como *patseng*.

Quadro 4 – Comparação /hati/ e /phal/

Oito,

Japonês	Coreano	Reconstrução
ハ /hati/	팔 /p ^h al/	*p ^h at

Fonte: Elaboração própria

Conforme Crowley e Bown (2010), de acordo com o processo de lenição, comparando o /ph/ de *phal* e o /h/ de *hati*, /p^h/ é mais forte que /h/, logo o fonema original seria /p^h/. Mantém-se /a/, por se apresentar em ambas as versões e, por fim, compara-se /t/ com /l/ e se deduz o som original sendo /t/, por lógica de lenição, formando assim a fonética original como *p^hat.

Ausenta-se o fonema /i/ no original, pois como anteriormente referenciado, consoante Shibatani (1990), a língua japonesa não aceita consoantes sozinhas no final de sílaba, portanto, foi adicionada posteriormente uma vogal epentética. Entretanto, diferente de *himitsu* trabalhado anteriormente, cuja vogal epentética se apresenta como “u”, neste caso, a vogal escolhida ocorre como “i”. A escolha desta determinada vogal deriva-se da primeira leva de empréstimo de palavras chinesas feito pelos japoneses no período pré-Nara citada anteriormente, referenciada à Shibatani (1990, p. 120), *go’on*. Já a vogal epentética /u/ apresentada em outros vocabulários resulta-se da segunda leva, *kan’on*.

Quadro 5 – Comparação /iti/ e /il/

Um,

Japonês	Coreano	Reconstrução
一 /iti/	일 /il/	*it

Fonte: Elaboração própria

Conserva-se o primeiro fonema e finaliza a palavra com /t/ por ser um som mais forte que /l/. Logo conclui-se a reconstrução como *it ignorando /i/ final da versão japonesa por ser uma vogal epentética.

Quadro 6 – Comparação /kek:on/ e /kyelhon/

Casamento,

Japonês	Coreano	Reconstrução
結婚 /kek:on/	결혼 /kyelhon/	*kethon

Fonte: Elaboração própria

Os fonemas /k/ e /e/ se apresentam nas duas línguas, assim se mantêm no original, entretanto, segundo Nam (2012), a semivogal /y/ não existia anteriormente no coreano, desta forma é removido no original.

Semelhante à 発生, trabalhado anteriormente, apesar de a leitura de 結婚 ser *kek:on* com uma consoante surda, /k/, originalmente separando os dois ideogramas, as leituras se apresentam como 結: *ketsu* e 婚: *kon*, logo, a comparação a seguir é feita entre os fonemas /t/ e /l/. O /t/ é um som mais forte que /l/, portanto, é mantido o /t/ no original.

Conforme Shibatani (1990), na língua japonesa, no momento de aquisição do vocabulário acima trabalhado, o fonema /h/ não se fazia presente na língua japonesa, logo, os japoneses ao ouvirem a palavra original, tentaram reproduzir da melhor forma que podiam e foi escolhido o /k/ para tal feito, assim se conclui a fonética original sendo **ket-hon*.

Seguindo para o próximo vocabulário que contém semelhante lógica reconstrutiva que o exemplo anterior se tem **solteiro**:

Quadro 7 – Comparação /mikon/ e /mihon/

Japonês	Coreano	Reconstrução
未婚 /mikon/	미혼 /mihon/	*mihon

Fonte: Elaboração própria

Os fonemas /m/ e /i/ se apresentam nas duas línguas, assim se mantêm no original. Semelhante a Casamento, quadro 6, na mora *kon*, em Solteiro, na versão japonesa, a última mora apresenta semelhante característica histórica explicada por Shibatani anteriormente, desta forma a fonética original se conclui como **mihon*.

As seguintes três reconstruções apresentadas são oriundas de comparações lexicais evidenciadas com prolongamentos, igualmente conhecidas como vogais longas, entretanto somente nos vocabulários nipônicos.

Conforme Shibatani (1990, p. 155), as vogais longas se correlacionam com uma sensação de prolongamento ou continuidade, por exemplo, *hikooki* (avião), *obaasan* (avó).

Quadro 8 – Comparação /idoo/ e /idong/

Movimento,

Japonês	Coreano	Reconstrução
移動 /idoo/	이동 /idong/	*idong

Fonte: Elaboração própria

Mantém-se os três primeiros fonemas por se apresentarem em ambos vocabulários; por lenição, /ng/ é mais forte que /o/, desta forma mantém-se no original. Concluindo, o som original se apresenta como *idong.

Quadro 9 – Comparação /kooan/ e /kong'an/

Segurança Pública,

Japonês	Coreano	Reconstrução
公安 /kooan/	공안 /kong'an/	*kong'an

Fonte: Elaboração própria

Semelhante à reconstrução anterior, mantém-se os dois primeiros fonemas e estabelece-se /ng/ como fonema original por lógica de lenição. Os últimos dois fonemas ocorrem em ambos os vocabulários resultando na fonética original como *kong'an.

Quadro 10 – Comparação /undoo/ e /undong/

Treinamento Físico,

Japonês	Coreano	Reconstrução
運動 /undoo/	운동 /undong/	*undong

Fonte: Elaboração própria

Mantém-se os quatro primeiros fonemas por ocorrerem em ambos os vocabulários; por lenição, /ng/ é mais forte que /o/, desta forma mantém-se no original. Como resultado, o som original se apresenta como *undong.

As seguintes quatro reconstruções são mais alguns exemplos de reconstruções cuja comparação é feita com vocabulários do léxico japonês que contém vogais epentéticas.

Quadro 11 – Comparação /yakusoku/ e /yaksok/

Promessa,

Japonês	Coreano	Reconstrução
約束 /yakusoku/	약속 /yaksok/	*yaksok

Fonte: Elaboração própria

Inicia-se a reconstrução conservando os três primeiros fonemas e ignorando o seguinte /u/ por se tratar de uma vogal epentética. Prosseguindo, mantém-se /s/, /o/ e /k/, e igualmente ignora-se o fonema /u/ do japonês concluindo assim a fonética original como *yaksok.

Quadro 12 – Comparação /dokuhon/ e /dokpon/

Manual,

Japonês	Coreano	Reconstrução
読本 /dokuhon/	독본 /dokpon/	*dokpon

Fonte: Elaboração própria

Preserva-se os três primeiros fonemas e ignora-se /u/. Como citado anteriormente, sabe-se que o fonema /h/ não existia no léxico japonês, desta forma conserva-se o fonema /p/ junto com os dois seguintes, finalizando a reconstrução como *dokpon.

Seguindo, tem-se o vocabulário, Coreia, cuja versão em japonês se apresenta como *kankoku* e em coreano como *hangug*.

Quadro 13 – Comparação /kankoku/ e /hangug/

Coreia,

Japonês	Coreano	Reconstrução
韓国 /kankoku/	한국 /hangug/	*han kuk

Fonte: Elaboração própria

Ao realizar a construção, relembra-se Shibatani (1990) ao explicar a inexistência do fonema /h/ na língua japonesa no momento do empréstimo de palavras de origem chinesa, isto posto, é possível concluir o fonema original inicial como /h/, pois no coreano sempre existiu tal fonema. Portanto, não foi preciso mudar a fonética original. Continuando, retém-se os dois seguintes fonemas e conclui-se os três fonemas finais como /kuk/. /Kuk/, pois

de acordo com a teoria de lenição, /k/ é mais forte que /g/, desconsidera-se /o/ e mantém /u/ por comparação de força sonora, novamente mantém /k/ e descarta-se o fonema final por se tratar de uma vogal epentética.

E por fim, temos os vocabulários,

Quadro 14 – Comparação /toochaku/ e /tochak/

Chegada,

Japonês	Coreano	Reconstrução
到着 /toochaku/	도착 /tochak/	*toochak

Fonte: Elaboração própria

Para ‘chegada’, começa-se preservando os três primeiros fonemas da versão japonesa, visto que a lógica de palavras com prolongamentos não se aplica a este caso, pois existe o prolongamento de vogal no vocabulário japonês, entretanto, diferente dos exemplos anteriores não se vê presente o fonema /ng/ na versão coreana. Tomando o latim e o português como exemplos, tem-se ‘alter’ que significa ‘outro’ em português, contudo, no Brasil, dependendo da região não se pronuncia o fonema /u/ presente na palavra, logo, deduz-se que pode acontecer a mesma coisa com o coreano. Deste modo, conserva-se o prolongamento no original. Por se apresentarem nas duas versões, os fonemas restantes são mantidos, descartando a vogal epentética /u/ do japonês. Finalizando a reconstrução como **toochak*.

Quadro 15 – Comparação /muryoo/ e /tochak/

Grátis,

Japonês	Coreano	Reconstrução
無料 /muryoo/	무료 /muryo/	*muryoo

Fonte: Elaboração própria

Inicia-se a reconstrução mantendo os cinco primeiros fonemas por apresentarem em ambos os vocabulários, seguindo, semelhante à reconstrução anterior, visto que a lógica de palavras com prolongamentos não se aplica a este caso, pois existe o prolongamento de vogal no vocabulário japonês, entretanto, diferente dos exemplos anteriores não se vê presente o fonema /ng/ na versão coreana. Finalizando a reconstrução como **muryoo*.

| Considerações finais

Durante a elaboração do presente projeto, foi possível identificar algumas dificuldades que, futuramente, deverão ser trabalhadas com mais cuidado. Realizar uma construção seguindo uma lógica lenitiva torna o trabalho mais fácil. Entretanto, é indispensável levar em consideração o histórico linguístico das línguas, pois prováveis fonemas sofrem mudanças não apenas por lenição, mas também por intercâmbio cultural e do ambiente, ou até mesmo pela inexistência inicial de tal fonema.

Ademais, algumas mudanças ou ausência de fonemas podem não ter registros concisos confiáveis para servirem como base. Portanto, é necessário ter muito mais cuidado e apurar os dados de forma precisa. Apesar da adversidade, reconhece-se a importância de tal pesquisa para a área de japonês, pois busca-se entender melhor o desenvolvimento e as transformações da língua japonesa.

Concluindo, com este projeto de pesquisa, espera-se desenvolver uma pesquisa mais completa e satisfatória da reconstrução fonética do japonês antigo, indo além dos exemplos apresentados.

| Referências

- CAMPBELL, L. **Historical Linguistics: An Introduction**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1998.
- CROWLEY, T.; BOWERN, C. **An Introduction to Historical Linguistics**. Nova York: Oxford University Press, 2010.
- HO-MIN, S. Chapter Four, Middle Korean. *In*: TRANTER, N. **The Language of Japan and Korea**. Oxon: Routledge, 2012. p. 73-122.
- LEHMANN, W. P. **Introdução à Linguística Histórica**. São Paulo: USP – Universidade de São Paulo, 2019.
- NAM, P. H. Chapter Three, Old Korean. *In*: TRANTER, N. **The Languages of Japan and Korea**. Oxon: Routledge, 2012. p. 41-73.
- SHIBATANI, M. **The languages of Japan**. Nova York: Cambridge University Press, 1990.
- TRANTER, N. **The Languages of Japan and Korea**. Oxon: Routledge, 2012.
- YOUNG, K.; KIM, R. Chapter Five, Modern Korean. *In*: TRANTER, N. **The Languages of Japan and Korea**. Oxon: Routledge, 2012. p. 124-167.

CAPÍTULO 18

Adaptação Lexical: um estudo sobre a incorporação de palavras japonesas na língua portuguesa

Manuela Peres Rios (UnB)

Marcus Tanaka de Lira (UnB)

Introdução

No campo da linguística, a língua entende-se como um sistema complexo de comunicação, que se utiliza de signos e regras, podendo ser classificado segundo a sua estrutura, origem e função. Uma das principais características da língua é que ela permite a comunicação entre pessoas através da expressão de ideias, pensamentos e sentimentos. É uma característica fundamental da sociedade que permite a transmissão do conhecimento e da cultura de uma geração para outra.

Castro (1991, p. 11) afirma que “o objeto de estudo da Linguística Histórica é a mudança linguística, ou seja, o processo pelo qual uma língua viva não estagna, mas evolui, acompanhando o evoluir da sociedade que a utiliza como instrumento de comunicação”. Então, dado que esse sistema de comunicação permanece em evolução e se desenvolve ao longo do tempo, influenciado pelas mudanças sociais, culturais e tecnológicas, esta pesquisa tem como objetivo estudar os empréstimos lexicais que advieram do contato linguístico entre o português e o japonês com o objetivo não intencional de influenciar e aperfeiçoar a comunicação entre as pessoas, incentivando o diálogo intercultural através da adoção de palavras ou expressões de outra língua.

Tal perspectiva tem como base a visão de Bloomfield (1933), que parte de um entendimento cultural sobre o empréstimo como a adoção de determinados traços linguísticos não pertencentes a um sistema tradicional. Portanto, segundo o autor:

[...] todas as comunidades que compartilham uma mesma língua ou dialeto aprendem com seus vizinhos. Tanto os objetos naturais como os manufaturados passam de uma comunidade para outra, assim como seus padrões de ação, tais como procedimentos técnicos, práticas de guerra, ritos religiosos ou moldes de conduta individual (Bloomfield, 1933, p. 445).

Para Leonard Bloomfield, existem três classificações para os empréstimos: os íntimos, os dialetais e os culturais. No primeiro, temos os empréstimos ocorridos dentro da mesma língua em comunidades próximas. No segundo, as trocas ocorrem como fruto da convivência de diferentes falares num mesmo território. E por fim, nos empréstimos culturais, ocorre contato de línguas diferentes que se relacionam por razões sociais, políticas, econômicas e culturais.

Logo, os empréstimos são uma fonte comum de enriquecimento dialético, uma vez que permitem a incorporação de novos termos e conceitos que não possuem correspondência na língua de destino. Contudo, esse “intercâmbio cultural” gerado do encontro de dois

povos também gera desafios para os falantes nativos da outra língua, cujo termos podem apresentar pronúncias, grafias e significados diferentes daqueles encontrados na língua original. É natural que os empréstimos linguísticos necessitem adaptar palavras de uma língua para outra, a fim de facilitar a compreensão e garantir o sucesso na comunicação, especialmente em nossa sociedade globalizada.

Visando explorar os empréstimos lexicais do japonês para o português, desenvolveu-se um projeto de pesquisa abrangente que aborda as adaptações fonológicas ocorridas entre esses idiomas, além de complementar com o estudo aprofundado sobre o contexto histórico e cultural do processo de adaptação à língua de destino, que, por sua vez, é o português.

No âmbito singular deste trabalho, a motivação inicial surgiu da curiosidade em realizar uma análise detalhada da adaptação lexical de palavras japonesas para o português brasileiro, considerando as diferenças fonológicas inerentes aos sistemas linguísticos das duas línguas. Essa curiosidade nasceu a partir do crescente interesse pela cultura japonesa no Brasil e pela percepção das modificações na pronúncia das palavras japonesas na língua portuguesa.

A análise das adaptações fonológicas teve em vista compreender e mostrar como as palavras japonesas foram e continuam tendo suas pronúncias adaptadas para se adequarem ao sistema linguístico e fonológico do português, considerando as peculiaridades de ambos os idiomas, mediante dados extraídos do desempenho de brasileiros não descendentes de japoneses falando palavras japonesas. A hipótese inicial foi baseada na premissa de que as diferenças fonéticas e fonológicas entre o japonês e o português são respeitadas e mantidas, apesar de poderem influenciar a maneira como as palavras asiáticas do arquipélago são incorporadas ao sistema fonético e fonológico brasileiro.

Explorando a história da Língua Japonesa e Portuguesa

Por abranger a evolução da linguagem humana ao longo de milênios, compreender a história das línguas é de suma importância. Explorar esse tema vasto e complexo nos permite mergulhar nas origens e transformações que moldaram as línguas que conhecemos hoje. Nesse contexto, a língua japonesa e a língua portuguesa destacam-se como protagonistas de narrativas linguísticas na pesquisa, onde cada uma possui sua trajetória única. Ao investigarmos individualmente a história desses idiomas, poderemos traçar paralelos de encontros históricos e desvendar os momentos de encontro e influência mútua entre eles.

A origem da linguagem falada pode ser rastreada em até 50 mil anos atrás, contudo, existe a crença que a língua falada nasceu há meio milhão de anos (Tallerman, 2021), criando a possibilidade de que todas as nossas línguas atuais sejam descendentes de um ancestral comum, como afirma Foley (2003, p. 10). “[...] apesar da riqueza na variedade de línguas no mundo de hoje, é possível que todas as nossas línguas atuais sejam descendentes de um ancestral comum”.

Entrando em um estudo de uma língua, também se estudam os fatos do contexto histórico e os acontecimentos que guiaram a sua origem. Ao se tratar do português, a língua está intrinsecamente ligada ao latim – língua falada pelo povo romano que habitava no Lácio, uma região da Península Itálica. A mudança do latim para a língua portuguesa ocorreu devido a conflitos e mudanças políticas, históricas e geográficas do povo romano. Por volta do século III a.C., os romanos ocuparam a Península Ibérica e impuseram sua língua e cultura aos povos conquistados (Santos, 2010, p. 1).

Com duas formas de latim existentes: o vulgar e o clássico, o latim vulgar foi imposto aos povos conquistados, tratando-se de uma língua predominante entre os exploradores de novas terras. Era uma língua com vocabulário limitado, sem preocupações estilísticas na fala e na escrita (IDEM).

Segundo Santos (2010, p. 1), durante a Idade Média, o latim continuou se impondo sobre línguas e dialetos de regiões diferentes, desenvolvendo-se as línguas românicas ou neolatinas. Tais línguas se originaram no território do Império Romano e a língua portuguesa é uma delas.

Portanto, torna-se necessária a compreensão de que a língua portuguesa falada no Brasil é resultado de várias transformações, incluindo adições e/ou supressões morfológicas, sintáticas e fonológicas desde sua origem ainda na Europa. Essas transformações nasceram da união do galego-português, no século VIII ao XIII, da separação destes no século XIV ao XVI, surgindo o português arcaico e “terminaram” no português clássico, a língua de Camões, passando por diferentes dialetos até atingir o português contemporâneo.

No entanto, o estabelecimento do português no território brasileiro foi fruto de um longo processo dividido em quatro momentos significativos, de acordo com Santos (2010): o período da colonização até a saída dos holandeses do Brasil, em 1654; o período seguinte até a chegada da Família Real portuguesa, em 1808; o período que vai até a independência do país, em 1822; e a transformação da língua do colonizador em língua da nação brasileira, a partir de 1826.

Paralelo à história do português, pouco se sabe sobre a história da língua japonesa, não sendo totalmente compreendida pelos linguistas. Acredita-se que a língua japonesa seja uma língua isolada⁶³ que não possuía sistema de escrita até o quarto século.

Do ponto de vista linguístico, apesar de o japonês ser uma das línguas mais faladas no mundo atualmente, ainda existem muitas dúvidas a respeito da sua origem (De Lira, 2022, p. 131) e sua relação com as outras famílias linguísticas no continente (*idem*). A relevância da classificação inconclusiva dessa língua torna-se ainda mais evidente no contexto regional em que são encontradas, vizinhas das chamadas “Línguas Paleosiberianas”, faladas mais ao norte do arquipélago japonês: uma diversidade de línguas isoladas e famílias linguísticas pouco desenvolvidas, sem nenhuma relação genética reconhecida entre si, e cuja característica comum é sua localização no leste e nordeste da Sibéria e, ocasionalmente, no norte do Japão quando a língua Ainu é incluída. Essas línguas não pertencem a famílias linguísticas maiores e mais consolidadas, que são relativamente recentes na região (Comrie, 1981, p. 238-279).

Devido às dificuldades presentes na identificação das relações e origens das línguas na região, cada vez mais linguistas e outros pesquisadores adotam uma abordagem multidisciplinar para tentar elucidar a relação do japonês com outros idiomas (De Lira, 2022, p. 131), como os estudos de Robbeets e Bouckaert (2021), que buscaram cruzar dados linguísticos com as informações sobre genética populacional e artefatos arqueológicos. Contudo, apesar da falta de consenso, a parceria entre os diferentes campos de conhecimentos é benéfica para a compreensão da formação linguística do Japão.

Além disso, a incerteza da história do Japão reflete diretamente na área de linguística histórica, bem como no presente trabalho. Logo, a dificuldade para os linguistas históricos reside no fato de haver escassa informação sobre as línguas faladas pelos migrantes do Japão em cada uma das ondas migratórias em sua história, obscurecendo as origens da língua japonesa e de suas línguas mais próximas. As informações disponíveis oferecem apenas sugestões de possíveis histórias compartilhadas, como aquelas entre os japoneses e os Ainu na onda migratória Jômon. No entanto, tais hipóteses permanecem como meras especulações, visto que os dados atualmente disponíveis são limitados (De Lira, 2022, p. 137-138).

Contudo, sabe-se que o encontro das línguas citadas (japonês e português) e suas relações são divididas historicamente por Kono (2001) em três etapas: 1. No período das navegações portuguesas, quando ocorreu a tentativa de disseminar o cristianismo no

63 Língua que não tem relação clara com outras línguas existentes.

Japão; 2. Durante a imigração japonesa em 1908 para o Brasil; 3. O retorno de descendentes desses imigrantes para o Japão em 1990.

Durante essas três etapas, ocorreu a troca de empréstimos lexicais entre os idiomas. Com o foco na pesquisa, os empréstimos das palavras japonesas foram incorporados e adotados ao vocabulário da língua portuguesa, enriquecendo-o com novas expressões e conceitos (Alves, 1947).

| Empréstimos lexicais japoneses para o português

Dentre os empréstimos lexicais mais comuns do japonês para o português, destacam-se palavras relacionadas à culinária, como *"sushi"*, *"sashimi"*, *"yakisoba"* e *"shoyu"*. Os termos japoneses citados refletem diretamente na popularidade com que foram difundidos na sociedade brasileira, levando à influência direta na gastronomia do país.

Além disso, o vocabulário relacionado a artes marciais também conduziu à disseminação dos esportes de origem asiática no Brasil. *"Judô"* e *"sumô"* são termos utilizados para o reconhecimento dessa prática nos esportes.

Há uma variedade de outros empréstimos lexicais do japonês para o português em diferentes áreas, cabe citar *"karaokê"*, *"tsunami"*, *"samurai"*, *"kamikaze"* e alguns desses termos japoneses foram adaptados ao contexto e às regras fonéticas do português, com pronúncias e grafias diferentes da forma original.

Consoante a isso, essa pesquisa fundamenta-se na hipótese de que há diferenciação de pronúncia desses empréstimos tanto no japonês e quanto no português. A investigação tem em vista compreender como essas palavras, inicialmente originárias do japonês, são adaptadas ao contexto fonético e fonológico do português, resultando em variações na pronúncia (Siqueira, 2014).

| Metodologia

Ao aprender uma segunda língua, um adulto muitas vezes apresenta um sotaque estrangeiro que pode variar em intensidade e, em alguns casos, afetar a compreensão de determinados sons. De acordo com Flege (1979), o sotaque estrangeiro é caracterizado por um conjunto de diferenças fonéticas que se diferenciam das normas estabelecidas para uma língua e que são comuns na fala de aprendizes e falantes da segunda língua. Os falantes nativos de uma língua específica acabam por identificar as diferenças presentes nesse conjunto como características que não pertencem ao dialeto do seu idioma.

Portanto, a pronúncia das palavras em japonês no contexto do português espera sofrer adaptações para se adequar ao sistema fonológico do português. Acredita-se que os falantes nativos de língua portuguesa modificam a pronúncia dos empréstimos lexicais japoneses, assimilando-os ao seu sistema fonológico nativo (1). Surgindo duas variáveis compreendidas em:

1. Nível de assimilação fonética dos empréstimos lexicais japoneses no português;
2. Ocorrência de processos fonológicos específicos na adaptação dos empréstimos lexicais do japonês para o português.

Contudo, simultaneamente, espera-se que aqueles que possuem conhecimento da segunda língua, neste caso, do japonês, ao pronunciar a palavra de origem deste país, mantenham as características fonéticas e fonológicas próprias do japonês, preservando sons e estruturas silábicas típicas. Dessa hipótese (2) surgem mais duas variáveis:

3. Preservação de sons e estruturas silábicas típicas dos empréstimos lexicais japoneses no português;
4. Grau de acomodação dos falantes do português à pronúncia japonesa, considerando as diferenças fonéticas e fonológicas entre os dois idiomas.

Por fim, a terceira hipótese é de que a pronúncia das palavras em japonês no contexto do português apresenta variações individuais, influenciadas pelo grau de exposição e familiaridade dos falantes com o japonês. Sendo assim, acreditamos que o nível de conhecimento e fluência da língua japonesa e o contato prévio influenciam diretamente a pronúncia dos empréstimos lexicais japoneses no português; originando mais duas variáveis:

5. Nível de conhecimento e proficiência dos falantes de português na língua japonesa;
6. Variação na pronúncia dos empréstimos lexicais japoneses conforme o contato prévio com a língua japonesa.

Para pesquisa piloto prática do conteúdo abordado posteriormente, foram analisadas a pronúncia de oito pessoas de dez palavras japonesas, inseridas em dez frases japonesas e dez frases em português. São todos escolarizados, nativos do Brasil e residem no atual país.

Os informantes foram separados em dois grupos: **grupo controle e grupo referência** para melhor diferenciação, comparação e cruzamento de informações. A diferenciação é apresentada da seguinte maneira: o grupo controle é formado pelo indivíduo **Z** e pelo indivíduo **X**, são indivíduos que não possuem vínculo e conhecimento prévio da língua japonesa, portanto eles leram somente as frases em português. Enquanto o grupo referência,

composto por estudantes da Universidade de Brasília do curso de Língua e Licenciatura Japonesa⁶⁴, são diferenciados pelas letras **A, B, C, D, E, F** e leram as frases em japonês e em português.

A respeito dos dados, estes foram coletados via um formulário no Google Forms no qual foram anexados arquivos de áudios da leitura das frases. Esperava-se que as gravações fossem executadas em casa ou em um ambiente no qual os integrantes da pesquisa se sentissem confortáveis e não sofressem influência externa.

Os áudios possuem duração de aproximadamente dois minutos e, através do *software* Audacity, foram analisadas a duração das moras das palavras e feito o cálculo da diferenciação da duração das sílabas das palavras oriundas do japonês, tomando como base de comparação a duração moráica.

Ou seja, entendendo que a língua japonesa tem como base a mora, uma unidade isométrica, e a língua portuguesa tem como base a sílaba, foi contrastado o quanto da isometria moráica esperada da língua japonesa foi mantida na pronúncia dos empréstimos na língua portuguesa.

A hipótese subjacente a essa pesquisa baseia-se na premissa de que as diferenças fonológicas entre o japonês e o português levariam a modificações na pronúncia dos empréstimos lexicais. Isto é, ao investigar essa diferenciação de pronúncia, esperava-se inicialmente obter informações sobre como os empréstimos lexicais do japonês são incorporados ao sistema fonológico do português, sem adotar adaptações do idioma nativo sobre o idioma japonês.

Esperava-se também que os dados levantados refletissem o desprendimento do idioma nativo ao pronunciar as seguintes palavras em japonês e as pronunciassem considerando o sistema fonológico e silábico asiático (HIPÓTESE 2, VARIÁVEL 3 e 4).

Tido isso, as palavras utilizadas foram **sumô, tsunami, sashimi, judô, yakisoba, kamikaze, shoyu, karaoke, sushi e samurai**⁶⁵.

A análise da pesquisa piloto foi baseada na comparação dos resultados obtidos entre o grupo controle (Indivíduos X a Z), formado por indivíduos sem conhecimento prévio da língua japonesa, e o grupo referência (Indivíduos de A a F), composto por estudantes do curso de Língua e Licenciatura Japonesa.

64 Do grupo de referência, é esperado que a hipótese dois seja concretizada, tendo em vista o conhecimento prévio da língua.

65 Apesar de mencionado, a palavra *samurai* não foi analisada, tendo em vista que a autora da seguinte pesquisa traduziu para “bushi”, inviabilizando a possível comparação.

Para o estudo dos resultados, realizamos uma análise matemática referente às ondas sonoras produzidas nas enunciações das sílabas tônicas primárias e secundárias, e comparadas às sílabas átonas, utilizando dados extraídos do *software* Audacity. Por meio desse método, obtivemos informações sobre a duração de cada mora das palavras japonesas analisadas.

No entanto, os resultados surpreenderam ao mostrar um padrão oposto ao esperado.

Tabela 1 - Duração vocálica nos empréstimos lexicais do grupo controle medida por segundos de enunciação, com sílaba tônica apresentada em negrito e sílaba átona sublinhada

<i>sushi</i>	Empréstimo	Acento primário	Sílaba átona	Proporção
Indivíduo X	<u>sushi</u>	0.144	0.121	84,03%
Indivíduo Z	<u>sushi</u>	0.145	0.136	93,79%
Indivíduo A	<u>sushi</u>	0.349	0.305	87,39%
Indivíduo B	<u>sushi</u>	0.348	0.225	64,66%
Indivíduo C	<u>sushi</u>	0.335	0.266	62,78%
Indivíduo D	<u>sushi</u>	0.172	0.161	93,60%
Indivíduo E	<u>sushi</u>	0.230	0.128	55,65%
Indivíduo F	<u>sushi</u>	0.194	0.106	54,64%

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2 - Duração vocálica nos empréstimos lexicais do grupo controle medida por segundos de enunciação, com sílaba tônica apresentada em negrito e sílaba átona sublinhada

<i>kamikaze</i>	Empréstimo	Acento primário	Sílaba átona	Proporção
Indivíduo X	<u>kamikaze</u>	0.157	0.111	69,43%
Indivíduo Z	<u>kamikaze</u>	0.152	0.137	90,13%
Indivíduo A	<u>kamikaze</u>	0.117	0.088	75,21%
Indivíduo B	<u>kamikaze</u>	0.193	0.169	87,56%
Indivíduo C	<u>kamikaze</u>	0.142	0.119	83,80%
Indivíduo D	<u>kamikaze</u>	0.192	0.146	76,04%
Indivíduo E	<u>kamikaze</u>	0.195	0.194	99,49%
Indivíduo F	<u>kamikaze</u>	0.135	0.115	85,19%

Fonte: Elaboração própria

Tabela 3 – Duração vocálica nos empréstimos lexicais do grupo controle medida por segundos de enunciação, com sílaba tônica apresentada em negrito e sílaba átona sublinhada

<i>tsunami</i>	Empréstimo	Acento primário	Sílaba átona	Proporção
Indivíduo X	<u>tsunami</u>	0.260	0.164	63,08%
Indivíduo Z	<u>tsunami</u>	0.216	0.136	62,96%
Indivíduo A	<u>tsunami</u>	0.193	0.172	89,12%
Indivíduo B	<u>tsunami</u>	0.189	0.170	89,95%
Indivíduo C	<u>tsunami</u>	0.205	0.162	79,02%
Indivíduo D	<u>tsunami</u>	0.117	0.151	77,48%
Indivíduo E	<u>tsunami</u>	0.144	0.139	96,53%
Indivíduo F	<u>tsunami</u>	0.114	0.112	98,25%

Fonte: Elaboração própria

Tabela 4 - Duração vocálica nos empréstimos lexicais do grupo controle medida por segundos de enunciação, com sílaba tônica apresentada em negrito e sílaba átona sublinhada

<i>judo</i>	Empréstimo	Acento primário	Sílaba átona	Proporção
Indivíduo X	<u>judo</u>	0.137	0.110	80,29%
Indivíduo Z	<u>judo</u>	0.171	0.150	87,72%
Indivíduo A	<i>judo</i>	N.D.A	N.D.A	N.D.A
Indivíduo B	<u>judo</u>	0.421	0.298	70,78%
Indivíduo C	<u>judo</u>	0.256	0.177	69,14%
Indivíduo D	<u>judo</u>	0.273	0.161	58,97%
Indivíduo E	<u>judo</u>	0.282	0.211	74,82%
Indivíduo F	<u>judo</u>	0.248	0.141	56,85%

Fonte: Elaboração própria

Esperava-se que a porcentagem de preservação da duração moráica fosse mais próxima de 100% para a pronúncia em japonês e mais distante de 100% para a pronúncia em português, com exceção das palavras *sumô* e *shôyu*, tendo em vista que se espera que, em japonês, a sílaba mais forte tenha o dobro de duração da mais curta por ser bimoráica. Por exemplo: o “mô” de *sumô* deveria ter o dobro da duração de “ju”. Logo, nesses três casos, a sílaba átona deveria se aproximar de 50%.

Portanto, concluiu-se por hora que os participantes do grupo referência não preservaram consistentemente a pronúncia conforme a língua materna dos empréstimos lexicais japoneses. Ao contrário, observou-se que eles pronunciaram as palavras japonesas de maneira mais próxima da língua portuguesa quando faladas em japonês. Por outro lado, quando as mesmas palavras foram pronunciadas em português, eles se aproximaram muito mais da pronúncia esperada na língua japonesa.

Esses resultados contraditórios revelam uma tendência interessante entre os participantes do grupo referência, comparado ao grupo controle. Ainda que possuam conhecimentos aprofundados da língua japonesa, eles não demonstraram a esperada preservação fonética e fonológica dos empréstimos lexicais no contexto do japonês. Em vez disso, os dados mostram que, ao falarem em japonês, os participantes foram influenciados pela fonética e fonologia do português, resultando em uma pronúncia mais próxima da língua portuguesa (IDEM).

Sendo assim, originou-se outra hipótese: (4) os estudantes de Língua e Licenciatura Japonesa preocupam-se em excesso com a pronúncia e leitura das palavras anteriores e posteriores à palavra avaliada, causando uma influência direta na pronúncia e leitura dela. Além disso, a hipótese 3 (p. 27), em um primeiro momento, está descartada, tendo em vista que os estudantes do curso que estão em diferentes semestres possuem leituras próximas uns dos outros, indicando que o grau de conhecimento da língua asiática não influencia na pronúncia.

Conclusão

Ao longo deste trabalho, investigamos as adaptações fonológicas das palavras japonesas no contexto do português brasileiro, visando compreender como essas palavras são modificadas para se adequarem ao sistema linguístico e fonológico brasileiro. Através da análise das pronúncias realizadas por estudantes brasileiros não descendentes de japoneses, pudemos observar as peculiaridades desse processo de adaptação.

Nossos resultados não confirmaram, até o momento, a hipótese inicial. Durante a análise dos dados, observamos que os estudantes de língua japonesa tendem a incorporar inconscientemente as diferenças fonéticas e fonológicas do português nos empréstimos lexicais do japonês nas frases japonesas, enquanto tendem a respeitar as peculiaridades fonéticas do idioma asiático ao pronunciar as mesmas palavras na frase no idioma nativo. Isso indica que ocorrem modificações na pronúncia que refletem a influência do sistema fonológico do português, adaptando as palavras aos padrões sonoros mais comuns no português brasileiro sobre o japonês.

Além disso, a análise dos dados revelou que as variações individuais na pronúncia das palavras japonesas não estão diretamente relacionadas ao grau de exposição e familiaridade dos falantes com o japonês. O contato prévio com a língua japonesa e o nível de conhecimento e fluência não foram fatores determinantes na forma como os empréstimos lexicais são pronunciados no idioma asiático.

Esses achados sugerem a existência de uma influência bidirecional na pronúncia dos empréstimos lexicais japoneses no português, em que ocorrem adaptações fonéticas e fonológicas para se adequar ao sistema fonológico do português, mas também há uma preservação das características fonéticas e fonológicas típicas do japonês. Essa interação complexa entre os dois sistemas linguísticos demonstra a natureza dinâmica e adaptativa do processo de aquisição e uso da segunda língua.

Essa pesquisa não apenas contribui para o campo da linguística comparativa, mas também ressalta a importância da interculturalidade e do diálogo entre o Japão e o Brasil. Através do estudo das adaptações fonológicas, podemos entender como as trocas linguísticas refletem as relações culturais entre esses dois países. O processo de empréstimo lexical não se limita apenas à adoção de palavras, mas também envolve a incorporação de conceitos e ideias de uma cultura para outra.

É importante ressaltar que este estudo possui limitações, como a amostra restrita de participantes e o foco nas adaptações fonológicas. Portanto, sugere-se que pesquisas futuras expandam a amostra, incluindo participantes com diferentes níveis de proficiência no japonês para certificar se a hipótese 3 está de fato ou não descartada, acréscimo de novos empréstimos lexicais (principalmente com diferentes moras), além de explorar outros aspectos dos empréstimos lexicais, como as adaptações morfológicas e semânticas com a também inclusão de um grupo controle com japoneses nativos.

Em suma, o estudo das adaptações fonológicas das palavras japonesas no português brasileiro revela a dinamicidade e a evolução das línguas em contato. Além disso, destaca a importância do intercâmbio cultural e linguístico na construção de pontes entre as nações. Esperamos que este trabalho contribua para uma maior compreensão das relações linguísticas e culturais entre o Japão e o Brasil, incentivando o diálogo intercultural e a valorização da diversidade linguística.

Agradecemos a todos os participantes e colaboradores que possibilitaram a realização deste estudo. Que as descobertas aqui apresentadas possam estimular novas pesquisas e enriquecer o campo da linguística comparativa e do estudo dos empréstimos lexicais no português para com o japonês.

Referências

ALVES, I. M. Empréstimos nas línguas de especialidade: algumas considerações. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 319-321, 1995.

BLOOMFIELD, L. **Language**. Nova York: H. Holt, 1933.

CASTRO, M. A. **A trajetória histórica da Didática**. São Paulo: FDE, 1991.

COMRIE, B. **Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology**. Oxford: Basil Blackwell, 1981.

DE LIRA, M. T. A formação linguística do nordeste asiático: múltiplas origens das famílias coreânica e japônica. **Revista CEAM**, v. 8, p. 129-157, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistadoceam/article/view/45503>. Acesso em: 20 jul. 2023

DOI, E. T. O papel da sílaba e da mora na organização rítmica do japonês. **Sínteses**, v. 3, p. 101-113, 1998. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/view/6086>. Acesso em: 12 jun. 2023.

FERREIRA, L. **Estruturas silábicas do português do Brasil: uma análise tipológica** São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-06082009-163245/publico/LLUCIANA_FERREIRA_MARQUES_2VOLUMES.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.

FLEGE, J. E. **Phonetic interference in second language acquisition**. Unpublished ·Ph.D. Thesis, Indiana University, 1979.

FOLEY, R. **Os humanos antes da humanidade: uma perspectiva evolucionista**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

KONO, N.; MCGINNIS, S. Heritage languages and higher education: challenges, issues, and needs. In: PEYTON, J. K.; RANARD, D. A.; MCGINNIS, S. (ed.). **Heritage Languages in America: Preserving a National Resource**. McHenry, IL: Delta Systems, 2001. p. 197-206.

KUYAMA, M. Fatores sociais e frequência de empréstimos do português no japonês falado pelos imigrantes no Brasil – o caso do Distrito Federal. **Estudos Japoneses**, n. 20, p. 69-85, abr. 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/163086>. Acesso em: 25 abr. 2023.

LEWIN, R.; FOLEY, R. **Principles of Human Evolution**. Second Edition. Blackwells, UK. 2004. Disponível em: <https://www.wiley.com/en-pk/Principles+of+Human+Evolution,+2nd+Edition-p-9780632047048>. Acesso em: 10 maio 2023.

LOCATELLI, A.; GELLER, R.; TRENTIN, M. A. S.; BERNIERI, J. O *software* Audacity como ferramenta no ensino de química. **Renote**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 434-443, dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/89271>. Acesso em: 12 maio 2023.

OLIVEIRA, A. **O conhecimento de história da língua na formação dos professores de Língua Portuguesa**. 2017. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16901/1/2015_AnaBeatrizdeOliveiraSilva.pdf. Acesso em: 12 maio 2023.

RICHTER, L. B.; AGOSTINHO, A. L. Adaptação de empréstimos de origem japonesa no português: uma análise preliminar. **Revista Linguística**, n. 3, v. 13, p. 127-149, dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/16387>. Acesso em: 12 abr. 2023.

ROBBEETS, M.; BOUCKAERT, R. Triangulation supports agricultural spread of the Transeurasian languages. **Nature**, v. 599(7886), p. 616-621, 2021.

RODRIGUES, R. da S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. **ReVEL**, Edição especial, n. 2, 2008. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf. Acesso em: 15 maio 2023.

SANTOS, W. de J. História da língua portuguesa: formação e implantação de uma língua navegante. **Educação Pública**, abr. 2010. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/10/14/historia-da-lingua-portuguesa-formacao-e-implantacao-de-uma-lingua-navegante?utm_source=. Acesso em: 20 abr. 2023.

SIQUEIRA, J. C. O empréstimo e suas influências linguístico-culturais: o caso do japonês. **Revista TradTerm**, São Paulo, v. 24, p. 325-338, mar. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/96575>. Acesso em: 20 abr. 2023.

TALLERMAN, M. “Quando e por que os humanos começaram a falar?”. **BBC News Brasil**, 27 de junho de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/06/27/quando-e-por-que-os-humanos-comecaram-a-falar.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)



Alice Tamie Joko

Possui graduação em Letras (Português - Japonês) pela Universidade de São Paulo (1977), mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (1987) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. É professora adjunta da Universidade de Brasília, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de japonês como LE, formação de professores de japonês como LE, desenvolvimento de material de ensino de japonês como LE, sistema fonológico do japonês, estudos japoneses no Brasil.



Daigo Tamura

Diretor Geral da Fundação Japão em São Paulo.



Fausto Pinheiro Pereira

Professor adjunto do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura, do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília (UnB). Licenciado em Língua e Literatura Japonesa (2001), Mestre em Linguística Aplicada (Ensino de Língua Japonesa) pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (2007) e Doutor em Linguística (Léxico e Terminologia) pela Universidade de Brasília (2020). Seus interesses de pesquisa são Terminologia, Lexicografia, Língua japonesa, Tradução, Ensino de línguas, Paremiologia e Onomatopeias.



Kaoru Tanaka de Lira

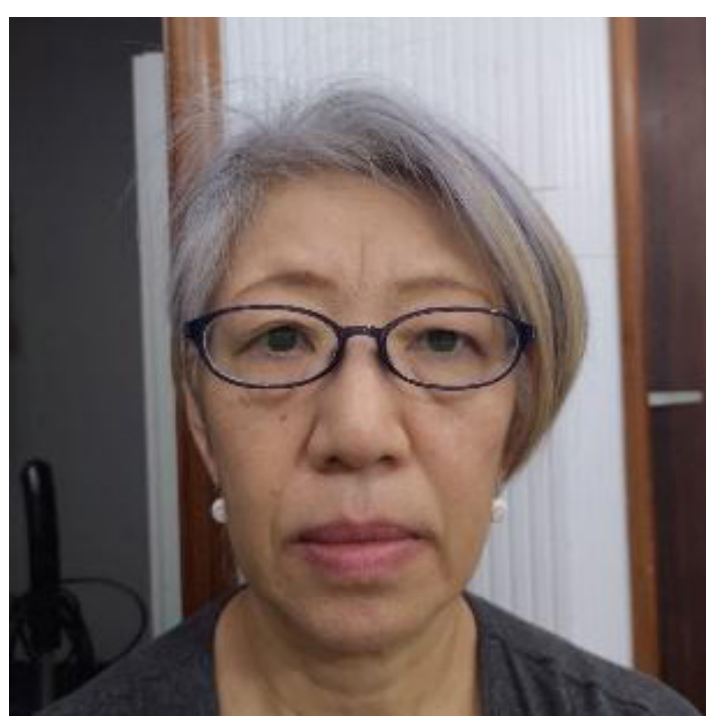
É professora adjunta do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura, no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília (UnB). Atuou como professora no Curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), de 2013 a 2019. Concluiu o mestrado em Letras pela Universidade de Nagoia, em 2011, e o doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília em 2022. Tem interesse nas áreas de variação, análise e documentação linguística.



Kimiko Uchigasaki Pinheiro

Docente no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília (UnB). Licenciada em Língua e Literatura Japonesa. Mestra em Linguística Aplicada. Doutora no Programa de Pós-graduação em Literatura na UnB. Desenvolve pesquisa relacionada com a temática: Educação Literária com Teatro, com a obra *Peças de nô moderno de Yûki o Mishima*. Membro do Núcleo

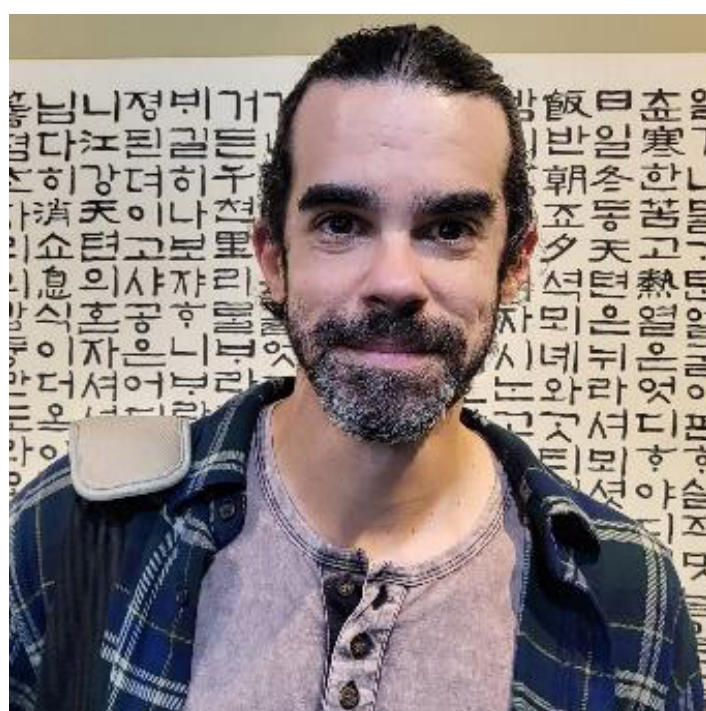
Docente Estruturante do Curso de Letras-Japonês da UnB. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura, Educação e Dramaturgias Contemporâneas – LEDraC e Coordenadora do Projeto de extensão: Apropriação de ideogramas-kanji dos licenciandos em Letras-Japonês com a aplicação nas escolas públicas.



Kyoko Sekino

Docente no curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução e do programa de pós-graduação em Linguística Aplicada - PGLA – da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Linguística Aplicada pela UnB e doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG, especializada no estudo do Processo Cognitivo de Tradução. Pesquisa da Pragmática pós-

doutoral na Sophia Universidade. Editora da revista *Desempenho em Linguística Aplicada* do PGLA-UnB. Coordenadora do curso de Japonês a partir de julho de 2023.



Marcus Tanaka de Lira

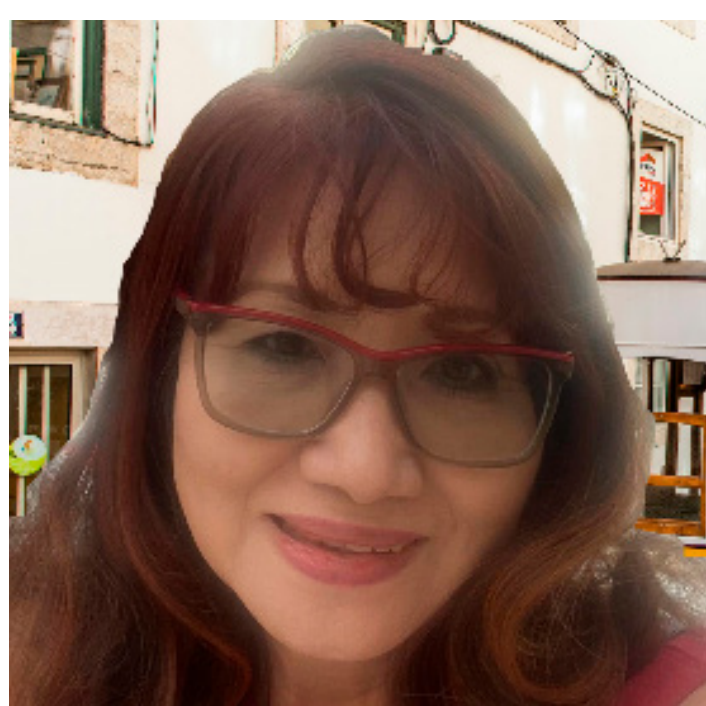
Professor Adjunto do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília. Pós-Doutorado na Universidade Hankuk de Estudos Estrangeiros (2023) e Doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília (2015). Líder do grupo de pesquisa “Estudos Asiáticos” do Núcleo de Estudos Asiáticos (NEASIA/CEAM/UnB) e diretor do Instituto Rei Sejong Brasília (2018-). Designado

Professor Colaborador para Cooperação Internacional 2024 pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Busan. Através da linguística tipológica funcional e da linguística histórica, pesquisa o nordeste asiático como área de convergência linguística, com foco no contato entre as famílias japônica e coreânica.



Yûki Mukai

Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 2009 e mestre em Letras – Língua Japonesa – pela Universidade de São Paulo (USP) em 2003. Realizou um doutorado-sanduíche na área de Estudos do Pacífico e Asiáticos na University of Victoria, Canadá, em 2008. Também concluiu um pós-doutorado na área de Linguística Aplicada, com foco em estudos de crenças sobre o ensino-aprendizagem de japonês como língua estrangeira, na Universidade de Brasília (2010-2011), bem como no Departamento de Estudos Asiáticos do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Portugal (2013-2014). Atualmente, ocupa a posição de Professor Associado no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB), além de ser professor credenciado no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PGLA) do mesmo departamento. Também é professor visitante da Universidade Metropolitana de Tóquio desde 2023, onde realiza seu pós-doutorado com bolsa da Fundação de Apoio à Pesquisa do DF (FAPDF). Exerceu o cargo de presidente da Associação Brasileira de Estudos Japoneses (ABEJ), no período de 2019 a 2022, e de coordenador do PGLA no período de 2021-2023. Seus interesses de pesquisa concentram-se nas áreas de Linguística Aplicada (ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e crenças de alunos e professores), gramática pedagógica e ensino da língua japonesa como língua estrangeira. É autor do livro *Wa e ga: as partículas gramaticais da língua japonesa* (2ª edição ampliada, Pontes, 2020) e de diversos artigos e capítulos de livros nas áreas de Linguística Aplicada e Ensino de Língua Japonesa como língua estrangeira. Lançou o livro *Gramática da língua japonesa para falantes do português* em 2016 (3ª edição, Pontes, 2017).



Yuko Takano

Possui graduação em Relações Internacionais – UnB (1999), graduação em Pedagogia – Administração Educacional – UnB (1989), graduação em Letras – UnB (1985), graduação em Pedagogia – Tecnologia Educacional – UnB (1988), mestrado em Linguística Aplicada – UnB (2002); doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (2013) e Pós-doutoramento na Universidade de São Paulo e Universidade de Lisboa. Professora adjunta do curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa e, atualmente, sub-chefe do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília. Foi coordenadora do curso de Letras-Japonês da Universidade de Brasília de 2018 até 2020. No ano de 2021, atuou como

vice-diretora do Instituto de Letras. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Sociogeolinguística, Dialectologia e Dialectometria, atuando principalmente nos seguintes temas: contato de línguas, bilinguismo, dialectologia, aquisição de língua e ensino de língua japonesa. Concluiu Pós-doutorado, em 2018, na Universidade de Lisboa – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) e Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) na área de conhecimento – Dialectometria.

Membro do grupo de pesquisa CNPq:

- 1) GPS (Grupo de Pesquisa Sociogeolinguístico) da Universidade Federal de Uberlândia;
- 2) GPDG (Grupo de Pesquisa em Dialectologia e Geolinguística) da Universidade de Uberlândia;
- 3) Ensino-Aprendizagem de Língua Japonesa como Língua Estrangeira e Bilinguismo (Grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – UnB);
- 4) Projeto GeoLinTerm (Grupo de Pesquisa em Dialectologia, Sociolinguística e Terminologia – UnB);
- 5) ALiB – Atlas Linguístico do Brasil;
- 6) Dialectopédia: Variação Lexical do Português.



Daniel dos Santos Machado

Professor da Secretaria de Educação desde 2007. Graduado em Letras – Japonês (2007) e mestre em Literatura (2012) pela Universidade de Brasília (UnB). Desenvolveu estudos na área da abordagem comunicativa e haicais em língua portuguesa. Fez parte do primeiro grupo de professores a lecionar japonês como LEM nos Centros Interescolares de Línguas-CILs do Distrito Federal. Ex-bolsista do

MEXT entre os anos de 2013 e 2015, realizou pesquisa sobre o sistema de clubes das escolas japonesas na Universidade de Educação de Joetsu.



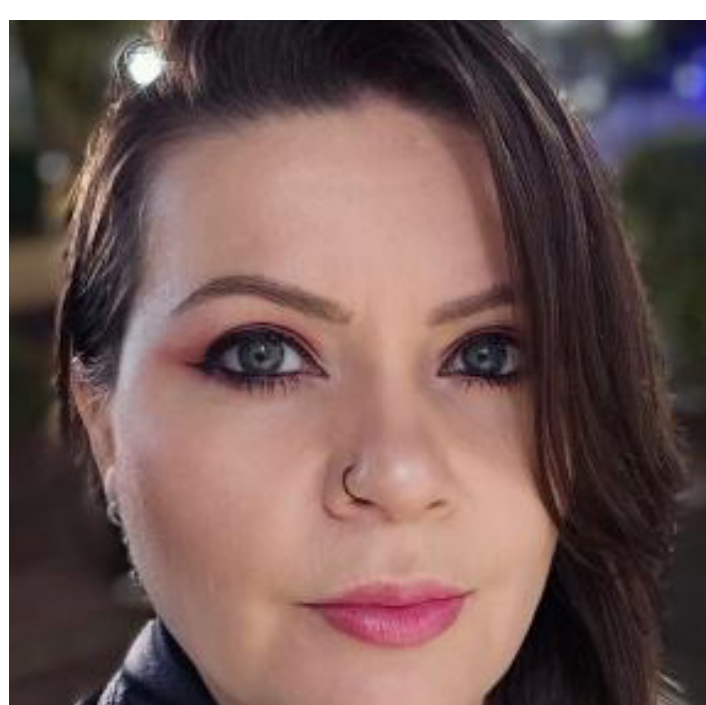
Dennis Henrique Alves

Graduado em Língua Japonesa pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Língua Japonesa na Secretaria de Educação do Distrito Federal, atuando no CIL São Sebastião, ministrando e graduando em história.



Edson Teixeira do Nascimento

É professor efetivo da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), desde 2005, e trabalha no Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia (CIL Ceilândia) como professor de língua japonesa, desde a implementação do curso em 2011. De 2017 a 2019, esteve como Supervisor Pedagógico nesta mesma instituição de ensino. É licenciado em Letras – Japonês (2004) e em Letras – Português (2008) pela Universidade de Brasília (UnB) e também em Pedagogia (2010) pela Faculdade Albert Einstein. Mestre em Linguística Aplicada (2013) pela UnB e Doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Participou do programa de Língua e Cultura japonesa na Universidade de Oita (2004/2005) como aluno bolsista do Governo Japonês (MEXT) e do Programa de Longa duração para Professores de Língua Japonesa na sede da Fundação Japão em Saitama (2008/2009). Já trabalhou como professor substituto no curso de Letras – Japonês da UnB (2006/2007), desenvolveu painéis e programas culturais em parceria com a Fundação Japão em São Paulo. Em 2016, fundou o curso de japonês da Cooplem Idiomas, uma Cooperativa de Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas no DF, e trabalha desde então como professor e coordenador do curso de japonês nesta instituição.



Érica Cristina Macedo da Silva

Graduada em Letras – Japonês e respectivas literaturas – UnB (2009) e em Língua e Literatura Portuguesa – UnB (2010). Ingressou na Secretaria de Educação do GDF em 2014, inicialmente como professora de Língua Portuguesa para ensino fundamental e médio. Leciona Japonês no Centro Interescolar 01 do Recanto das Emas, desde 2016, atualmente está na função de coordenadora.



Fábio Justino Ornelas

É professor efetivo da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), desde 2007, e trabalha no Centro Interescolar de Línguas de Taguatinga (CILT) como professor de Língua Japonesa, desde a implementação do curso em 2011. Licenciado em Letras Japonês (2010) pela Universidade de Brasília (UnB). Participou do programa de longa duração para Professores de Língua Japonesa na sede da Fundação Japão em Saitama (2013/2014).



Geanne Alves de Abreu Morato

Licenciada em Língua e Literatura Japonesa pela Universidade de Brasília (2004). É também especialista em Psicopedagogia Institucional pela IESDE-UCB (2006). Mestre em Linguística Aplicada, pela Universidade de Brasília (2022). Ingressou na Secretaria de Estado de Educação do GDF em 1998. Iniciou o ensino de língua japonesa em 2011, quando o curso de Japonês passou a ser oferecido pelos CILs (Centro Interescolar de Línguas) no DF. Em 2012, participou do Treinamento de curta duração na Fundação Japão em Urawa por seis semanas. A partir de setembro de 2014, participou do Treinamento para Professores Estrangeiros oferecido pelo MEXT e Embaixada do Japão, com pesquisa na Universidade de Tsukuba por um ano e meio. Em 2016, retornou ao ensino de japonês no CIL de Sobradinho. Em 2019, atuou como supervisora Pedagógica do CIL de Sobradinho. De 2020 até o momento presente, é vice-diretora desta escola.



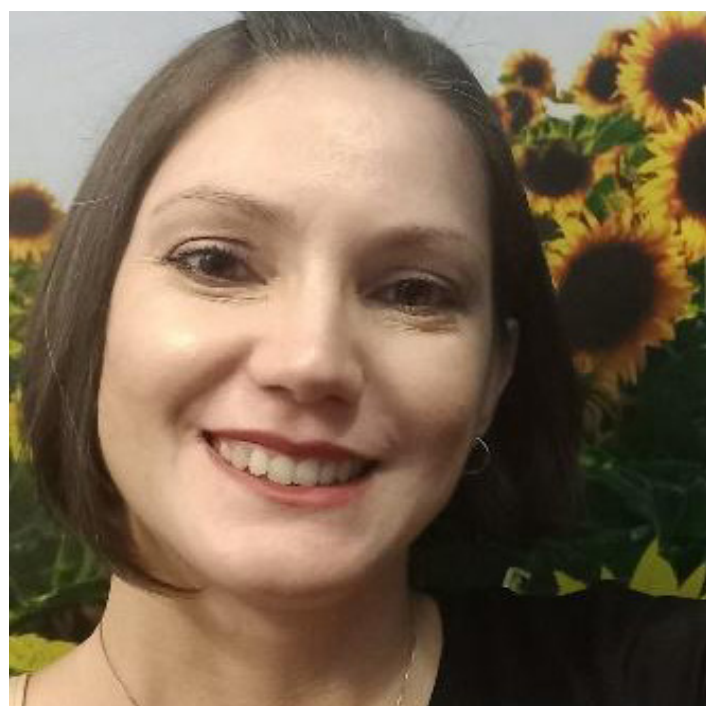
João Paulo Santos

Graduado em Letras – Japonês e respectivas literaturas – UnB (2016). Ingressou na Secretaria de Educação do GDF em 2020, como professor de língua japonesa do Centro Interescolar de Línguas 01 do Paranoá. Atualmente, está na função de coordenador.



Pedro Martins Lopes

É professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) desde 2019, atuando como professor de língua japonesa no Centro Interescolar de Línguas do Paranoá (2019), Taguatinga (2022), Guará (2023) e Recanto das Emas (2023). Atualmente, atua como professor de Língua Inglesa. É licenciado em Letras – Japonês (2018) e Letras – Inglês (2023). É pós-graduado em Tecnologias Digitais para uma Educação Empreendedora.



Priscila de Freitas Montagnane

Graduada em Letras com licenciatura plena em Língua Japonesa e Respectivas Literaturas, assim como Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa – UNESP (2005). Foi aluna bolsista da Universidade Tenri, Nara-Japão, para estudo de Língua e Cultura Japonesa (2005-2006). Mestra em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, USP (2014). Ministrou aulas na graduação de língua japonesa na UNESP - câmpus Assis (2009-2012). Ingressou na Secretaria de Educação do GDF, em 2019, lecionou no Centro Interescolar de Brazlândia (2019-2022). Atualmente, leciona japonês no Centro Interescolar de Línguas Taguatinga desde 2023.



Veryanne Couto Teles

Mestra em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (2014) e especialista em Audiodescrição pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Licenciada em Língua e Literatura Japonesa (2010) e Língua Portuguesa e sua respectiva Literatura (2015), ambas pela Universidade de Brasília. Atualmente, é professora de língua japonesa do Centro Interescolar de Línguas do Distrito Federal e realiza tradução/audiodescrição em diversos eventos. Tem interesse nas áreas de tradução audiovisual e intersemiótica, audiodescrição, deficiência visual, acessibilidade e língua e literatura portuguesa e japonesa.



Nátaia Cardozo

Bacharel em Língua Portuguesa pela Universidade de Brasília (UnB), cursa atualmente o mestrado em Linguística Aplicada na mesma instituição. Sua pesquisa concentra-se em avaliação linguística, mapeamento de produção acadêmica e políticas linguísticas em contextos migratórios e acadêmicos. Dentro da literatura, suas pesquisas visam a fronteira dos corpos e da memória, analisando a complexidade das relações históricas, averiguando o passado e a sua influência no presente/futuro. Além disso, possui formação complementar em estudos asiáticos e participação ativa em grupos de pesquisa sobre letramento em avaliação de línguas e ficção científica.



Gustavo Henrique Torres de Goes

Licenciado em Língua e Literatura Japonesa pela Universidade de Brasília (UnB), em 2022, e mestrando em Linguística pela mesma instituição, inserindo-se na linha de pesquisa do Léxico e Terminologia com foco nas línguas de sinais brasileira e japonesa. Integrante do grupo de pesquisa Dialetopédia: Variação Lexical do Português.



Victória da Silva Sousa

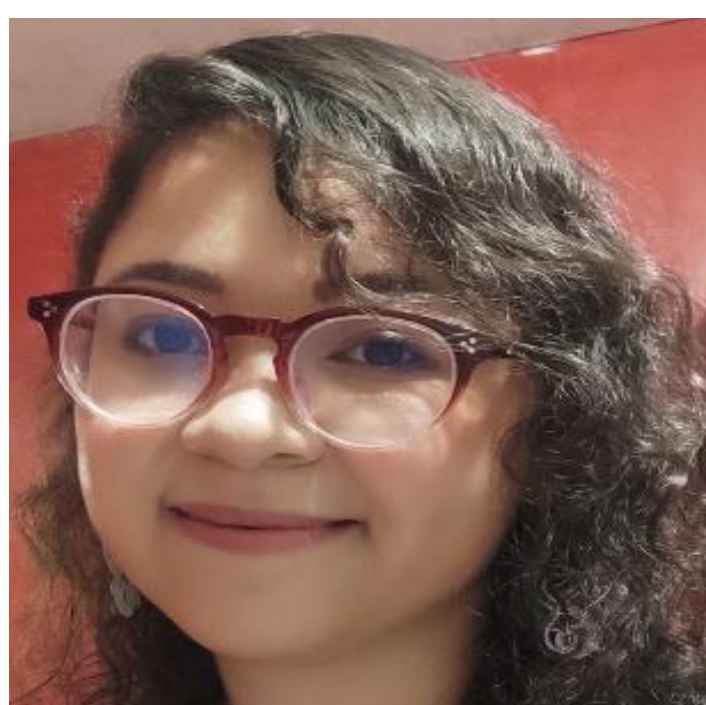
Licenciada em Língua e Literatura Japonesa pela Universidade de Brasília, 2022, onde faz dupla-habilitação em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura. Especialista em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí. Fez intercâmbio por um semestre na Universidade de Nanzan no Japão.

Tem interesse na aquisição da língua estrangeira na comunidade surda, principalmente no ensino da Língua de Sinais Japonesa. Trabalhou como Intérprete de Libras para o Governo do Distrito Federal (2021-2022) e atualmente trabalha ensinando Japonês, Inglês, Libras, Redação e Português como segunda língua na Letz Idiomas e pelo Superprof Brasil.



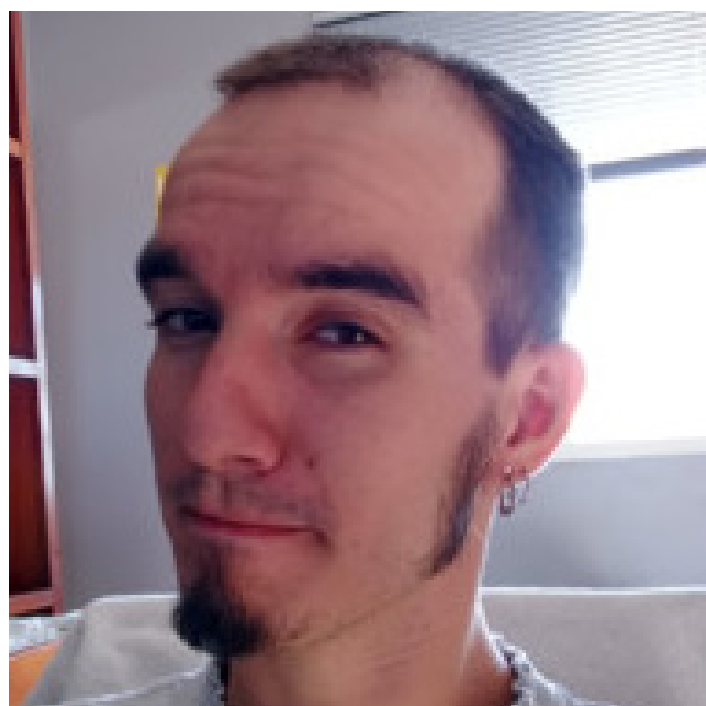
Raphael Morbeck Esteves

Licenciado em Língua e Literatura Japonesa pela Universidade de Brasília (2022). Atualmente cursando mestrado em Literatura na Universidade Feminina de Sungshin da Coreia do Sul como bolsista do Global Korea Scholarship (GKS). Possui interesses de pesquisa por literatura asiática, estética, cinema e teatro.



Ianne de Angel Jesus Torres

Estudante de graduação da Universidade de Brasília, no curso de Letras — licenciatura em japonês. Entusiasta nos estudos de História Oriental e Mitologia Japonesa.



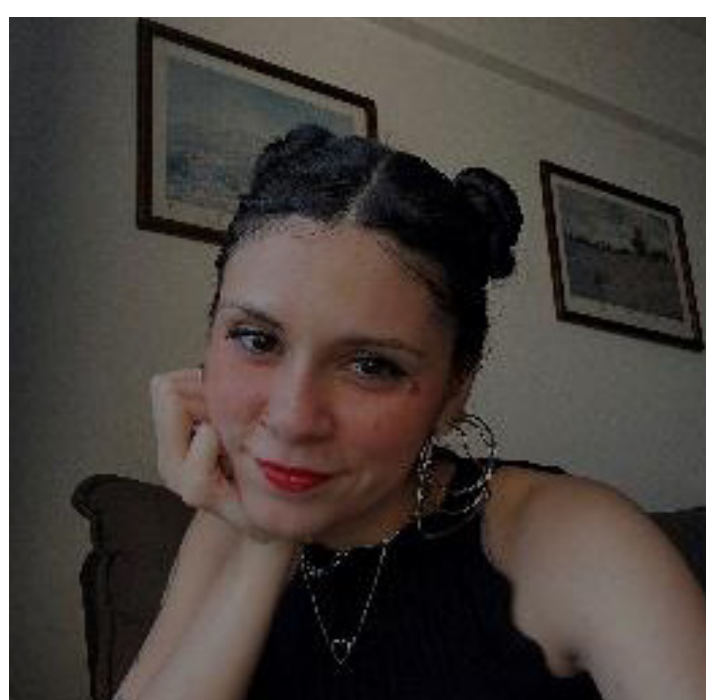
André Nogueira de Alcântara

Licenciado em Língua Japonesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília. Atua como professor de japonês temporário no Centro Interescolar de Línguas do DF. Professor de língua japonesa autônomo.



Anna Benedicta Gomes de Sousa

Licenciada em Língua Japonesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília (2024). De outubro de 2021 a novembro de 2023, atuou como professora de japonês em pré-serviço no Idiomas sem Fronteiras. Fez intercâmbio pelo período de 1 ano pela Faculdade de Ciências Humanas Internacionais da Universidade de Kobe no Japão. Em 2022, prestou serviço de catalogação de livros da biblioteca à Embaixada do Japão e atualmente atua como professora de japonês autônoma.



Manuela Peres Rios

Licenciada em Língua Japonesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília, em 2023, apresentou sua pesquisa aqui publicada no XIV Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil, tem interesse em fonética, fonologia e contato linguístico.

Publique com a gente e
compartilhe o conhecimento



